



SUPERNATURAL

FEITO de CARNE

Tim Waggoner

Tradução

Miguel Damian Ribeiro Pessoa



Tim Waggoner

SUPERNATURAL

FEITO DE CARNE

Baseado na série SUPERNATURAL,
sucesso da CW, criada por Eric Kripke

Tradução de
Miguel Damian Ribeiro Pessoa



SUMÁRIO

Nota Histórica

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Sobre o autor

NOTA HISTÓRICA

Este romance se passa durante a sétima temporada, entre os episódios “O tempo além do tempo” e “As fatiadoras”.

UM



— Estou surpreso por eles não terem ido embora em pleno inverno.

Joyce Nagrosky lançou um olhar de lado para seu companheiro. Ele estava à beira da lagoa, rasgando pequenos pedaços de uma fatia de pão e jogando-os na água. Cerca de meia dúzia de patos havia se reunido próximos à margem, e sempre que um bocado aterrissava perto deles esticavam os pescoços, com as cabeças disparando tão rapidamente quanto cobras dando o bote, e os lanches eram abocanhados pelos bicos arredondados. Quando o pão acabava, eles olhavam para os humanos, ansiosos e alertas pela próxima oferenda.

— Nem todos os patos voam pro sul no inverno — Joyce disse. — Contanto que não fique frio o bastante pra machucar os pés deles, eles conseguem aguentar até a primavera numa boa.

Ted se virou na direção dela com um sorriso de diversão no rosto.

— Achei que você tivesse se aposentado da carreira de professora. Além disso, você dava aulas de inglês, não de biologia.

Ela não conseguiu deixar de rir.

— Uma vez sabe-tudo, sempre sabe-tudo, suponho.

Mesmo na casa dos sessenta, Ted Boykin era um homem bonito, com a cabeça repleta de cabelos brancos e volumosos, um cavanhaque aparado combinando com eles e olhos azuis dos mais impressionantes. Na época em que havia sido diretor da escola onde Joyce lecionara, estava sempre perfeitamente barbeado, e embora em geral ela fosse indiferente a pelos faciais de homens, a barba conferia a ele um ar rude que lhe agradava. Havia trabalhado lado a lado com ele por mais de vinte anos, mas embora ela o respeitasse na época, até mesmo o considerasse um amigo em alguns momentos, não havia se sentido atraída por ele. Agora, porém, aqui estavam eles. Às vezes, a vida é realmente engraçada. Na verdade, podia ser completamente histérica.

Estavam no começo de novembro, durante o crepúsculo, e embora tenha estado mais para quente durante o dia, agora que o sol havia mergulhado na direção do horizonte, estava ficando frio. Ted parecia confortável com sua jaqueta marrom, mas Joyce havia vestido um casaco azul fino antes de sair de seu apartamento, e ele não estava ajudando muito a evitar o friozinho no ar, especialmente pelo fato de estar vestindo apenas uma camiseta por baixo dele. Desejou que houvesse pelo menos pensado em pegar um chapéu ou um cachecol antes de atravessar a porta.

Por que você está tão confusa de repente, minha querida?, perguntou para si mesma. *Pode ser porque você estava um pouco nervosa com o encontro com o sr. Boykin à beira da lagoa dos patos?* Queria dizer para si mesma que aquele pensamento era ridículo. Pelo amor de deus, era uma mulher crescida! Crescida *até demais*, para dizer a verdade, se não verticalmente, pelo menos na horizontal. E a lagoa não era dos lugares mais românticos. Mesmo assim, tinha que admitir que estava um pouco inquieta com o fato de estar ali. Havia ficado sozinha desde quando seu marido havia morrido, alguns anos atrás, e apesar de ainda sentir falta dele, durante todo aquele tempo não havia sentido necessidade de procurar um substituto. Mas então, uma semana antes, havia trombado com Ted — quase literalmente. Ela estava

dando a ré no seu Volvo para sair da vaga em frente a seu apartamento ao mesmo tempo em que Ted estava passando em frente ao prédio. Ele quase não conseguiu frear o Bronco a tempo de evitar entrar com tudo na traseira dela — *E essa frase não está repleta de possibilidades safadas?* — e foi então que haviam descoberto que, após as mortes de seus respectivos cônjuges, ambos haviam vendido as casas nas quais moravam e se mudado para os Apartamentos Arbor Vale. Na verdade, Ted morava no prédio vizinho ao de Joyce, e já estava lá há quase dois anos sem que nenhum deles soubesse que o outro estava logo ali. Mundo pequeno, e tal.

No dia seguinte, encontraram-se para almoçar juntos, e no outro depois desse, para jantar. Haviam se visto bastante nos últimos sete dias e, durante aquele tempo, Ted havia sido um perfeito cavalheiro, sem tentar beijá-la, nem mesmo pegar na mão dela. Ela estava, para ser bem franca, ficando cansada daquilo. Estava desejando que ele andasse logo com aquilo e tentasse alguma coisa. Ela estava longe de ser tímida e teria até dado o primeiro passo se ele não estivesse sendo tão incerto quanto a ela. A última coisa que queria era assustá-lo sendo direta demais: *Você não acha que é hora de nós dois fazermos sexo? Não é como se a gente estivesse ficando mais novo.* Por algum motivo, ela não achava que aquilo iria funcionar.

Ela passou o cabelo preto por cima da orelha, apesar de aquilo não ser necessário. Não estava ventando, e do jeito como mantinha o cabelo curto, ele raramente ficava bagunçado. Desde criança, era meio moleca, e agora que não precisava mais se vestir para o trabalho, aquela tendência havia se reafirmado. Tinha preferência por roupas simples como camisetas e calças jeans e não usava maquiagem. Recentemente, havia começado a colecionar joias que pegava em leilões e vendas de propriedades, por motivos que não conseguia articular direito nem mesmo para si própria, mas raramente usava alguma delas. Desejava que tivesse colocado algumas hoje, porém. Talvez, se houvesse se mostrado mais feminina para Ted, ele não a manteria à distância de um braço. *Talvez ele não tenha superado a morte da esposa ainda,* ela pensou. *Ou talvez ele ainda me veja como uma das professoras dele ao invés de uma mulher.* Ficou surpresa com o quanto esta última possibilidade a deixou deprimida.

A lagoa ficava atrás dos prédios da Arbor Vale, no fundo de um declive suave criado por uma colina gramada. No outro lado havia um bosque que contava com carvalhos, olmos e freixos, cujas folhas criavam uma mistura esplendorosa de amarelo, vermelho e marrom. A maior parte delas não havia caído ainda, mas Joyce sabia que não demoraria muito para que começassem a deslizar até o chão. Uma semana, talvez duas. O outono era o seu momento preferido do ano, em parte porque era quando as aulas começavam, porém mais por causa da energia que dominava o ar fresco. Era um paradoxo delicioso o fato de que mesmo enquanto o mundo se preparava para a morte temporária trazida pelo inverno — que seria seguida pela ressurreição com a chegada da primavera —, parecia, para ela, que aquele era o tempo mais vivo.

Que vá tudo pro inferno, ela pensou. *A vida é feita pra ser vivida.* Deu um passo na direção de Ted, estendeu o braço e pegou a mão dele.

Sentiu o companheiro ficar tenso e teve medo de que ele se afastasse, mas então Ted relaxou e segurou a mão dela com firmeza. Joyce não olhou para ele e ele não olhou para ela, mas os dois sorriram e ficaram contemplando a água. Ted jogou o último pedaço de pão e, assim que acabou, os patos se engalinharam com esperança de conseguirem mais, porém fadados à decepção. Joyce admirou a forma com a qual o reflexo das árvores da margem oposta estava ondulando sobre a água, como se fosse feito com uma tinta de sombras.

Estava imaginando quais eram as chances de Ted beijá-la mais tarde, e talvez de fazer mais do que apenas beijá-la, quando escutou um rosnado grave. Um medo a atacou, e ela apertou a mão de Ted com mais força.

Os patos soltaram uma série de grasnidos alarmados enquanto batiam em retirada, abriam as asas e disparavam rumo ao céu um por um, batendo as asas com uma urgência frenética enquanto fugiam.

O som se repetiu, ressoando de forma grave como um motor de caminhão que precisasse terrivelmente de reparos, só que dessa vez foi mais alto. E mais próximo. O som veio da direita deles, e quando Joyce e Ted se viraram para lá, viram um contorno grande e escuro emergir da mata e vir na direção deles, andando de quatro.

Ele se movia com a deliberação lenta e ameaçadora de um predador, e a princípio Joyce pensou que poderia ser um coiote. Nos últimos anos, aqueles animais haviam se mudado para Ohio, e embora não fossem de forma alguma comuns, havia mais deles pela região do que a maior parte das pessoas imaginava. Joyce nunca havia visto um deles senão na TV e no zoológico — não vivo, pelo menos. Coiotes eram mestres do disfarce que preferiam evitar humanos sempre que possível, e a única vez na qual havia visto um deles fora quando o animal estava estirado à margem de uma estrada, morto após ser atingido por um veículo. Havia ficado surpresa com o quanto era maior do que esperava. Coiotes de Ohio tinham pelagens mais hirsutas que seus primos habitantes de desertos, o que provavelmente justificava a aparente disparidade de tamanhos entre eles. Mas Joyce descartou rapidamente a possibilidade de que aquela criatura fosse um coiote. Havia algo de errado com aquilo. A escuridão do crepúsculo a cobria, produzindo uma sombra móvel que se movia balançando, num passo irregular, como se estivesse ferida. Porém, o rosnado da criatura não era um som de medo, mas sim de fome combinada com uma raiva quase humana. Poderia ser um lobo? Até onde Joyce sabia, não havia lobos em Ohio, pelo menos não selvagens. Talvez este fosse o bicho de estimação de alguém que havia escapado ou sido solto por algum motivo. Entretanto, a forma dele não apresentava a graça feroz de um lobo e parecia mais canina que lupina.

Então o cheiro a alcançou, um miasma espesso de almíscar e podridão que fez a garganta dela saltar.

Deus do céu, o que era aquela coisa?

— Está tudo bem — Ted disse. Sua voz estava trêmula, mas ele não havia hesitado ao soltar a mão de Joyce e colocar-se entre ela e o que quer que fosse aquilo que estava se aproximando. Normalmente, ela teria odiado que um homem — qualquer homem — a tratasse como se fosse uma coisinha delicada que precisasse de proteção, mas alguma coisa naquela... naquela *criatura* havia disparado um profundo medo atávico nela, e ficou grata pela atitude de Ted. Pensou, também, que talvez as ações dele fossem tanto em benefício dele próprio quanto dela. Enquanto ex-diretor, ele estava acostumado a ser o responsável e a lidar com os problemas de frente. Era a configuração padronizada dele, um papel confortável ao qual poderia recorrer em um momento de crise.

Mesmo assim, por mais que ela apreciasse o que ele estava tentando fazer, seus instintos lhe diziam que aquela era uma má ideia. *Muito* má.

Colocou a mão no ombro dele.

— Por favor, não faça isso.

Ted não deu nenhum sinal de tê-la escutado. Ao invés disso, deu um passo na direção da criatura e esticou-se até atingir o maior tamanho possível, com os braços abertos e afastados do corpo e os punhos cerrados.

Ele está tentando fazer com que pareça maior, Joyce percebeu. *Mais ameaçador*. Ela se perguntou se ele havia feito algo semelhante na escola ao lidar com adolescentes potencialmente violentos. Mas ela não havia lido em algum lugar que encarar diretamente um canino e fazer contato visual era uma forma de desafiá-los? Nesse caso...

A criatura disparou em frente, com os membros díspares se movendo numa velocidade surpreendente, rosnando tão alto que quase rugia. Ela se movia tão rapidamente que, sob à luz fraca do crepúsculo, Joyce conseguia decifrar apenas os detalhes mais básicos do contorno grotesco: pernas de tamanhos diferentes, uma única orelha esfarrapada, pele nua se alternando com faixas de pelo e, o pior de tudo, um focinho torto repleto de dentes afiados, numa quantidade muito maior do que a boca de um simples cachorro poderia conseguir abrigar.

Quando estava a menos de um metro de Ted, a besta saltou, com a língua descolorida pendendo da lateral da boca disforme. As patas dianteiras atingiram Ted no peito, com o peso da criatura o lançando para trás, batendo-o com força contra o chão. O impacto fez o ar escapar dos pulmões dele, e ela escutou um estalo que imaginou ser o som provocado por uma ou mais costelas quebrando.

Joyce conseguiu dar um passo ao lado a tempo de evitar ser jogada ao chão e agora estava a alguns centímetros de Ted enquanto ele se esforçava para enfrentar o cachorro bizarro, que era mais ou menos do tamanho de um são bernardo, embora não se parecesse com a raça de nenhuma outra forma. A criatura rosnava e atacava, com a intenção de cerrar os dentes em volta da garganta de Ted, e Ted apertava as mãos ao redor do pescoço dela numa tentativa de mantê-la afastada. As patas traseiras do cão-besta — uma maior do que a outra — estavam raspando o chão enquanto ele se debatia para chegar perto o bastante para afundar os dentes na presa. Ted estava fazendo caretas, com os braços tremendo de esforço para tentar segurar o animal. Levando em conta a enormidade da coisa, ela seria forte demais para a maioria dos homens, e toda a força física que Ted havia possuído na juventude já havia acabado há tempos. Ele estava contando com adrenalina e pura força de vontade agora, mas Joyce sabia que não seriam o bastante no fim das contas. Ela temia que ele tivesse apenas momentos, senão segundos, antes que o cachorro monstruoso o subjugasse, cerrasse a mandíbula ao redor da garganta dele e destruísse sua traqueia, fazendo sangue jorrar para todo o lado.

Parte dela — a parte animal e primitiva que estava interessada apenas na autopreservação a qualquer custo — não queria nada além de se virar e sair correndo o mais rápido que suas pernas menos-que-esbeltas fossem capaz de carregá-la. Na verdade, sem que estivesse completamente consciente disso, já estava meio virada e havia se afastado um passo da lagoa. Mas se forçou a virar de novo. Nunca se perdoaria se corresse e deixasse Ted para morrer. Tinha que fazer alguma coisa para ajudá-lo, mas o quê? Não iria tentar se atracar com a maldita besta, e a coisa mais próxima de uma arma que tinha era a língua às vezes afiada demais, com a qual havia fatiado muitos estudantes preguiçosos ao longo dos anos. Então, sem nada para contar além disso em seu arsenal, respirou profundamente e, usando o que um de seus colegas professores uma vez havia chamado de “A Voz de Autoridade Irresistível”, gritou uma única palavra.

— Para!

A palavra soou áspera como um estalo de chicote no ar frio do outono, e ecoou através da lagoa. A coisa-cachorro parou de rosnar e se virou para olhá-la, com confusão e talvez um toque de medo nos olhos. Joyce teve a sensação de que com aquela única palavra havia alcançado alguma coisa nas profundezas da besta, um âmago interno que reconhecia que humanos ocupavam um degrau superior na escada evolucionária, e por isso eram seus mestres. A criatura olhou para baixo e sua cauda — um apêndice careca que parecia ter sido colocado em um rato gigante — desceu por entre as pernas. Soltou um gemido baixo.

Ted, que havia ficado tão surpreso quanto o cachorro com a ordem de Joyce, soltou o pescoço do animal. Instantaneamente, o grotesco lábio superior do canino se enrolou e se afastou dos dentes, e a confusão nos olhos dele foi substituída por uma fúria ardente. A criatura se soltou de Ted com um golpe e se lançou à frente, rosnando.

Joyce gritou enquanto o cachorro monstruoso afundava os dentes na garganta de Ted e começava a chacoalhá-lo para a frente e para trás, como se não passasse de um brinquedo. Os olhos de Ted se arregalaram com medo e dor, mas embora sua boca estivesse escancarada, nenhum som foi emitido. Um instante depois, Joyce entendeu o porquê, enquanto um gêiser de sangue espesso jorrava para cima. Ele correu pelas laterais da boca de Ted e transformou o cabelo branco em carmesim antes de encharcar o chão embaixo dele.

Ela abriu a boca para gritar de novo, mas o som morreu na garganta. Alguma coisa estranha estava acontecendo. A princípio, pensou que se tratava de um truque da luz minguante, mas a pele branca e

pálida de Ted estava perdendo a cor, ficando numa tonalidade fraca e cinza como ardósia. Mais que isso, a pele dele estava sendo puxada para dentro, apertando-se contra os ossos, músculos e gordura encolhendo enquanto ele se transformava em uma múmia desenfaixada diante dos olhos dela. De uma forma louca, Joyce se lembrou de uma das últimas viagens que havia feito com o marido antes do câncer se espalhar a ponto de impedi-lo de viajar. Havia acampado em Hocking Hills e, ao invés de sacos de dormir, haviam levado um colchão inflável king-size com um ventilador movido a bateria, que o inflava dentro de momentos. O ventilador tinha uma função reversa que também esvaziava o colchão e, quando terminava, deixava-o completamente plano, um pouco enrolado nas bordas e repleto de linhas amarrotadas e cruzadas. Era isso que Ted parecia agora: um colchão inflável vazio e acinzentado com um esqueleto por dentro.

O cachorro monstruoso continuou apertando a garganta de Ted por mais um momento, e Joyce observou enquanto o sangue manchava o rosto de Ted e o focinho da criatura secava e expelia flocos vermelhos. Como se o monstro houvesse absorvido a energia vital de Ted, sugado-a para si mesmo, e estivesse determinado a não soltá-lo até que houvesse tomado até a última gota. Quando finalmente terminou, soltou os dentes da pele dissecada de Ted e voltou a atenção para ela.

Ela escutou alguém sussurrar.

— Corre. — Levou um momento para perceber que havia sido ela mesma quem sussurrara. Escutar a própria voz a tirou do estado de paralisia e então se virou e correu.

A colina que levava até o complexo de apartamentos não era íngreme, mas ela estava longe de estar em sua melhor forma. Quando era mais jovem, a ideia que tinha de exercícios consistia em uma caminhada agradável no parque, e agora a maior parte de suas atividades físicas envolvia passear por lojas de antiguidades. Adrenalina só podia compensar um estilo de vida em sua maioria sedentário até certo limite, seu coração estava batendo com força nos ouvidos, em um ritmo irregular, e sentia os pulmões queimarem como se estivessem pegando fogo. As pernas estavam pesadas e trêmulas, e iam ficando ainda mais a cada passo que dava. Enfim, alguma coisa cedeu no seu joelho direito, a perna dobrou-se e ela caiu. Aterrissou de lado e deslizou alguns metros colina abaixo antes de parar. Permaneceu deitada, com o pulso batendo com força, pulmões resfolegantes, sabendo que não tinha nenhuma esperança de escapar do cachorro monstruoso agora — se é que teve alguma chance desde o começo. Fechou os olhos e esperou que os dentes da criatura afundassem em sua garganta.

Mas não sentiu nada.

Abriu os olhos e tomou impulso para ficar sentada. Virou-se para olhar em direção à lagoa, perguntando-se o que havia acontecido. Será que alguma coisa havia assustado o cachorro-coisa? Ou será que ele estava simplesmente cheio demais para outra refeição? Por um instante, permitiu-se ter esperanças de que talvez sobrevivesse àquilo, mas então viu a criatura. Estava sentada ao lado do cadáver de Ted, olhando para ela, com a cabeça inclinada para o lado de um jeito muito semelhante ao de cachorros. Ela entendeu de uma só vez o que havia acontecido, e a consciência daquilo a encheu de aflição. O cachorro monstruoso não a havia seguido porque não precisava disso. Ela era lenta, velha e pesada demais para conseguir fugir. A criatura precisava apenas esperar que ela caísse sozinha, e ela havia feito isso.

Enquanto observava, a enorme besta deformada veio balançando na direção dela sobre seus membros irregulares, com a boca torta aberta, a língua incolor pendendo dos lábios, olhos queimando com uma fome horrível e desumana.

Ela gritou, mas não por muito tempo.

DOIS



— Eu odeio a porra desse carro — Dean disse.

— Você odeia todos os carros que não sejam o Impala — Sam contra-atacou.

— É, bem, esse aqui é especialmente amerdalhado. E tem cheiro de pé.

Haviam pegado o “merdamóvel” — apenas um dos apelidos de Dean para ele — atrás de um bar em Canton, Ohio. Dean preferiria “pegar emprestado” alguma coisa com um pouco mais de classe, ou pelo menos alguma coisa que não andasse que nem uma bosta com pneus, mas desde quando haviam tomado caminhos alternativos para conseguirem evitar chamar atenção no radar dos Leviatãs, foram forçados a se manter às escondidas, o que significava nada de Impala. Também significava que tinham que começar uma nova carreira como relutantes ladrões de carros, tudo com a melhor das intenções, é claro. Se os irmãos não conseguissem matar Dick Roman e acabassem se tornando mclanches felizes humanos para o vilão e seus companheiros monstruosos, o resto do planeta viria logo em seguida no cardápio. Tomavam o cuidado de pegar carros de que ninguém sentiria muita falta, latas velhas que seriam facilmente repostas por seus donos e que os policiais não se esforçariam muito para encontrar. Dean tinha bastante trabalho para manter os amontoados de ferrugem que roubavam funcionando, mas tinha limites para o que podia fazer. Mantinha constantemente os dedos cruzados, torcendo para não se depararem com uma perseguição em alta velocidade. Do jeito que o merdamóvel estava funcionando, se pisasse no acelerador as hastes provavelmente seriam lançadas para longe do motor como se fossem mísseis.

— Aqui estamos — Sam disse, apontando para uma placa de madeira à margem da estrada. — Brennan, Ohio, que, segundo a placa, é o lar do Brahman Batalhador de Brennan.

Dean franziu o rosto enquanto atravessavam o limite da cidade.

— Brahman? Isso não é uma raça de búfalo d’água ou algo do tipo?

— Quase isso. É uma raça de bovinos que recebeu esse nome por causa da vaca sagrada do Hinduísmo.

— Péssima escolha pra um mascote de escola, se quer saber minha opinião. Aliteração tem limites, sabe?

Depois de passarem pelo departamento do xerife local como uma “cortesia”, para deixá-los a par de que havia dois agentes do FBI na cidade e catar quaisquer informações adicionais que pudessem acerca das mortes, deram uma volta de carro por Brennan para sentir o lugar. Não que realmente precisassem disso. Poderiam ir do nordeste até o sudoeste de Ohio, mas depois de todos os quilômetros que haviam percorrido, podiam muito bem permanecer no mesmo lugar. Depois de todos os anos que Dean havia passado na estrada, a maior parte das cidades do meio-oeste lhe pareciam iguais, e Brennan não era uma exceção. Um centro que consistia em pequenos negócios locais estabelecidos em construções antigas, subúrbios pontilhados de minishoppings e franquias de restaurantes e uma área industrial em decadência, que no caso de Brennan se tratava de uma fábrica de bicicletas fechada na borda ao sul da cidade.

— É necessário uma fábrica inteira pra fazer bicicletas? — Dean perguntou. Sam apenas deu de ombros.

Encontraram um motel não muito longe da fábrica, barato e escondido. Chamava-se Wickline Inn, embora Dean não fizesse ideia de quem ou o quê era um wickline. Estacionaram em frente à recepção, e Sam entrou sozinho para fazer o check in. Sempre pediam o quarto mais afastado da recepção que poderiam escolher, de preferência cercado de quartos vazios. Haviam sido atacados em hotéis mais de uma vez ao longo dos anos e a última coisa que queriam era colocar qualquer vida inocente em risco.

Quando Sam saiu da recepção com a chave do quarto deles, conduziram o carro até os fundos do motel, estacionaram, tiraram todas as coisas do carro — algumas malas com roupas e artigos de banheiro, o computador de Sam e algumas mochilas com armas — e entraram no quarto.

Assim que entraram, Dean franziu o nariz.

— Cara, esse lugar tem cheiro de naftalina e bunda.

— Concordo plenamente — respondeu Sam.

Colocaram as coisas sobre as camas e deram uma olhada rápida no quarto, checando o banheiro, olhando embaixo das camas e testando as fechaduras das janelas. Só quando ficaram satisfeitos, vendo que o quarto estava limpo, trancaram a porta. Todos os caçadores que valem a própria espingarda carregada com pedras de sal sabem que não se deve descartar uma possível saída antes de ter certeza de que ela não é necessária. Os irmãos não se davam ao incômodo de desfazer as malas, caso precisassem pegar os equipamentos e dar o fora dali com pressa. Não pela primeira vez, Dean pensou no quanto a vida dele se parecia com a de um criminoso fugitivo. Nunca havia dito a Sam, mas agora já fazia algum tempo, sempre que se estabeleciam em um quarto de hotel, pensava no tempo passado com Lisa e Ben, e em como havia sido bom pra cacete dormir e acordar no mesmo lugar um dia após o outro.

O quarto tinha uma pequena escrivaninha junto à janela. Sam colocou o laptop sobre ela, levantou a tela e ligou a máquina. Quando a tela se iluminou, ele disse:

— Mais uma vez, os Winchester estão abertos para negócios. — Sentou-se em frente ao computador e começou a digitar.

Dean se sentou na borda de uma das camas, sacou o frasco de Bobby do bolso da jaqueta de couro marrom, abriu a tampa e tomou um gole. Não bebeu muito, só um golinho para se manter funcionando. Quando terminou, colocou a tampa de novo, mas ao invés de guardar o frasco, manteve-o nas mãos e o observou por um bom tempo. Lembrou-se de quando encontrou um buraco de bala no boné de Bobby, lembrou-se de quando virou para trás na van e viu o buraco correspondente na testa de Bobby, lembrou-se do sangue...

— Isso é só besteira, Sammy.

— O quê? — Sam não tirou os olhos da tela do computador. Quando estava absorvido pelo mundo virtual, era mais difícil distrair o irmão do que um demônio com fome de almas decidido a fazer um acordo.

— Isso — Dean insistiu, fazendo um gesto para indicar o quarto inteiro. — Ficar à toa em Ohio enquanto a gente devia estar encontrando a localização exata do Dick Roman.

Sam parou de digitar e se virou para olhar o irmão.

— Eu sei como você está se sentindo. Eu quero pegar o escroto tanto quanto você. — Franziu a testa. — Espera, isso não saiu da forma certa.

— Ah-ah. Isso é hilário pra cacete. Para de brincadeira, Sam. Estou falando sério.

— Eu também. Bem, não a respeito da piada sobre o Dick. Mas quero parar os Leviatãs também. Não só pra impedir que eles transformem a espécie humana em hambúrgueres, mas porque quero justiça pro Bobby. Assim como você.

Bobby Singer havia sido alvejado na cabeça por ninguém menos que o próprio Dick Roman durante uma confusão com os Leviatãs e havia morrido num hospital não muito tempo depois disso.

Os Leviatãs estavam entre as primeiras criações de Deus, eram predadores tanto de humanos quanto de anjos, mas as bestas se provaram selvagens demais e incontroláveis, preocupados apenas em saciar os

próprios apetites vorazes, e Deus os havia banido para o Purgatório. *Bom trabalho nessa aí, Deus*, Dean pensou. O amigo e aliado deles, Cass — também conhecido como Castiel —, havia inadvertidamente libertado os Leviatãs quando absorveu todas as almas do Purgatório para ganhar poder necessário para derrotar o arcanjo Rafael. Assim que se viram livres de sua antiga prisão, os Leviatãs começaram a fazer planos para dominar o mundo, com a intenção de manter a humanidade viva apenas como uma fonte de comida. Entre outras coisas, as criaturas possuíam a habilidade de analisar o DNA de humanos e se transformarem numa cópia física exata de seu alvo. Então o líder dos Leviatãs assumiu o disfarce de Dick Roman, um homem de negócios bilionário, e usou os consideráveis ativos financeiros e políticos dele para construir um império secreto ao redor do mundo.

Os irmãos sabiam que o plano final dos Leviatãs era de subjugar a humanidade, mas a forma exata como pretendiam conquistar isso — e como os Winchester poderiam impedi-los —, não sabiam. Esta falta de conhecimento os roía como se fosse um rato raivoso, especialmente no caso de Dean. Bobby fora mais do que uma fonte enciclopédica de informação, um manancial infinito de contatos úteis e um pentelho que irritava e enchia o saco perpetuamente. Fora mais ainda do que um amigo próximo da família. Bobby havia sido como um tio para Dean e Sam. Deus, ele praticamente havia sido um segundo pai para eles, especialmente já que o próprio pai deles havia passado grande parte do tempo enquanto estavam crescendo na estrada, caçando e matando monstros. Ambos os irmãos sentiam demais a falta dele.

Não havia nada nessa vida que Dean quisesse mais do que acabar com Dick Roman e, na sua visão, cada segundo que ele e Sam gastavam fazendo qualquer outra coisa além de causar dor àquele filho da puta com dentes de tubarão era um segundo desperdiçado. Mas estavam aqui, então poderiam pelo menos ir ao trabalho.

Lembrou-se de algo que haviam lhe dito recentemente. *Caçar é a única coisa que vai trazer alguma clareza à sua vida. E isso torna você mais sortudo que a maioria.*

Continue com seus sermões, Irmão Ness, Dean pensou. Uma dose dupla de clareza cairia bem para ele agora. Melhor, uma tripla. Além disso, o desvio deles por Brennan poderia não ser uma completa perda de tempo. *Quem é que sabe? Talvez tenha até uma casa de strip-tease decente nessa cidade.*

— Tudo bem. — Suspirou e tomou outro gole do frasco de Bobby. — Alguma novidade desde quando saímos de Canton?

Sam olhou para ele por um momento a mais, e Dean pensou que o irmão fosse dizer alguma coisa a respeito da bebida, mas ao invés disso virou-se de novo em direção ao laptop. Digitou durante um minuto, parou, depois se inclinou à frente e encarou a tela. Dean já o havia visto assim mil vezes antes e sabia o que aquilo significava.

— Você encontrou alguma coisa.

— É. Parece que tiveram mais duas mortes, um homem e uma mulher mais velhos dessa vez. De acordo com o jornal local, *O informante de Brennan*, foram encontrados perto de uma lagoa nos fundos do complexo de apartamentos onde moravam. Aconteceu há duas noites.

Dean se levantou, deslizou o frasco pelo bolso da jaqueta e foi olhar a tela por cima do ombro de Sam.

— Diz aí se eles estavam dando umazinha quando morreram?

Sam lhe lançou um olhar.

— Ei, se você tem que ir embora, pelo menos é melhor ir sorrindo.

Sam se virou de novo para a tela.

— Eles foram mumificados que nem os outros. Não sobrou nada além de pele e ossos, literalmente.

— A gente pegou o Cronos, então sabemos que não foi ele, mas sem dúvida parece com o estilo dele.

— É, mas o padrão é diferente. Cronos matava em grupos de três em períodos de anos. Até agora, quatro pessoas morreram em Brennan, todos na semana passada.

- E posso assumir que todos eles acabaram parecendo como se tivessem feito uma dieta do Inferno.
- Isso aí. — Sam continuou lendo. — Os policiais da cidade parecem bem assustados. Estão preocupados, achando que as mortes foram provocadas por algum tipo de produto químico tóxico ou uma doença exótica. Eles mandaram até amostras de tecido das vítimas pro Centro de Controle de Doenças.
- A não ser que esses caras tenham médicos especializados em Esquisito com um E maiúsculo, acho que eles não vão conseguir encontrar nada útil.
- Sam fechou o laptop.
- Então parece que isso é tarefa pra gente.
- Dean mostrou um sorriso de esguelha para o irmão.
- Não é sempre assim?

— Você tem certeza de que a gente não precisa de trajes de proteção? Sabe, como aqueles que as pessoas usam em filmes sobre pragas e coisas do tipo?

Sam olhou para o garoto da locadora. Estava na faixa dos vinte e poucos anos, provavelmente tinha acabado de sair da faculdade e aquele era o seu primeiro emprego de verdade. Era magro, tinha uma altura mediana, cabelo preto bem aparado e uma barbicha angular que fazia com que parecesse meio babaca. Estava vestindo uma gravata semicara e sapatos bastante polidos — os dois pareciam bem novos —, junto com um casaco leve azul-escuro. Lá na recepção do Arbor Vale, ele havia se apresentado como David Alguma Coisa — Stephenson talvez. Embora Sam não tivesse certeza. O cérebro dele não estava funcionando exatamente a todo vapor nos últimos dias, e vez por outra dava uns solavancos. *É melhor que estar totalmente insano*, pensou.

Depois que ele e Dean haviam derrotado Lúcifer e evitado o Armageddon, o corpo e a alma de Sam haviam se separado. O corpo dele havia permanecido na Terra, enquanto sua alma ficou presa no abismo com Lúcifer e o arcanjo Miguel. O corpo de Sam manteve as próprias memórias, mas sem uma alma ele ficou o equivalente a um sociopata, desprovido de qualquer sentimento humano. De muitas maneiras, estar sem alma o havia tornado um caçador mais eficiente. Era mais decidido, mais rápido na hora de agir e completamente implacável. Infelizmente, também não se importava se causasse qualquer dano colateral durante as caçadas. Se pessoas inocentes morressem enquanto estava matando algum monstro, e daí? Era simplesmente o custo de fazer negócios naquele ramo.

Enquanto isso, no inferno, Lúcifer e Miguel ficaram brincando com a alma dele como dois gatos entediados compartilhando uma única bola de barbante, e esses gatos tinham garras terrivelmente cruéis. Retalhavam a alma dele como se fosse papel higiênico, e quando ela finalmente voltou ao corpo de Sam — graças à própria Morte, nada menos que isso — os danos causados ameaçavam levá-lo à loucura. A Morte criou uma barreira psíquica para proteger Sam da loucura que residia dentro dele, mas aquela barreira havia caído e agora cabia ao próprio Sam, sozinho, manter a insanidade longe de si. Na maior parte dos dias, realizava um bom trabalho ao escondê-la, mas isso lhe custava caro e ele não tinha certeza de poder confiar nos próprios instintos e lembranças.

Então talvez o nome do garoto fosse Stephenson, talvez não. Pelo menos tinha certeza de que o garoto era real. Bem... uma certeza razoável.

— Não pra essa situação — Sam respondeu a Talvez-Stephenson. — Estamos confiantes de que o perigo seja mínimo.

— Mas *existe* perigo — o garoto insistiu. — Certo?

Sam e Dean estavam vestindo as melhores fantasias que tinham de “Somos empregados do governo” e

havam se apresentado como agentes Smith e Jones. Haviam mostrado as credenciais falsas do FBI ao garoto e alegado que estavam ali para ajudar na investigação do Centro de Controle de Doenças. O garoto havia caído naquela e agora os estava conduzindo, relutantemente, à lagoa dos patos na parte de trás do complexo de apartamentos.

Dean olhou de soslaio para ele.

— Se tivesse qualquer mínima chance de contaminação, você não acha que eu e meu parceiro estaríamos vestindo... — Perdeu a linha de raciocínio e olhou para Sam, pedindo ajuda.

— Equipamentos de proteção biológica — Sam contribuiu.

— Isso — Dean concordou. — Essas coisas.

— Talvez — o garoto respondeu, — mas vocês não recebem vacinas especiais ou alguma coisa do tipo pra imunizá-los contra doenças letais, radiação e outras merdas pesadas assim? Vocês sabem, medicina nível A, o tipo de drogas que o governo finge que não existe.

— Deixa eu adivinhar — Dean disse. — Você passa bastante tempo navegando em sites de conspiração, não passa?

— Passo. E daí?

— Nada. Foi só um palpite. — Encarou Sam com um olhar que dizia, *Arranjamos um verdadeiro gênio aqui*, e o irmão escondeu um sorriso.

Arbor Vale era um complexo antigo, construído em algum momento durante a década de setenta, Sam imaginava, mas estava limpo e a área verde era bem cuidada. Não parecia um lugar ideal para a maldade sobrenatural ficar à espreita, mas se a vida dele como caçador lhe havia ensinado alguma coisa, era que as aparências não significavam nada de nada. Apesar de monstros, demônios, fantasmas e outros seres perversos terem a tendência de ser atraídos pela escuridão e a decadência, podiam ser encontrados farejando presas tanto em subúrbios prósperos quanto em cemitérios abandonados. O Mal — o verdadeiro Mal, da espécie que vem com M maiúsculo — podia estar em qualquer lugar, a qualquer momento.

A lagoa ficava no final de um leve declive, e o Departamento de Polícia de Brennan havia montado uma barreira com fita em volta da cena do crime, no topo da colina, para avisar qualquer um que chegasse perto demais. A fita estava presa com uma série de estacas de metal colocadas dentro de cones de trânsito laranjas, mas apesar dos esforços dos policiais, a fita descia baixo o bastante para que passassem andando por cima dela.

— É sério? — Dean perguntou enquanto observava a cerca de fita. — Será que os camaradas do delegado dessa cidade realmente acham que isso vai impedir alguém de chegar aqui?

— Imagino que eles não tenham cenas de crime muito relevantes aqui — Sam comentou.

Os Winchester passaram por cima da fita sem hesitar, mas o garoto ficou parado atrás deles.

— Vocês realmente precisam que eu vá aí com vocês? — perguntou.

Dean apontou para a lagoa.

— Está vendo aqueles patos nadando ali? Você acha que eles iriam ficar por aqui se tivesse alguma meleca tóxica na região?

— Patos podem ter uma imunidade natural ao que quer que tenha matado aqueles dois corvos. — O garoto deixou os olhos semicerrados. — Ou o que quer que tenha atingido eles pode ter sido geneticamente modificado pra ser fatal apenas pra humanos.

— Cara, você realmente precisa deixar a internet de lado — Dean disse.

— Além disso, eu não quero chegar nem perto dessa mata.

Sam e Dean trocaram um olhar.

— Por que não? — Sam perguntou.

— Cachorros selvagens — o garoto explicou. — Rumores dizem que a mata em volta da cidade está cheia deles. Eu mesmo não vi nenhum, mas muitas pessoas viram. Parece que tem um que é um filho da

mãe especialmente assustador. Grande e preto.

— Um cachorro preto. — Dean lançou outro olhar na direção do irmão. — Não diga.

— Você pode voltar pra recepção — Sam disse. — Se a gente precisar de você pra mais alguma coisa, a gente te encontra lá.

O garoto colocou a mão no bolso da camisa, tirou um cartão de visitas e o entregou a Sam, que ficou satisfeito de ver que o sobrenome dele era Stephens. Perto o bastante.

— Sabe o quê, se precisarem de mim, me liguem. Não é nada pessoal, mas eu não quero pegar nada de vocês, caras. Eu não quero acabar que nem uma ameixa seca do tamanho de uma pessoa, sabe?

Sem esperar uma resposta, Stephens se virou e começou a voltar para a recepção, quase correndo.

Sam enfiou o cartão no bolso interno do paletó, e então ele e Dean, juntos, começaram a descer a colina em direção à lagoa.

— Dá pra chamar ele de paranoico? — Dean perguntou.

— Não dá pra botar a culpa nele. Alguma coisa ruim *realmente aconteceu* aqui.

— Você acha que essa coisa ruim teve alguma coisa a ver com o cachorro preto que o Coração Valente mencionou?

Sam encolheu os ombros.

— Não sei. Pode ter.

Aparições de cachorros pretos e espectrais ocorriam há séculos — Arthur Conan Doyle havia baseado *O cão dos Baskervilles* nessa mesma lenda —, mas não havia uma resposta definitiva para o que eram aquelas criaturas. A maior parte dos caçadores tendia a acreditar em uma de duas possibilidades: ou eram criaturas de origem demoníaca, ou eram formas assumidas por metamorfos. Sam não via nenhum motivo para acreditar que ambas as explicações não pudessem ser verdadeiras. Afinal, o ecossistema do mundo sobrenatural era tão variado, a seu próprio modo, quanto o natural.

— Será que alguma coisa pode estar vivendo na lagoa? — Sam continuou.

— Talvez — Dean aceitou. — Mas se tem, os patos não parecem estar incomodados com isso.

Enquanto se aproximavam da lagoa, viram duas áreas menores cercadas por fitas, uma junto à água e outra um pouco além colina acima, ambas arrumadas em padrões mais ou menos retangulares.

— Parece que o departamento de polícia local acredita em levar as coisas a sério — Dean disse. — Estou surpreso de não terem colocado uma placa enorme dizendo Eu Iria Embora Se Fosse Você!

— Uma referência a um musical? — Sam perguntou. — Eu esperaria alguma coisa do *Massacre da serra elétrica* ou de *Porky's 2*.

— Só estou tentando expandir o repertório.

Os irmãos olhavam rapidamente de um lado para o outro enquanto trocavam gracejos, com os sentidos vivos e alertas. Grande parte de ser um caçador se resumia a prestar atenção ao ambiente. Observações, sons e cheiros podiam fornecer pistas da presença de manifestações sobrenaturais, mas o sentido mais importante de todos era um para o qual não tinham nome. Não era exatamente psíquico. Estava mais para instinto aguçado. Caçar por tempo o bastante e *sobreviver* por tempo o bastante fazia com que desenvolvessem a habilidade de saber quando alguma coisa não estava certa. Era um processo subconsciente, não cognitivo, mas tanto Sam quanto Dean haviam aprendido há muito tempo a acreditar nele, e naquele momento esse sentido estava dizendo a Sam que o que quer que houvesse acontecido ali para causar a morte de duas pessoas, não havia sido natural.

Chegaram primeiro ao retângulo de fita perto da colina. Sam tirou o detector de campos eletromagnéticos do bolso externo do paletó, ligou-o e o aproximou do chão. As leituras eletromagnéticas da região estavam normais, então desligou a máquina e a colocou no bolso de novo.

— Então sabemos que, o que quer que tenha feito isso, não foi um fantasma — Dean disse.

— As mortes aconteceram há dois dias — Sam chamou a atenção. — Qualquer energia eletromagnética que tenha sido deixada pra trás pode ter-se dissipado nesse tempo.

— É, suponho que sim.

Os dois irmãos se agacharam para olhar o chão mais de perto. Porém, não rasgaram a fita. Preferiam não mexer em cenas de crimes mais do que o necessário, apenas para caso realmente o responsável fosse um vagabundo humano e normal ao invés de alguma coisa que arrasta correntes pela noite.

— De acordo com o *Informante*, foi aqui que o corpo da mulher foi encontrado. — Sam pegou um pequeno bloco de anotações no bolso da camisa e o abriu no registro mais recente. — O nome dela era Joyce Nagrosky e era uma professora de Inglês aposentada. A outra vítima era Ted Boykin. Também estava aposentado. Costumava ser o diretor da escola em que Joyce dava aulas.

— Você acha que eles vieram até aqui pra fazer alguns exercícios extracurriculares? — Dean perguntou. — Só porque eles estavam aproveitando a melhor idade não quer dizer que não estivessem aproveitando a companhia um do outro também. Quer dizer, o nome do cara era *realmente* Boykin. *Boink-ing*. Sacou? *Boink* significar trepar.

Sam simplesmente olhou para ele.

— Eu achei isso engraçado — Dean murmurou.

Apesar da piada horrível do irmão, Sam sabia que havia um problema real por trás daquilo. Criaturas sobrenaturais caçavam humanos por várias razões, a mais comum delas sendo para se alimentar. Algumas, como os Leviafãs, literalmente se alimentavam de humanos. Vampiros bebiam sangue humano. Alguns comem apenas partes específicas do corpo, como o kitsune, que se alimentava de glândulas pituitárias.

O rosto de Amy passou rapidamente pela cabeça dele, e por um momento pensou ter escutado a voz dela murmurando em seu ouvido. *Todas as pessoas mais legais são esquisitas...* Esforçou-se para deixar a lembrança dela de lado, junto com a pontada de culpa que vinha com ela. Tinha trabalho a fazer.

Alguns monstros sugavam energia vital. Alguns, como os succubi e os incubi, alimentavam-se de energia sexual. Se Joyce e Ted estivessem mostrando o lado selvagem deles junto à lagoa, talvez houvessem atraído a atenção de algo ainda mais selvagem.

— Eu acho que não — Sam disse, depois de pensar por um momento. — Talvez eles fossem um casal, o jornal não falou nada sobre isso, mas essa área é um pouco próxima demais do complexo de apartamentos pra que eles tivessem alguma privacidade.

— Talvez eles fossem do tipo que gosta de emoções — Dean contra-argumentou, mas sem muita convicção. — Não sinto o cheiro de nada estranho. Nada de enxofre, peixe podre ou flores em decomposição. — Inspirou. — Nem de fedor de cachorro demoníaco.

— Essa região não está fria — Sam comentou. — Bem, não está mais fria do que o normal pra essa época do ano.

— O chão está bem mexido — Dean acrescentou. — Talvez as pessoas daqui tenham feito isso. Como você disse mais cedo, provavelmente eles não estão acostumados a lidar com cenas de crimes de verdade.

— Pode ser — Sam aceitou. — Mas poderia ter sido um cachorro também.

— Pelo tamanho dessas marcas, teria que ser um bem grande.

— É. Mas não tem sangue. Se um animal grande desse jeito atacasse alguém, teria feito uma bagunça.

Dean pressionou o dedo indicador contra o chão e colocou a ponta dentro da terra.

— Não choveu recentemente. Então, se qualquer sangue tivesse sido derramado, ele não teria sido lavado.

Os irmãos se levantaram e Dean limpou a ponta do dedo na perna da calça.

— Vamos lá checar o lugar onde encontraram o diretor — Sam sugeriu.

Desceram até a margem da lagoa e examinaram a segunda área cercada. Havia menos grama ali e o chão era mais macio. Havia pegadas óbvias, a maioria de policiais e paramédicos, provavelmente, mas também havia uma quantidade de marcas no chão que pareciam ser de garras, junto a uma única pegada

bem visível de pata. Uma bem grande.

Os irmãos ficaram pensando por um momento, enquanto os patos na lagoa mantinham distância e os encaravam cautelosamente.

Depois de um instante, Dean falou:

— Vou dizer o que acho que aconteceu aqui. Ted e Joyce vieram até a lagoa. Talvez estivessem fazendo uma caminhada, alimentando os patos, pensando sobre como ocupariam o tempo depois, o que seja. Então o nosso cachorro assassino aparece, vindo dali. — Apontou para a mata. — Ele ataca os dois, e Ted, sendo o machão que é, tenta atrasar o cachorro por tempo o bastante pra que Joyce consiga fugir. Ela corre, mas o Cujo resolve o problema com Ted rapidamente, corre atrás dela, e esse é o fim de Joyce.

Sam fez que sim com a cabeça.

— É isso que imagino, também. Mas como foi que ele matou os dois, exatamente? O jornal não dizia nada sobre os corpos terem sido destroçados por um animal.

— É, eu sei. Eles foram mumificados. Ei, você não acredita que eles fossem só realmente, *realmente* velhos, não é?

— Eu acho que a gente precisa dar uma olhada nesses corpos.

Enquanto Sam e Dean voltavam colina acima, nenhum dos dois notou um vulto sombrio que saiu do meio das árvores à margem da lagoa e os observou partir.

TRÊS



Algumas horas depois, Sam e Dean voltaram à lagoa. Haviam dispensado os disfarces e vestido roupas normais, o que agradou bastante a Dean. Estava vestindo sua jaqueta de couro, Sam o casaco azul, e por baixo deles os dois estavam usando casacos com capuz e camisa de flanela. Mesmo quando estava frio na rua, os irmãos raramente vestiam roupas mais quentes. Trajes pesados poderiam deixá-los mais lentos, e caçadores lentos muitas vezes se tornavam caçadores mortos. O melhor jeito era usar várias camadas de roupas. Assim, poderiam retirá-las quando precisassem, e dispensar o casaco era uma boa forma de se mudar rapidamente de aparência caso alguém — como policiais — estivesse procurando por eles.

Dean nunca havia se sentido confortável com ternos, com a possível exceção de suas peças de 1940, embora tivesse que admitir que eles eram úteis em alguns momentos. Não só facilitavam quando precisavam que policiais falassem com eles, mas também faziam mágica com funcionários de hospitais. Não tiveram problemas para fazer com que a atendente do necrotério lhes desse acesso aos corpos de Joyce Nagrosky e Ted Boykin. Ainda melhor, já que o médico legista do condado suspeitava que alguma espécie de contágio estivesse relacionada à morte deles, ele não havia realizado autópsias completas. Estava esperando que o Centro de Controle de Doenças enviasse um relatório acerca das amostras de tecido que havia mandado, o que significava que Sam e Dean tinham um par de corpos intocados para verificar. Às vezes, o detalhe chave de uma morte sobrenatural era sutil, e um médico poderia destruir uma evidência importante sem intenção. Mas não precisavam se preocupar com isso dessa vez.

Ambos os corpos estavam na mesma condição. Lembravam a Dean carapaças vazias deixadas para trás por cigarras quando assumiam a forma adulta. *Coisas esquisitas pra cacete, esses insetos!* De acordo com os achados preliminares do legista, os corpos ainda contavam com todos os órgãos internos, mas era como se cada gota de umidade houvesse sido drenada deles. E nem mesmo apenas sangue. Todos os fluidos haviam sumido — água, fluido espinhal, sucos gástricos, o que fosse —, fazendo com que Joyce e Ted parecessem esqueletos cobertos por papel de pergaminho fino e cinza. *Cadáver-gami*, Dean pensou. Os corpos compartilhavam uma outra característica saliente: talhos violentos na garganta. O legista postulou que os ferimentos haviam sido causados *post mortem* por algum animal que se alimentasse de carniça. Mas pela forma como ele e Sam haviam juntado as coisas, as feridas haviam sido causadas pelo cachorro monstruoso, o qual Dean havia conseqüentemente começado a chamar de Cãopiro.

O exame dos corpos de Joyce e Ted não havia fornecido nenhuma pista acerca da natureza da criatura que os havia matado, e uma busca posterior na internet não havia rendido nada de útil, então os irmãos haviam levado uma grande variedade de armas consigo. Pistolas carregadas com balas de prata, uma espingarda Winchester de 1887 carregada com pedras de sal — levada por Dean —, uma faca de ferro frio mergulhada em água benta e uma espada de matar demônios. Como escoteiros, caçadores acreditavam em estar preparados. Ou, como Bobby costumava dizer, *É melhor arrastar uns equipamentos extras do que acabar virando pequenos pedaços de carne não digerida numa pilha de bosta de monstro.*

— Isso está errado, Sam. Eu sei que alguma coisa não está nos trinques nessa cidade, e sei que concordei em dar uma olhada nisso, mas não consigo parar de sentir que a gente está desonrando a memória do Bobby ao adiar a perseguição ao Roman. E não me diga que a gente tem a responsabilidade de ajudar as boas pessoas de Brennan. O mundo está cheio de monstros, e não importa o que a gente faça, nunca vai ser possível pegar todos eles. Simplesmente são muitos, e nós somos apenas dois. Temos que lidar com os problemas de família primeiro, e é isso que Dick Roman é, sem mencionar que ele e o exército de piranhas de estimação dele são uma ameaça pra porra do mundo inteiro!

Haviam continuado andando durante todo o tempo em que Dean falou, e então chegaram à margem do bosque. Pararam e Sam virou de frente para o irmão.

— Você acha que o Bobby iria querer que a gente deixasse esse caso de lado? — perguntou. Depois acrescentou: — Ou qualquer caso, pra ser mais direto?

— Não — Dean respondeu —, mas isso não quer dizer que...

— Antes de você seguir adiante, me escuta. Depois do nosso encontro com Cronos, comecei a pensar.

— Começou? — Dean bufou. — Você já chegou a parar alguma vez?

Sam o ignorou e continuou.

— A mágica que Cronos usava pra viajar no tempo era uma coisa bem poderosa. Faz sentido, porque ele era um deus, não é?

— É. E daí?

— Então apesar de os corpos que vimos hoje não se parecerem exatamente com vítimas de Cronos, eles tinham algumas semelhanças chocantes.

Dean franziu o rosto.

— Você acha que podemos estar lidando com outro deus aqui?

— É cedo demais pra dizer. Mas é como eu disse, nosso encontro com Cronos me fez pensar. Se quisermos ter qualquer esperança de pegar Dick Roman e parar o Leviatã, vamos precisar de poder de fogo pra valer. Num caso como esse, em que uma mágica das grandes está envolvida...

— Espera um minuto. Você está dizendo que quer capturar esse monstro, espírito, deus, ou o que quer que seja e usar ele como uma arma contra os Leviatãs?

Sam encolheu os ombros.

— O que quer que os Leviatãs sejam exatamente, sabemos que eles foram os primeiros seres que Deus criou. Isso significa que eles estão vivos, não é? Se esse é o caso...

— Então eles poderiam ser mortos se sugassem a força vital deles.

Sam fez que sim com a cabeça.

— Possivelmente. Então se conseguirmos descobrir como Joyce e Ted foram assassinados, junto com os dois outros que morreram antes deles, talvez possamos encontrar algum jeito de usar isso contra os Leviatãs.

— Não tenho certeza de que isso é uma boa ideia, Sammy. Combater fogo com fogo nem sempre funcionou muito bem com a gente. Três palavras: sangue de demônio.

Sam olhou para o chão e não respondeu.

Apesar de ter receio, Dean estava sentindo uma animação crescente. Com certeza não se importaria de ter o equivalente sobrenatural a uma bomba nuclear na mochila para enfiar goela abaixo em Dick Roman. Também havia uma certa simetria na ideia que lhe agradava, e imaginava que Bobby também a apreciaria. Os Leviatãs — criaturas que viviam apenas para se alimentar — seriam destruídos por um poder que devoraria suas energias vitais.

— Então você está dizendo que nesse caso o principal não é exatamente pegar um monstro aleatório, mas... é o quê? Pesquisar e evoluir?

— Algo do tipo. E se conseguirmos matar um monstro de lambuja, melhor ainda.

Dean pensou sobre aquilo por um momento.

— Tudo bem, estou dentro. Vamos lá achar o Cãopiro.

Os irmãos entraram no bosque. Carvalhos, olmos e freixos eram predominantes, e no chão havia apenas algumas poucas folhas espalhadas. Isso era bom. Fariam menos barulho assim. A última coisa que queriam era que seus passos provocassem ruídos ao pisar em folhas e assim entregassem a posição deles quando poderia haver um monstro sugador de força vital andando por aí. Dean se pegou desejando que houvesse chovido recentemente. O chão estava duro demais para que houvesse rastros de pegadas, e embora a vegetação rasteira apresentasse sinais de que alguma coisa havia passado por ali recentemente, Ohio tinha um problema de superpopulação de cervos e não existia nenhuma forma de saber se eles haviam sido deixados pelo Cãopiro ou por um bando de Bambis. Joyce e Ted tinham morrido há dois dias, e havia uma chance de que o monstro responsável houvesse ido embora, mas Dean duvidava que fosse o caso. As coisas que ele e Sam caçavam tendiam a permanecer em um local com mais frequência do que o contrário, fosse pelo fato de sua espécie em particular ter a característica de se manter em um território ou por estarem misticamente presos a uma área específica.

Dean estava falando com uma voz suave e grave.

— Então, como foi que você deixou passar os relatos de um cachorro preto correndo pela cidade? Você está perdendo o seu chi pra pesquisas?

— Acho que ninguém fez a ligação entre o cachorro preto e as mortes. Não há motivos pra terem feito.

— É. Às vezes eu esqueço que os Zés Normais não sabem que essas coisas todas existem.

Esse era um dos motivos pelo qual Dean gostava tanto de filmes de terror. É claro, eles eram hilários porque o conhecimento que tinham sobre o assunto era uma droga, para não mencionar a quantidade de decisões insanamente estúpidas que as personagens tomavam. Mas também, quando os assistia, conseguia imaginar como era ser uma pessoa comum, que gostava de filmes de terror por nenhum motivo além de sustos divertidos, sabendo a todo momento que se está a salvo porque espíritos malévolos, fantasmilhas e bestinhas de pernas compridas eram só faz de conta.

O barulho de um galho quebrando acabou com o silêncio como se fosse um tiro e os irmãos congelaram. Os sentidos de Dean, afiados após centenas de batalhas, chamavam-lhe a atenção aos berros, dizendo que estavam prestes a ser atacados, e ele sabia bem que não devia questioná-los. Jogou Sam para o lado e mergulhou na direção oposta um instante antes de um ser grande e preto se precipitar pelo lugar em que haviam estado. Os irmãos caíram no chão, rolaram e se levantaram a tempo de ver a criatura girar para encará-los, mostrando os dentes afiados enquanto rosnava. Até mesmo para o padrão de monstros, aquele filho da puta era feio. O corpo dele era retorcido, suas feições deformadas, e nenhuma das pernas tinha o mesmo tamanho. Tinha partes despeladas, como se estivesse sofrendo de sarna, mas agora que Dean dera uma boa olhada na coisa, viu que a pelagem não era preta — pelo menos, não completamente. Era *de fato* preta em alguns lugares, mas também era marrom e cinza, e a pelagem de cores diferentes tinha características também diferentes, mais comprida e grossa em uma parte, mais curta e fina em outra. As seções da criatura eram separadas por linhas finas de cicatrizes vermelhas, como se não fosse uma única besta, mas sim um conglomerado de diversos caninos.

— Essa coisa não é um Cãopiro — Dean disse, — é um Franken-vira-lata!

Ele deixou a espingarda cair no chão. Pedras de sal não serviriam de merda nenhuma contra algo corpóreo. Sacou a Colt .45, mirou no ponto entre os olhos do Franken-vira-lata e apertou o gatilho. Sam sacou a Beretta ao mesmo tempo e também disparou, mirando no mesmo lugar.

O Franken-vira-lata era mais ou menos do tamanho de um são bernardo, e, desajeitada como a criatura parecia ser, Dean esperava que se movesse com a velocidade e a precisão de uma bigorna de ferro. Estava confiante de que as balas que dispararam iriam atingir a besta. Mas ao invés do cérebro do Franken-vira-lata sair numa explosão pela parte de trás de sua cabeça e decorar a árvore atrás dele, o cão monstruoso se transformou em uma névoa escura e uma fração de segundo depois rastejou cerca de

um metro à direita da posição em que estava antes. As balas arrancaram pedaços de casca da árvore, mas o Franken-vira-lata não foi ferido. Seria um bom resultado caso ele e Sam estivessem procurando começar novas carreiras como lenhadores não ortodoxos, mas não tanto se desejassem realmente matar o maldito monstro.

O Franken-vira-lata abaixou a cabeça e os encarou com olhos lacrimosos e vesgos. Estava rosnando em um tom grave, um som estranho produzido na garganta, com tons diferentes sobrepostos, quase como se houvesse dois cachorros rosnando ao invés de um. Dean manteve o olhar fixo nos olhos da criatura. Era sempre possível saber se um oponente humano iria dar algum passo olhando seus olhos, e isso também era verdade para a maioria das criaturas sobrenaturais. Quer dizer, aqueles que tinham olhos. Infelizmente, os do Franken-vira-lata eram de cores e tamanhos diferentes e funcionavam de forma independente, como os de um lagarto. Além de torná-los esquisitíssimos, também fazia com que fosse impossível decifrar as intenções da criatura.

Dean foi pego de guarda baixa quando o Franken-vira-lata começou a correr na direção deles, movimentando-se com passadas largas e mancadas que eram surpreendentemente rápidas. Dean conseguiu atirar outra vez com a .45, mas a bala errou o alvo e atingiu o chão, perto da pata direita do cachorro. O próximo tiro serviu apenas para deixá-lo mais bravo, e ele se virou para Dean, pulando na direção dele com a mandíbula escancarada e espumando, com a língua pendendo da lateral da boca. Dean soltou a .45 e levantou as mãos a tempo de agarrar a garganta do cachorro enquanto este se chocava contra ele. Manteve as mãos firmes enquanto o peso da criatura o afundava contra o chão. A vegetação rasteira amorteceu um pouco a queda dele, mas o impacto ainda esvaziou seus pulmões. O Franken-vira-lata rosnou com uma fúria selvagem, abrindo e fechando a mandíbula com velocidade enquanto tentava cravar os dentes na garganta de Dean. Ele conseguia manter a criatura afastada, mas não estava sendo fácil. A maldita coisa era muito, mas muito mais forte do que parecia. Os dentes estavam apenas a alguns centímetros da pele macia da garganta de Dean, e estavam se aproximando a cada segundo. Se a besta o mordesse, começaria a sugar sua força vital, e quando o processo houvesse começado, Dean não sabia quanto tempo levaria. Talvez minutos, talvez apenas segundos. Dean imaginou como ficaria se fosse transformado em uma ameixa seca, e a imagem mental resultante não era bonita.

Sam deu um passo à frente, colocou-se em postura de atirador, nivelou a Beretta e disparou três balas na lateral do Franken-vira-lata numa sucessão rápida. Dean sentiu a criatura sacudir com o impacto de cada um dos tiros, e sangue brotou dos ferimentos. Não era vermelho, porém. Essa coisa era preta, espessa e se movia devagar, como se fosse uma calda. A meleca preta o fez pensar na lama que jorrava dos Leviatãs quando eram feridos, mas esse icor era mais escuro e fedia como carne podre. Apesar dos ferimentos, o Franken-vira-lata não parecia estar sentindo nenhuma dor. Se parecia alguma coisa, é que estava com mais raiva ainda. Ele soltou Dean, pulou dele e foi mancando na direção de Sam, rosnando e mordendo.

Sam se manteve em posição e disparou mais duas vezes antes do cão monstruoso saltar sobre ele. As balas tiraram pedaços de pele e fizeram mais icor escorrer, mas a criatura mal desacelerou enquanto se precipitava em sua direção. Cerrou os dentes na perna direita de Sam, logo acima do tornozelo, e Sam deixou escapar um grito de dor e atirou à queima roupa na cabeça do Franken-vira-lata. Parte do crânio do cachorro foi tosquiada, levando consigo uma orelha. A besta soltou Sam, cambaleou para trás e então sacudiu a cabeça de um lado para o outro rapidamente, como se sua cabeça estivesse molhada e o monstro estivesse tentando secá-la. Sangue e pedaços de massa encefálica voaram pelo ar, e então a criatura se virou e correu mata adentro, mudando de direção abruptamente enquanto o fazia, quase como se estivesse bêbada.

Sam se sentou no chão e inspirou soltando um assovio. Colocou a Beretta ao seu lado e começou a inspecionar o ferimento cuidadosamente. Dean se levantou, recuperou a .45 e caminhou até Sam, vasculhando o entorno em busca de qualquer sinal de que o Franken-vira-lata estivesse planejando

retornar e fazer um novo ataque.

— Está muito ruim?

— Eu não vou morrer. — A meia de Sam estava molhada de sangue, e quando ele a afastou da pele revelou uma ferida irregular. — Não é muito profunda. Acho que a maior parte dos danos foi feita quando eu atirei na cabeça dele. O impacto fez ele dar um solavanco pra trás e os dentes dele rasgaram a pele.

— Tudo bem. Vamos lá enfaixar você e voltar pro carro. — Dean se ajoelhou junto ao irmão, colocou a mão em um dos bolsos externos da jaqueta e sacou um rolo de fita adesiva prateada. O kit de primeiros-socorros deles estava no merdamóvel, mas a fita adesiva serviria bem de curativo até que chegassem ao carro.

— Eu estou bem — Sam insistiu. — A gente tem que ir atrás do cachorro.

Ele tentou se levantar, mas quando colocou o peso do corpo sobre o tornozelo ferido ele se dobrou, fazendo-o sentar-se de novo, rangendo os dentes de dor.

— O Franken-vira-lata pode esperar até a gente tapar o seu vazamento — Dean disse. — Agora cala a boca e fica parado. — Rasgou um pedaço de fita e foi ao trabalho.

O curativo improvisado de Dean ficou bom o bastante para permitir que Sam voltasse ao motel. Quando chegaram lá, ele foi até o banheiro, cortou cuidadosamente a fita com uma tesoura cirúrgica e jogou a lambança manchada de sangue no lixo. Então limpou a ferida — primeiro com água benta, depois com sabão e água normal e enfim com álcool. Após isso, ensabou o ferimento com creme antibiótico, depois colocou um curativo e o enrolou com esparadrapo. Satisfeito, engoliu a seco dois comprimidos de ibuprofeno antes de sair mancando do banheiro. O ferimento o deixaria mais lento, mas não tanto quanto havia temido.

Dean havia jogado a jaqueta sobre a cama e estava sentado à mesa com o casaco de capuz, inclinando-se para trás na cadeira, com os pés para cima e os olhos fixos na tela do laptop.

Sam sorriu.

— Espero que não esteja dando uma olhada em um desses sites em que você tem que clicar em “Confirmo que tenho dezoito anos ou mais” pra entrar.

Arrependeu-se daquilo assim que disse. Levando em conta o quanto Dean havia estado obcecado com Dick Roman nas últimas semanas, Sam teria preferido de longe que o irmão estivesse entrando em alguns sites desrespeitáveis ao invés de estar tentando encontrar ainda mais informações a respeito do Leviatã que mais detestavam.

— Estou surfando na internet à procura de informações sigilosas a respeito de cachorros remendados feios pra cacete. — Quando percebeu que Sam não responderia rapidamente, Dean acrescentou, — O que foi? Como se você fosse a única pessoa que soubesse mexer em um mouse.

— Informações sigilosas? — Sam perguntou.

— É, bem... acho que eu estou pegando um vocabulário novo com noticiários. — Tirou os pés da mesa, ajustou a postura na cadeira e olhou para Sam. — Falando em pegar coisas, a gente provavelmente deveria levar você num médico antes de aparecer com Franken-raiva.

— Você está brincando, não é? Criaturas sobrenaturais não pegam doenças naturais.

— Mesmo assim, é melhor prevenir do que ter hidrofobia, não é, não? Só vai precisar de uma série de injeções abdominais incrivelmente dolorosas. — Dean sorriu ironicamente.

— Não é assim que se trata raiva. Eles dão uma injeção de vacina no ombro, depois gamaglobulina na ferida e no quadril ou na bunda. Elas não são mais dolorosas que injeções normais. Mas isso não

importa, porque não preciso disso.

Dean suspirou.

— Qual é o sentido de ser o irmão mais velho se você não pode torturar o mais novo de vez em quando? Além disso, quem disse que o Franken-vira-lata é sobrenatural? Você viu as cicatrizes, não viu? Ele parecia uma coisa que um cientista maluco juntou com partes sobressalentes.

— *Frankenstein* é só um romance de Mary Shelley — Sam disse. — Você já chegou a ler?

— Eu vi todos os filmes — Dean respondeu.

Sam o ignorou e prosseguiu:

— Shelley escreveu o romance no começo do século 19, bem antes da era moderna da ciência. O procedimento sobre o qual ela escreveu é pura ficção. Nunca funcionaria no mundo real. Não dá pra fazer um único corpo com um monte de partes separadas. Não precisamos nem falar sobre atrelar o sistema nervoso central, só os problemas de rejeição de tecidos... — Sam saiu do assunto quando percebeu que Dean o estava encarando. — O que foi?

— Pensei que você tinha feito Direito, não Medicina.

— O que quero dizer é que, o que quer que o Franken-vira-lata seja, não é um produto científico.

— Tudo bem, vou acreditar no que você diz, dr. Nerdão.

Sam havia permanecido em pé enquanto conversavam e seu tornozelo estava começando a latejar. Também estava se sentindo subitamente cansado. Talvez tivesse perdido mais sangue do que havia pensado. Foi mancando até uma das camas e se sentou. Dean o observou atentamente enquanto estava caminhando e, apesar de franzir o rosto, não disse nada a respeito do ferimento de Sam, que ficou agradecido por isso.

— Você achou alguma coisa na internet? — perguntou.

— Fora coisas sobre o filme *Frankenweenie*, nada. — Olhou para o laptop e se sentou de novo na cadeira. — Cara, não consigo acreditar em como aquela coisa era rápida. Pelo visual, aquilo deveria ter problemas até pra andar, mas se mexia mais rápido que um guepardo doido de anfetamina.

— No final, não — Sam chamou a atenção. — Depois que atirei na cabeça dele, ele foi embora, mas não estava andando muito mais rápido do que um cachorro comum. E estava andando meio que em zigue-zague, como se estivesse com dificuldades até pra se manter de pé.

— É porque você feriu ele. Se você estivesse sem metade da cabeça, também não estaria se mexendo muito rápido.

— Não deveria estar se movendo nem um pouco, mas o ferimento só deixou ele mais lento, e eu acho que sei por quê.

— Deixa eu adivinhar. Ele estava cheio de energia vital depois de matar Joyce e Ted, e era por isso que conseguia se movimentar com tanta velocidade, mas o tanque dele ficou vazio depois que você atirou nele e só ficou com combustível suficiente pra conseguir fugir.

— É isso que eu acho que aconteceu — Sam concordou. Uma onda de cansaço caiu sobre ele, e abafou um bocejo. O que é que estava errado com ele? Não era nem cinco horas ainda e se sentia pronto pra ir para baixo das cobertas.

— Isso vai servir até que apareça uma teoria melhor. Então o que quer que seja essa coisa, continua fazendo parte do show de horrores sobrenatural básico, só com mais ênfase no horror dessa vez. Mas como é que você acha que todas aquelas partes de cachorros se juntaram? Talvez a gente devesse checar a cidade em busca de um cemitério de animais. Ou talvez seja tipo um fantasma grupal, uma matilha inteira de espíritos de cachorros, e então eu deveria ter atirado pedras de sal nele, no fim das contas.

Sam lutou contra outro bocejo.

— Ainda pode ser um Franken-vira-lata, só que um criado por mágica ao invés de ciência. Vou ver o que consigo encontrar a respeito de feitiços que supostamente... fazem partes de corpos se... fundirem. — Dessa vez não conseguiu evitar o bocejo e caiu para trás na cama sem se importar em entrar debaixo das

cobertas. — Depois de tirar uma soneca.

— Ei, Sam, você está b...

Foi a última coisa que ele escutou antes de uma escuridão quentinha e maravilhosa pegá-lo e levá-lo embora.

No estacionamento em frente ao quarto dos Winchester, um ser estava parado. Não havia ninguém ao redor, mas mesmo se houvesse, não poderiam vê-lo. A menos que desejassem. Uma brisa suave estava soprando, mas apesar de afagar sua pele, ele não a sentia.

Mesmo dali, conseguia sentir o ferimento que havia sido causado a Sam Winchester, tanto seus componentes físicos quanto espirituais. Dos dois, o último era de longe mais sério.

Isso não é bom, pensou. Nem um pouco bom. Mas tudo que podia fazer era ficar parado ali e continuar observando.

Naquele momento, pelo menos.

Catherine Luss jogou o *Informante* sobre a bancada da cozinha. Era a edição de ontem, mas havia estado tão ocupada no trabalho que não tivera a chance de lê-lo antes. A manchete estava gritando na primeira página em letras grandes e pretas:

ENCONTRADOS MAIS DOIS MORTOS EM CIRCUNSTÂNCIAS MISTERIOSAS!

Só havia lido parte da reportagem principal antes de poder ler qualquer coisa além. Não havia conhecido nem Ted Boykin nem Joyce Nagrosky. Ambos haviam se aposentado antes de Bekah começar o ensino médio, e nenhum dos dois havia feito parte de seu grupo de pacientes. Também não conhecia as duas vítimas anteriores — um frentista chamado Randy Neff e uma adolescente chamada Angela Bales. Pensou que talvez Bekah houvesse conhecido Angela, ou pelo menos sabido que ela existia, já que tinham idades parecidas, mas não sabia, e não era como se pudesse perguntar à filha. Não mais.

Serviu-se uma xícara de café com creme e adoçante artificial antes de se sentar ao balcão para o que esperava ser um relaxante — e muito necessário — intervalo do trabalho. O relógio do microondas dizia que eram 5:12, mas até olhar pela janela, não sabia se era da manhã ou da tarde. Perguntou-se quanto tempo havia passado no laboratório dessa vez e ficou surpresa com a descoberta de que não sabia. Vinte e quatro horas? Quarenta e oito? Isso sequer importava?

O que importava de verdade era a manchete, ou melhor, as quatro vidas perdidas por trás dela. A reportagem apresentava poucos fatos e muitas suposições fomentadas pela histeria, especulando que as mortes haviam sido causadas por qualquer coisa entre uma superbactéria previamente desconhecida, lixo tóxico e radiação — apesar de Brennan não ter nenhuma indústria que pudesse produzir nenhum destes dois últimos. Estava surpresa pelo repórter não ter colocado a culpa das mortes em OVNI durante aquela reportagem. Mas sabia exatamente quem era a derradeira responsável pela morte daquelas pobres

pessoas.

Era ela.

A temperatura da cozinha caiu vários graus. Catherine estava usando um jaleco branco por cima de um pulôver cinza com uma gola alta e grossa, mas ainda assim estava tremendo. Estava sentindo frio tanto por dentro quanto por fora.

— Não é culpa sua.

A voz era suave, mal passava de um sussurro, na verdade, com um leve sotaque que pensou ser alemão, embora não tivesse certeza. Um aroma sutil pairou no ar até ela, um cheiro de mofo que lembrava um baú de cedro aberto depois de um longo tempo fechado. Tomou um gole do café e se virou um pouco no banco para ficar de frente para Conrad.

Apesar de estar trabalhando com ele já há alguns meses, ainda tinha que se esforçar para não fazer uma expressão de desprezo todas as vezes que olhava para ele. Não é que ele fosse horrível. Na verdade, tinha um visual até agradável, olhando pelo lado positivo. Era um homem magro, na casa dos sessenta e poucos anos, não passava de um metro e setenta e tinha um nariz grande que contrastava com seus lábios pequenos, quase femininos, e o queixo fino. O cabelo havia recuado bastante para trás da testa, mas o que ainda restava era castanho e volumoso, sem nenhum toque de grisalho. Sua característica mais marcante, porém, estava nos olhos grandes e penetrantes. Eram sobrepostos por sobrancelhas grossas e negras, e a cor deles era indeterminada, parecendo mudar de acordo com a iluminação. Às vezes eram azuis escuros, às vezes cinzas como carvão, e outras quase pretos. Como sempre, estava vestindo um terno, desta vez um marrom com uma camisa marfim e gravata dourada — estilosa e retrô ao mesmo tempo. Não era a aparência dele que Catherine achava desagradável, nem a forma como tendia a permanecer parado como uma estátua até decidir se mover. O que a incomodava era algo mais indefinível, a... presença dele, poderia dizer. Ele exalava uma aura que ela achava repulsiva da mesma forma como ímãs de cargas opostas afastavam um do outro. Sempre que ele se aproximava, ela sentia uma vontade urgente de se afastar, de manter tanta distância dele quanto possível. Ele não fazia nada explícito para intimidá-la, mas ela tinha que se esforçar para se manter onde estava sempre que estavam juntos no mesmo aposento — o quê, naqueles últimos dias, acontecia com frequência.

Ela passou a mão pelo cabelo curto e loiro, subitamente consciente de como estava oleoso. Estava sentindo uma necessidade terrível de tomar banho. Odiou pensar em como estava fedendo, e provavelmente estava com o pior caso do mundo de bafo de dragão devido a todo o café que estava tomando. Quando estava trabalhando com Conrad no laboratório, nunca pensava nessas coisas. Se ela estivesse fedendo, ele nunca dera nenhum sinal de ter percebido, muito menos de estar incomodado com o cheiro do corpo dela. Mas aqui, lugar que pensava se tratar do Mundo Real, estava dolorosamente ciente de sua falta de higiene.

— Diz isso pras famílias das quatro pessoas que morreram — ela respondeu. — Eu fiz um juramento, Conrad.

— *Primum non nocere*: Primeiro, não farei mal — Conrad disse. — Conheço o Juramento Hipocrático. — Mostrou um leve sorriso, quase de diversão, mas além disso manteve-se completamente parado, com as mãos ao lado do corpo. Do pescoço para baixo, poderia muito bem ser um manequim.

— É minha culpa ele ter escapado — ela insistiu.

— Nossa culpa — ele a corrigiu. — Nós dois pensamos que a jaula que você me fez comprar seria forte o bastante pra conter a besta. Eu só estou agradecido por você ter estado no seu consultório quando ele tentou se libertar. Do contrário, com certeza teria tentado se alimentar de você.

E que bagunça a maldita coisa havia feito ao escapar, também. Os danos ao laboratório não foram tão ruins, já que a criatura seguiu diretamente rumo à escada depois de se libertar da jaula, mas havia derrubado a porta do porão e corrido pela casa em busca de uma saída — destroçando a mobília com garras e dentes num ataque frustrado de fúria — antes de finalmente atravessar a porta dos fundos,

destruindo-a. Por sorte, aquilo havia acontecido no começo da noite e estava escuro o bastante àquela altura para que nenhum dos vizinhos conseguisse ver a besta em meio à fuga. Também ajudava o fato de morar a vários hectares de terra fora da cidade. Se morasse em um subúrbio, alguém certamente teria visto o cachorro monstruoso fugindo da casa dela e chamaria a polícia. Nesse caso, ela provavelmente estaria na cadeia agora, com a licença médica suspensa. Se vivesse em uma época mais antiga, provavelmente seria queimada em uma estaca. Supunha que ainda poderia ser. O povo de Brennan não era exatamente dos mais educados ou progressistas do estado.

Embora achasse difícil ficar na presença de Conrad, Catherine estava agradecida pela ajuda dele. Ele havia cuidado de tudo, comprado e instalado duas novas portas, assim como havia removido a pior parte da mobília danificada e a levado embora. Havia até mesmo oferecido repor a mobília perdida, mas ela havia recusado. Catherine passava a maior parte do tempo no laboratório, e não era como se alguém mais morasse na casa. Não mais.

Estava segurando a xícara com as duas mãos e olhando para o café dentro dela.

— Talvez tivesse sido melhor se eu estivesse aqui — disse, com suavidade.

Conrad deu um passo à frente. Por um momento ela temeu que ele tivesse a intenção de tocar nela, talvez de apertar de leve seu braço para consolá-la ou colocar a mão reconfortante em seu ombro. Ficou tensa, esperando que se ele fizesse isso conseguisse se impedir de gritar. Como se houvesse sentido o desconforto dela, Conrad recuou um passo e manteve as mãos ao lado do corpo.

— Você não devia dizer coisas assim — ele a repreendeu moderadamente. — A fuga da besta e as vidas perdidas em consequência disso são algo para se arrepender, é claro, mas eu devo lembrá-la da principal preocupação aqui. Se você atingir sua meta, não só vai ganhar sua recompensa pessoal, como ainda vai mudar o mundo pra sempre. Bilhões de vidas, incalculáveis, vão ser salvas, e a duração da própria vida humana vai ser estendida. É impossível dizer exatamente quanto tempo as pessoas vão viver no novo mundo que o seu trabalho vai criar, mas a imortalidade teórica não está fora de questão. Será que a conquista de um objetivo desses...

— Não vale a vida de quatro pessoas? — ela interrompeu. Ela levantou a cabeça e olhou para ele, com os dentes cerrados de raiva.

Conrad deixou os olhos semicerrados, mas sua voz permaneceu na mesma altura enquanto respondia.

— É algo pelo qual essas pessoas se sacrificariam de boa vontade.

— Se levarmos em conta que não podemos perguntar isso pra eles, nós nunca vamos saber com certeza, não é?

Os dois permaneceram em silêncio por um tempo depois disso. Catherine tomou um gole de café e tentou ignorar a forma como Conrad estava se mantendo ali, quieto e parado como uma estátua.

Depois de algum tempo, ele disse:

— Você não vai abandonar o seu trabalho. — Era em parte uma pergunta, em parte uma ordem.

Ela acabou com o resto de café e suspirou.

— Não, não vou.

Conrad mostrou um sorriso para ela, lentamente.

É assim que um lagarto sorriria, ela pensou.

— Bom. Agora, tem algum serviço que possa realizar para você?

Às vezes ela achava o jeito formal dele charmoso. Outras vezes, como agora, achava-o frio e distante.

— Não faria falta algumas... — Ela abaixou a cabeça, sem conseguir olhá-lo nos olhos. — Provisões frescas.

O sorriso de lagarto dele voltou.

— Será um prazer.

QUATRO



Depois que Conrad foi embora, Catherine conseguiu relaxar um pouco. Embora se sentisse grata tanto pela tutela quanto pela assistência que ele lhe havia provido ao longo dos últimos meses, ela estava sempre no limite quando ele estava por perto. Havia algo indefinivelmente errado nele que fazia alarmes dispararem na parte de trás da sua mente. Para além da aparência e polidez que ele tinha — e fora o que Catherine suspeitava que fizesse para conseguir arranjar mais “provisões” para seu trabalho —, Conrad sugava a energia ao redor dele, como se fosse uma espécie de buraco negro vivo. Luz, calor, até mesmo a própria vitalidade dela pareciam ser drenados por ele, e ela se sentia cansada depois de passar qualquer tempo que fosse na presença dele. Sua partida sempre trazia um alívio. Nunca conseguia ficar totalmente relaxada quando Conrad estava na casa e, agora que havia ido embora, sabia que poderia tentar deitar e dormir um pouco. Não conseguia se lembrar de quando fora a última vez em que havia conseguido descansar de verdade, menos ainda de quando havia conseguido dormir por oito horas completas.

Como médica, entendia bem os efeitos da privação de sono, tanto físicos quanto mentais. Logicamente, sabia que não poderia trabalhar da melhor forma se não tomasse conta de si mesma. *Você tem que tomar conta da máquina*, era o que sempre dizia a seus pacientes. Costumava dizer. Da forma como havia negligenciado sua profissão ao longo dos últimos meses, ela estava totalmente acabada. Mas esse era um preço pequeno a se pagar considerando sua meta final. Daria tudo, *faria* tudo para conquistá-la.

A pergunta de Conrad — que ela havia ao mesmo tempo interrompido e completado — voltou à sua mente.

Será que a conquista de um objetivo desses não vale a vida de quatro pessoas?

Ela não queria pensar dessa forma. Pelo amor de Deus, ela supostamente era uma médica! Mas apesar de seus protestos a Conrad, não podia negar que lá no fundo ela *realmente pensava* dessa forma. Não tinha orgulho disso, mas era verdade. Entretanto, apesar de saber como era importante tirar um descanso, emocionalmente achava quase impossível se afastar do trabalho. Grosso modo, a única vez que havia diminuído o ritmo foi para fazer uma nova leva de café, e justificou aquilo perante si mesma apenas porque precisava de cafeína para se manter alerta. Não podia se dar ao luxo de diminuir o ritmo. Tinha que continuar se esforçando. Eles estavam dependendo dela.

Ela não era uma psicóloga, mas havia feito aulas práticas de psicologia na faculdade de medicina e sabia que embora fosse vital que continuasse se esforçando se quisesse ter esperanças de obter sucesso, havia outro motivo, mais profundo, para se recusar a diminuir o ritmo. Se mantivesse a mente ocupada, não teria tempo para pensar em nada além do trabalho. Era nos momentos em que se permitia descansar que lembrava — ou pior, sonhava.

Terminou o café, deixou a mesa e reencheu a xícara. Voltou à mesa, mas ao invés de se sentar de novo, colocou a xícara sobre ela e então atravessou a cozinha, passando por um corredor curto à esquerda e entrando no quarto da família. As luzes estavam apagadas, como sempre estavam nos últimos dias. Não entrava mais ali, logo não havia motivos para desperdiçar eletricidade. Estendeu o braço em

busca do interruptor na parede, mas não conseguiu encontrá-lo. Não poderia ter esquecido onde ficava... poderia? Aquele era o *lar* dela. Deveria conseguir se lembrar de algo tão básico quanto à localização do interruptor da iluminação. Tateou no escuro por vários momentos antes dos dedos finalmente o encontrarem, então o pressionou com um gesto brusco de irritação, embora por dentro estivesse se sentindo mais do que um pouco aliviada.

A luz produzida pelas luminárias móveis sobre o sofá ofuscou seus olhos por um segundo, e levantou a mão para protegê-los. Quando a visão se ajustou, abaixou a mão e viu que o quarto parecia o mesmo de sempre, com exceção da leve cobertura de poeira sobre a mesinha de café de madeira de cerejeira e o sofá de couro preto. Era quase como se o quarto estivesse coberto por uma fina camada de neve. Não, decidiu, era mais como se estivesse olhando uma fotografia desgastada. Uma grande TV de tela plana estava pendurada na parede acima da lareira. Esta estava vazia e fria, mas costumava haver chamas ali quase toda noite, até no verão. Na cornija entre a lareira e a televisão havia uma série de fotos emolduradas. Enquanto estava ali, Catherine estava experimentando a estranha sensação de estar como que invadindo o próprio lar.

Atravessou o carpete cor de creme e parou em frente à cornija. A primeira foto que pegou foi uma dela e Marshall no dia do casamento deles. Os dois estavam rindo de algo que o fotógrafo havia dito — não conseguia lembrar o quê. Era a foto preferida dos dois. A alegria que exalavam naquele momento congelado capturou perfeitamente a essência do relacionamento deles. Amor era apenas uma parte daquilo, embora, é claro, fosse a maior de todas. Também gostavam genuinamente da companhia um do outro. Alguns casais costumam dizer que também são melhores amigos, mas, no caso deles, aquilo era verdade. Marshall estava tão bonito na foto, e tão novo. Estavam com vinte e poucos anos quando se casaram mas, mesmo assim, o homem que ele iria se tornar era visível. Mais magro, um pouco mais de cabelo, mas a inteligência alegre dele estava presente nos olhos castanhos e iria apenas se aguçar com a passagem dos anos. E o sorriso dele... Deus, como ela sentia falta daquilo.

Colocou a fotografia de volta na cornija e pegou outra, agora de uma bela adolescente com cabelo castanho, vestindo uma camiseta silkada e short, sentada no chão em meio a flores. A própria Catherine havia tirado aquela foto de Bekah na primavera, lá fora, no jardim. Ela e Bekah havia passado tantas horas maravilhosas planejando, plantando e cuidando do jardim. Fazia tanto tempo desde a última vez em que fora aos fundos da casa que não queria pensar no estado em que ele estava. Imaginava que não passasse de um emaranhado de grama e ervas crescidas.

Lembrava-se exatamente do momento em que havia tirado aquela foto de Bekah. Oito dias antes do aniversário dela de quinze anos. Nove dias antes de ela tirar a carteira de motorista de iniciante. Vinte e três dias antes do pai levá-la para a primeira aula noturna de direção. Isso havia acontecido há quatro meses. Tinha sido a última vez em que Catherine os havia visto vivos.

Não se lembrava de muita coisa do resto da noite após vê-los. Acreditava que a polícia havia lhe telefonado em algum momento, e deve ter ligado para alguém depois disso, porque tinha uma vaga lembrança de estar choramingando nos braços de alguém. Pensava que talvez houvesse sido Ronetta, a administradora do consultório dela, mas não tinha certeza.

Os detalhes acerca do que havia ocorrido com o marido e a filha, porém, destes ela se lembrava, ou pelo menos conseguia imaginar, perfeitamente.

Aproximadamente às 8:40, Marshall e Bekah — na BMW de Marshall, Bekah sentada ao volante, animada e nervosa — se aproximaram de uma ferrovia que passava por fora da cidade. Chegaram lá bem na hora em que as luzes de aviso começaram a piscar e uma cancela de madeira abaixou. Bekah freou e juntos, ela e o pai, esperaram enquanto o trem passava. Durante os meses que se seguiram, Catherine havia imaginado sobre o que haviam conversado, se é que haviam conversado. Tinha certeza de que não estava tocando nenhuma música. Por mais que Bekah adorasse dirigir ao som de algumas canções, o pai nunca permitiria uma distração dessas enquanto estivesse nos primeiros estágios do aprendizado de

direção. Pensava que talvez eles houvessem abaixado os vidros das janelas para poderem escutar melhor o som do trem passando e sentir o vento que produzia. Imaginava os dois se olhando, sorrindo e partilhando um momento especial, só os dois, pai e filha.

O trem passou, a cancela do cruzamento subiu e Bekah soltou o freio, pressionando suavemente o acelerador e diminuindo a velocidade enquanto passava pelos trilhos, olhando para os dois lados enquanto a BMW balançava por cima deles. Quando chegaram em segurança ao outro lado, Bekah acelerou. Um instante depois uma picape com as luzes apagadas veio voando pela escuridão, em ziguezague, conduzida por Earl Fulmer, um encanador da região que havia acabado de deixar um jogo de pôquer na casa de um amigo, com mais álcool do que sangue nas veias. Earl colidiu com Bekah e Marshall de frente numa velocidade que a polícia estimou estar mais de cento e dez quilômetros por hora acima do limite. Não houve sobreviventes.

Como médica, Catherine sabia que o marido e a filha haviam morrido rapidamente e, apesar dos ferimentos horríveis que haviam padecido, não sofreram. Pelo menos, não por muito tempo. Mas embora soubesse disso no aspecto intelectual, emocionalmente imaginava que a experiência do acidente havia sido bastante diferente. Sabia que os sentidos humanos ficavam aguçados durante momentos de extremo estresse, dando margem à crença comum de que a vida das pessoas é repassada em frente a seus olhos nessas horas. Imaginava que o acidente tenha parecido acontecer em uma câmera lenta torturante enquanto as consciências de Marshall e Bekah funcionavam em uma velocidade normal. Se isso fosse verdade, cada ferimento que haviam sofrido teria parecido levar uma eternidade para ocorrerem. A agonia teria sido inconcebível. Sabia que era besteira imaginar aquela cena, que não contava com nenhuma base firme em fatos científicos, mas no fundo do coração acreditava que era verdade, então lhe pesava não só a perda das pessoas que amava, mas também o sofrimento inimaginável que haviam suportado antes de finalmente morrerem.

Olhou para a foto de Bekah uma última vez, acariciando o cabelo da filha com a ponta do dedo indicador, sentindo apenas vidro gelado. Colocou a foto na cornija de novo e saiu do quarto, desligando a luz enquanto o fazia. Passou pela cozinha, ignorando o café, abriu a porta do porão e desceu a escada.

Nos primeiros dias depois do acidente, Catherine havia desejado que estivesse no carro junto com Marshall e Bekah naquela noite. Desejou que houvesse morrido com eles. Mas isso foi antes da manhã em que Conrad Dippel a visitou no consultório, não como um paciente, mas como o que ele havia chamado de “colega em potencial”. Ele disse que havia lido a respeito de sua “perda lamentável” no *Informante*, e tinha o que acreditava poder ser a solução para sua “profunda dor emocional”. Ela quase o havia atirado para fora naquele mesmo momento, mas havia algo no tom da voz dele, uma confiança inabalável que a fazia querer escutar o que tinha a dizer, independentemente de quão louco pudesse soar. Conrad tinha mais do que apenas palavras para convencê-la, também. Havia trazido uma pasta repleta de resultados de centenas de experimentos. Os dados eram intrigantes, mas não eram nada perto das demonstrações que ele lhe deu no laboratório temporário que havia construído na fábrica de bicicletas abandonada.

Ela havia observado enquanto ele matava um rato com um corte na garganta, costurava o ferimento e então — depois de administrar uma combinação de produtos químicos no pequeno cadáver, junto a algumas palavras entoadas em cânticos e gestos com a mão dos quais tinha certeza se tratavam apenas de um espetáculo — feito o animal voltar à vida.

Naquele momento, Conrad Dippel havia passado de “colega em potencial” para um de pleno direito. Catherine havia deixado as luzes fluorescentes ligadas quando saíra do porão e não teve problemas para chegar ao laboratório. Grande parte do equipamento era de Conrad, transferido da fábrica de bicicletas, mas ela havia acrescentado itens ao longo dos últimos meses. Uma mesa de operações de aço inoxidável ocupava o centro do porão, uma série de equipamentos cirúrgicos estava colocada sobre uma mesa próxima. Outra mesa continha frascos, vasilhas e béqueres repletos de diversos produtos químicos,

junto a outros equipamentos necessários: pipetas, escalas, microscópios, lâminas de amostras, entre outros. Armazenados no chão embaixo da mesa havia vários recipientes de plástico com etiquetas da NuFlesh/Biotech. Catherine ignorou tudo e atravessou o aposento até chegar ao grande freezer horizontal do outro lado do laboratório. O zumbido poderoso da máquina ocupava todo o porão e ela sentia as vibrações que provocava nas solas dos pés enquanto chegava mais perto. Estendeu a mão na direção da superfície metálica, o frio beijando-lhe a pele antes dos dedos entrarem em contato com o metal.

— Eu não vou descansar enquanto não estivermos juntos de novo — disse, com uma voz suave e amável. — Eu prometo.

Permaneceu por mais um momento ali antes de se virar e voltar ao trabalho.

— Ei, Joe, o que é que você conta?

Joe Riley estava sentado no meio-fio em frente à loja de conveniências Fill ‘Er Up. Havia acabado de comer uma barra de cereais e agora estava cuidando de uma xícara de água marrom que o gerente da loja teve a audácia de chamar de café. Mas estava quente e isso era tudo com que se importava. Levantou a cabeça quando Billy Sutphin se aproximou e lhe mostrou um sorriso desanimado.

— Conto que tudo está uma merda. E você?

— A mesma coisa.

Billy se sentou no meio-fio junto a Joe, resmungando e com as juntas do joelho estalando.

— Ficando velho — Billy disse.

— Não é assim com todo mundo?

Joe não achava que Billy estivesse tão velho assim. Estava na faixa dos cinquenta, talvez. Era difícil dizer a idade das pessoas quando moravam na rua. Uma vida assim cobra um preço, e era possível que Billy estivesse na faixa dos trinta e apenas parecesse vinte anos mais velho. Não ajudava o fato de sua barba grossa e castanha estar pontilhada de grisalho. Joe estava sem teto há apenas quatro meses, mas mesmo nesse curto período, já havia mudado a ponto de não gostar de se olhar no espelho. O rosto estava mais magro, a feição mais pálida, olhos avermelhados, a pele embaixo deles inchada, parecendo estar com um hematoma. Fazia o melhor que podia para manter os dentes limpos, mas estavam mais amarelos e um dos molares de baixo do lado esquerdo estava doendo o tempo todo. Imaginava que provavelmente estivesse com uma cárie. Que pena que não tinha dinheiro para ir ao dentista.

Joe não conhecia Billy muito bem, mas Brennan não era uma cidade grande e sua população de moradores de rua tinha a tendência de se conhecer pelo menos bem o bastante para trocarem ois e disparar merdas um para o outro de tempo em tempo. Também tinham a tendência de ficar de olho um no outro, de certificarem-se de que os amigos estivessem bem, mantendo-se saudáveis, tanto física quanto mentalmente. Chamavam isso de “dar uma checada”, e Joe percebeu que era isso que Billy estava fazendo agora. Também havia uma espécie de rede de contatos que atravessava os sem-teto de Brennan. As dicas eram passadas adiante — qual igreja estava doando roupas de segunda mão, que prédios estavam vagos e em bom estado para algumas noites de sono abrigadas do tempo antes dos policiais tocarem todos para fora. Informações vitais caso se quisesse sobreviver na rua.

— Tentei a sorte na saída pra estrada hoje — Billy disse. — Fiquei lá parado a tarde toda segurando uma placa de “trabalho por comida”. — Estremeceu.

Pessoas sem-teto sabiam que deviam usar camadas quando estava frio, e Billy estava usando uma camisa e um casaco de capuz por baixo de uma jaqueta aberta. Mas mesmo com sua experiência limitada, Joe sabia que não importava quantas roupas vestisse, era impossível manter o frio longe em sua

totalidade. Deus, ele estava usando várias camadas de roupa também, só que estava usando o velho casaco de exército do pai ao invés da jaqueta, e estava sentindo o friozinho noturno. Foi por isso que havia comprado o café para começo de história. Ofereceu um gole a Billy para aquecer, mas ele recusou balançando a cabeça. Era fácil demais passar germes assim, e pessoas sem-teto evitavam ficar doentes a todo custo. Joe se sentiu estúpido por esquecer disso.

— Como é que foi? — perguntou.

Billy encolheu os ombros.

— Tão bem como você pode imaginar. Eu preciso raspar a merda dessa barba. Me deixa muito assustador, entende? As pessoas não querem parar e abrir a janela pra conversar com um cara que parece tipo um assassino da floresta vindo de um filme de terror. Você é esperto de manter a barba aparada. Homens parecem menos intimidadores assim.

Talvez fosse o caso, mas o primeiro inverno de Joe como mendigo estava se aproximando e chegou à conclusão de que era melhor começar a deixar uma barba se quisesse se manter aquecido. Terminou o resto de café, colocou a xícara no chão, depois acendeu um cigarro. Ofereceu um a Billy e dessa vez ele aceitou. Ficaram sentados em silêncio por alguns momentos, fumando e observando os carros passarem na rua, com alguns motoristas estacionando na Fill ‘Er Up para colocar gasolina ou pegar alguns produtos na loja. Joe notou que as mãos de Billy estavam tremendo enquanto fumava, e havia alguma coisa na forma como o faziam que não parecia ser ocasionada pelo frio, ou, pelo menos, não apenas pelo frio. Até onde Joe sabia, o cara não era de usar álcool ou drogas, então não estava em crise de abstinência. Joe torceu para que não estivesse pegando alguma coisa.

— Como é que foi o seu dia? — Billy perguntou depois de um momento.

— Não muito produtivo.

— Onde foi que você tentou? Sabe o que dizem por aí, a localização é a alma do negócio.

Joe pensou em mentir, mas não viu razão para isso. Orgulho — orgulho bobo, pelo menos — era inútil na rua.

— Eu não tentei. Só andei pela cidade durante a maior parte do dia, indo de um lugar pro outro. Pensando.

Billy deu uma última longa tragada no cigarro, jogou-o no chão e o esmagou com a sola do tênis de corrida. Voltou-se para Joe.

— Eu sei que é difícil, cara. Estou na rua há quase quatro anos agora, e ainda não é fácil pra mim pedir dinheiro pras pessoas. Mas às vezes a gente tem que fazer coisas que não gosta pra sobreviver, entende? Você não pode deixar o orgulho entrar no meio do caminho. É tipo uma coisa budista. Você tem que morrer pra si mesmo pra alcançar a iluminação.

Joe não fazia a menor ideia do que o homem estava falando, mas entendeu o sentimento básico.

— Às vezes parece que o orgulho é a única coisa que me resta. — Joe terminou o cigarro e o esmagou.

Ele tinha um bom emprego trabalhando para o condado, conduzia um removedor de gelo no inverno e lidava com as estradas no verão. Gostava de ficar ao ar livre — não era do tipo de pessoa que ficava atrás de uma mesa — e gostava da sensação de que o trabalho que fazia ajudava a tornar a vida das outras pessoas um pouco mais fácil. Então a crise econômica forçou o condado a fazer alguns cortes no orçamento e Joe foi despedido. Uma semana depois, sua esposa deu entrada no divórcio, pegou a garotinha deles e se mudou para a casa da mãe em Ash Creek. Ele não havia conseguido pagar um advogado, então Sheila acabou com a guarda total da filha e ele acabou pagando pensão tanto para a filha quanto para a ex-mulher. Havia procurado outros empregos — procurava todo maldito dia —, mas ninguém estava contratando. Algum tempo depois, o auxílio-desemprego acabou, o banco executou a hipoteca da sua casa, perdeu o carro e, quando percebeu, havia se tornado um morador de rua. Disse para si mesmo que era apenas temporário, só até conseguir se colocar de pé de novo, como diz o ditado. Isso

havia sido há quatro meses e ele ainda estava ali, vítima não de bebidas, drogas ou doenças mentais — só do velho e simples azar. Havia se ajustado à situação da melhor forma que podia, mas a única coisa que não havia conseguido aceitar fora pedir dinheiro para estranhos. Uma coisa era ser um sem-teto, outra era ser um pedinte. Não que fosse usar essa palavra na frente de Billy alguma vez. Já estava na rua há tempo demais para fazer julgamentos acerca do que os outros faziam para sobreviver. Não fazia ideia de qual era a história do homem e de como havia terminado vivendo daquele jeito. Essa espécie de informações pessoais era mantida para si mesmo na rua, compartilhada apenas com os mais próximos confidentes. Mas qualquer que fosse a história de Billy, Joe sabia que ele tinha uma. Todos tinham.

— Vou contar uma coisa pra você — Billy disse —, consegui arranjar alguns dólares hoje. O que é que você acha da gente ir pro Foxhole comer uns pedaços de torta? É por minha conta.

— Agradeço o que está tentando fazer, mas não preciso que me botem pra cima. Além disso, se eu tenho problemas pra aceitar a caridade de estranhos, o que faz você pensar que não vou ter pra aceitar de você?

Billy sorriu.

— Você tem que começar por algum lugar, não é? Vamos lá! — Pegou no braço de Joe e se levantou. Joe permitiu que ele o colocasse de pé.

— Bem... *realmente* faz um tempo desde a última vez que comi um bom pedaço de torta.

Billy lhe deu um tapinha nas costas.

— É assim que se fala!

Os dois começaram a caminhar na direção do restaurante, passando por vielas para cortar caminho. Vuelas não só serviam para poupar tempo como também era possível encontrar coisas boas nelas. Objetos descartados ou perdidos que pudessem vender por alguns trocados, até roupas desprezadas às vezes. É claro, vielas podiam ser escuras e intimidadoras e não cheiravam muito bem, mas eram úteis, e quando se é um morador de rua, isso é tudo que importa.

Estavam a apenas um quarteirão de distância do Foxhole, atravessando uma viela entre a lavanderia que funcionava com moedas e um lugar que vendia pizza, quando Joe teve a sensação de estarem sendo seguidos. Antes de virar sem-teto, talvez ignorasse aquela sensação, pensando se tratar apenas de sua imaginação. Quem é que passa por uma viela sem ficar alerta? Mas durante o tempo relativamente curto em que passou na rua, os instintos de sobrevivência de Joe haviam se aguçado, e não era bobo de ignorar qualquer sensação, por mais trivial que parecesse. Pegou no braço de Billy para fazê-lo parar e depois olhou por cima do ombro. Honestamente, não esperava ver nada, então foi uma surpresa quando viu o contorno de um homem parado atrás deles. Foi ainda mais surpreendente ver que havia uma faca grande e de aspecto cruel na mão dele. *A lâmina é preta?* Com certeza parecia que sim para Joe.

— Boa noite, cavalheiros — o homem disse. — Perdão, mas vocês dois têm algo de que preciso, e infelizmente terei que tomá-lo de vocês. Garanto que não é nada pessoal, e se servir de consolo, saiba que o sacrifício de vocês não só irá ajudar a levar a causa da ciência adiante, como também irá ajudar a realizar a mudança mais gloriosa que esse mundo já viu.

Joe se virou para Billy.

— Você tem alguma ideia de que merda que ele está...

Só conseguiu chegar até aí antes do homem com a faca saltar sobre eles.

A execução dos homens foi realizada com facilidade. Um par de cortes rápidos e profundos na garganta, e tudo que Conrad teve que fazer foi recuar enquanto os dois caíam no chão e esperar que sangrassem até

a morte. Não tinha aversão a cortar corpos ainda com vida, mas preferia não se sujar mais de sangue que o necessário. Não demorou muito para que o fluxo de sangue diminuísse, e então Conrad foi ao trabalho. Selecionou o homem sem barba antes, julgando que fosse mais jovem que o companheiro barbado e que provavelmente estava em melhor estado. Ergueu a faca de obsidiana acima da cabeça e as runas entalhadas na lâmina brilharam com uma luz azul e prateada.

— Em seu nome, minha senhora.

Então se agachou junto ao corpo e foi ao trabalho.

CINCO



Havia sangue em todos os lugares — nas paredes, no chão, na mobília, até mesmo no teto. Parecia que alguém havia carregado baldes grandes de algo vermelho e jogado por toda a sala de estar, tomando cuidado para garantir que nenhuma superfície ficasse intocada. Havia tanto sangue que, a princípio, Sam não viu nenhuma cor além de carmesim. Então, um segundo depois, seus olhos registraram dois contornos no chão em frente ao sofá, um estirado sobre o piso e outro esparramado sobre o primeiro. Ambos estavam cobertos por tanto sangue que não os reconheceu à primeira vista. O que estava estirado era maior, mais alto e robusto que o outro. Sam pensou que devia ser um homem, mas dado às condições do rosto da pessoa — ou melhor, do pouco que havia restado dele —, não conseguia dizer com certeza. A camisa de flanela e a calça jeans não ajudavam em muita coisa, mas as botas grandes entregavam. Eram de Earl, o que fazia sentido, levando em conta que a cabana também era dele. A mão esquerda dele estava agarrando um pequeno objeto preto que Sam reconheceu imediatamente como sendo uma estatueta de Anúbis, o deus dos mortos egípcio.

O corpo esparramado sobre o peito de Earl era mais magro, menor, e estava vestindo uma camiseta ensopada de sangue e um short cortado. O cabelo longo estava tão sujo de sangue que era impossível determinar sua cor verdadeira apenas olhando, mas Sam sabia que era castanho claro. Também sabia que aquele cabelo normalmente tinha cheiro de xampu de morango e kiwi. Não queria pensar no cheiro que tinha naquele momento.

Trish.

Não havia dito o nome dela em voz alta — pelo menos, pensava que não —, mas o olhar dela saltou na direção dele. Os olhos azuis estavam tão vazios e frios quanto o fundo do mar ártico, e não havia nada remotamente humano neles. Havia algo molhado e esfarrapado agarrado aos dentes sujos de sangue, e o estômago de Sam deu uma volta quando percebeu que aquilo era parte da língua do pai da garota. Ela jogou a cabeça para trás e engoliu o pedaço nojento de uma só vez, então olhou para os olhos dele de novo. Os lábios de Trish se afastaram dos dentes em um gesto que parecia mais uma expressão de repulsa do que um sorriso. Ela se levantou e se afastou do corpo do pai. Andou na direção de Sam com a graça feroz de um gato selvagem e emitindo um lamento grave com o fundo da garganta. Era o som da necessidade, do desejo, da *fome*.

Isso não está certo, Sam pensou. Isso não aconteceu desse jeito!

Foi o último pensamento que teve antes de Trish afundar os dentes em seu pescoço.

— Sam? *Sam!*

Ele levantou o corpo para ficar sentado e abriu os olhos, surpreso pela dificuldade que sentiu para

fazê-lo. As mãos de Dean estavam nos ombros dele, e Sam percebeu que o irmão o estava sacudindo.

Tirou as mãos de Dean dele e então bocejou.

— O que foi?

Até um momento antes, Dean estava sentado na borda da cama, mas agora estava em pé.

— Você estava gemendo e se debatendo enquanto dormia, muito. Você devia estar tendo um dos sonhos mais sérios de todos, e não do tipo bom, se é que consegue me entender.

Sam esfregou os olhos. Não se lembrava de ter ido dormir.

— Que horas são? — Olhou de soslaio para o criado-mudo e checkou o visor do relógio digital: 9:13.

— Uau, eu devo ter apagado. Eu cochilei durante... o quê, mais ou menos três horas?

Dean caminhou até a janela e abriu as cortinas. A luz inundou o quarto e atacou os olhos de Sam. A cabeça dele estava latejando como se estivesse de ressaca, e levantou a mão para bloquear a claridade enquanto desviava o olhar.

— Você dormiu um pouco mais que isso, Rip Van Winkle. São nove da manhã.

Havia dormido por quinze horas. Na maior parte das vezes, ele e Dean tinham sorte de conseguirem dormir quatro horas por noite, mas de vez em quando a ausência de descanso os tomava e dormiam durante a maior parte de um dia.

— Acho que tinha que compensar o meu cansaço. Desculpa.

Endireitou a postura, ficando sentado de vez e passando os pés pela lateral da cama. Estremeceu quando o pé direito encostou no carpete e então se lembrou do ferimento. Essa lembrança trouxe as outras consigo — Brennan, os cadáveres mumificados, o Franken-vira-lata — e então acordou de vez subitamente.

Olhou ao redor do quarto, tentando parecer casual enquanto o checava para garantir que tudo estivesse como deveria estar. Tinha dificuldades para saber o que era real e o que não era nos últimos dias, especialmente quando havia acabado de acordar ou estava cansado ou estressado. Mas não viu nenhuma alucinação — nenhuma que fosse óbvia, pelo menos —, e quando após alguns momentos o quarto, a mobília e Dean permaneceram os mesmos, permitiu-se relaxar.

— Tem café? — perguntou.

Dean foi até a mesa onde havia duas xícaras de café de um fast-food. Levou uma até Sam, depois voltou e se sentou. Os irmãos tomaram os líquidos energizantes em silêncio por alguns momentos antes de Dean perguntar:

— Então, seu sonho era sobre o quê? E se *tiver sido* um sonho dos bons, certifique-se de não deixar pra trás nenhum detalhe sórdido.

A princípio, Sam não conseguiu se lembrar do sonho que estava tendo, mas então os detalhes começaram a aparecer de uma vez só, e desejou que não houvesse lembrado.

— Trish.

Dean levantou a sobrancelha, surpreso.

— Trish Hansen?

Sam fez que sim com a cabeça e tomou outro gole de café. Sentia o líquido ácido e cortante enquanto descia pela garganta, e, respondendo, seu estômago se irritou.

— Isso já faz um tempo — Dean disse, suavemente. — A gente era adolescente.

— Quase criança.

Ficaram em silêncio por alguns momentos depois disso, ambos continuando a beber o café.

Depois de um tempo, Dean perguntou:

— Por que é que você acha que sonhou com ela? — Não olhou para Sam enquanto falava, mas havia uma clara tensão em sua voz.

— Não sei. Acho que tenho só pensado sobre a morte ultimamente.

Dean se virou para ele, com uma expressão no rosto que beirava a raiva.

— Ultimamente? Caso você não tenha notado, Morte poderia muito bem fazer parte dos nossos nomes. Se a gente não está atrás de algum monstro, está vendo alguém que a gente ama bater as botas.

Alguém como o Bobby, Sam pensou, apesar de não dizê-lo em voz alta.

— É mais ou menos isso que quero dizer. A morte faz tanta parte da nossa vida que às vezes não damos a atenção que ela merece... — Acelerou, antes que Dean pudesse protestar. — Até que alguma coisa nos lembra disso. De muitas formas, o que aconteceu com a Trish me fez perceber pela primeira vez como nós todos estamos realmente perto da morte. Não só os caçadores, mas todos. Ela está sempre por aí, a uma batida do coração de distância, esperando a hora certa, entende?

Dean fez que sim com a cabeça solenemente.

— Entendo. Entendo, sim.

É claro que você entende, Sam pensou. Por um pequeno período de tempo, Dean havia de fato servido como receptáculo da Morte, com M maiúsculo.

Sam continuou:

— Além disso, a gente estava conversando sobre *Frankenstein* ontem, então acho que é outro provável motivo pra estar pensando sobre a morte, pelo menos subconscientemente, enquanto eu apagava.

— É, provavelmente. — O tom da voz de Dean estava distante, distraído, e Sam sabia que ele estava se lembrando de Trish. Lembrando-se de como havia morrido... e lembrando-se da coisa horrível em que havia se transformado após a morte.

Sam queria tirar Trish Hansen da mente de Dean — e da própria —, então colocou a xícara quase vazia sobre o criado-mudo e se levantou, tentando não fazer uma careta quando colocava o peso sobre o tornozelo ferido. Estava doendo, mas não tanto quanto ontem.

— Então, alguma novidade a respeito do Franken-vira-lata enquanto eu estava fora do ar? — perguntou.

— Vai com calma, peregrino — disse Dean.

— Peregrino?

— Vi um filme de caubói na TV ontem à noite enquanto você estava no mundo dos sonhos — Dean explicou, soando um pouco como se estivesse pedindo desculpas. — De qualquer forma, antes da gente voltar ao trabalho, quero dar uma olhada nesse tornozelo seu.

— Pra quê?

— A gente não sabe exatamente o que é o Franken-vira-lata, e depois do jeito com que você desmaiou na noite de ontem, quero ter certeza de que você não pegou nada ruim quando ele mordeu sua perna.

— Eu não desmaiei — Sam murmurou. — Eu dormi.

Dean havia acalmado um pouco no que diz respeito ao papel de irmão mais velho superprotetor ao longo dos últimos anos, mas ainda dava nos nervos de Sam sempre que voltava a fazer isso. Mesmo assim, Sam não podia ir contra o raciocínio do irmão e, além disso, sabia que Dean não iria deixar aquilo para trás até ficar satisfeito.

— Tanto faz. Vamos dar uma olhada nesse tornozelo e garantir que você não pegou Franken-raiva.

— Está bem.

Sam colocou o pé sobre a cama e cruzou a perna direita sobre a esquerda. Havia dormido sem tirar a roupa, e devido a um velho e duradouro acordo entre os irmãos, Dean o havia deixado assim. Porém, havia tirado os sapatos antes de fazer o curativo no tornozelo na noite anterior, então tudo que precisou fazer foi levantar a barra da calça um pouco e começar a desfazer o curativo. Dean se levantou e caminhou até a cama para olhar a ferida mais de perto.

— Você está que nem uma ave de rapina — Sam disse.

— Você vai ter que aturar isso — Dean respondeu.

Sam terminou de tirar o curativo e ficou feliz de ver que o ferimento parecia muito melhor comparado

como estava no dia anterior. Não estava mais sangrando e já começava a formar cascas. O tecido em volta da ferida não estava inchado nem vermelho, mas o apalpou com a ponta dos dedos por garantia. A carne estava macia, mas não quente: nada de infecção.

— Tenho que admitir, está parecendo muito boa — Dean disse.

— Então acabou a preocupação quanto à Franken-raiva? — Sam perguntou.

— Vamos ver.

Sam começou a refazer o curativo em volta da ferida, mas então decidiu deixá-la respirar um pouco.

— Como eu estava dizendo, alguma novidade?

— Não de verdade. Nenhuma morte como as outras foi noticiada, então parece que o Franken-vira-lata não drenou a bateria de ninguém ontem à noite. Fiz mais umas pesquisas sobre cachorros pretos na internet, mas não encontrei nada que a gente já não soubesse. Também olhei a história de Brennan, mas até onde pude ver, até recentemente nada perto de sobrenatural tinha acontecido aqui. No que diz respeito ao mundo virtual das esquisitices, aqui talvez seja a cidade menos interessante da merda do país inteiro. Por deus, estou pensando em me aposentar aqui um dia.

Sam sorriu.

— Assumindo que a gente se livre do Franken-vira-lata antes.

— E o Duas-Cabeças.

Sam franziu o rosto.

— Como é que é?

Dean sorriu, depois voltou à mesa e ligou o laptop. Sam foi mancando até ele, e já que havia apenas uma cadeira, Dean o fez sentar-se nela. Dean estava olhando por cima do ombro dele quando a tela ligou e mostrou a página do *Informante*. A manchete dizia Desemprego Local Alcança Maior Alta de Todos os Tempos.

— Desce — Dean pediu.

Sam fez isso e, rumo ao fim da página, encontrou uma manchete menor: Homem Relata Encontro com Monstro de Duas Cabeças. A manchete era apenas um link, então Sam clicou nele e, um instante depois, um artigo inteiro apareceu na tela.

HOMEM RELATA ENCONTRO COM MONSTRO DE DUAS CABEÇAS

Tarde da noite de ontem, o residente de Brennan Lyle Swanson ligou para o 911 para relatar que algo a que se referia como “monstro” estava vasculhando latas de lixo atrás de sua casa. Quando a polícia de Brennan chegou à residência de Swanson, descobriu que várias latas de lixo haviam sido reviradas e seus conteúdos espalhados, mas não encontraram nenhuma evidência a respeito de quem ou o quê teria sido o responsável pelo feito. Quando a polícia conversou com o sr. Swanson, ele descreveu ter escutado barulhos do lado de fora, e que quando olhou pela janela dos fundos para investigar, viu uma criatura que parecia “um homem grande e pelado com duas cabeças e quatro braços” mexendo em seu lixo e “comendo todas as coisas boas”. A polícia colheu a declaração do sr. Swanson e sugeriu que comprasse latas de lixo com mecanismos de trava para prevenir uma reincidência do incidente.

Dean riu.

— Cara, eu não sei o que Lyle estava bebendo ontem à noite, mas vou querer uma dose dupla disso.

Sam olhou para o irmão por cima do ombro.

— Você não acha que o que ele viu era real?

Dean franziu o rosto.

— Calma aí, Sammy. Eu só queria que você visse isso pra dar umas risadas. Não achei que você fosse levar isso a sério. — Seus olhos ficaram semicerrados como se estivesse subitamente suspeitando de algo, e Sam sabia que ele estava preocupado de a loucura do irmão mais novo estar começando a se mostrar mais uma vez.

— Pensa sobre isso — Sam disse. — O Franken-vira-lata parecia ser uma combinação de diversas partes de cachorro, não parecia? Então talvez esse Duas-Cabeças seja a mesma coisa, só que é a combinação de duas *peessoas* diferentes.

Dean observou a tela do computador por um momento e depois voltou a atenção para Sam de novo. Suspirou.

— Vai tomar um banho. Eu vou rastrear o endereço de Lyle.

Sam fez que sim com a cabeça, levantou-se da cadeira e começou a andar na direção do banheiro, quase se arrastando enquanto o fazia. Perguntou-se quando o café que havia tomado finalmente começaria a fazer efeito. Apesar de todo o tempo que havia passado dormindo, ainda estava se sentindo tão cansado...

Dean estava escutando o barulho do chuveiro enquanto procurava o endereço de Lyle. Às vezes, viver tão próximo de Sam dava nos nervos, e sabia que Sam se sentia do mesmo jeito em relação a ele. Que irmãos conseguiam passar quase todos os momentos juntos e não se irritarem mutuamente? Era o comportamento humano normal, sem levar para o lado ruim. Mas nunca havia dito a Sam que vez ou outra achava os barulhos de alguém próximo — como, por exemplo, um chuveiro ligado — reconfortantes, até mesmo tranquilizadores. Passos sobre o piso, o barulho de cadeira sendo arrastada para longe da mesa, o som de alguém digitando no computador, o ranger das camas, a respiração suave de alguém dormindo. Como Sam havia dito, eles passavam muito do seu tempo lidando com a morte. Estar cercado de barulhos simples do dia-a-dia, barulhos *humanos*, ajudava Dean a lembrar que também havia vida no mundo e que não estava sozinho, não enquanto ainda tivesse família.

Dean notou que seus pensamentos estavam fugindo em direção a Trish Hansen. Não havia pensado nela há anos, mas agora que Sam havia comentado a respeito, Dean estava tendo dificuldades para pensar em qualquer outra coisa. Um ano durante o começo da adolescência deles, o seu pai havia conseguido uma pista a respeito da possível localização de Olhos-Amarelos, o demônio que havia matado a mãe deles. Supostamente, o demônio havia sido visto por um caçador no Alasca, e John Winchester estava completamente determinado a cair em cima do maldito e fazê-lo pagar pelo que havia feito. Mas o desejo de vingança não abalava a sua tomada de decisões, não enquanto seus filhos estivessem na história. John não iria levar Sam e Dean com ele a uma caçada potencialmente perigosa, então fez arranjos para que ficassem com um amigo no estado de Washington. Walter Hansen não era um caçador, mas um mestre falsário que fornecia documentos e identidades falsos para o uso dos caçadores. Também era responsável por uma espécie de posto de trocas não oficial, já que alguns de seus clientes lhe pagavam com mercadorias. Armas eram a moeda de troca alternativa mais comum, mas às vezes pagavam com outros itens mais... esotéricos que adquiriam durante o trabalho. Dean não se importava muito com nada disso, entretanto. Com a idade que tinha, a coisa mais importante a respeito de Walter Hansen era que tinha uma filha adolescente chamada Trish.

Lembrou-se da primeira vez em que a tinha visto. O pai não havia lhes contado que seu amigo tinha uma filha, então quando Walter os convidou para dentro da cabana no começo de uma noite de primavera, tanto Dean quanto Sam haviam ficado surpresos de ver uma garota sentada com as pernas cruzadas em frente à lareira. Parecia ter a idade dele, talvez fosse um ano mais velha. A compleição dela era clara, com traços delicados, e o cabelo castanho que descia pelos ombros parecia quase da cor de bronze perante a lareira. Seu suéter cinza estava grande e folgado nela, mas a calça jeans desgastada estava apertando as pernas esguias, dando a Dean uma ideia tentadora de como poderia ser o resto do corpo da

garota. Não estava usando sapatos, e mantinha os pés descalços nas mãos, como se o fogo não fosse o bastante para aquecê-los. Mais tarde, ele iria notar a inteligência divertida que dançava nos olhos dela, sentiria um arrepio estranho no peito toda vez que ela soltasse uma de suas risadas altas demais. Mas o que mais lhe chamou a atenção no momento foi a forma como ela virou a cabeça para olhá-los e sorriu, um sorriso largo e claro, como se estivesse recebendo velhos amigos em vez de saudando um trio de estranhos. Podia muito bem ter sido o melhor sorriso que já viu em uma mulher.

— Estamos prontos pra ir?

Assustado, Dean tirou o olhar da tela do laptop e viu Sam em pé junto à mesa, com o cabelo desgrenhado e molhado e a toalha do motel enrolada em volta da cintura.

— Cara, eu achei que a gente tinha uma regra de não sair pelado na frente do outro.

— Eu não estou pelado.

— Está perto o bastante disso. Vai se vestir, Garoto da Toalha. Estou com o endereço do Lyle. Encontrei em um catálogo de telefones online. — Dean fechou o laptop.

— Que bom. Quando eu estava no chuveiro...

Dean levantou as mãos.

— Por favor! Tem umas coisas que eu *não* preciso saber. O que acontece no chuveiro, fica no chuveiro.

Sam suspirou.

— Eu ia dizer que tive uma ideia de como podemos aprontar uma armadilha pro Franken-vira-lata.

— Ah. Tudo bem, isso eu preciso saber. Você pode me contar tudo durante o caminho até a casa do Lyle.

Enquanto Sam terminava de se arrumar, Dean ficou sentado na cadeira e fez o melhor possível para não pensar sobre Trish Hansen.

— A gente já viu muita loucura ao longo dos anos, mas o Lyle tem uma boa chance de ganhar um lugar especial no Hall de Esquisitices dos Winchester.

Os irmãos estavam no merdamóvel, voltando aos apartamentos Arbor Vale depois de entrevistar Lyle Swanson. Sam estava tomando um café com leite com duas doses de expresso que havia pegado numa cafeteria pelo caminho. Normalmente, tomava o cuidado de limitar sua ingestão de cafeína, mas o pouco efeito produzido pela xícara da manhã já havia acabado e agora estava sentindo vontade de tirar um cochilo. Esperava que não estivesse começando a ficar doente. Matar monstros já era difícil o bastante sem tossir, espirrar e ficar com o nariz escorrendo enquanto isso.

— Não ajudou o fato dele ter cheiro de destilaria, e não era nem meio-dia ainda — Dean acrescentou.

Sam olhou para o irmão. Queria dizer alguma coisa sobre sujos falando de mal lavados, mas não tinha energia para entrar numa discussão naquele momento. Tomou outro gole de café antes de falar.

— Ele não me pareceu tão ruim.

Os Winchester haviam abandonado o disfarce normal de agentes do FBI durante a visita a Lyle. Não achavam que ele acreditaria que dois agentes federais apareceriam para verificar um relato acerca de um homem pelado de duas cabeças e quatro braços comendo lixo. Mesmo com toda a experiência que tinham em criar histórias para justificar sua presença em cenas de crimes, imaginaram que teriam dificuldades daquela vez. Ao invés disso, disseram-lhe que eram repórteres da revista *Ohio* com a tarefa de fazer uma reportagem sobre os principais pontos de atividade paranormal do estado. Por sorte, Lyle não pediu para

ver suas credenciais inexistentes.

Ele não havia lhes fornecido muito além do que já tinham sido informados através do artigo no *Informante*, e quando lhes mostrou o lugar onde o monstro de vários membros havia vasculhado o lixo, não havia nenhum sinal discernível de que algo fora do comum havia sido o responsável por aquilo. Ainda havia resquícios de lixo espalhados pelo quintal dos fundos da casa de Lyle: pratos de papel sujos, garrafas de refrigerante vazias, fôrmas rígidas de refeições de microondas, sacos de biscoitos salgados amassados e embalagens de lanches de fast-food emboladas. Lyle era um homem de meia-idade que orgulhosamente lhes disse que era solteiro a vida toda e, pelo que Sam viu, o cara comia como um. Quando perguntaram por que não havia limpado a bagunça ainda, ele respondeu:

— Eu não vou encostar nessa merda! Você acham que eu quero pegar piolho de monstro?

Sam e Dean trocaram um olhar a respeito do comentário sobre piolhos. Explicava em grande parte por que Lyle era solteiro.

— Sam, o lixo dele foi revirado por algum tipo de animal. Um guaxinim ou um gambá, talvez até um coiote. Não por irmãos siameses esquisitos.

— Gêmeos conjugados — Sam corrigiu. — O termo correto é *gêmeos conjugados*.

— Tanto faz. O importante é que não tem nada sobrenatural acontecendo na casa do Lyle. Ele não precisa da gente; precisa de um bom analista.

— E o pote de manteiga de amendoim?

— O que é que tem?

— A tampa estava aberta.

— É, eu percebi. Você está dizendo que isso é prova de que alguma coisa com mãos, tipo quatro delas, atacou o bufê externo de Lyle? Ele pode ter jogado fora assim, com a tampa e o pote separados, e mesmo que ainda estivesse tampado, guaxinins têm mãos, não têm? Eles podem ter aberto o pote.

— Talvez — Sam respondeu.

O detector de campos eletromagnéticos não acusou nenhuma emissão de energia, e eles não haviam encontrado nenhuma pegada, nem humana, nem de animais. Haviam fingido fazer anotações e prometeram a Lyle que lhe enviariam uma cópia da revista quando o artigo fosse publicado. Saíram depois disso e, embora Sam não pudesse discordar da avaliação de Dean a respeito de Lyle, também não podia escapar da sensação de que o homem estava falando a verdade. Pode-se chamar de intuição de caçador. Talvez, com um pouco de trabalho, pudesse convencer Dean a reconsiderar o relato de Lyle, mas se preocuparia com isso depois. Agora, tinham um cachorro monstruoso para pegar.

Estacionaram em frente ao prédio mais próximo à lagoa e desceram a colina em direção à água. Os dois estavam armados — agora, a espingarda de Dean estava carregada com balas normais em vez de pedras de sal — e Sam estava levando uma sacola de compras de plástico com o logotipo de uma grande cadeia de lojas de departamento.

— Não sei se esse plano seu é muito bom, Sammy. Parece um pouco estranho, até mesmo pra você.

Sam tentou não se importar com a implicação — que admitidamente poderia subentender nas palavras do irmão — de que seu frágil estado mental fosse responsável por ter proposto o plano não ortodoxo para atrair o cachorro monstruoso.

— A gente sabe que o Franken-vira-lata suga força vital, não sabe? E depois do nosso encontro com ele ontem, ele sofreu muitos danos. Ele vai precisar se curar, e isso significa que vai precisar se alimentar.

— Assumindo que ele *possa* se curar — Dean chamou a atenção. — Ele pode ser tipo um zumbi de filmes que fica apodrecendo e se tornando mais nojento sempre, independentemente de quantas vezes se alimenta.

— É possível — Sam disse. — Mas ele não estava mostrando nenhum sinal de estar se deteriorando ontem, estava?

— Acho que não. Ele era um vira-lata feio pra cacete, mas a carne dele parecia bem fresca.

Os irmãos chegaram à lagoa, viraram à direita e entraram na mata.

Sam abaixou o volume da voz.

— Então, se ele precisa se curar, ele vai estar com fome, mas não vai procurar comida pra comer, vai procurar força vital pra absorver. É isso que a gente vai dar pra ele, ou pelo menos fingir que vai.

— Entendo a lógica do plano — Dean respondeu —, só não acho que o Franken-vira-lata vai cair nessa. Ele pode ser muito esquisito, mas ainda é um cachorro, e os sentidos dele são aguçados demais pra... — Interrompeu a frase no meio e apontou.

Sam olhou na direção em que Dean indicou e viu o corpo de um coelho estirado no chão, parcialmente escondido pela vegetação rasteira. Pelo menos, pensou que fosse um coelho. O corpo havia encolhido sobre si mesmo, fazendo o animal parecer um esqueleto coberto com uma camada de pelagem mal ajustada.

— Parece que o Franken-vira-lata comeu um lanche — Dean disse suavemente.

Sam concordou com a cabeça e os dois continuaram a adentrar a mata.

Encontraram corpos dissecados de outros animais — mais coelhos, algumas marmotas e um gato. O último não tinha coleira, e Sam imaginou que se tratasse de um gato perdido.

Quando chegaram a uma pequena clareira, Sam disse:

— Esse lugar deve servir.

Dean fez que sim com a cabeça e ficou de guarda com a espingarda preparada enquanto Sam ia ao trabalho. Ele se ajoelhou e colocou a sacola de compras ao seu lado, no chão. Primeiro, tirou dela um boneco de bebê que parecia real e depois uma lata de papinha de bebê pronta para consumo. Abriu a lata e derramou um pouco do líquido branco e viscoso na boca do boneco. Não muito, apenas o bastante para simular um bebê que foi alimentado e estava com a boca suja. Depois preparou a parte mais importante da ilusão. Tirou o smartphone do bolso da jaqueta, aumentou o volume tanto quanto era possível e ativou o arquivo de áudio que havia baixado mais cedo. O som de choro de bebê ecoou pela mata e Sam colocou o telefone no chão, junto à cabeça do boneco. Então ele e Dean recuaram até duas árvores próximas e se esconderam. Sam deixou a sacola plástica e a lata de papinha aberta no chão, sacou a Beretta e, juntos, ele e o irmão esperaram.

O raciocínio por trás do plano de Sam era simples. O Franken-vira-lata precisava de força vital, e o que tinha mais energia vital — pelo menos em termos místicos — que um bebê? Espiritualmente falando, bebês estão cheios de energia vital *em potencial*. Era como se fosse uma conta bancária cheia de dinheiro da qual ninguém começou ainda a realizar saques. Isso os tornava uma rica fonte de alimento para uma criatura como o Franken-vira-lata. Pelo menos, era isso que Sam esperava.

Quando estava sem alma, talvez Sam utilizasse um bebê de verdade para atrair o monstro. Ah, teria feito tudo que pudesse para garantir que o bebê ficasse ileso, mas se algo desse errado e a criança morresse, Sam-sem-alma não iria — não poderia — derramar uma lágrima que fosse. Aquele pensamento o deixou enjoado, e ficou feliz por ter deixado aqueles dias para trás. Quando Sam havia contado a ideia a Dean pela primeira vez, ele havia admitido que ela tinha potencial — mesmo soando um pouco demente —, mas tinha expressado algumas dúvidas. *É possível fazê-lo soar como um bebê verdadeiro, mas ainda vai ter cheiro de plástico e borracha. Quando o Franken-vira-lata chegar perto o bastante pra dar uma boa farejada no Sammy Júnior, ele vai saber que alguma coisa está errada e dar no pé.*

Sam concordou que aquilo era possível, e por isso havia pensado no talco de bebê e a papinha: para fazer o boneco parecer mais um bebê real. Sam não fazia ideia de se o Franken-vira-lata havia tido uma vida real como um cachorro — ou diferentes cachorros — antes de se tornar uma monstruosidade conglomerada e estranha, mas, se houvesse, Sam tinha a esperança de que em algum lugar de seu cérebro canino residisse a lembrança de como era o cheiro de bebês. Se não lembrasse, então esperava que a criatura estivesse tão faminta que o choro de angústia fosse suficiente para atraí-lo, sem ser estragado

pelo aroma de plástico.

Havia programado o telefone para tocar o arquivo de áudio repetidamente e passaram-se vários minutos escutando o choro de bebê sem nenhum sinal do Franken-vira-lata.

— Talvez ele esteja cheio depois desses animais e não esteja mais com fome — disse Dean. — Ou talvez esteja longe demais para escutar.

Sam chegou à conclusão de que as duas possibilidades eram reais.

— Vamos esperar mais um pouco antes... — Parou. Viu alguma coisa com o canto do olho e girou na direção dela com a Beretta apontada e preparada para disparar.

Esperava ver o Franken-vira-lata saltando sobre eles, mas em vez disso viu um homem em pé a uns dez metros de distância, junto a um carvalho. Sam não conseguia compreender as características dele com clareza: era quase como se o estivesse vendo por trás de uma tira de gaze. Tinha altura mediana e estava vestindo um terno escuro. Azul? Preto? Sam não conseguia dizer. A cor do cabelo dele era clara, muito provavelmente loiro, mas talvez fosse branco. Era impossível supor a idade que tinha, já que suas feições emitiam um brilho claro que ondulava continuamente, como se fosse água.

— O que foi? — Dean perguntou, virando e apontando a espingarda.

Antes que Sam pudesse responder, o homem desapareceu. Em um instante estava lá, no seguinte — puf! —, como se nunca houvesse existido. Uma onda de tontura tomou Sam, acompanhada por um cansaço profundo que podia sentir na sola dos pés. A Beretta ficou subitamente pesada em sua mão, e pensou que ela talvez escorregasse por seus dedos e caísse no chão. Mas conseguiu continuar segurando a arma e, um segundo depois, a tonteira passou e o cansaço se abrandou, embora este não o tenha abandonado por completo.

— Não é nada — Sam respondeu. — Achei que tinha visto alguma coisa. Eu estava errado.

Dean franziu o rosto para ele e Sam pôde imaginar o que estava pensando.

— Eu estou bem — insistiu. — Todos os meus parafusos estão mais ou menos no lugar.

Dean grunhiu.

— É com esse *menos* que estou preocupado.

Sam não disse nada. Então havia tido uma alucinação, e daí? Não era a primeira e duvidava que fosse a última. O importante era que não havia durado muito tempo e não o havia distraído da...

Escutaram o barulho de um galho quebrando atrás de si. Seguido de um rosnado grave e vindo da garganta.

— Ele está atrás da gente, não está? — Sam perguntou.

— Hã-hã.

Os irmãos giraram e atiraram.

SEIS



Lyle Swanson não era um homem feliz.

Não que isso não fizesse parte de suas características. Mesmo nos melhores momentos, não era das pessoas mais animadas. Seus companheiros de trabalho no Swifty Print tinham um apelido para ele que consideravam irônico e hilário: sr. Raio de Sol. Não que tivesse um mau temperamento. Não ficava bravo ou frustrado quando as coisas davam errado, nem reclamava de contratemplos. Não era particularmente conversador, mas também não evitava conversas com os companheiros de trabalho. Simplesmente era uma pessoa do tipo que parece perpetuamente triste. Se fosse um personagem de quadrinhos, teria uma pequena nuvem negra pairando acima da cabeça o tempo todo. Balançava quando andava, estava sempre com os ombros encolhidos, a cabeça inclinada em um ângulo para baixo, feições preguiçosas e para baixo. Raramente sorria e, quando o fazia, era com a menor das curvaturas na boca, uma expressão tão singela que a maior parte das pessoas não a reconhecia como o que era. E ninguém conseguia se lembrar de tê-lo ouvido rir, nem mesmo uma risadinha abafada e suave.

Não havia motivos para Lyle ser uma encarnação humana de Eeyore, pelo menos nenhuma que pudesse enxergar. Havia tido uma infância feliz o bastante, e apesar de não ter sido popular na escola, ninguém havia feito bullying com ele. Na verdade, a maior parte das crianças mal havia notado que ele existia, e a mesma coisa se aplicava aos professores. Sua vida até então, embora, no geral, não fosse digna de nota, havia sido quase inteiramente sem conflitos de nenhuma significância. Sim, ele era um pouco misóforo, o tipo de pessoa que nunca está sem produtos desinfetantes para as mãos e lenços. E nunca havia tido muito interesse por sexo. Parecia trabalhoso demais e, para ser franco, mais que um pouco sujo.

Seu emprego — realmente não dava para chamar de carreira — não era o mais gratificante do mundo, mas pagava as contas, e os benefícios, embora não fossem extraordinários, eram suficientes para suas necessidades. Tinha sua própria casa, uma pequena logo além dos limites da cidade, numa região tranquila e silenciosa. Quando não havia monstros pelados revirando a lixeira, melhor dizendo.

Sua saúde estava boa e, de acordo com o médico, se continuasse como estava havia uma chance excelente de alcançar uma idade madura e avançada. Não havia absolutamente nenhum motivo na Terra para Lyle ser, como sua mãe costumava dizer, um Zé Carrancudo. Supunha que simplesmente havia nascido daquele jeito.

Hoje, porém, tinha mais que amplos motivos para estar infeliz. Já era ruim o bastante que um monstro pelado e com fome de lixo o houvesse visitado no dia anterior, mas o que realmente ficara entalado na garganta de Lyle era como todos haviam reagido à sua história. A polícia aparecera para colher seu relato, claro, mas havia feito alguma investigação de verdade? Havia tirado fotografias, colhido impressões digitais, feito moldes plásticos de pegadas ou procurado amostras de DNA? Havia feito qualquer coisa semelhante ao que investigadores de cenas de crimes faziam na TV? Por Deus, não. Não haviam se dado ao trabalho de sequer vasculhar a mata atrás de sua propriedade. Tinha a sensação de que havia custado aos policiais cada gota de autocontrole que possuíam para se impedirem de rir durante

todo o tempo em que estavam conversando com ele.

Por pior que aquilo houvesse sido, a matéria no *Informante* daquela manhã fora pior. Foi bom que tivesse recebido o jornal em casa, pois senão talvez não houvesse visto o artigo antes de chegar ao trabalho. Havia ligado e dito que estava doente porque não queria lidar com os gracejos dos colegas de trabalho sobre ele o dia inteiro. Marcy, uma das gerentes do Swifty Print, havia atendido a ligação, e quando lhe disse que não iria, ela perguntou se ele estava matando trabalho para poder passar o dia com o novo amigo. Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: *Só toma cuidado. Nunca se sabe o que homens pelados querem fazer. Se soubesse das histórias que eu poderia contar pra você, querido! Só se lembra de uma coisa...* E então parou para causar um efeito dramático. *Quem avisa, amigo de quatro braços é!*

Desligou em meio às gargalhadas da colega.

Depois os dois repórteres de revista haviam vindo. Pareciam profissionais o bastante, a princípio. Agiram como se estivessem genuinamente interessados em escutar sua história e ouviram com atenção enquanto repassava os detalhes. Mas quando lhes mostrou a bagunça no quintal dos fundos, começaram a parecer estar com dúvidas. Não haviam dito nada que o levasse a pensar aquilo, mas vira os olhares que trocaram entre si. Olhares que diziam *Arranjamos um daqueles aqui*. Como a polícia, não tiraram nenhuma fotografia, e foi então que soube que não o incluiriam no artigo que estavam fazendo. Revistas *sempre* colocavam fotos junto às histórias que cobriam. O fato de não terem se dado ao trabalho de tirar nenhuma lhe disse tudo que precisava saber sobre o que pensavam a respeito da... bem, imaginava que dava para chamar de cena de que fora testemunha.

Talvez eu não devesse ter usado a palavra piolho, pensou.

Então, agora aqui estava, trabalhando no quintal para limpar a bagunça deixada pelo que quer que aquilo fosse. Estava usando luvas de borracha e máscara cirúrgica para se proteger da pior parte dos germes. Desejava que tivesse um traje de proteção também, mas não tinha. Em vez disso, tinha vestido uma velha camisa xadrez de manga comprida e calça jeans, as quais iria colocar em um saco e jogar fora quando terminasse a limpeza. Mesmo com as luvas, não queria encostar no lixo. Talvez monstros não tivessem piolhos e coisas do gênero, mas alguma coisa havia causado aquelas mortes estranhas que faziam as pessoas encolherem como se fossem ameixas secas e não iria dar chance ao azar. Não tinha nenhuma ferramenta especificamente moldada para recolher lixo, então teve que improvisar. Havia achado um pegador de salada na cozinha que servia bem para aquele trabalho. É claro, teria que jogá-lo fora também quando terminasse, mas isso não era problema. Era fácil substituir utensílios. A vida de alguém, nem tanto.

Lyle estava abaixado, em meio à tarefa de pegar um pacote rasgado e vazio que outrora havia abrigado biscoitos de baunilha recheados e com cobertura — seu único vício real —, quando sentiu cócegas na nuca. Congelou onde estava, agachado, com o pacote de biscoito preso ao pegador de salada numa das mãos e, na outra, uma sacola plástica de lixo na qual estava reunindo a sujeira que havia recolhido até então. Alguém — *alguma coisa* — o estava observando.

Não se considerava um homem particularmente corajoso, mas também não se via como um covarde. Não assistia a filmes nem lia livros assustadores, mas não porque o deixavam com medo. Não achava que eram realistas. É claro, coisas ruins acontecem com as pessoas — às vezes, coisas *realmente* ruins —, mas, por mais horríveis que fossem, eram compreensíveis, até mesmo rotineiras em certos sentidos. Doenças, acidentes, desastres naturais e, o mais comum de todos, humanos sendo babacas uns com os outros. Mas ficar assustado com alguma coisa desconhecida e horrível se escondendo nas sombras? Isso parecia ridículo.

Agora — agachado pela metade e congelado no jardim dos fundos, a máscara cirúrgica cobrindo a parte de baixo do rosto subitamente apertada e sufocante —, sabia como as pessoas nessas histórias se sentiam. Não estavam simplesmente assustadas, estavam *aterrorizadas*, com a respiração parada na

garganta, coração batendo como se fosse um martelo, suor irrompendo dos poros, estômagos cheios de água congelante. Sentiam-se pequenas e fracas, presas em meio a dois impulsos que ao mesmo tempo dominavam toda a sua ação e, mesmo assim, eram opostas: correr o mais rápido e para o mais longe possível e também permanecer parado como uma estátua, na esperança de permanecer despercebido pela coisa sem nome que as perseguia. Agora, Lyle sabia o que eles sabiam — como era ser uma presa. Nunca havia se sentido tão assustado na vida inteira.

Primeiro, escutou uma respiração pesada e forçada, pontuada por um som suave de assovio-arquejo, como se os pulmões que o produziam não estivessem funcionando exatamente como deveriam. O som vinha da sua esquerda, e não queria virar a cabeça para olhar, realmente não queria. Preferia fechar os olhos com força, como se fosse uma criança se escondendo embaixo das cobertas no escuro, esperando que, se não pudesse ver o monstro, ele também não poderia vê-lo. Mas virou a cabeça mesmo assim, não conseguiu se impedir de fazer isso, e quando o fez, viu exatamente o que esperava.

O monstro havia voltado.

Ontem, havia visto a criatura de dentro da segurança do lar, espreitando pela pequena cortina branca que cobria a janela da porta dos fundos. Estava escondido da visão da coisa, protegido por uma sólida porta de madeira trancada com um ferrolho. Havia sido algo estranho de se ver, com certeza, mas ele não havia se sentido ameaçado. A situação havia sido tão bizarra que não parecera real. Havia se sentido como um espectador distante, observando a criatura em uma tela de TV. A coisa parecera absurda com suas duas cabeças e quatro braços, como se fosse algo de um desenho animado infantil. Mas agora, com a criatura a menos de dez metros e sem nada os separando além de ar, não parecia tão absurda. Na verdade, era completamente aterrorizante.

Ela tinha um metro e oitenta, e seu corpo nu — fora as partes extras — era como de um homem normal. Embora estivesse com alguns quilos a mais no meio, estava relativamente em boa forma, com músculos firmes e uma leve cobertura de pelos pretos. Cada uma das cabeças tinha que ficar inclinada para o lado — uma para a direita, outra para a esquerda — para caberem em um só corpo, e Lyle se pegou pensando que ambos os coitados dos filhos da mãe provavelmente sofriam perpetuamente de dores no pescoço. A cabeça da direita tinha cabelo preto e liso, formando mechas longas e oleosas, e uma barba despenteada que precisava muito ser aparada. A cabeça da esquerda tinha feições mais suaves, e seu cabelo espesso era levemente ruivo. A barba estava feita, deixando à mostra bochechas salpicadas de sardas. Ambas as cabeças estavam com expressões semelhantes: olhos arregalados e selvagens, bocas soltas e abertas. Uma linha fina de baba estava saindo do canto da boca da cabeça ruiva e caindo sobre o peito.

A criatura estava arqueada para a frente, sem dúvida por causa do peso acrescido pela cabeça e os braços extras. O segundo par de braços surgia dos ombros da criatura e eram mais magros que o outro par, de pele mais clara e quase sem nenhum pelo.

São braços de ruivo, Lyle pensou, e sentiu o estômago girar ao perceber aquilo.

Naquele momento, todos os quatro braços estavam largados, como se a coisa houvesse esquecido por um instante que eles estavam ali.

Lyle notou outro detalhe, um que havia deixado passar antes. Nas juntas onde as partes do corpo do ruivo se ligavam às do de cabelo preto, havia faixas de pele que não pareciam certas. A cor e a textura eram estranhas, de alguma forma artificiais, e lembravam a Lyle da geleca com que brincava quando era criança. De todas as coisas erradas que havia quanto àquela criatura, esta não-pele era por algum motivo a pior, e olhá-la fazia Lyle ficar enjoado. Bem, mais enjoado.

Por um longo momento, o monstro o encarou com seus dois pares de olhos, como se estivesse tão surpreso de ver Lyle quanto Lyle estava de vê-lo. Esta ideia lhe soou tão ridícula que não conseguiu evitar que uma pequena risada escapasse, embora tenha soado mais como um soluço. Com o barulho, a criatura começou, e por um instante Lyle pensou que ela pudesse disparar como um cervo assustado de

volta para a mata. Mas em vez disso as duas bocas se esticaram, formando risadas assimétricas e odiosas.

— Fo! — Cabelo-Preto disse.

— Mi! — Ruivo disse.

Houve uma pequena pausa entre os sons, mas quando as cabeças falaram pela segunda vez o fizeram em uma rápida sucessão, fazendo com que as sílabas soassem como uma única quase-palavra.

— Fo-mi!

A espinha de Lyle ficou tomada de gelo, e suas entranhas ficaram líquidas. A criatura falava da maneira simplista de uma criancinha, mas dessa vez Lyle não teve problemas para entender o que ela — eles — estavam dizendo.

Fome.

Lyle soltou a sacola de lixo e o pegador e correu como o vento em direção à sua casa. A criatura soltou dois gritos animados, como o que um primata grande faria, e o perseguiu.

Lyle escutou os passos fortes e a respiração assovio-arquejada da criatura e a adrenalina jorrou em seu sistema, incitando-o a correr mais rápido. Sentiu cócegas na nuca outra vez, só que agora a sensação pareceu estar avisando-lhe que a monstruosidade de duas cabeças o estava alcançando, seus dedos — unhas grandes demais, rachadas e quebradas — a meros centímetros de sua carne. A sensação foi tão forte que não conseguiu se impedir de olhar para trás por cima do ombro e, assim que o fez, desejou que houvesse resistido ao impulso. A criatura não estava tão próxima quanto temia, estava cerca de cinco metros atrás dele — o que era bom —, mas a *forma* como corria... Movia-se num passo irregular e espasmódico, como se o sistema nervoso dela houvesse sofrido um curto-circuito e estivesse mandando impulsos aleatoriamente. Ao invés de esticar-se para pegá-lo como havia imaginado, todos os quatro braços da criatura estavam soltos, dependurados, com as extremidades se agitando e chicoteando enquanto seu dono continuava a ir balançando na direção de Lyle. Sem dúvida, era a coisa mais horrível que Lyle já havia visto. Então por que aquilo lhe passava a impressão de ser quase engraçado?

Uma risada escapou da sua boca, com traços de mais que um toque de histeria.

Como se a risada fosse uma deixa, a criatura bramiu seu grito de guerra conjunto outra vez.

— Fo-mi!

A risada de Lyle se transformou em um guincho, olhou para a frente e correu com ainda mais velocidade.

Havia deixado a porta dos fundos destrancada, e apesar de estar com as mãos bastante suadas, as luvas de borracha não as deixaram ficar escorregadias, então pôde girar a maçaneta sem dificuldades. As pessoas no trabalho implicavam com ele, dizendo que tinha TOC, mas desejou que pudessem vê-lo naquele momento.

Quem é que é louco agora?

Abriu a porta com tudo, saltou para dentro e a bateu com força por trás de si. Girou, fechou o ferrolho, travou a fechadura menor na maçaneta e se afastou rapidamente. Moveu-se rápido demais, tropeçou no próprio pé e caiu para trás, desabando com força sobre a própria bunda. O impacto sacudiu sua coluna e fez com que os dentes batessem um no outro dolorosamente. No processo, mordeu a ponta da língua, e sangue começou a encher sua boca. Tentou cuspir, lembrou-se da máscara cirúrgica, arrancou-a do rosto e a jogou no chão da cozinha. Então virou a cabeça e expeliu uma boa quantidade de sangue. O líquido salpicou a porta de baixo do armário, mas ele não notou e, mesmo se houvesse notado, não teria se importado. Tinha coisas mais importantes com que se preocupar naquele momento do que uma pequena bagunça. Que o TOC vá para o inferno.

Manteve o olhar sobre a porta e esperou.

Ele não vai entrar, Lyle disse para si mesmo. *A fechadura é forte. Eu sei, porque eu mesmo a instalei.* Além disso, do jeito como os braços estavam balançando, talvez não funcionassem direito. Se

fosse o caso, mesmo se a porta estivesse destrancada, a criatura talvez não conseguisse girar a maçaneta. Então, de qualquer jeito, estava seguro. *Estava.*

A porta se escancarou para dentro sem nenhum aviso, o vidro quebrou, as dobradiças se soltaram, o ferrolho atravessou o batente. A porta deslizou pelo chão e parou ao chocar-se contra os pés de Lyle.

O homem de duas cabeças estava parado na entrada agora aberta, com todos os quatro braços levantados como se fossem postes e as palmas das mãos para cima.

Acho que esses braços funcionam, afinal de contas, pensou.

A criatura entrou na cozinha balançando, o sorriso duplo crescendo até tornar-se um par de olhares maliciosos.

— Fo-mi!

Lyle escutou alguém rindo, e levou um momento para perceber que o som havia vindo da própria garganta. A coisa inteira era simplesmente feia demais para ser levada a sério.

A criatura alcançou Lyle, ajoelhou-se estranhamente em frente a ele e colocou todas as quatro mãos nas laterais do rosto do homem. A risada de Lyle foi interrompida por um arquejo. A pele do monstro era fria — tão fria que queimava.

Então, um peso enorme caiu sobre Lyle e, com ele, veio um cansaço mais poderoso que todos que já havia sentido. Estava se esforçando para manter os olhos abertos mas, na verdade, qual era a razão de fazer aquilo? Parecia que seus membros haviam se transformado em chumbo, e embora estivesse tentando se soltar das quatro mãos do monstro, estava tão fraco quanto um recém-nascido. Não conseguia se mexer, quanto mais lutar. Seria mais simples apenas desistir, deixar os olhos se fecharem e permitir a consciência deslizar para fora de si.

Então foi isso que fez.

Um momento antes da escuridão infinita tomar Lyle e levá-lo para sempre, escutou um par de vozes dizer uma única palavra.

— Bom...

— Ele morreu? — Dean perguntou.

— Como é que vou saber? — Sam respondeu.

— Checando.

— Checa *você!*

Dean havia disparado todas as balas que a espingarda continha no maldito cachorro e Sam havia esvaziado o pente da Beretta, recarregado e continuado atirando. Finalmente, o Franken-vira-lata estava no chão, mas nenhum dos irmãos tinha certeza de que aquilo era permanente. Durante os anos como caçador, Dean havia encontrado muitas entidades sobrenaturais que foram difíceis de matar, mas raramente havia encontrado algo tão forte quanto aquele vira-lata remendado. O Franken-vira-lata estava deitado de lado, com a carne em ruínas sangrentas e destroçadas devido a todos os danos que havia sofrido. Dean estava quase sentindo pena da coisa. Quase.

— Me dá um segundo.

Dean recarregou a arma, depois deu um passo à frente lentamente, abaixando o cano da arma até pressioná-la contra a cabeça do Franken-vira-lata. Fez um gesto com a cabeça para Sam, que se aproximou do cachorro monstruoso e cutucou a barriga dele com o pé. Quando a criatura permaneceu sem reação, cutucou com mais força. Ainda sem resposta.

— Não parece estar respirando — Sam disse.

— Desde quando isso importa na nossa linha de trabalho?

— É verdade. — Sam apontou a Beretta e colocou outra bala na lateral da besta. O corpo dela balançou com o impacto, mas fora isso não se moveu.

— Eu voto em morto — Dean disse.

— Por mim, tudo bem.

Dean afastou a espingarda da cabeça da criatura e esperou enquanto Sam pegava o boneco e o telefone. Sam colocou o boneco embaixo do braço e desligou o efeito sonoro de choro de bebê no celular, guardou o aparelho no bolso e voltou. Então, os dois se agacharam para examinar o cadáver do cachorro remendado. Feio como era, Dean esperava que cheirasse como algo que se encontra no fundo do lixo de um matadouro, mas tinha cheiro de cachorro normal. Aspirou. Melhor dizendo, tinha cheiro de cachorro normal coberto de sangue.

— As seções parecem todas partes de cachorros normais — Sam disse. — Exceto o rosto. Ele é bem feio. — Passou o dedo pela linha de tecido sem pelos entre a pata direita da frente e o ombro do animal. Linhas semelhantes cruzavam o corpo da besta.

— Não parece muito com cicatrizes, parece? — Dean perguntou.

Sam balançou a cabeça negativamente.

— Também não tem a mesma consistência. É meio que... esponjoso.

Uma linha de carne estranha dava a volta no pescoço do Franken-vira-lata, e Dean estendeu a mão e a tocou. Era mais firme que pele normal e, quando a pressionava, uma marca permanecia por um momento até retornar lentamente à forma anterior. *Estranho*.

— Entendo o que você quer dizer. É quase como se fosse... eu não sei, cola ou algo parecido.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

Dean se endireitou e os irmãos observaram o corpo do cachorro monstruoso em silêncio por um tempo.

Depois de alguns momentos, Sam perguntou:

— Você quer qual lado?

Dean levou as alternativas em consideração por um instante.

— Cara, não tem escolha certa aqui, tem? — Deu outra olhada no rosto deformado da criatura e suspirou. — Nunca achei que ia dizer isso a respeito de um animal, mas vou ficar com a bunda. Tenta não se sujar demais de sangue.

Cada um pegou uma ponta, levantaram e começaram a carregar o Franken-vira-lata para fora da mata. No meio do caminho até o carro, Sam parou e virou a cabeça subitamente para a esquerda.

Dean ficou tenso, com os sentidos em alerta máximo, preparado para outro ataque. Olhou para a mesma direção que Sam, mas não viu nada além de árvores e vegetação rasteira.

— O que foi? — perguntou.

Sam não respondeu na mesma hora. Semicerrou os olhos, como se estivesse tendo dificuldades para focar a visão no que quer que fosse que estava observando. Finalmente, balançou a cabeça, como se tentando desanuviá-la.

— Por um minuto, pensei... Esquece. Não é nada. Vamos lá. O Franken-vira-lata não está ficando mais leve.

Os irmãos continuaram arrastando o cachorro morto, Dean incapaz de decidir o que lhe incomodava mais: que os braços de Sam estivessem tremendo devido ao esforço de carregar a metade que lhe cabia da criatura — o Franken-vira-lata era grandinho, mas não era *tão* pesado, não com os dois partilhando a carga —, ou que as alucinações parecessem estar piorando.

Só uma vez, seria legal se uma caçada fosse fácil, pensou. A gente entraria na cidade, encontraria o Maldito Fulano, iria até ele, pegaria e sairia da cidade. Simples e direto.

É, está bem. E talvez vampiros parassem de chupar sangue e comessem a tomar energéticos em

vez disso.

Ele me viu.

Daniel não estava certo de como aquilo era possível. Os vivos não podiam ver sua espécie, nem mesmo se ele quisesse que o vissem. Mas o caçula havia olhado bem na sua direção. Daniel sentira o olhar do jovem perfurá-lo. Pela primeira vez ao longo de toda a sua existência como Ceifeiro, havia se sentido exposto, e tinha deslizado para trás de um freixo para se ocultar. Havia se sentido absurdo ao se esconder dessa forma, como se fosse... bem, mortal.

Mas assim que o jovem de cabelo desgrenhado voltou a ajudar o irmão a levar o cadáver do cachorro-coisa morto embora, Daniel captou o cheiro de morte vindo dele e se deu conta do que devia ter acontecido. Esperou até que estivessem fora de seu campo de visão e então os seguiu, tomando cuidado para não fazer barulho demais. De novo, sentiu-se ridículo por tomar tais precauções, mas não fazia ideia de quão aguçada havia se tornado a percepção de morte do jovem e não iria dar chance ao azar.

Encontrou o que estava procurando quase na mesma hora. O cadáver destruído por balas do cachorro-coisa havia deixado um rastro de pingos de sangue na cola dos irmãos, mas não estava interessado nisso. Foi o outro rastro que lhe chamou a atenção. Uma linha negra, fina e ondulante pairava alguns centímetros acima do solo, fraca e lembrando um fio, como se fosse tinta jogada na água. Daniel se ajoelhou para olhá-la mais de perto. Estava desaparecendo rapidamente, e encostou o dedo indicador numa parte da linha de sombra antes que ela se dissipasse. Levou a ponta do dedo, agora suja por uma lama que parecia fuligem, até o nariz. Cheirou-a algumas vezes antes de inserir o dedo na boca. Quando tirou o dedo, um momento depois, a ponta estava limpa.

Agora, tinha certeza do que havia acontecido ao irmão mais novo, e aquilo não era bom. Pelo menos, não para o garoto. Mas para Daniel... talvez pudesse fazer isso funcionar a seu favor.

Levantou-se e continuou seguindo os irmãos, adaptando os planos para levar em conta este imprevisto, mas não inteiramente desagradável, desenrolar dos acontecimentos.

Peter Martinez estava sentado em frente ao computador em seu escritório, encarando fileiras de dados mostrados na tela. Não estava revisando as informações, pelo menos não da forma normal. Havia desfocado o olhar propositalmente ao ponto de ver os números como borrões e então tentou relaxar e permitir que sua mente divagasse. Conhecia aqueles dados de trás para a frente e havia tentado analisá-los usando todos os métodos lógicos nos quais conseguiu pensar, sem obter sucesso. Então, hoje, havia decidido tentar uma abordagem mais criativa. Em vez de atacar o problema de uma forma linear, estava tentando soltar o subconsciente em cima do assunto. Por mais que avanços científicos fossem resultado de processos realizados passo a passo, também nasciam de momentos súbitos e inesperados de clareza, o instante fabuloso e frequentemente perseguido do Eureka! Hoje, Peter esperava cultivar um desses instantes para si.

Seu escritório não era grande, nem impressionante. Se não fosse pela placa afixada à parede externa, ninguém imaginaria que aquele fosse o escritório do presidente e chefe de desenvolvimento da NuFlesh Biotech. Levando em consideração que o escritório ficava em um centro de compras, entre uma lanchonete de sanduíches e um departamento de licenças, e que o negócio tinha um total de cinco

empregados incluindo ele próprio, não via muito sentido em espalhar a notícia. Estava vestindo um pulôver vermelho de manga comprida e uma calça jeans, um degrau abaixo do casual corporativo, o que não tinha problema em sua opinião. Era um cientista, não um corretor de ações. Usava uma barba cheia e preta, em parte porque pensava que ela o fazia parecer mais inteligente — e um pouco malandro —, mas em sua maioria para esconder as cicatrizes de queimaduras que cobriam a parte de baixo do lado direito do rosto. Toda a “papelada” com que trabalhava era virtual e, fora o computador, sua mesa estava vazia. Tinha alguns livros na prateleira atrás de si, mas não havia tocado em nenhum deles em ninguém sabe quanto tempo. O diploma do doutorado ficava pendurado em uma parede, enquanto na oposta havia um pôster emoldurado — uma grande fotografia em preto e branco de Einstein colocando a língua para fora. O pôster deveria lembrar Peter de não levar tudo tão a sério, mas atualmente a simples visão dele o deixava irritado. Não podia deixar que o estresse o alcançasse. Não se quisesse criar as melhores condições de passar por um momento de descoberta subconsciente. E precisava terrivelmente de um desses.

Dois anos, sete meses, oito dias. Era há quanto tempo estava se esforçando para resolver este problema em particular e, àquela altura, estava disposto a tentar quase qualquer coisa. A condição financeira da companhia não estava exatamente “robusta”, como os tipos corporativos gostam de colocar, e se não fizesse algum progresso em relação à nova fórmula logo... Arrancou aquele pensamento da cabeça. Preocupar-se com dinheiro não era forma de relaxar. Olhou para a tela e permitiu que a respiração ficasse lenta e regular, e em pouco tempo sentiu o corpo relaxar contra a cadeira do escritório. Foi quando começou.

A Coceira.

Começou na omoplata direita, um pouco maior que a sensação de uma pena roçando na pele. Conseguia ignorar aquilo. Mas logo ela se espalhou por todas as costas, pelo peito, desceu o braço direito, subiu o pescoço chegando até o lado direito do rosto, aumentando em intensidade até parecer que mil formigas estavam rastejando por sua pele. Isso ele *não* conseguia ignorar.

— Não coça — sussurrou. Apertou com força os braços da cadeira, afundando os dedos no acolchoamento. Sabia através de antigas e dolorosas experiências que coçar não só não fazia a coceira ir embora, como ainda, depois de começar, não conseguiria parar até haver marcas sangrentas de garras na pele. E mesmo assim a coceira continuaria.

Peter sabia que era comum que vítimas de queimaduras passassem por desconfortos como o dele, mesmo por bastante tempo após as queimaduras terem sido curadas e formado cicatrizes. Em seu caso, isso havia ocorrido há quase três décadas. Havia ganhado as cicatrizes como resultado de um incêndio doméstico causado pelo padrasto idiota, que havia dormido no sofá uma noite enquanto fumava. Peter e a mãe saíram da casa a tempo, mas o padrasto não havia conseguido. A mãe também não durou muito. Havia morrido a caminho do hospital, não por causa das queimaduras — por mais sérias que fossem —, mas por causa de um ataque cardíaco. Peter tinha apenas onze anos na época. Mesmo após vinte e sete anos e mais operações do que se importava de contar desde então, a Coceira, quando vinha, era tão ruim quanto sempre.

Os muitos médicos e especialistas que consultara ao longo dos anos haviam prescrito uma variedade de remédios para a Coceira: loções tópicas para esticar e soltar as cicatrizes, loções hipoalergênicas, cremes anticoceira como hidrocortisona e cremes analgésicos como lidocaína. Nenhum deles havia funcionado, exceto a lidocaína, e mesmo isso havia servido apenas para abrandar a Coceira. Havia encontrado apenas um tratamento que lhe fornecia alívio, e usara a última dose alguns dias antes. Tinha tentado entrar em contato com seu fornecedor, mas até então ele não havia respondido nenhum de seus e-mails ou mensagens de voz. Se ele não entrasse em contato logo, Peter não sabia o que faria para...

O telefone do escritório tocou e o som o fez pular de susto. Pegou o fone do gancho com pressa e respondeu à chamada, falando com os dentes cerrados.

— Porra, Allison! Eu disse pra você que não queria...

— Desculpe, sr. Martinez. Sei que me pediu pra não perturbá-lo, mas o sr. Dippel está aqui, e pensei que...

— Manda ele entrar. — Desligou o telefone sem dizer tchau.

Não gostava de ser brusco com a sua secretária, mas não conseguiu evitar. Quando a Coceira o atacava daquele jeito, custava-lhe tudo que tinha para não gritar. Lembrou-se de quando um dos médicos lhe disse que embora tivesse certeza que a coceira era real, era impossível que fosse tão intensa quanto Peter lhe relatava.

Estou confiante de que tenha um componente somático atuando aqui, o médico havia dito.

Peter não era um médico, mas era um bioquímico, e sabia bem demais o que ele *realmente* queria dizer. *Psicossomático*. Ao contrário da maioria, Peter sabia que sensações psicossomáticas eram reais, mas eram causadas por processos mentais em vez de doenças ou ferimentos. O exemplo mais simples era a dor de estômago que algumas pessoas sentiam antes de um acontecimento estressante, como uma prova importante ou uma apresentação no trabalho. A dor era real, os processos físicos que a causavam eram reais, mas ela era desencadeada pelo estresse. Porém, a compreensão de Peter acerca do que o médico tinha dito não significava que concordasse com ele.

Há uma forte ligação entre pessoas que passam por experiências de dor somática e as que sofrem de transtorno pós-traumático. O incêndio ao qual você sobreviveu...

Peter mandou a lembrança embora.

Com cada fibra do seu corpo, chegando até o nível subatômico, tinha certeza de que a Coceira era simplesmente o resultado dos terríveis ferimentos que havia sofrido enquanto era criança e não estavam relacionados a seu estado emocional de nenhum jeito, maneira ou forma.

Normalmente, teria ido até a recepção para cumprimentar Dippel, mas temia que se tirasse as mãos dos braços da cadeira começaria a escavar a pele com as unhas e não conseguisse mais parar. Então ficou sentado e apertou ainda mais a cadeira, esperando. Um momento depois, escutou uma batida suave na porta. Peter tentou dizer “*Entre*”, mas as palavras saíram como um gemido de dor. Foram o bastante para passar a mensagem adiante, entretanto. A porta se abriu e Conrad entrou.

— Olá, Peter. Como sempre, é bom vê-lo. Por favor, não se levante. Posso ver que você está... se concentrando. — Conrad lhe mostrou um pequeno sorriso enquanto se sentava na cadeira em frente à mesa de Peter.

Peter se sentiu renovado pela força da presença de Conrad. Sempre que o homem estava na sala, tudo parecia gravitar ao redor dele. A atenção das pessoas, para citar uma destas coisas. Era muito difícil tirar os olhos dele. Era preciso esforçar-se até mesmo para piscar. Mas era mais que isso. O ar fluía em volta dele, deixando o resto da sala quente e abafada, e também atraía a luz, ficando mais iluminado enquanto as sombras se intensificavam em todos os outros lugares. Era como se exalasse uma forma própria de força gravitacional, uma que de algum jeito tinha natureza mais psíquica que física. Era uma ideia ridícula, Peter sabia — era um cientista, pelo amor de Deus! —, mas não conseguia livrar-se dela.

Como sempre, Conrad estava vestindo terno e gravata, fazendo-o parecer mais um proprietário de uma empresa que Peter. Se aquilo era possível, o homem parecia ainda mais cadavérico do que a última vez em que Peter o havia visto, e não era a primeira vez que se perguntava se Conrad estava lutando contra alguma espécie de doença, talvez câncer. Mas apesar de sua aparência, ele sempre parecia estar alerta e cheio de energia. Depois de quase trinta anos percebendo que as pessoas viam primeiro as cicatrizes das queimaduras para depois notarem que havia um ser humano preso a elas — se é que chegavam a notar —, Peter certamente sabia que não devia julgar pelas aparências. Uma coisa que gostava em Conrad, na verdade, era que o homem nunca parecia incomodado com suas cicatrizes. Não era que conseguisse colocar de lado a repulsa, como a maior parte das pessoas que se consideravam iluminadas faziam. Conrad estava bastante ciente das cicatrizes de Peter, mas não se sentia repellido por

elas. Sempre olhava Peter nos olhos e nunca fugia com o olhar. Vez ou outra, Peter ficava até mesmo inquieto por ter a sensação de que Conrad *gostava* de olhar para as cicatrizes.

— Desculpe por não ter retornado suas mensagens — Conrad continuou. — Tenho estado especialmente ocupado ultimamente. Tinha esperanças de encontrá-lo em boa forma, mas, infelizmente, vejo que não é o caso. Imagino que seu suprimento de meu unguento especial tenha sido consumido?

Você sabe muito bem que acabou, seu desgraçado! Deixei mensagens o bastante pra você dizendo isso!

Em voz alta, Peter apenas respondeu:

— Foi.

Conrad sorriu.

— Então é de fato uma sorte que tenha vindo visitá-lo hoje.

Colocou a mão no bolso interno do paletó sobre o peito e tirou um frasco de vidro com uma rolha de cortiça como de antigamente. Seu conteúdo era de um amarelo pálido com um toque de verde, uma cor não muito atraente, mas Peter não se importava com como parecia. Importava-se apenas com o fato de funcionar.

Conrad colocou o frasco sobre o tampo da mesa, mas quando Peter tentou pegá-lo, Conrad o puxou bruscamente.

— Meu pagamento de sempre? — perguntou.

Sim, sim, SIM! Peter concordou movimentando a cabeça.

Satisfeito, Conrad entregou o frasco. Peter o pegou apressado, tirou a rolha com os dentes e a cuspiu na mesa. Então, sem um pingo de consciência dos próprios atos, tirou a camisa e a jogou no chão. Cicatrizes vermelhas cobriam o lado direito do corpo dele desde a parte de baixo do rosto até o meio do abdômen, incluindo três quartos do braço direito, assim como o ombro e a omoplata do mesmo lado. O ar deveria proporcionar uma sensação agradável na pele exposta, mas tudo que fez foi intensificar a Coceira, que já havia alcançado níveis enlouquecedores. Peter derramou um pouco do unguento espesso e oleoso na palma da mão e começou a esfregá-lo no corpo da forma mais rápida que conseguia.

— Não exagere — Conrad advertiu. — Um pouco já serve para muita coisa.

Peter o ignorou e continuou lambuzando o corpo com a substância. O alívio foi quase instantâneo. Uma sensação fresca e entorpecente começou a se espalhar pela pele repleta de cicatrizes, a Coceira recuando logo em seguida. Soltou um suspiro e caiu para trás na cadeira, não se importando com a chance de manchar o tecido com a gosma. Devia estar fazendo uma cena, sem camisa, cicatrizes brilhando devido aos reflexos criados pela nojeira oleosa amarelo-esverdeada, mas não ligava para isso. Tudo que importava era que a Coceira havia acabado.

— Obrigado — disse.

Conrad reconheceu a gratidão de Peter com um movimento lento com a cabeça.

— Eu sei que já disse isso antes, mas gostaria que você me desse a fórmula desse negócio. Pagaria o preço que fosse por isso.

— Não quero insultá-lo, mas dado as condições atuais de seu negócio, uma oferta destas só pode ser uma hipérbole.

Peter *ficou* insultado, mas sabia que não podia contrariar aquele argumento. Havia criado a NuFlesh — o produto, não o negócio que havia nomeado devido a este — para pessoas como ele. NuFlesh era uma pele artificial que paramédicos poderiam usar como curativos temporários de feridas até conseguirem levar vítimas de acidentes ao hospital. Quanto a isso, era um sucesso. Realmente selava feridas e queimaduras, mantendo-as protegidas e livres de infecções. Infelizmente, tendia a se decompor após uma hora, duas no máximo, e testes haviam sugerido que talvez fosse tóxica, tornando o uso por períodos prolongados impossível. Então, mesmo que Peter conseguisse solucionar o problema da decomposição — que era o seu foco atual —, deveria então voltar sua atenção para a toxicidade. Tudo

isso somado ao triste limite financeiro da NuFlesh Biotech e ele e seus empregados estarem longe de nadar em dinheiro. Este era o principal motivo para ter feito a sede da companhia em Brennan. O espaço para os escritórios era barato. Se conseguisse fazer a pele artificial funcionar, mudaria o mundo da medicina para sempre — e ficaria podre de rico de quebra. Mas isso, como se diz por aí, era apenas uma *possibilidade*, e não das mais animadoras.

— Além disso, se eu lhe desse a fórmula, duvido que conseguisse replicá-la com sucesso — Conrad acrescentou, e então sorriu. — Afinal, não é como se você já não tivesse tentado, não é?

Peter pôde sentir o rosto corando de vergonha. Era verdade. Havia tentado analisar o unguento químico em diversas ocasiões e, apesar de ter conseguido determinar os ingredientes e suas proporções com certa facilidade, não conseguia fazer a maldita coisa funcionar, por mais que tentasse.

— Você me disse que o unguento é uma fórmula antiga usada pelos egípcios pra proteger a pele do calor seco.

— É minha própria variação desta fórmula, mas, essencialmente, sim — Conrad confirmou.

Peter forçou um sorriso.

— Deixa eu adivinhar: a razão de eu não conseguir recriar o unguento é porque não tenho o toque de mágica.

O sorriso de Conrad se ampliou.

— Precisamente.

Peter franziu o rosto. Odiava quando tinha a sensação de que Conrad estava brincando com ele.

Conrad o havia abordado alguns meses antes, dizendo que havia lido sobre a NuFlesh no site da companhia e ficado intrigado com suas promessas. Queria comprar vinte quilos daquilo para suas próprias pesquisas, sem especificá-las. A patente de Peter da versão mais recente da fórmula da NuFlesh ainda estava pendente, e no começo havia ficado relutante em permitir que alguém que pudesse ser um possível competidor tivesse o material em tanta quantidade. Então, quando Conrad lhe dissera que tinha um tratamento que aliviaria a coceira periódica de Peter — embora ele não fizesse ideia de como o homem havia descoberto aquilo —, não havia acreditado. Mas Conrad tinha cumprido o que prometera, e Peter havia ficado simplesmente feliz demais de lhe fornecer o quilo de pele artificial, vezes vinte, em troca. Desde então, Conrad, que sempre havia se apresentado como uma espécie de cavalheiro do velho mundo, havia ficado cada vez mais irônico e, às vezes, até cruel, e Peter ficaria feliz de romper a relação entre eles... se não precisasse tanto do unguento misterioso de Conrad.

— Sinceramente, não sei o que você está fazendo com toda a NuFlesh que você... acho que comprou não é a palavra certa. Trocou, suponho. Você sabe que ela é instável e possivelmente tóxica ao usar.

— Serve a minhas necessidades atuais como é — Conrad respondeu. — E eu posso, como as pessoas dizem esses dias, dar meu jeito nesses problemas.

Peter ardeu de curiosidade. Independentemente de quantas vezes havia tentado descobrir detalhes de Conrad acerca do motivo de querer a NuFlesh, ele nunca havia lhe fornecido nada. Perguntou-se se Conrad havia encontrado uma forma de resolver os problemas de decomposição e toxicidade. Não fazia ideia de quais eram as bases educacionais e profissionais dele — de novo, Conrad havia resistido a suas tentativas de descobrir aquilo —, mas passava a impressão de conhecer o bastante de ciências, especialmente de química. O unguento era uma prova daquilo. Talvez se oferecesse um emprego a Conrad? Não que tivesse qualquer dinheiro para lhe pagar. Mas se o colocasse como sócio...

— Eu gostaria de cinquenta quilos dessa vez — Conrad disse. — Se for possível.

Inconscientemente, Peter afagou a cicatriz por baixo da barba enquanto pensava. Seus dedos voltaram grudentos devido ao unguento.

— Isso é mais ou menos tudo que tenho pronto no momento. A manufatura leva um tempo, entende, e tem experiências agendadas...

Conrad colocou a mão no bolso interno do paletó de novo, tirou um segundo frasco arrolhado e o

colocou sobre a mesa.

Peter encarou o recipiente com o olhar de um viciado sedento.

— Temos um acordo.

Enquanto levava a mão até o frasco, Conrad a segurou e o interrompeu. Era a primeira vez que o homem lhe tocava, e Peter ficou surpreso com como a pele dele era fria.

— Um aviso. O meu unguento causa certos... efeitos colaterais se for usado com muita frequência e em quantidades grandes demais. É por isso que me certifiquei de parcelá-lo em vez de lhe dar demais de uma só vez. Tome cuidado para não usá-lo mais do que uma vez a cada dois dias. Três seria preferível. Você deve seguir minhas instruções com cautela, independentemente de quão intensa possa ficar sua coceira. Você compreende?

— Claro. O que disser.

Conrad encarou profundamente os olhos de Peter, como se estivesse tentando medir sua sinceridade, antes de finalmente soltar a mão dele. Peter pegou o segundo frasco e o levantou junto ao rosto. O conteúdo amarelo-esverdeado parecia muco engarrafado, mas agora era uma das coisas mais bonitas que já havia visto.

Vai à merda, Coceira, pensou.

Embora devesse ser sua imaginação, poderia jurar que sentiu uma irritação suave e momentânea atrás da orelha direita, como se a Coceira estivesse dizendo, *Não se preocupe. Eu vou voltar — logo. E então a gente realmente vai se divertir!*

Pouco tempo depois, Conrad deixou o centro de compras com quarenta quilos de NuFlesh no banco de trás da SUV preta, embalados a vácuo em sacos plásticos e empacotados em caixas de papelão sem nenhum nome ou logotipo. Era menos do que queria, mas era tudo que Peter tinha, então teve que servir. Peter prometeu lhe telefonar quando tivesse mais pronto, e levando em conta o quanto ele precisava do unguento, Conrad não teve dúvidas de que cumpriria sua promessa.

A NuFlesh era um material incrível, e embora Conrad não fizesse ideia se Peter iria aperfeiçoá-la em algum momento, aquilo não importava na sua opinião. Como lhe havia dito, a fórmula atual da NuFlesh era o bastante para suas necessidades — contanto que acrescentasse alguns toques químicos próprios.

Havia muitas coisas de que Conrad não gostava acerca do mundo moderno — em sua maioria, as pessoas eram pouco refinadas e mal-educadas e pareciam incapazes de se concentrar em uma única tarefa durante qualquer período de tempo —, mas achava a internet extremamente útil. Havia tido sorte de descobrir o site da NuFlesh uma noite, enquanto estava pesquisando, e havia se enchido de animação, na esperança de finalmente ter encontrado a resposta pela qual estava procurando há tanto tempo. O material havia funcionado melhor do que ousara sonhar e, agora, depois de três longos séculos, estava enfim prestes a transformar sua visão em realidade.

— Louvada seja Hela — sussurrou.

Além da NuFlesh, havia dois coolers de metal na área de armazenamento atrás do banco traseiro da SUV. Em cada um deles, em meio a gelo e enroladas em tiras de tecido ensopadas em uma mistura alquímica criada por ele mesmo, estavam as outras provisões de que Catherine precisava. Ela havia lhe dado uma lista, e ele havia saído na noite anterior e feito o melhor que podia para conseguir todos os itens dela. Infelizmente, os dois moradores de rua que havia escolhido como doadores não estavam nas melhores condições de saúde — havia visto evidências de câncer nos pulmões de um deles, além de um coração dilatado, e encontrado cirrose no fígado do outro junto a um tumor surpreendentemente grande no

cérebro. Havia sido forçado a deixar os órgãos afetados para trás, pois mesmo com a aplicação habilidosa da NuFlesh, seriam inúteis. Mas havia conseguido obter a maior parte dos itens que Catherine pedira e pensava que ela ficaria contente. Se precisasse de mais alguma coisa, poderia sair de novo naquela noite. Não só tinha ampla experiência na obtenção de coisas daquela espécie como, apesar de todos os séculos que havia passado realizando aquela tarefa, o trabalho nunca ficava velho demais para ele.

São os prazeres mais simples, pensou e sorriu.

Sentiu uma vibração repentina que o assustou no bolso frontal da calça. Tirou uma das mãos do volante, colocou-a no bolso e tirou dele o celular. Como sempre, pensou que nunca se acostumaria àquelas malditas engenhocas. Olhou para a tela, viu o nome de Catherine e o atendeu.

— Olá, Catherine. É uma grande coincidência você ter ligado. Enquanto estamos conversando, estou a caminho de sua casa para entregar...

Ela o interrompeu, algo que uma mulher bem-educada jamais faria no tempo dele.

— Você viu o jornal de hoje? — ela perguntou.

A princípio, ele pensou que os corpos dos dois moradores de rua haviam sido descobertos e que ela estava descontente. Mas descartou aquela possibilidade na mesma hora. Durante todo o tempo em que estiveram “cooperando”, ela nunca havia abordado diretamente a questão de onde ele conseguia a matéria bruta que lhe trazia, apesar de saber que aquilo a deixava desconfortável. Não, tinha que ser alguma outra coisa.

— O cachorro atacou novamente? Não se preocupe. Depois que tiver lhe entregado as provisões, vou sair em busca da besta e...

— Não é o maldito cachorro! É alguma outra coisa.

Ela havia feito aquilo de novo! Se não precisasse tanto das habilidades médicas daquela mulher... Então compreendeu as palavras dela.

— Alguma... outra coisa?

Ela continuou a lhe contar.

SETE



— Qual é o nome do lugar que a gente está procurando mesmo? — Dean perguntou.

— NuFlesh Biotech.

Estavam no carro, passando pelo centro de Brennan, depois de fazerem uma parada no motel para fazer algumas pesquisas, comer um lanche de fast-food correndo e vestir os ternos. Dean havia comido um cheeseburger com bacon de 200 gramas — e bacon extra, é claro — junto a uma porção grande de batatas fritas. Agora, a comida estava pesando no estômago como um tijolo de chumbo e ele começava a desejar que houvesse seguido o caminho de Sam e comido uma salada. Mas nunca iria admitir aquilo para o irmão. Se o fizesse, sabia que Sam iria enxergar aquilo como uma oportunidade de convertê-lo ao Culto da Boa Nutrição, e ficaria escutando sermões para sempre.

— NuFlesh. Isso parece meio profético pra você?

— Só muito — Sam respondeu. Deu um gole no café extragrande. Haviam parado no caminho para pegá-lo, e ele havia pedido puro dessa vez, com duas doses de expresso.

Dean estava frustrado. Apesar do fato de Sam tê-lo convencido de que lidar com o Franken-vira-lata poderia levá-los a uma nova espécie de arma que poderiam usar contra Dick Roman, quanto mais tempo passavam em Brennan, mais impaciente estava ficando. Roman e os outros Leviatãs estavam livres, enchendo as bocas repletas de presas com carne humana enquanto continuavam a avançar em seus planos de conquistar o mundo, e os metamorfos filhos da puta não iriam colocar o que haviam programado em espera enquanto os irmãos Winchester lidavam com outros negócios. Os Leviatãs eram como uma doença letal que iria continuar a se espalhar sem controle a menos que alguma coisa fosse feita a seu respeito, e permanecerem nessa cidade perdida no mapa apanhando cachorros esquisitos não estava fazendo nada para impedi-los.

Não ajudava o fato de Sam parecer estar com ainda mais parafusos soltos do que o normal. Dean tinha certeza de que o irmão havia tido algum tipo de alucinação na mata da qual não queria falar, e ele estava se entupindo de café como se fosse água e estivesse cruzando o Saara a pé. Dean não era alheio ao conceito de automedicação, mas não estava certo do que Sam esperava alcançar consumindo tanta cafeína. Parecia-lhe que todo aquele estímulo iria apenas deixar Sam mais nervoso e ansioso, que por sua vez dificultaria ainda mais manter o controle do próprio estado mental. Por outro lado, Dean preferia “medicamentos” que o acalmassem em vez de agitarem-no, então talvez fosse apenas um caso de cada um com seu cada um. Mesmo assim, estava determinado a ficar de olho em Sam, o que, tinha que admitir para si mesmo, era basicamente o que fazia quase sempre. Então, de certa forma, no que dizia respeito às vidas ferradas dos Winchester, supunha que tudo estivesse mais ou menos normal.

Não ajudava com o humor o fato do cadáver do Franken-vira-lata estar começando a fazer o carro feder de verdade. O cachorro monstruoso estava no porta-malas, enrolado em algumas toalhas do motel, mas o fedor dele havia se infiltrado no interior do carro e estava piorando a condição de seu estômago já enjoado.

Definitivamente, vou comer uma salada na próxima vez, pensou. Talvez uma salada de tacos, com

carne, salsa e creme de nata extras.

— Eu prefiro quando as coisas que a gente mata se desintegram quando morrem — disse. — Não precisamos lidar com tanta bagunça.

— Definitivamente, não precisamos lidar com tanto fedor — Sam concordou. — Eu não tenho certeza, mas acho que o Franken-vira-lata está se decompondo mais rápido que o normal. O que faz muito sentido se ele for feito de partes de cachorros já mortos. Quando ele morre, ou morre de novo, melhor falando, qualquer que seja a força que estava impedindo o processo de decomposição dele acaba, e então...

— É tchau Franken-vira-lata, olá pilha nojenta de carne podre.

— É mais ou menos isso. Só espero que ainda tenha o bastante dele quando chegarmos à NuFlesh.

— Você realmente acha que o dono do lugar vai poder nos ajudar?

— Não sei. Mas você viu as fotos no site deles. As coisas que eles fazem parecem demais com aquelas cicatrizes estranhas do Franken-vira-lata.

Quando haviam voltado ao quarto do motel, Sam havia entrado na internet e trabalhado em seu charme de nerd tecnológico até encontrar o site da NuFlesh. Havia levado algum tempo, o que surpreendeu Dean. Normalmente, Sam conseguia encontrar informações na internet tão facilmente quanto Dean conseguia encontrar carne seca em prateleiras de lojas de conveniência, mas levando em conta que o ponto de partida de Sam mal passava de uma pesquisa com a expressão “cicatrizes esquisitas”, imaginou que fosse impressionante que houvesse encontrado qualquer coisa que fosse.

A NuFlesh estava no mercado de produção de pele artificial que, segundo o site, tinha “profundas aplicações médicas que poderiam em breve mudar o mundo”. Porém, pelo que Dean havia visto, ainda tinham um caminho considerável a percorrer antes de poderem cumprir essa promessa. A coisa parecia mais borracha com cor de carne humana do que pele de verdade e, quando era aplicada em alguém, parecia bem menos natural do que enxertos de pele. Sam também havia descoberto — bastante escondido no site para que não fosse tão óbvio a navegadores casuais — que o sucesso da NuFlesh era, colocando de uma forma gentil, modesto. Não parecia a Dean que a coisa funcionasse bem o bastante para servir de curativo para cortes de papel, quanto mais para manter unidas um monte de partes de cachorros mortos. Mas tinha que admitir, realmente se parecia com as cicatrizes do Franken-vira-lata, então imaginava que conversar com o criador da NuFlesh valia a pena. Com um mínimo de sorte, ele poderia ser o dr. Frankenstein que estavam procurando e então poderiam acabar com aquela caçada e voltar ao que realmente importava: pegar Dick Roman e seu exército de piranhas extragrandes.

— Falando no Franken-vira-lata, como é que está aquela mordida? — Dean perguntou.

Sam deu outro gole no café aditivado.

— Está boa. Ainda não tem nenhum sinal de infecção. — Cruzou as pernas e puxou a barra da calça para mostrar a Dean o lugar em que havia sido mordido. Fiel ao que havia dito, a pele da região parecia saudável. As marcas da mordida estavam com cascas de ferida e não havia nenhum inchaço ou vermelhidão, nem mesmo um hematoma. Dean achou a ausência desta última um pouco estranha. O Franken-vira-lata não ganharia nenhuma competição de beleza enquanto estava vivo, mas era pelo menos tão forte quanto um cachorro comum, se não fosse mais forte ainda. A pressão de sua mordida deveria ter deixado algum tipo de marca em Sam junto à ferida pontilhada provocada pelos dentes, mas não havia nada. Talvez Dean houvesse superestimado a força do cachorro monstruoso... ou talvez não. Era mais uma coisa para ficar de olho.

Não levaram muito tempo para encontrar a NuFlesh Biotech. Dean ficou surpreso ao descobrir que a empresa era localizada em um centro de compras.

— Não é exatamente o que eu esperava — disse.

— O que é que você acha que a gente ia encontrar? Um castelo acabado com um para-raios enorme saindo de uma das torres e um assistente corcunda espreitando por trás do parapeito?

Dean encolheu os ombros.

— Não, mas imaginei que parecesse mais... não sei, científico.

Conduziu o carro até um espaço em frente à NuFlesh e estacionou.

— Ela é uma empresa na fase inicial — Sam chamou a atenção. — Provavelmente esse é o melhor lugar pelo qual podem pagar.

Dean desligou a ignição. Fez uma careta enquanto o motor do carro sacudia e dava alguns solavancos antes de desligar. Deus, como sentia falta do Impala!

A gente vai ficar junto de novo, meu querido, pensou. Assim que o papai matar o Dick Roman.

— Pode ser — Dean respondeu —, mas não tem nenhum estilo. Parece mais uma lavanderia do que o lar de um gênio do mal.

— A gente ainda não tem nenhuma prova de que o dr. Martinez tenha algo a ver com o Franken-vira-lata. E mesmo se ele tivesse, por que é que iria querer anunciar que ele é a versão de Brennan do dr. Frankenstein? Olha pros Leviatãs. Eles podem ser criaturas antigas, vindas do alvorecer da criação, mas eles se adaptaram ao mundo moderno na mesma hora. Eles se misturam. Talvez seja isso que Martinez esteja fazendo.

— Aí está outro problema. Martinez, isso não é um nome legal pra um cientista louco. Frankenstein, Jekyll, Moreau, Phibes. Esses nomes são assustadores. Martinez, nem tanto.

Saíram do carro. Sam terminou o café e jogou o copo vazio em uma lata de lixo que ficava na calçada em frente à NuFlesh. Enquanto caminhavam em direção à porta de entrada da NuFlesh, Dean percebeu que os dois estavam perfumados com *eau de Franken-vira-lata*. Imaginou que precisariam lavar os ternos a seco quando aquilo acabasse. Por um breve momento, sentiu-se feliz por não estarem usando o Impala. Teria odiado deixar o querido dele todo acabado, cheio de fedor de cachorro monstruoso morto.

Dentro da pequena área de recepção, rapidamente ficou claro que estavam com um cheiro pior do que Dean temia. A secretária — uma mulher magra como um passarinho na casa dos cinquenta e com cabelos brancos trançados — estava apertando os lábios e virando a cabeça levemente para o lado enquanto conversava com eles, numa tentativa fútil de manter o nariz o mais longe possível do fedor deles. Mostraram-lhe as identificações falsas do departamento, ela fez uma ligação rápida e, um momento depois, uma porta lateral se abriu e o dr. Peter Martinez veio correndo.

Agora sim, isso parece mais com o que eu imaginava, Dean pensou e se sentiu instantaneamente envergonhado por isso. Obviamente, o homem havia sofrido queimaduras sérias em algum momento do passado.

Dean sabia bem que não devia julgar alguém pela aparência. Pelo menos não alguém humano. Quando se tratava de predadores sobrenaturais, entretanto, na maior parte das vezes era realmente possível se julgar um livro pela capa. Se algo parecia querer comer sua carne ou devorar sua alma, provavelmente queria.

Apesar de Dean saber bem daquilo, não conseguia deixar de pensar que as cicatrizes de queimaduras de Martinez o faziam parecer um cientista do mal perfeito. É claro, poderia melhorar no vestuário. Camisa de flanela, calça jeans e tênis de corrida não gritavam: *Eu sou um cara que costura pedaços de pessoas mortas no meu laboratório!* Talvez se acrescentasse um jaleco branco com algumas manchas de sangue...

— Eu sou o dr. Martinez. — Sorriu, fazendo o lado sem cicatrizes da boca levantar-se mais alto do que o outro. Apertou a mão de Dean, depois a de Sam. — Como posso ajudá-los, cavalheiros?

Dean se pegou encarando a pele repleta de cicatrizes de queimaduras do homem. Havia visto várias cicatrizes na sua época — por Deus, ele mesmo tinha algumas, assim como Sam — e normalmente não se sentia desconcertado por causa delas, mas agora que Martinez estava a apenas alguns passos de distância deles, Dean via que havia alguma coisa errada quanto às dele. Elas estavam úmidas e brilhantes, como se estivessem cobertas por uma gelatina de petróleo, e a pele não parecia firme. O efeito total fazia

Martinez parecer uma estátua de cera que estava no processo de derreter lentamente.

Dean olhou de soslaio para Sam e conseguiu ver pela expressão do irmão que ele havia achado as cicatrizes estranhas do homem igualmente desconcertantes. Mas o que lhes forneceu mais informações foi a reação da administradora do escritório. Quando Martinez havia aparecido, ela havia se sobressaltado, e agora estava com os olhos arregalados, como se não estivesse conseguindo acreditar no que estava vendo. O que quer que estivesse acontecendo com as cicatrizes de Martinez, não era algo normal.

Dean revisou o julgamento inicial. O dr. Martinez era definitivamente um candidato a cientista louco de Brennan.

Sam começou a apresentá-los, mas enquanto o fazia soltou um bocejo enorme.

— Me desculpe — murmurou. — Foi uma noite longa no trabalho.

Dean lhe disparou um olhar.

— Como o meu parceiro estava dizendo, nós fomos chamados pra ajudar na investigação acerca das mortes estranhas que têm ocorrido aqui na cidade durante os últimos dias. Pensamos que talvez você possa nos ajudar.

Dean estava olhando atentamente para Martinez para captar qualquer reação à menção das mortes consumidoras que havia começado a chamar para si mesmo de O Ressecamento, mas o homem pareceu não sentir nada além de confusão.

— Eu sou um bioquímico, não um especialista em doenças. Não tenho certeza se posso ajudar vocês em muita coisa.

— Achamos que as mortes podem ter alguma ligação com a NuFlesh — Sam disse. — Não tanto com a companhia em si, mas com o produto de vocês.

Martinez franziu o rosto.

— Não vejo como isso é possível. Não só a NuFlesh não provoca nenhum tipo de efeito colateral que pudesse explicar aquelas mortes, como o produto ainda se encontra em fase de desenvolvimento e não está sendo usado amplamente no setor público. Na verdade, não conheço ninguém na cidade que tenha um enxerto de NuFlesh.

O homem levantou a mão para coçar as cicatrizes flácidas na lateral do rosto no que pareceu a Dean como um hábito de nervosismo. As unhas abriram canais finos na pele enrugada que imediatamente foram preenchidos com um fluido amarelado, mas ele não pareceu perceber. O estômago de Dean deu uma volta.

Salada. Na próxima vez, com certeza.

— Temos uma coisa na qual gostaríamos que desse uma olhada — Sam disse. — Vai tomar apenas um instante do seu tempo, e nós realmente iríamos ficar gratos.

Sam manteve o olhar fixo nos olhos de Martinez, e Dean sabia que o irmão estava tentando não encarar as linhas repletas de fluido que o homem havia esculpido no rosto.

— É claro. Fico feliz de ajudar.

— Excelente — Sam respondeu. — Está lá fora.

Enquanto os três saíam do escritório, Dean viu que a secretária havia ficado pálida. Entre suportar o fedor do cadáver do Franken-vira-lata que se prendeu a eles e ver o chefe se mutilar, parecia que ela também estava se arrependendo do que quer que houvesse escolhido como almoço.

O estômago de Dean borbulhou. *Eu entendo exatamente como você está se sentindo, irmã, pensou.*

Sam daria o que fosse por outro café naquele momento, talvez com três doses de expresso dessa vez.

Estava tendo muita dificuldade para manter os olhos abertos e começava a pensar que aquilo ia além de simples cansaço. Talvez fosse a reação do corpo a ter que lutar contra a loucura que se alvoroçava dentro de si. Combater esta loucura exigia muito dele, e era simplesmente natural que isso cobrasse um preço em seu nível de energia. Perguntou-se por quanto tempo conseguiria continuar desse jeito antes de seu sistema atingir o limite e se desligar de vez. Talvez, ao invés de apenas dormir em um quarto de motel por algumas horas, caísse em um sono profundo do qual nunca mais acordaria. Ficou surpreso ao descobrir que aquele pensamento não o assustava. Na verdade, era até meio que reconfortante, de uma forma esquisita. Havia lido acerca de pessoas muito velhas que ansiavam pela morte, vendo nela uma chance de se livrarem dos fardos que haviam carregado por tanto tempo e finalmente descansarem. Levando em conta tudo que já lhe havia acontecido em sua vida relativamente curta, compreendia esta atitude melhor que a maior parte das pessoas de sua idade, mas nunca havia pensado que acabaria ele próprio se sentindo dessa forma. *Está ficando um pouco mórbido demais*, disse para si mesmo. O melhor antídoto para isso era se concentrar na tarefa do momento.

Uma coisa boa: pelo menos não havia alucinado quanto ao fato de as cicatrizes de dr. Martinez estarem escorrendo, flácidas. Pôde ver pela reação de Dean que ele também havia visto aquilo e estava igualmente perturbado. Então, era um alívio. Sam não tinha ideia do que poderia fazer a cicatriz dele escorrer daquela forma. Até onde sabia, cicatrizes antigas não supuravam. Perguntou-se se Martinez havia tentado usar a própria fórmula para consertar o rosto. Embora ele houvesse dito que o produto ainda estava em fase de desenvolvimento. Se fosse este o caso, então talvez as linhas de cicatrizes do Franken-vira-lata não tivessem nada a ver com a NuFlesh, o que significaria que ele e Dean estavam, cunhando um trocadilho, latindo para a árvore errada.

Chegaram ao carro e Dean abriu a mala.

— Isso é o melhor que o FBI pode comprar? — Martinez disse enquanto encarava o veículo antigo.

— Cortes de orçamento — Dean respondeu sem pestanejar. — Você sabe como é.

Um fedor realmente horrendo saiu do interior do porta-malas, fazendo com que todos os três dessem um passo para trás. Sam sentiu-se grato por estarem em novembro. Não queria nem pensar em como o Franken-vira-lata iria feder se estivessem em agosto.

— O que é que é isso? — Martinez perguntou, com a mão agarrada à parte de baixo do rosto em uma tentativa que Sam sabia ser inútil de bloquear o cheiro.

— Queríamos que você nos dissesse. — Dean jogou o cobertor que estava cobrindo o Franken-vira-lata para trás e expôs o cadáver destruído da criatura.

O dr. Martinez encarou a besta, mas Sam e Dean mantiveram o olhar fixo nele. Estavam procurando quaisquer sinais de reconhecimento nos olhos do homem, mas tudo que Sam viu foi uma expressão de nojo. Ou ele era um ator realmente bom, ou nunca havia visto o Franken-vira-lata antes. Então o nojo se transformou em confusão, e depois em curiosidade. Tirou a mão do rosto e deu um passo à frente para olhar mais de perto.

— Isso é um *cachorro*?

— Pelo visual que tem, parece mais vários — Dean respondeu.

Martinez se inclinou ainda mais para perto, e Sam ficou impressionado com o fato de conseguir fazer aquilo sem engasgar. Ele colocou a mão no bolso da camisa e pegou uma caneta. Usando-a como uma vareta de exames, encostou a ponta dela na linha carnuda que dividia a perna traseira do Franken-vira-lata do resto do corpo.

— Entendo por que vocês quiseram me consultar. Esse material se parece com a NuFlesh.

— Parece? — Sam disse.

Martinez continuou cutucando o Franken-vira-lata com a caneta.

— Tanto a cor quanto a textura são um pouco diferentes. É mais maleável que a NuFlesh, mais parecido com pele de verdade.

— Mas isso é artificial — Sam pressionou.

— Sem dúvida. — Martinez lhe mostrou um sorriso rápido e torto. — O que quer que seja essa coisa, acho que é seguro dizer que não nasceu assim.

Dean lançou um olhar exasperado para Sam.

Ousado, Sam continuou.

— Assumindo que esse... animal seja o que parece ser, a NuFlesh, ou alguma coisa do tipo, poderia ser usada pra juntar partes separadas?

— Como se fosse uma espécie de cola de carne — Dean acrescentou.

Martinez endireitou a postura e recuou do porta-malas. Sam percebeu que não colocou a caneta no bolso de volta. Sam não o culpou por isso.

— Vocês estão falando sério?

— Colabora com as pessoas entre nós que não tem PhD em bioquímica — Dean pediu.

Martinez pensou por um momento. Enquanto fazia isso, coçou o rosto de novo. A cicatriz rasgou e mais fluido escorreu dela, enquanto a pele derretia mais uma fração de centímetro.

— Eu projetei a NuFlesh como uma substância artificial pra ser utilizada em enxertos de pele, embora sempre tenha pensado que um dia pudesse ser empregada em transplantes. Mas isso é apenas teórico. Aplicações desse tipo estão a anos, talvez décadas de distância. — Olhou para o Franken-vira-lata de novo. — Mesmo se alguém tiver conseguido desenvolver uma fórmula própria de NuFlesh que seja mais avançada que a minha, os obstáculos que teriam que ultrapassar pra criar uma coisa dessas são assustadores. Fundir ossos, conectar músculos e nervos... Enquanto os problemas de rejeição de tecido por si só...

— Entendemos o que você está dizendo — Dean interrompeu. — Não é exatamente o tipo de coisa que se pode fazer com um kit júnior de cientista louco e uma boa e velha mão de obra pesada.

— Dificilmente — Martinez concordou. — Estou confiante de dizer que ninguém na Terra tem a capacidade de fazer uma abominação como essa. Embora não consiga nem imaginar por que alguém gostaria de fazer isso. Vocês acreditam que tenha alguma ligação com o surto recente de mortes misteriosas?

— Hã-hã. — Dean colocou a coberta sobre o cadáver do Franken-vira-lata e fechou o porta-malas. — Imaginamos que as pessoas dão uma olhada nele e morrem de uma overdose de feiura.

Sam mostrou a Dean um olhar de aviso, depois se virou para Martinez

— Não tem risco de contágio.

— Supus que esse fosse o caso — Martinez respondeu. — Ou então vocês teriam seguido protocolos de contenção mais rígidos. Olhou de relance para o porta-malas fechado. — Ou qualquer um, pra dizer a verdade. Quer dizer, nem mesmo o governo federal pode ser tão estúpido assim, não é?

Sam olhou rapidamente para Dean, mas nenhum dos dois disse nada.

— Quando vocês encontrarem o lugar de onde veio essa coisa, por favor falem comigo. — Martinez pediu. — Curiosidade profissional, entendem? Agora, se não tiverem mais nada, eu realmente tenho que voltar pro meu trabalho.

— Uma última pergunta — Dean disse. — Essa coisa de pele artificial poderia ser usada pra fazer um cara com duas cabeças e quatro braços?

Peter estava parado na calçada em frente à empresa, observando os agentes irem embora no carro destruído que tinham, levando o cadáver da criatura mal concebida — e seu fedor horrível — com eles.

Depois que foram embora, ele pegou o telefone no bolso e digitou o número de Conrad. Enquanto estava esperando que ele atendesse, coçava o rosto indolentemente. A Coceira estava branda, muito melhor do que estivera, mas ainda o incomodava. Quando havia terminado de conversar com Conrad, havia voltado lá dentro e aplicado mais do unguento especial do homem. É verdade, Conrad o havia alertado a respeito dos efeitos colaterais do uso exagerado, mas era a única coisa que fornecia algum alívio a Peter. De fato, qual era a pior coisa que poderia acontecer?

Não sentia o fluido viscoso que estava vazando dos sulcos que havia escavado na pele cicatrizada e, mesmo se pudesse senti-lo, provavelmente não teria se importado com isso.

A sala de embalsamento no Centro de Legados Harrison Brauer — em uma linguagem mais simples, um salão de funerais — estava abarrotada e úmida, embora preferisse pensar nela como aconchegante e agradável. As paredes sem cor e o piso de azulejos pareciam brilhar sob a luz brilhante e fluorescente, e se passasse tempo demais trabalhando ali, seus olhos começariam a lacrimejar. Se ficasse ruim demais, colocaria óculos escuros, tornando-o, pelo menos na própria mente, o agente funerário mais estiloso da cidade. O ar continha um cheiro forte de ferro ao qual havia se acostumado há tempos e que, para falar a verdade, havia passado a achar até mesmo agradável. Um par de mesas de mármore branco ocupava o centro da câmara, e sobre elas havia um chuveiro de metal pendurado no teto, apenas para caso Harrison precisasse lavar-se de alguma substância particularmente nojenta que houvesse derramado sobre ele. No chão, colocado entre as mesas, havia um ralo grande e gradeado, que às vezes imaginava como uma metáfora perfeita para o fim da vida. No fim das contas, tudo que havia vivido terminava escoando pelo Grande Ralo do Universo.

Junto a uma das mesas, havia uma maca, e, deitado nela com a barriga para cima, pelado, estava Mason McKelvey, proprietário do McKelvey's Motorama, a loja de carros usados mais bem-sucedida de Brennan. Ele havia sido trazido menos de uma hora antes, depois de passar os últimos nove dias de vida em uma cama de hospital enquanto os rins paravam lentamente de funcionar. Uma pena, realmente, já que estava apenas no começo dos sessenta anos; não era novo, mas tampouco era velho. Harrison nunca havia comprado um carro de Mason — o mercado de funerais o havia tratado bem e podia pagar por veículos zero quilômetro —, mas conhecia o homem tanto do Rotary Club quanto da associação de comerciantes da cidade. Era um camarada bastante agradável, embora fosse um pouco barulhento e egocêntrico. Por mais duro que fosse como vendedor e, em todos os aspectos, sangue-frio e impiedoso quando se tratava de fechar um negócio, Harrison acreditava que a forma jovial com que era desagradável se adequava à sua linha de trabalho. Quando a maior parte das pessoas chegava até ele, deitadas nuas e imóveis como estátuas, pareciam de alguma forma diminuídas; menores, encolhidas sobre si mesmas, com a pele pálida e dura como se fossem bonecos de cera. Mason não era uma exceção. Um homem magro, com uma cabeleira surpreendentemente espessa e de um branco selvagem, nariz fino e orelhas grandes demais, parecia quase cômico apesar do ambiente que o cercava naquele momento. Ali, na sala de embalsamento, não havia nada em Mason McKelvey que pudesse indicar a posição de poder e respeito que havia alcançado em vida. Não pela primeira vez, Mason Harrison pensou que a morte realmente era a grande equalizadora.

Harrison certamente compreendia como as aparências da superfície nem sempre demonstravam a pessoa por dentro, pois ele mesmo desafiava o estereótipo que a maior parte das pessoas tinha a respeito de agentes funerários. Em vez de se parecer com Gomez Addams — terno preto e sombrio, compleição branca como a de um cadáver, um brilho louco nos olhos —, era alto, de rosto corado e rotundo, como se

fosse um Papai Noel de barba feita. Sua conduta combinava com a aparência. Estava constantemente com um sorriso no rosto e ria com facilidade e frequência, um som alto e infeccioso que vinha das profundezas do peito, convidando todos que o escutavam a juntar-se a ele.

Harrison transferiu Mason da maca para uma das mesas de mármore com uma facilidade provinda em partes iguais de força e prática de longa data. Empurrou a maca até um dos cantos da sala para tirá-la do caminho e depois voltou para levar Mason em consideração. Os primeiros passos nos preparativos de um cliente de embalsamento eram simples: esfregar a pele, limpar as unhas, lavar o cabelo com xampu e então massagear os membros para quebrar o rigor mortis. Então costurava-se a boca para que ficasse fechada e posicionava-se os traços faciais cuidadosamente antes que o corpo se enrijecesse. Depois disso, o processo se tornava mais envolvente. O sangue era drenado, o estômago esvaziado e o corpo era preenchido com um fluido para manter a rigidez arterial, que também servia para recuperar a cor da pele. Harrison preferia utilizar litiol número 32, que comprava de uma companhia de suprimentos especializados.

As ferramentas do ofício de Harrison o cercavam: o trocarte que esvaziava os estômagos dos clientes, as escápulas que usava para escavar as artérias, a bomba duotrônica que injetava substâncias químicas nos corpos, dotando-os de um aroma que lembrava vinagre. Mas não pegou nenhum destes objetos. Em vez disso, abriu uma gaveta e tirou dela um kit de maquiagem. Colocou-o sobre a mesa, perto da cabeça de Mason, abriu-o e foi ao trabalho.

Meia hora depois, havia terminado. Harrison deu um passo para trás para admirar o resultado.

Havia coberto o rosto, as orelhas e o pescoço de Mason de branco, delineado os lábios dele com um vermelho brilhante para criar um sorriso extravagante, e pintado cílios grandes e pretos sobre cada um dos olhos. Na bochecha direita havia escrito a palavra “Compro” em preto, e na direita havia escrito “Vendo”. Penteou o cabelo de Mason para cima e para trás, passou um spray para mantê-lo no lugar e então o pintou de verde para representar dinheiro.

Tirou um espelho portátil do kit de maquiagem e o ergueu em frente ao novo rosto de Mason.

— O que é que você acha? Você já ouviu falar em carros de palhaço, não ouviu? Bem, agora você é um carro de palhaço!

Harrison riu, mas evidentemente Mason não entendeu a piada, pois permaneceu em silêncio. *Ele que se foda*. Harrison achou aquilo engraçado.

Guardou o espelho no kit de novo, caminhou até o balcão e pegou a câmera. Passou então os vários minutos seguintes tirando fotos de Mason de diferentes ângulos.

— Você sabe que simplesmente vai ter que limpar isso tudo.

A voz assustou Harrison, mas ele a reconheceu quase que imediatamente. Ao invés de se virar para olhar o emissor da voz, continuou a tirar fotos enquanto respondia.

— Admito que a minha arte é transitória, mas é isso que a torna tão especial. Eu revelo a natureza interna dos meus clientes, trago ela à superfície talvez pela primeira e única vez desde o dia em que nasceram, e então restauro a aparência mais familiar que a família e os amigos deles esperam. Mas, pelo menos por um pequeno intervalo de tempo, mesmo que só aqui embaixo comigo, eles se transformam nas formas mais verdadeiras e profundas de si mesmos.

Satisfeito por ter tirado algumas boas fotos para seu álbum mais recente — já havia preenchido sete deles —, abaixou a câmera e finalmente se virou de frente para Conrad.

Conrad deu um passo à frente do canto sombrio em que estava e se aproximou da mesa onde Mason jazia. Harrison não questionou como Conrad havia conseguido entrar na sala de embalsamento sem que o escutasse. Sabia que ficava tão focado quando estava praticando sua arte — que considerava sua verdadeira vocação — que uma bomba poderia explodir atrás dele e mal a notaria. Além disso, Conrad, quando queria, conseguia se movimentar tão silenciosamente quanto uma cobra.

Conrad olhou rapidamente para o rosto alterado de Mason.

— Suponho que tenha sido as orelhas e o nariz que lhe deram a ideia de maquiá-lo como um palhaço.

— Isso e os comerciais de televisão horríveis que ele fez pra revendedora dele. Ele era um desses vendedores de carro que sempre falam muito alto e rápido quando estão em frente às câmeras, sabe como é?

— Não se deve debochar da morte assim — Conrad disse. — Ela é sagrada.

Harrison não via nenhum significado místico ou religioso na morte. Em sua opinião, era apenas um processo biológico, não era mais importante ou significativo que desligar uma lâmpada quando se sai de um quarto.

— A que devo o prazer da sua visita? — perguntou para mudar de assunto. — Devo assumir que você esteja precisando do tipo de materiais que só eu posso fornecer?

— Obrigado, mas não. No momento, acontece que estou com os estoques bem providos.

Harrison franziu o rosto.

— Não é nada pessoal, mas eu não achava que você era do tipo que faz visitas pra socializar.

— Eu não sou. — O corpo de Mason estava deitado entre eles, mas agora Conrad começou a caminhar lentamente ao redor da mesa, aproximando-se de Harrison. — Você se lembra de quando o visitei pela primeira vez?

— É claro. — Como poderia se esquecer do dia em que um homem bem vestido e exageradamente formal havia entrado na recepção e se apresentado como Conrad Dippel? Conrad, que se parecia muito mais com o estereótipo de agente funerário do que Harrison jamais pareceria, havia trazido consigo vários recipientes de um material chamado NuFlesh e uma proposta de negócios.

— Eu o procurei por diversas razões. Uma foi a sua profissão. É uma tarefa antiga e nobre, que minha senhora tem em grande estima. Outra foi o seu sobrenome: Brauer. Significa *cervejeiro* em alemão. Minha senhora sempre teve uma predileção pelo povo germânico, e eu mesmo tenho a honra de ostentar esta origem também.

Harrison havia escutado Conrad falar de sua *senhora* antes, mas não fazia ideia de a quem ele estava se referindo. Alguma espécie de supervisora, supunha.

Conrad continuou.

— Para não mencionar o fato de que você tem acesso a certos “materiais”, como gosta de chamá-los, junto a dependências adequadas para trabalhar com eles. Além disso, perguntei sobre você pela cidade e descobri que tem uma reputação de ter um comportamento um pouco excêntrico. Não é um preconceito incomum quando se trata de pessoas que se devotam às artes funerárias, admito, mas achei os rumores intrigantes.

Conrad havia chegado ao lado de Harrison da mesa e agora estava apenas a centímetros dele. Devido à sua altura e circunferência, Harrison raramente se sentia ameaçado fisicamente, mas apesar de ter uma boa margem de peso acima de Conrad, sentia-se intimidado pelo homem, e era tudo que podia fazer para se impedir de encolher na presença dele.

— Entretanto, após trabalharmos juntos por várias semanas, tornou-se visível para mim que embora você tenha o bastante de... — Olhou para o rosto de palhaço de Mason. — ... imaginação, falta-lhe outra qualidade vital para o sucesso de meu projeto. — Estendeu a mão na direção do rosto de Mason e, com o dedo indicador, limpou um pouco do branco. Então esfregou lentamente a maquiagem entre o polegar e o indicador, como se estivesse querendo senti-la, sem nenhuma pressa. — Você sabe que qualidade é essa?

Harrison tinha a sensação de que algo estava errado, mas não sabia o quê. A atmosfera emocional na sala parecia estar se carregando de energia elétrica como nos momentos que antecedem o início de uma tempestade de raios, e ele não estava gostando daquilo. Nem um pouco.

Balançou a cabeça negativamente.

— Treinamento médico. É minha própria culpa, é claro. Na minha época, as profissões eram menos especializadas do que são agora, e os avanços científicos na biologia, anatomia e medicina, por menores

que fossem, eram frequentemente realizados pelas pessoas que trabalham com os mortos. Acreditei que minha experiência compensaria o que lhe falta, mas logo percebi que isso foi arrogante de minha parte. Não poderia culpar seu entusiasmo pelo trabalho, mas nosso progresso estava lento e a minha senhora está ficando impaciente. Então, quando outra candidata se apresentou, uma que tinha o treinamento médico que lhe falta, decidi virar a casaca, acredito que seja assim o ditado.

Harrison estava se perguntando aonde Conrad estava querendo chegar com tudo aquilo. Onde quer que fosse, duvidava que fosse algum lugar bom.

— Não posso dizer que não fiquei decepcionado, mas não havia muito que pudesse fazer a respeito. Além do quê, você continuou a me pagar pelos serviços que eu prestava, então concluí que não tinha do que reclamar — Harrison respondeu.

Reunir órgãos e até mesmo membros inteiros para seus clientes não criava muitos problemas. Nunca davam pela falta dos órgãos, é claro, e quanto aos membros e até mesmo torsos, partes de manequins serviam bem como substitutos. Caso fosse necessário, colocava luvas sobre as mãos devido a um infeliz “acidente” químico que ocorreu durante o processo de embalsamento. As famílias ficavam bastante insatisfeitas com isso — até que Harrison lhes oferecia um desconto para compensar o choque extra durante o momento de pesar.

— Mas minha avaliação acerca do seu nível de habilidade acabou por mostrar-se prematuro — Conrad disse. — Você viu o jornal de hoje?

Agora, Harrison conseguia imaginar para onde estava caminhando aquela conversa, e realmente não gostava daquilo.

— Eu não acompanho as notícias locais. Nunca acontece nada interessante em Brennan.

— Então é muito conveniente que por acaso tenha passado por uma loja de conveniências no caminho para cá e comprado uma cópia. Encontrei um artigo que acredito que achará intrigante e o separei para você. — Colocou a mão no bolso interno do paletó, tirou dele um pedaço dobrado de jornal e o ofereceu a Harrison.

Harrison não o pegou prontamente. Mantinha a temperatura baixa na sala de embalsamento — não por nenhuma necessidade profissional, mas simplesmente porque se sentia mais confortável assim —, mas nos últimos minutos o ar havia definitivamente ficado mais gelado. Podia ser sua imaginação, mas não achava que era. A queda de temperatura parecia um sinal de perigo, o equivalente a uma cascavel brava chacoalhando a cauda como aviso. Por isso, Harrison permaneceu congelado, incerto do que fazer — ou não fazer — em seguida. No fim das contas, estendeu a mão e pegou o recorte de Conrad. Abriu-o, tentando se convencer de que havia apenas imaginado a sensação gélida do pedaço de papel, e o leu. Não levou muito tempo para terminar a leitura do artigo e, quando chegou ao fim, levantou a cabeça e encontrou o olhar de Conrad, embora realmente não quisesse que isso acontecesse.

— Eu sei que você é responsável por essa monstruosidade — Conrad disse —, então não insulte minha inteligência com uma negação. Você é a única pessoa na cidade, fora eu mesmo e minha colega atual, que poderia ter esperanças de sequer ter uma chance de restaurar a vida de um morto, sem contar... — Seus lábios se franziram de nojo. — alterar sua fisionomia.

Apesar do aviso de Conrad, Harrison quase negou aquilo de qualquer jeito, mas decidiu permanecer em silêncio ao invés disso.

— Eu mal havia começado a tutorá-lo nas artes alquímicas, e a instrução que lhe forneci foi mínima, na melhor das hipóteses — Conrad continuou. — Você não deveria conseguir ressuscitar sequer um inseto, quanto mais um humano.

— Ele tem duas cabeças — Harrison disse. — Isso significa que ele conta como duas pessoas?

— Compreendo por que você fez isso. — Conrad olhou para o cadáver com cara de palhaço deitado sobre a mesa de mármore. — Talvez *compreender* seja uma palavra forte demais. Eu *reconheço* que você tenha uma inclinação pelo diferente em seu trabalho. O que não compreendo é *como* você conseguiu

realizá-lo sozinho. Por obséquio, explique-me.

Harrison não via nenhuma forma de algo bom acontecer ao admitir a verdade, mas estava tão animado com o que havia feito que tinha que contar para *alguém* — mesmo que esse alguém pudesse matá-lo por isso.

— Eu prestei atenção em você enquanto trabalhava — respondeu. — Muito mais atenção do que você percebeu. Você anda com um caderno antigo, com capa de couro, que tem todos os tipos de fórmulas alquímicas. Você deixou ele jogado no balcão uma vez e consegui dar uma olhada nele enquanto você estava ocupado com outras tarefas. Posso não ter uma memória eidética, mas minha memória é excelente. Além disso, tirei fotos da fórmula com meu celular pra referências futuras. Essa informação foi tudo que precisei pra começar minha pesquisa na internet. Então, quando você me trocou por um novo assistente, eu fui ao trabalho. A maior parte das informações que encontrei não tinham sentido algum, mas eu sabia o que procurar, então reconheci quando me deparei com a coisa real. Quando acumulei conhecimento suficiente sobre a técnica, tudo que precisei foi de um pouco de NuFlesh. Fiz uma ligação pro dr. Martinez e disse pra ele que estava interessado em testar o maravilhoso produto novo dele como uma alternativa das massas funerárias. Ele me vendeu de bom grado diversas caixas do material. Depois disso, foi no geral um processo de tentativa e erro. Conseguir os produtos químicos adequados, misturar eles na proporção certa sob as condições perfeitas, realizar os ritos sem nenhuma falha... — Interrompeu a própria fala e mostrou a Conrad um sorriso envergonhado. — Eu não estou dizendo nada que você já não saiba, não é?

— Você deve ter usado cadáveres frescos. Se qualquer decomposição significativa se instaurar...

— A forma física do ressuscitado não vai ficar estável e ele vai apodrecer em algum momento. Eu sei. Apesar do fato de ter acesso aos corpos de mortos recentes, as famílias perceberiam se qualquer uma das pessoas que amavam acabassem sumindo. Então fui com meu rabeção até Crichton, fica a oitenta quilômetros daqui, achei dois doadores do lado de fora de um bar bem tarde da noite e peguei eles. Realmente não foi nenhum problema. Éter pode estar fora de moda, mas é uma ferramenta de caçada maravilhosamente efetiva.

— Você montou a criatura aqui? — Conrad perguntou.

— Montei. Me acostumei a chamar ela de Byron. — Parou, mas Conrad não mostrou nenhuma reação. — By-ron? Bi? De dois? Duas cabeças, entende?

Conrad olhou para ele inexpressivamente.

Harrison suspirou. Parecia que nem os vivos, nem os mortos apreciavam o seu senso de humor.

— E onde está a *criatura* agora?

— Como é que vou saber? Ele é que nem um gato, vai e volta quando quer. Ele dorme num barracão velho lá fora onde costumava guardar equipamentos de jardinagem. O que serve bem a este propósito. Quer dizer, seria difícil ter um homem pelado e de duas cabeças correndo aqui dentro quando tem um serviço acontecendo, não seria?

Pensou por um momento.

— Você acha que o Byron alguma hora vai se tornar a versão do Pé-Grande de Brennan? Eu espero que sim. Seria bom pro mercado de...

Antes que pudesse dizer a palavra “turismo”, a mão direita de Conrad se precipitou e agarrou a garganta dele, impedindo tanto a fala quanto sua respiração. A mão de Conrad estava tão gelada que queimava a pele de Harrison. Ele segurou o braço de Conrad com as duas mãos e tentou se libertar, mas apesar de o homem não parecer tão forte assim, seu punho parecia coberto de ferro e Harrison não conseguia deslocá-lo.

— Embora deva admitir estar impressionado com a sua iniciativa, não posso permitir que você interfira com meus planos. A última coisa que preciso é que seja atraída atenção indevida...

O telefone de Conrad começou a tocar em seu bolso. Harrison ficou surpreso de escutar que o toque

era uma música, e ainda mais surpreso do fato de se tratar de “Don’t Fear the Reaper*” do Blue Oyster Cult. Talvez o sombrio e oh-tão-respeitável sr. Dippel tivesse um senso de humor no fim das contas.

Conrad manteve o punho apertado em volta da garganta de Harrison enquanto tirava o telefone do bolso da calça com a mão esquerda e atendia a ligação.

— Alô? — Disse esta única palavra e nada mais. Só escutou, cada vez mais franzindo o rosto e cerrando os dentes. Apertou o punho com mais força também, e Harrison começou a sentir a cabeça ficando mais leve, quase como se estivesse flutuando, e pontos cinzas dançavam na sua visão. Estava escutando o som de uma vasta quantidade de água, um rio ou até mesmo um oceano, rugindo enquanto girava em torno de um ralo inimaginavelmente grande, que levava para uma escuridão mais negra que qualquer outra que houvesse concebido. Sabia que em breve ficaria preso ao turbilhão e seria levado para baixo em direção àquela noite infinita. Não estava com medo, porém, estava mais ansioso por aquilo, na verdade. Depois de trabalhar com a morte por tanto tempo, finalmente iria experimentá-la pessoalmente. Seu único arrependimento era de não ter especificado no testamento quem queria que preparasse seu corpo para o enterro. Havia alguns outros agentes funerários na cidade, mas Harrison não confiava neles sequer para rechear um peru, quanto mais para trabalhar com seu cadáver. Supôs que teria que ficar com o que pudesse conseguir. Era tarde demais para...

A mão de Conrad se abriu bruscamente. Livre do punho do homem, Harrison caiu apoiado nas mãos e nos joelhos e inspirou enchendo os pulmões de ar e fazendo barulho. Parecia que não iria morrer hoje. Estava decepcionado, mas se consolou com o pensamento de que o ralo estaria lhe esperando quando enfim chegasse sua hora.

No telefone, Conrad disse:

— Você tem a minha gratidão. Levarei mais unguento para você mais tarde como agradecimento. Sem custo.

Desligou e colocou o telefone de volta no bolso.

— Parece que a atenção indevida de que falei já chegou até nós. Você tem sorte de essa ligação ter acontecido nesse momento, pois agora tenho necessidade de você. — Sorriu. — Por mais algum tempo, pelo menos. Quero que você encontre essa criatura sua, traga-a aqui, confine-a e então entre em contato comigo imediatamente.

Harrison quase respondeu, “E se eu não fizer isso?”, mas já sabia a resposta desta pergunta, então simplesmente concordou movimentando a cabeça.

Sem dizer outra palavra, Conrad se virou e saiu da câmara. Assim que foi embora, a temperatura começou a subir. Harrison se levantou, ainda respirando com força. Esfregou as queimaduras de frio na garganta. Faria o que Conrad havia ordenado. Traria Byron para casa e os dois — ou talvez fossem três — juntos esperariam o escroto com cara cruel voltar. Teriam uma surpresa guardada para o sr. Dippel. Ah, sim, teriam.

Gemendo e ignorando a garganta machucada, Harrison voltou a atenção para Mason. Imaginou como ele ficaria com o rosto roxo. Como uma berinjela com cabelo e olhos, decidiu. Não conseguia esperar para descobrir.

Pegou um recipiente de lenços para limpeza no kit de maquiagem e começou a remover o branco do rosto de Mason.

* N. T.: Não tema o Ceifador, em tradução livre.

OITO



— Vocês ainda são virgens?

As bochechas de Sam queimaram e teve que engolir em seco antes de conseguir falar.

— O que você disse?

Trish girou os olhos, mas sorriu enquanto fazia isso.

— De caçadas, quero dizer. O seu pai já levou vocês?

Sam estava prestes a dizer não, mas Dean o chutou na perna. Os três haviam estado sentados à mesa na cozinha durante a última hora jogando eucré, embora Sam houvesse olhado mais para Trish do que para as cartas. Durante os raros momentos em que Sam não olhava para Trish, estava checando o irmão para ver se ele estava olhando para ela também. É claro que estava. Trish era inteligente, divertida, bonita e tinha um ar de tristeza que Sam achava irresistível. Tinha certeza de que Dean se sentia do mesmo jeito. Como poderia ser o contrário? Na maior parte das vezes, Sam não se importava de ser o irmão mais novo, mas de quando em quando pegava Trish olhando para Dean de uma forma que não lhe olhava e desejava que fosse o mais velho.

— É claro que já caçamos — Dean respondeu. — Muitas vezes.

Sam lançou um olhar para o irmão, mas não disse nada. Em parte porque não queria irritar o irmão, porém mais porque não queria parecer uma criancinha chorona na frente de Trish. Não gostava de mentir para ela, mas — racionalizou —, na verdade não estava. *Dean* estava. Ficar de boca fechada não era a mesma coisa que mentir, era? Mas se esse era o caso, então por que estava se sentindo tão mal quanto a isso?

— Isso é tão legal! — Trish olhou por cima do ombro para a porta do porão que estava atrás deles. Apesar de estar fechada, e haver estado como tal durante todo o tempo em que estiveram jogando, o jeito nervoso com o qual ela olhava para a porta fez Sam pensar que talvez ela meio que esperasse que o pai estivesse ali atrás, escutando. A “oficina” de Walter, como ele chamava, ficava no porão, e ele havia estado trabalhando lá durante as últimas horas, forjando quaisquer documentos que sua clientela de caçadores precisasse.

Ela se virou para eles de novo.

— Meu pai odeia quando pergunto qualquer coisa sobre caçadas. — Abaixou a voz, embora não houvesse nenhum jeito do pai tê-la escutado de lá do porão. — Meu tio era um caçador. Um lobisomem matou ele.

— Lobisomens são sinistros — disse Dean, num tom quase que de admiração. Depois olhou para Trish, como se houvesse acabado de perceber o que havia dito. — Desculpa — murmurou. — Não estava pensando.

— E qual é a novidade disso? — Sam implicou com um sorriso.

Esperava marcar alguns pontos com Trish entrando na conversa, mas quando Dean lhe chutou a perna de novo — muito mais forte dessa vez —, deixou escapar um *ai!* de dor, e imaginou que aquilo havia lhe custado quaisquer pontos de simpatia que pudesse ter ganho.

Trish abaixou a cabeça, olhando para a mesa.

— Foi o mesmo lobisomem que matou a minha mãe.

— Que merda — Dean comentou. — Eu sinto muito, de verdade.

— Eu também — Sam se apressou em dizer, embora não soubesse exatamente o porquê de estar se desculpando. Só pareceu ser a coisa certa a fazer.

Trish continuou distribuindo cartas enquanto falava, e apesar de Sam se sentir estranho de continuar o jogo levando em consideração o tópico da conversa, continuou, assim como Dean.

— Num verão, a minha família estava acampando. Eu tinha só nove anos. O meu tio Ryan, irmão da minha mãe, foi com a gente. Ele tinha acabado de se divorciar da minha tia e estava deprimido. Meus pais pensaram que a viagem poderia ajudar ele a se afastar, clarear a cabeça um pouco, sabe?

Sam não sabia, não exatamente, mas fez um gesto de concordância com a cabeça mesmo assim, como o fez Dean, que provavelmente *realmente* sabia — ou pelo menos fazia mais ideia a respeito do que Trish estava falando.

— A gente foi fazer uma caminhada noturna. Meu pai esperava ver alguns morcegos, talvez encontrar umas corujas. Minha mãe e o tio Ryan foram junto, mas pouco tempo depois ele disse que não estava se sentindo bem, que ia voltar pro acampamento e dormir. Ele saiu e, depois de alguns minutos, minha mãe decidiu voltar também. Ela não disse nada, mas acho que ela estava preocupada por ele talvez estar planejando ir de fininho pra barraca dele e encher a cara. Meu pai queria que nós todos voltássemos, mas minha mãe disse que seria uma vergonha pra mim perder a experiência de ver a floresta à noite. A verdade era que ela provavelmente queria me manter longe do acampamento caso Ryan não gostasse de ela ter voltado pro acampamento pra checar como ele estava e começasse a gritar ou alguma coisa do tipo. Meu pai não estava preocupado da minha mãe voltar sozinha pro acampamento no escuro. Os dois tinham experiência com acampamentos e caminhadas e sabiam se virar bem na floresta. Além disso, era noite de lua cheia, então o caminho estava bastante iluminado.

Olhou de soslaio para a porta do porão de novo, como que para garantir mais uma vez que o pai não iria abri-la a qualquer momento e entrar no meio da conversa. Depois que grande parte de um minuto se passou, ela voltou à história, continuando a jogar eucré enquanto falava.

— Não sei por quanto tempo eu e o meu pai continuamos caminhando. Meia hora, talvez. Fosse o tempo fosse, foi suficiente. Quando voltamos pro acampamento, encontramos... — Parou de falar e olhou para as cartas que restavam em sua mão, franzindo o rosto como se não lembrasse para que elas serviam. — Sabe como nos filmes de terror as pessoas sempre conseguem escutar quando o monstro ataca alguém na floresta, independente de quão longe estão? A gente não escutou nada. Nenhum rosnado, nenhum rugido. Nenhum grito. Só o barulho de grilos e de pássaros noturnos cantando, como se tudo estivesse normal. Meu pai supõe que o tio Ryan tentou lutar com o lobisomem e proteger a minha mãe, mas, apesar de estar com um rifle, ele nunca soltou nenhum disparo. A maldita coisa era rápida demais. Não que isso fosse importar, já que ele não tinha balas de prata. Quando o lobisomem acabou com ele, foi atrás da minha mãe. Ela tentou correr, mas não chegou longe do acampamento antes do monstro pegar ela e terminar aquilo. Ela correu na direção oposta a que eu e meu pai estávamos. Ela estava tentando levar o lobisomem pra longe da gente.

Encarou as cartas por outro momento antes de jogá-las sobre a mesa. Um segundo depois, Dean fez o mesmo, e Sam seguiu os passos do irmão.

— O que aconteceu com o lobisomem? — Dean perguntou.

— Uns caçadores, do seu tipo de caçadores, não dos normais, tinham estado no rastro dele por várias semanas. Eles finalmente encontraram e mataram antes do amanhecer. Apunhalado no coração com uma lâmina de prata. Se ao menos tivessem encontrado ele algumas horas antes...

Nenhum deles disse nada por vários momentos. Foi Dean que, depois de um tempo, quebrou o silêncio.

— Era a sua tia, não era? — perguntou. — O lobisomem, quero dizer.

Trish fez que sim com a cabeça.

— Os caçadores encontraram a gente pouco tempo depois do nascer do sol. A gente ainda estava no acampamento, em choque. Pelo que contaram, quando as pessoas se transformam em lobisomens elas viram animais sem mente, com nada além de fome, ódio e raiva. Mas uma parte inconsciente deles é levada a caçar pessoas que veem como ameaças, ou contra quem tem algum tipo de desavença. — Ela forçou um sorriso. — A minha tia e o meu tio não tiveram um divórcio exatamente amigável. — O sorriso dela desapareceu. — Eu estou com sede. Vocês querem alguma coisa pra beber?

Os irmãos balançaram a cabeça, dizendo não. Trish se levantou da mesa, foi até a pia, encheu um copo d'água e o bebeu de uma só vez. Então colocou o copo vazio na pia e se inclinou sobre o balcão com os braços cruzados enquanto continuava a contar a história.

— Meu pai não acreditou nos caçadores, a princípio. Quem acreditaria? Mas uma hora eles convenceram ele de que o que estavam dizendo era verdade, e alertaram meu pai pra não dizer nada a respeito de lobisomens quando descrevesse as mortes. Ele concordou, os caçadores levaram o corpo da minha tia pro nosso acampamento e... fizeram parecer que ela tinha sido atacada por um animal também. Eu e o meu pai ficamos lá um pouco enquanto eles faziam isso. Depois do que tinha acontecido com a minha mãe e com o Ryan, era a última coisa que qualquer um de nós dois queria testemunhar. Então os caçadores nos desejaram boa sorte e foram embora. Entramos na nossa caminhonete e o meu pai nos levou pra cidade pra contarmos o que tinha acontecido.

“Vários dias depois disso foram bem horríveis, como vocês podem imaginar. Meu pai contou pra polícia que a minha tia tinha ido junto com a gente pro acampamento como um último esforço de consertar o casamento deles. Disse pra eles que tinha me levado pra caminhar antes do amanhecer, pra que a gente pudesse ver o sol nascer enquanto os outros dormiam. Contou que todo mundo estava morto quando a gente voltou, então a gente entrou na caminhonete e voltou correndo pra cidade. A princípio, a polícia suspeitou que o meu pai tivesse cometido os assassinatos, e acho que continuariam a suspeitar se eu não tivesse confirmado a história dele. Depois que a gente enterrou todo mundo, os caçadores passaram lá em casa pra ver como a gente estava. O meu pai fez dezenas de perguntas sobre como era ser um caçador, quantos monstros que todo mundo achava serem de mentira eram na verdade reais, e como ele poderia se tornar um caçador também. Mas mesmo cheio de pesar e raiva como estava, era óbvio pros caçadores que o meu pai era um homem amável demais pra seguir os passos deles. Mas como o meu pai dava aulas de arte na faculdade local, isso deu uma ideia pros caçadores. Eles disseram que o trabalho deles frequentemente tornava necessário que tivessem documentos e identificações que parecessem originais. Eles não usaram a palavra falsificar, talvez porque eu tivesse me recusado a sair do lado do meu pai desde os assassinatos e eles não quisessem dizer nada na minha frente que os fizesse parecerem criminosos. Disseram que tinham dificuldades pra encontrar alguém que fizesse esses documentos, pra não dizer alguém que fizesse direito. Foi assim que o meu pai começou a trabalhar com, como ele chama, ‘suporte de caçadores’”.

Depois que terminou, engoliu em seco de novo.

— Ainda estou com tanta sede. Acho que falei pra caramba, né? — Virou-se e encheu o copo d'água de novo.

Sam se sentiu triste por Trish, mas não sabia o que dizer ou fazer. Sua própria mãe havia morrido quando Sam era um bebê, então simpatizava com a perda de Trish, mas não podia dizer exatamente que partilhava daquela sensação. Nunca havia tido a chance de conhecer a mãe, mas Trish estava com nove anos quando a dela havia morrido. Por causa disso, a morte da mãe devia tê-la afetado muito mais do que podia imaginar. De uma forma estranha, porém, estava com inveja dela. Pelo menos ela havia passado nove anos com a mãe. Tinha fotos com as duas juntas, talvez até vídeos. Se fosse o caso, sempre poderia assisti-las juntas e saber como era a voz da mãe, como ela se movimentava, como sorria. Trish tinha

lembranças da mãe. Ele não tinha nada disso, nem mesmo uma só.

Trish estava parada junto à pia de costas para eles quando o vidro subitamente se estilhaçou na mão dela.

— Eu sei o que você está pensando, Sam. — A voz dela havia mudado. Estava mais grave, gutural. — Você está com inveja de mim. Você acha que foi pior com você porque a minha mãe morreu quando você era um bebê. Sabe de uma coisa? Isso me deixa com raiva.

Ela se virou. Seus olhos haviam se tornado amarelos de uma forma selvagem, as unhas haviam crescido até se transformarem em garras cruéis e encurvadas e a boca estava repleta de dentes afiados.

— Com *muita* raiva.

Ela levantou as mãos com garras e correu rosnando na direção de Sam e Dean, com saliva descendo pelos cantos da boca e fome queimando nos olhos.

Sam teve tempo apenas para pensar *Desculpa* antes de ela disparar na direção dele.

Sam acordou devido ao que a princípio imaginou ser um terremoto, mas rapidamente percebeu que era apenas Dean sacudindo-o pelos ombros.

— Estou acordado — disse, empurrando Dean para longe de si.

— Já passou da hora, merda! Eu estou chacoalhando você há quase cinco minutos, mas você não respondia. Eu já ia desistir e arrastar você pro hospital mais próximo.

Sam olhou ao redor, ainda confuso. Estava sentado no banco do carona do merdamóvel, sem cinto. A porta do carona estava aberta e Dean em pé do lado de fora, parecendo preocupado e irritado em partes iguais.

— Acho que cochilei. Desculpa. — Arrastou-se para fora do carro e quase caiu quando as pernas cederam sob seu peso. Conseguiu se segurar na porta aberta e se manter de pé, mas foi por pouco. Estava sentindo o corpo pesado e lento, como se estivesse cheio de areia molhada.

— Cara, tem alguma coisa errada com você! — Dean disse.

— Estou bem. Bem, não, não estou, mas só estou cansado. De vez em quando, tudo cobra seu preço. Depois que a gente cuidar do que quer que seja que está acontecendo nessa cidade, vou apagar e dormir por quanto tempo for necessário pra recuperar minha energia, tudo bem? Até lá, vou ter que continuar assim mesmo.

Dean ainda não parecia satisfeito, mas não protestou, o que, na opinião de Sam, era bom o bastante. Tentando parecer não estar lutando para se manter acordado, olhou ao redor para ver onde estavam. Dean havia estacionado o carro em um acostamento de cascalho. Havia árvores enfileiradas em ambos os lados de uma pista rural asfaltada e estreita sem faixas pintadas.

Estrada alternativa, Sam pensou. *Provavelmente não muito longe dos limites da cidade.*

Lembrou-se do sonho então, imagens e emoções batendo em sua mente com a força de uma marreta. Soltou um suspiro de surpresa, e Dean pareceu alarmado. Ele começou a se aproximar, mas Sam o afastou com um gesto.

— Estou bem. Só me lembrei do sonho que tive durante o caminho, só isso.

Dean semicerrou os olhos como se estivesse examinando Sam minuciosamente, tentando determinar se ele estava dizendo a verdade ou tentando acobertar o quão ruim estava a sua condição de verdade.

— Foi sobre a Trish de novo — disse.

Dean relaxou um pouco.

— Outro daqueles, né?

— É. Começou bem normal. Era sobre o jogo de eucré, quando ela contou pra gente como a mãe e o tio dela tinham morrido. Lembra?

Dean fez que sim com a cabeça.

— Parece que foi ontem.

— Mas no final ele ficou... estranho.

Por um segundo, teve medo de que Dean fosse perguntá-lo de que forma havia sido estranho, mas ficou grato pelo irmão não tê-lo pressionado para contar mais detalhes.

Olharam um para o outro por alguns momentos sem falar.

— Talvez a sua loucura esteja começando a afetar os seus sonhos — Dean disse. — Pode ser um bom sinal. Ao invés de produzir alucinações, seu cérebro está mudando pra ter sonhos ruins, como o normal. Talvez com o tempo eles desapareçam também.

Sam pensou a respeito do vulto sombrio que havia visto enquanto estavam carregando o cadáver do Franken-vira-lata até o carro.

— Talvez — disse, tentando não soar com dúvidas. Mudou de assunto. — Então, por que a gente está aqui?

— Talvez você esteja tão cansado ultimamente porque está pegando um resfriado — Dean acrescentou. — Seu nariz só pode estar entupido de catarro, ou então você saberia a razão de estarmos aqui pelo cheiro.

Sam franziu o rosto, inspirou profundamente pelo nariz e se arrependeu instantaneamente. Apesar de estarem fora do carro, o fedor do Franken-vira-lata estava avassalador. Sam se perguntou se talvez Dean não estivesse certo e algo estivesse errado com ele. De que outro jeito poderia não perceber o odor fétido de putrefação da besta? Seria possível que alguém ficasse *tão* sonolento? Talvez fosse a loucura dele de novo. Se a mente dele podia fazê-lo acreditar que via e ouvia coisas que não estavam lá, talvez também o tornasse incapaz de notar algo que estava. Este pensamento não era do tipo reconfortante.

— Imagino que seja aqui que a gente diz adeus pro Franken-vira-lata — Sam disse.

— Fedorstein. Eu mudei o nome dele. E é, se não nos livrarmos dessa carcaça podre logo, nunca vamos conseguir tirar o Frankenfedor dele de nós.

Sam lançou um olhar para o irmão.

— Você está se divertindo muito além do normal com esses Franken-nomes.

— Nesse trabalho, aproveita-se qualquer vantagem que apareça. Vamos lá, me ajuda a arrastar o cadáver dele pra floresta. Aí vamos poder voltar pro motel e tomar algumas dezenas de banhos.

— Você acha que a gente deveria queimar o corpo?

Dean fez que sim com a cabeça.

— Acho. Até agora, ele não deu nenhum sinal de que vai se levantar de novo e começar a rasgar as gargantas das pessoas, mas por que arriscar? No mínimo, queimar o corpo vai acabar com o fedor, espero.

— Parece um bom plano. Fogo sempre funciona nos filmes de Frankenstein, não é?

— É isso que eu estava pensando. Além disso, fogo mata praticamente qualquer coisa. Essa é a beleza dele.

Os irmãos foram até a parte de trás do carro e Dean inseriu a chave na fechadura do porta-malas, mas não a girou prontamente.

— Talvez você queira tentar respirar pela boca durante os próximos minutos.

Sam concordou com a cabeça e Dean começou a girar a chave. O telefone dele tocou. Deixando a chave na fechadura, pegou o aparelho e o atendeu.

— Alô? — Escutou, depois olhou para Sam. — É, é ele. Quem está falando? — Escutou mais um pouco. — Claro, sim, vou aí assim que possível. — Desligou e guardou o telefone no bolso de novo.

— Quem era? — Sam perguntou.

— A polícia local. Eles encontraram o cartão que deixamos com Lyle Swanson... no corpo dele. O corpo murcho e seco dele. Encontramos outra vítima do Ressecamento.

— Acha que o Duas-Cabeças fez outra visita?

— É o que imagino. Quem quer que esteja fazendo esses monstros, é como se estivesse com a merda de uma linha de montagem em funcionamento. Vamos lá atear fogo no Fedorstein e dar no pé pra casa do Lyle.

Dean girou a chave e o porta-malas abriu com um estalo. Uma onda de fedor os atingiu como se fosse uma parede sólida, e os dois irmãos deram alguns passos para trás.

— Será que a gente não pode simplesmente queimar ele aí mesmo no porta-malas? — Sam perguntou.

— É tentador, mas a gente pode explodir o carro fazendo isso. Não que fosse uma perda muito grande — Dean acrescentou. — Vamos lá, quanto antes terminarmos com isso, melhor.

Sam concordou com a cabeça e foram ao trabalho. Uma coisa boa a respeito do fedor: pelo menos ele o mantinha acordado.

Conrad se ajoelhou nu no piso do que antes havia sido o galpão da Bicycletas Kingston. A instalação não tinha eletricidade havia muitos anos, mas isso não lhe causava problemas. As janelas do galpão estavam sujas e riscadas, mas deixavam passar luz suficiente para suas necessidades. Além do quê, luz elétrica ainda era meio que uma novidade para Conrad. Havia vivido a maior parte de sua longa existência com velas ou lampiões. Só porque o mundo havia mudado não queria dizer que ele também deveria. Às vezes, o jeito antigo era melhor.

Caso em questão: pendurado nas vigas à sua frente, havia um leitão. Tinha comprado o animal de um fazendeiro local dias antes e o mantido amarrado em um canto do galpão, numa cama de serragem com palha espalhada por cima. Havia se certificado de que o animal tivera comida e água suficientes — era importante que estivesse saudável e forte — e, quando tivera a oportunidade, havia até passeado brevemente com ele para que se exercitasse. Agora, ele estava pendurado na ponta de uma corda, debatendo-se e guinchando, com os cascos traseiros firmemente amarrados e a cabeça apontada para o chão. Conrad não se importava com os barulhos que o animal fazia. Pelo contrário, gostava deles, pois eram sons de vida, e quanto mais vida o leitão tivesse em si, melhor.

As ferramentas que Conrad havia trazido eram simples. Uma tigela e faca de pedra, muito velhas e gastas devido ao uso, ambas contando com antigas runas entalhadas. Se um estudante de linguística estivesse presente, poderia ter reconhecido as runas como similares àquelas usadas pelo povo nórdico, mas aqueles símbolos eram séculos mais antigos que estes. A tigela estava posicionada diretamente abaixo do leitão, que ainda se contorcia, e, ao lado dela, a faca apontava para o norte. O nome da tigela era Fome e a faca se chamava Escassez.

Conrad fechou os olhos, abaixou a cabeça e então falou com uma voz de reverência. A língua que estava usando era precursora do nórdico antigo.

— Hela, *Frau Holle*, Mãe Sombria, Guardiã de Sepulturas, Rainha da Noite Sem Fim, imploro que aceite este sacrifício de seu servo mais indigno.

Este sacrifício em particular não era tão elaborado quanto os conduzidos nos velhos tempos, muito antes do nascimento de Conrad. Naquela época, aldeias inteiras sacrificavam porcos e cavalos, ferviam a carne em grandes poços de cozimento e borrifavam o sangue dos animais nas estátuas de suas deidades. Os aldeões comiam a carne, bebiam hidromel e oravam por paz e um ano bom. Em algumas aldeias, a cada nove anos havia um banquete *blotan* — ou sacrificial — de nove dias, durante os quais nove

representantes masculinos de cada espécie, incluindo homens, eram sacrificados, seus corpos eram pendurados em galhos de árvores próximos ao templo. As aldeias mais devotas sacrificavam noventa e nove pessoas — homens, mulheres e crianças —, e embora Conrad admirasse a devoção deles, poucas aldeias eram grandes o bastante para sobreviver a uma perda tão grande de população a cada nove anos.

Conrad sabia que rituais como o que estava prestes a realizar eram mais simbólicos do que literais, mas já servia a Hela por mais de trezentos anos e sabia que a deusa sombria, embora compreendesse a necessidade de diminuir a escala dos sacrifícios no mundo moderno, ainda esperava que seus servos realizassem o básico corretamente, colocando todos os pingos nos Is, como deviam.

Abriu os olhos, pegou Escassez e encostou a ponta da lâmina nos nove pontos vitais sagrados do próprio corpo: a genitália (de onde surgia a vida), o coração (que bombeava sangue), o nariz, a boca e os dois pulmões (todos envolvidos na respiração), o estômago (que digeriria comida), a testa (atrás da qual ficava o cérebro) e, por último, a mão direita (que segurava armas e ferramentas que serviam para lutar, caçar e construir). Segurando Escassez com a mão esquerda, entalhou uma única runa na pele da palma da mão direita. Para um falante de inglês moderno, o símbolo se pareceria com um X grande, mas significava a palavra *gebo*, que queria dizer presente. Conrad esperou até que o sangue estivesse correndo intensamente e então pressionou a palma da mão contra a lateral do leitão. Colocou Escassez na mão direita, segurando-a com firmeza para que o sangue a manchasse, e então entalhou a runa que significava *gebo* no leitão — o animal agora estava guinchando, aterrorizado — até que o sangue dele se misturasse ao seu, ligando misticamente os dois. Agora, Conrad e o leitão eram um só, e o sacrifício da vida do animal substituiria o sacrifício do próprio Conrad. Quer dizer, se houvesse feito tudo corretamente. Caso não houvesse, Hela tomaria a vida dele junto à do leitão. Após três séculos, Conrad podia realizar aquele ritual enquanto dormia, mas isso não significava que era incapaz de cometer um erro, e mesmo a menor das falhas poderia contrariar sua senhora. Ele esperava que, se ela achasse o sacrifício dele insuficiente, mesmo assim o perdoaria, pelo menos pelo fato de ainda precisar dele.

Segurou a nuca do leitão para mantê-lo parado e então, com um único golpe rápido e hábil, abriu um corte na garganta do animal. A ferida verteu sangue sobre Fome, logo abaixo. Conrad colocou a faca em meio ao fluxo para molhá-la e então pincelou cada um dos nove pontos sagrados do próprio corpo com ela, sujando-se de sangue de leitão. Depois colocou Escassez no chão, junto a Fome, pressionou a mão ferida sobre o coração, fechou os olhos e esperou. Escutou enquanto o som do sangue batendo no chão diminuiu, tornou-se apenas um fio, depois diminuiu de velocidade até ficar gotejando intermitentemente. Quando finalmente parou, abriu os olhos.

Fome estava repleta de sangue escuro, mas, enquanto Conrad observava, o nível começou a diminuir. Dentro de momentos, o sangue havia acabado, absorvido pela pedra. Sorriu. Hela havia aceitado o sacrifício.

Abaixou a cabeça.

— Minha senhora, dois homens vieram a Brennan. Acredito que tenham a intenção de interferir em nossos planos, e peço meio de rastreá-los, para que possa arrasá-los antes de poderem nos causar mais dificuldades.

Outra pessoa poderia pedir que Hela destruísse os dois homens, mas ele sabia que a rainha da escuridão preferia que seus servos praticassem a autoconfiança. Os deuses ajudam aqueles que se ajudam.

Por vários momentos, nada aconteceu, e Conrad começou a temer que sua senhora o houvesse abandonado. Então escutou uma voz sussurrar em sua mente, as palavras pareciam um vento da meia-noite soprando pela superfície gélida de um lago congelado.

Então assim deverá ser feito.

A runa que havia entalhado na própria mão irrompeu em dores novas, muito mais intensas do que um simples corte poderia causar. Era uma dor fria, mas de um frio tão intenso que queimava como fogo. Ele

cerrou os dentes e tirou a mão do peito. Observou enquanto o sangue que ainda vazava do X que havia entalhado na mão congelava e se transformava em gelo carmesim. A dor piorou e a sensação de frio se espalhou pelo corpo. Começou a tremer. Apesar da sensação de frio, o suor jorrava dele enquanto lutava para suportar a agonia. Enfim, logo no momento em que a dor havia se tornado tão intensa que estava levando em consideração pegar Escassez com a mão esquerda e decepar a direita, a sensação começou a se abrandar. Dentro de momentos, havia acabado, deixando para trás apenas uma sensação monótona e distante de latejar.

Examinou a palma da mão. O sangue se fora e a ferida estava curada, deixando para trás uma cicatriz preta em forma de X. Conrad ergueu a mão diretamente à frente de si para experimentá-la. Sentiu o frio voltar, embora de forma muito menos dolorosa dessa vez e apenas da borda esquerda da runa. Sorriu. Hela havia lhe dado o equivalente a uma bússola para rastrear os dois intrometidos. A runa, agora, era de fato um *gebo* — um presente —, mas dessa vez um presente da deusa em vez de para ela.

Inclinou a cabeça para demonstrar gratidão.

— Louvo sua escuridão eterna, minha senhora.

Levantou-se, pronto para começar a caçada. Então olhou abaixo para o próprio corpo, salpicado de sangue do ritual. Talvez devesse se limpar primeiro. Olhou para o leitão morto dependurado sobre a tigelada de pedra vazia. Talvez devesse aproveitar a oportunidade de se alimentar também. Não conseguia se lembrar da última vez em que havia comido, e gostava *tanto* de coração de porco cru.

Curvou-se, pegou Escassez e começou a cortar o leitão.

— Você viu o jeito como os policiais reagiram à gente? — Dean perguntou. — Agora sei por que falam que alguma coisa está cheirando mal. A gente está fedendo!

— Pelo menos o nosso fedor vai manter eles longe da casa enquanto checamos a cena do crime — Sam disse. No caminho, pararam para pegar mais um café para Sam, e ele o estava bebendo agora.

— Isso não é necessário — Dean contrapôs. — Eles já estão preocupados demais de pegarem qualquer praga que acreditam ser responsável pelo Ressecamento. Eles não querem passar nem um minuto a mais aqui do que o necessário.

— O que quer que funcione — Sam comentou e tomou mais um gole de café. — Quero dizer, eles estavam com tanta pressa de ir embora que nem questionaram a lógica de agentes fingindo serem repórteres pra entrevistar o Lyle.

Estavam na cozinha de Lyle. O médico legista do condado já tinha vindo e ido embora, mas o corpo de Lyle não havia sido transferido para dar aos “agentes” uma chance de examiná-lo. Ele estava sentado no chão com as costas apoiadas na porta do armário de louças, uma casca murcha, pele seca como papel de pergaminhos esticada e apertada por cima de ossos.

— Não precisa ser um especialista forense pra ler essa cena de crime — Dean disse. — O Duas-Cabeças arrombou a porta dos fundos, sorveu a energia vital do Lyle e depois foi embora. Estou me perguntando quem informou a morte do Lyle.

— Eu escutei alguns policiais conversando lá fora enquanto a gente estava entrando. Parece que o Lyle estava tirando o lixo do jardim dos fundos quando o Duas-Cabeças veio atrás dele. Ele nunca terminou o que estava fazendo, obviamente. Depois, começou a ventar e aí o lixo foi parar no jardim do vizinho...

— Entendi, entendi. O vizinho veio, todo irritado e pronto pra reclamar, e encontrou nosso garoto, o Lyle, que nem uma ameixa seca.

— Isso aí. — Sam deu outro gole no café.

Dean perguntou-se quanto café, somado a doses de expresso, alguém poderia tomar antes de sofrer uma overdose de cafeína. Apesar de Sam não parecer estar apresentando nenhum sintoma. Até então, todo o café que tinha colocado para dentro não havia levado o sistema dele à exaustão. Por Deus, mal o havia mantido acordado. Mesmo assim, tinha que garantir que Sam não fizesse mal a si mesmo.

Havia tido a esperança de que o cheiro do café de Sam pudesse ajudar a abrandar o fedor do recém-falecido e desprezado Franken-vira-lata que havia se agarrado a eles, mas, se serviu para alguma coisa, foi para misturar aromas de uma forma ainda mais nauseante. Os cheiros combinados não pareciam incomodar Sam, mas Dean não sabia se isso era algo bom ou ruim. Ao longo dos anos, Sam sofrera uma série de experiências que haviam alterado seu comportamento de uma forma ou de outra, e havia chegado a um ponto em que Dean não sabia mais ao certo o que era o normal para o irmão. Não que com ele fosse muito diferente. Havia perdido mais do que alguns parafusos ao longo dos anos. Supunha que este fosse um dos motivos pelos quais os dois haviam permanecido juntos. É claro, eram a família um do outro, mas também se faziam seguir adiante reciprocamente, quase que por hábito. Se estavam tão mal assim agora, imaginou como estariam quando fossem velhos. Não que houvesse qualquer garantia de que viveriam o bastante para alcançar a melhor idade. Havia um motivo para o fato de caçadores nunca se importarem de juntar dinheiro para a aposentadoria. Só precisavam economizar para o custo de um enterro. E até isso era apenas uma possibilidade, já que quando morressem — assumindo que realmente morressem, em vez de serem transformados em vampiros ou algo do tipo —, talvez não houvesse mais o bastante deles para colocar embaixo da terra.

O caminho mórbido pelo qual seus pensamentos haviam seguido — um risco da profissão — inevitavelmente o fez pensar a respeito de Bobby. Nada de condomínio na Flórida para ele. Pelo menos, ele e Sam haviam conseguido enterrar Bobby, antes queimando seus ossos para que não houvesse chance de voltar como um espírito vingativo. Colocou a mão no bolso do paletó e encostou no frasco de Bobby. *Sinto sua falta*, pensou. Por um momento, o frasco de metal pareceu se aquecer entre seus dedos, então a sensação passou e ele a desconsiderou colocando-a na conta da imaginação.

— Tanto o Duas-Cabeças quanto o Franken-vira-lata sugam a energia vital das vítimas — Dean disse. — Podem não se parecer nem um pouco, mas são basicamente o mesmo tipo de monstro.

— Eles são combinações de corpos diferentes — Sam chamou a atenção. — Então, nesse sentido, eles se parecem sim um com o outro.

— Então estamos definitivamente procurando uma espécie de cientista louco.

— Ou um feiticeiro louco. De jeito nenhum a ciência sozinha poderia criar monstros como esses.

— Talvez o responsável por isso, quem quer que seja, seja um pouco dos dois — Dean sugeriu.

— Então a gente está lidando com o quê? Um feiticientista?

Dean lançou um olhar para o irmão.

— De agora em diante, deixa essa de criar apelidos idiotas comigo, tudo bem?

— Está bem. — Sam pensou por um momento. — Se o que estiver acontecendo aqui for um novo tipo de fusão entre ciência e mágica, pode ser que os Leviatãs não tenham defesa contra isso.

— Então a gente pode estar realmente perto de encontrar a criptonita de Leviatãs.

— Leviatanita?

— Cara, fala sério.

— Você é realmente bem bonito, sabe. Na verdade, eu chegaria a dizer que você é uma obra-prima.

Harrison observou Byron dar outra mordida no presente dele — daquilo — deles. Cada cabeça tinha duas barras de chocolate, uma para cada mão, e estavam comendo quase em um uníssono perfeito, levando o doce às bocas ao mesmo tempo, mordendo, mastigando e engolindo. Harrison não havia feito nada para conectar os cérebros deles, então sabia que os movimentos sincronizados que faziam não tinham nenhuma base fisiológica, o que os tornava ainda mais fascinantes de assistir, especialmente com as quatro mãos segurando os chocolates. Estava contente de ver que as cabeças não tinham dificuldade para engolir. Uma das partes mais complicadas da criação de Byron havia sido conectar ambas as cabeças a um único canal alimentar. Isso seria impossível sem a NuFlesh, para não mencionar os acréscimos místicos que Harrison havia pegado com Conrad. No geral, estava bem satisfeito. Na próxima vez, talvez tentasse três cabeças — um hat-trick.

Byron estava sentado com as pernas cruzadas no piso do barracão enquanto comia, e Harrison assistia à cena perto da porta, ao lado de uma arma de choque. Harrison havia comprado a arma online antes de começar a trabalhar em Byron, só para caso sua criação decidisse ficar um pouco animada demais. A carga disparada pela arma não era forte o bastante para causar danos sérios a Byron, mas pelo fato de seu nível mental mal passar do de uma criança, a dor do choque elétrico era suficiente para discipliná-lo. Porém, Harrison raramente havia precisado usar a arma, já que o chocolate lhe rendia resultados muito mais efetivos. Byron não tirava nenhuma nutrição de comida e aquilo não faria nada para satisfazer a fome que agora lhe queimava o âmago, mas tinha um gosto bom e isso o tornava um excelente motivador. Encontrar Byron e levá-lo ao barracão havia sido uma brincadeira de criança. Tudo que Harrison havia precisado fazer fora caminhar a esmo pela floresta atrás do Centro de Legados balançando no ar uma barra de chocolate aberta e gritando “Eu tenho um doce pro meu docinho!” até que Byron viesse a galope em sua direção, babando de ansiedade. Depois disso, Byron seguiria Harrison até o centro da cidade, contanto que recebesse chocolate ao fim do caminho. Mesmo assim, Harrison ainda mantinha a arma de choque. Doces eram ótimos, mas não substituíam vários milhões de volts de eletricidade.

Estava um pouco preocupado com seu garoto — garotos. A caminho do barracão, tivera a chance de olhar Byron minuciosamente, e enquanto seu corpo, como era previsível, estava sujo e arranhado de tanto vagabundear pela floresta, Harrison também havia notado os primeiros sinais do início de putrefação. Foram necessários apenas alguns remendos aqui e ali, mas isso significava que a criação não tinha mais muito tempo. Uma semana, talvez duas, no máximo. E enquanto a putrefação piorava, também pioraria a fome de Byron, fazendo-o procurar criaturas vivas e absorver suas energias vitais. Isso iria atrasar a putrefação por um tempo, mas seria apenas uma pausa temporária na execução. Inevitavelmente, a morte chegaria a ele.

— Eu fico com tanta pena. Mas olhe por esse lado: você conseguiu escapar do Ralo, mesmo que só por pouco tempo.

Nenhuma das cabeças de Byron olhou para ele enquanto falava. Estavam concentradas demais em terminar os doces. Comiam com um prazer bagunçado, fazendo estalos com os lábios sujos de chocolate em meio a mordidas e gemendo sem entonação de uma forma que parecia quase um ronronar para Harrison.

Havia concordado com a demanda de Conrad de atrair Byron, mas esse era o limite de onde pretendia cooperar com o antigo alquimista. Conrad nunca dissera a Harrison quem realmente era, mas não lhe custou muito esforço para descobrir. Pelo amor de Deus, ele não havia sequer mudado de nome! Uma pesquisa rápida na internet fez o serviço. Mesmo assim, apesar de Dippel ser quem era e do terrível conhecimento que tinha sob o seu comando, Harrison não o temia. O velho havia aproveitado uma boa e longa corrida, mas agora era hora de outra pessoa assumir aquela função. Alguém como Harrison. E Byron iria ajudá-lo a fazer isso. Quando Conrad voltasse, Harrison o serviria de almoço para Byron. Tudo que precisava fazer era descobrir um jeito...

A porta do barracão se abriu.

— Olá, Harrison. — Conrad, vestido impecavelmente como sempre, adentrou o barracão e Harrison recuou para lhe fornecer espaço. O olhar dele se focou em Byron, e embora seu nariz tenha se retorcido de desgosto (Harrison tinha que admitir que seus garotos não estavam com o melhor cheiro possível no momento), pareceu satisfeito. — Excelente trabalho.

— Eu me orgulho do meu atendimento aos consumidores — Harrison respondeu. — Afinal, esse é o coração da indústria funerária.

Não havia esperado que Conrad voltasse tão cedo, e a aparição do homem o havia pego de surpresa. Passou os olhos rapidamente pelo barracão em busca de qualquer coisa que pudesse usar como uma arma mas, fora um pedaço de mangueira enrolado, um sprinkler de jardim enferrujado e um saco velho de musgo de turfa, o barracão estava vazio. Quando Byron havia começado a dormir ali, Harrison havia removido tudo que pudesse se mostrar perigoso para ele. Então, nada de ferramentas de jardinagem afiadas, nada de martelos, nada de machados.

Enquanto homem de negócios, acreditava no valor de um plano cuidadosamente pensado. Afinal, isso era uma de suas principais ferramentas de vendas. Até mesmo havia pago por um outdoor na estrada com um cartum de um homem sorrindo junto a um caixão, com as mãos levantadas bem acima da cabeça e uma alegria entusiástica, e sobre ele, em letras grandes, o slogan: “Pré-planejar é Divertido!” Embaixo do caixão, em letras pequenas: “Coloque sua mente para descansar antes que você descanse para sempre. Centro de Legados Brauer”. Mas, por mais importante que fosse ter um plano, às vezes era necessário improvisar.

Harrison se virou para Conrad, apertou a arma de choque contra a lateral do pescoço dele e ativou o dispositivo. Escutaram um barulho alto de crepitar acompanhado de um fedor de ozônio e carne queimada. O corpo de Conrad estava se contorcendo e tremendo, e Harrison manteve a arma de choque pressionada contra o pescoço dele, dando-lhe uma dose extraforte de energia. Quando imaginou que era o bastante, Harrison afastou a arma dele, pegou-o pelo braço e o jogou na direção de Byron. Conrad cambaleou na direção da criatura, perdeu o equilíbrio e caiu no chão bem em frente a ele. Ambos os rostos de Byron ficaram alarmados e ele começou a gritar de surpresa e medo, soando como um par de primatas assustados.

— Drena ele! — Harrison gritou. — Suga ele até ficar seco!

A segunda cabeça de Byron — a que Harrison havia acrescentado ao corpo original e que ficava dependurada em um ângulo estranho — olhou para ele inexpressivo, mas a cabeça original deixou os olhos entreabertos, demonstrando astúcia. Este lado do corpo derrubou o que restava das barras de chocolate e levou as mãos com velocidade até Conrad. A segunda cabeça finalmente percebeu o que estava acontecendo, também deixou os doces caírem e segurou Conrad.

Harrison sorria com uma satisfação cruel. Isso estava funcionando ainda melhor do que havia esperado. Tudo estaria acabado dentro de momentos, e então ficaria livre daquele escroto arrogante de uma vez por...

Conrad, parecendo um pouco atrapalhado mas de forma alguma em pânico, levou a mão até o bolso interno do paletó e tirou dele um envelope. Abriu-o e lançou o conteúdo dele nos rostos de Byron. Um pó fino e amarelo se espalhou formando uma pequena nuvem, e ambas as cabeças de Byron o inalaram. A segunda espirrou.

— Pare — Conrad disse.

Byron ficou rígido.

— Solte-me.

Byron tirou todas as quatro mãos da pessoa de Conrad. Este se colocou de pé, alisou a calça e ajustou a gravata.

— Foi um esforço válido, Harrison, mas eletricidade, contra mim? Por favor! Eu estava trabalhando

com eletricidade antes de Benjamin Franklin ser um brilho nos olhos do pai. — Sem olhar para Byron, disse: — Levante-se —, e a criatura de Harrison obedeceu. Mas então, Harrison supôs que não fosse mais a criatura dele, era?

— Como foi que você colocou, Harrison? Ah, sim. — Conrad mostrou lentamente um sorriso cruel para o agente funerário. — Drena ele. Suga ele até ficar seco.

Byron começou a avançar, e Harrison soube que finalmente iria descobrir como era a morte. Ficou surpreso de descobrir que não estava tão ansioso por aquilo como havia pensado antes.

NOVE



Os irmãos Winchester estavam andando pela floresta atrás da casa de Lyle à procura do Duas-Cabeças. Agora que faziam mais ideia de contra o quê estavam lutando, foram melhor armados. Dean estava levando tanto a Colt quanto a espingarda Winchester 1887, e Sam a Beretta e a espingarda Baikal de cano duplo serrado. Ambos tinham pistolas de reserva, assim como facas KA-BAR e bastante munição extra. Além disso, tinham vários sinalizadores. O Franken-vira-lata havia pegado fogo como uma pilha de gravetos secos e, embora não soubessem se o Duas-Cabeças seria igualmente inflamável, imaginaram que os sinalizadores fossem uma garantia a mais. *Além disso, Dean chamou a atenção, talvez ele tenha medo de fogo, que nem nos filmes. Você sabe como é, “Fogo mau!”*

Enquanto caminhavam, Sam estava se esforçando muito para se impedir de bocejar. Não queria que Dean se preocupasse com ele e sabia que o irmão o estava vigiando. Apesar do que havia dito a Dean, que o cansaço não era grande coisa, Sam estava começando a se perguntar se estava acontecendo algo com ele além de simples exaustão. Não importava o que fizesse, não conseguia se manter inteiramente acordado. Nem dormir, nem beber quantidades copiosas de café parecia ajudar. Estava se sentindo lento, não apenas física, mas também mentalmente, como se tivesse melação correndo pelas veias ao invés de sangue. Sam estava preocupado com a possibilidade de, caso conseguissem encontrar o Duas-Cabeças, não reagir suficientemente rápido e acabar causando a morte do irmão. Além de tudo isso, o lugar onde havia sido mordido pelo Franken-vira-lata havia começado a doer de novo. O ferimento latejava a cada passo que dava e precisava se esforçar para não mancar. Ainda não havia examinado a ferida — não podia fazer isso muito bem com o irmão por perto, não sem alertá-lo de que algo estava errado —, mas tinha a sensação de que não estaria com uma aparência muito boa.

Pensou a respeito do que Dean tinha dito mais cedo, sobre como a loucura dele podia ter se voltado para dentro, sendo esse o motivo dos pesadelos que estava tendo acerca de Trish. Se isso fosse verdade, talvez tanto o cansaço quanto a dor na perna fossem sintomas adicionais da loucura. A mordida na perna havia parado de doer e parecia estar cicatrizando normalmente, então por que começaria de novo repentinamente? E se estivesse tendo alucinações, mas, ao invés de *ver* coisas dessa vez, as estivesse *sentindo*?

Esquece isso, disse para si mesmo. Um problema de cada vez. Primeiro a gente pega o Duas-Cabeças, depois posso me preocupar com a minha perna.

— Eu odeio caçar monstros novos — Dean comentou. — São imprevisíveis demais.

— Pelo lado positivo, um cara pelado de duas cabeças e quatro braços tem que ser mais fácil de ser encontrado. — Sam acrescentou.

— Aí está outra coisa: será que o cientista louco que fez o Duas-Cabeças não podia ter consideração suficiente pra pelo menos colocar um short nele? Eu realmente não quero ver o pacote do monstro balançando ao vento quando ele atacar a gente.

Levaram em consideração usar a mesma técnica que haviam utilizado para atrair o Franken-vira-lata — usar o telefone de Sam para simular um choro de bebê —, mas decidiram não fazer isso. Um dos

motivos era que o Duas-Cabeças havia acabado de fazer uma boa e grande refeição com a energia vital de Lyle, então havia uma boa chance de que não ficasse com fome de novo por algum tempo. Outro era que, ao contrário do Franken-vira-lata, o Duas-Cabeças era humano, ou pelo menos havia sido, e era difícil dizer o quão inteligente era. Pelo que Lyle havia descrito, parecia que a criatura estava agindo de uma forma pelo menos parcialmente animal — por que outro motivo estaria revirando o lixo de Lyle atrás de um lanche em plena luz do dia? Mas tinha que reter um certo grau de astúcia, pelo menos, e sem a fome como força motriz para incitá-lo a ignorar seus instintos, havia uma boa chance de que percebesse que o choro do bebê era parte de uma armadilha. Então decidiram fazer as coisas à moda antiga: caminhando pela floresta e se oferecendo como uma refeição dupla para que o Duas-Cabeças, por mais cheio que estivesse, considerasse aquilo tentador demais para deixar de lado.

— Ele provavelmente tem uma... uma... — Sam se esforçou para lembrar a palavra que estava procurando. Pensar com clareza estava se tornando cada vez mais um esforço. — ... uma *toca* por perto. Fica bem frio quando o sol se põe nessa época do ano, e ele precisaria de algum lugar pra se esconder durante a noite.

Dean franziu o rosto para ele e Sam sabia que o irmão havia notado a hesitação verbal.

— Provavelmente, não uma caverna. Aqui não é uma região muito cavernosa. Eu voto em um celeiro velho ou talvez uma casa abandonada.

— Parece bom. Acho que a gente deve ficar de olho aberto pra...

Um galho quebrou atrás deles. O barulho não foi nem um pouco alto e qualquer outra pessoa poderia tê-lo ignorado, mas os instintos de Sam e Dean haviam sido afiados até ficarem como navalhas ao longo dos anos. Os dois giraram, com as espingardas apontadas e prontas para atirar...

... para simplesmente pegarem-se observando um coelho de olhos arregalados e muito surpreso.

A encarada durou apenas alguns segundos antes que o coelho virasse as costas e sumisse, correndo em zigue-zague pela vegetação rasteira e as folhas espalhadas no chão.

Dean se virou para Sam e sorriu.

— Por que é que de repente estou me sentindo como o Hortelino?

Sam estava prestes a responder quando seus instintos lhe chamaram a atenção de novo, gritando para alertá-lo. Começou a se virar, mas foi lento demais e alguma coisa lhe atingiu o peito com a força de um bate-estaca. O impacto o lançou voando para trás e caiu com força, soltando a espingarda durante este processo. Atordoado e se sentindo como se houvesse acabado de lutar dez rounds com o Godzilla, Sam se esforçou para endireitar a postura, ainda sentado. Viu Dean lutando com o Duas-Cabeças, sem dúvida a criatura responsável pelo strike de Sam. Com o par superior de mãos, o Duas-Cabeças havia segurado o cano da espingarda de Dean e a estava empurrando de um lado para o outro, impedindo que Dean conseguisse realizar um bom disparo. Com o par inferior, a criatura havia agarrado Dean por baixo dos braços e o levantado do chão como se fosse uma criança. Soltando todos os palavrões, Dean estava chutando repetidamente o Duas-Cabeças na barriga e abaixo dela, mas se a criatura estivesse sentindo alguma dor como resultado dos golpes, não o estava demonstrando. Uma das cabeças estava com um sorriso irônico, a outra estava rindo, e havia baba escorrendo dos cantos de ambas as bocas. Enquanto caçador, Sam havia visto coisas realmente perturbadoras ao longo dos anos, mas essa cena ocupava uma posição próxima do topo da sua lista de Maiores Esquisitices.

Sam sabia que devia fazer alguma coisa, mas sua cabeça ainda se recuperava do golpe que havia levado e o peito estava queimando como fogo. Imaginou que houvesse quebrado uma ou duas costelas, pelo menos. Normalmente, conseguiria superar a dor e a desorientação e ir ajudar o irmão, mas somando aquilo ao cansaço profundo que o havia dominado, era demais. Não estava conseguindo pensar direito, e embora não quisesse nada além de se levantar e ir ajudar Dean, não tinha ideia do que deveria fazer.

O Duas-Cabeças começou a balançar Dean como se fosse uma boneca de pano com uma espingarda, e as duas cabeças estavam rindo com prazer. Enquanto Sam estava observando, surgiram sombras sobre o

par de braços da criatura que estava erguendo Dean do chão, a escuridão enturvada e fervente como se estivesse viva. As sombras, que pareciam algo como tatuagens pretas e animadas, escorregaram pelos braços até se concentrarem nas mãos que estavam pressionando as laterais de Dean. Dean soltou um berro que era metade grito, metade gemido e renovou seus esforços, desesperado para se libertar das mãos do Duas-Cabeças.

O Duas-Cabeças estava sugando a força vital de Dean. A energia dele minguava rapidamente, e dentro de segundos estava se movimentando mais vagarosamente, abandonando a luta como sua força o estava abandonando.

Lutando contra a letargia, Sam se posicionou, agachado, sacou a Beretta e disparou. Sua mira não estava boa e, ao invés de acertar o centro mortal da cabeça da direita, mais escura, na base do crânio, como planejou, a orelha direita da cabeça desapareceu em meio a uma nuvem vermelha e cartilagens despedaçadas. Mesmo assim, o ferimento surtiu o efeito desejado. Assustado e com dor, o Duas-Cabeças soltou tanto Dean quanto a espingarda e girou para ver quem o havia machucado. Dean caiu amontoado no chão e permaneceu imóvel, atordoado, porém vivo.

A criatura ergueu uma das mãos para encostar cuidadosamente nos destroços sangrentos e esfarrapados que ocupavam o lugar onde antes ficava a orelha. Quando tirou a mão, os dedos voltaram lustrosos de sangue. Examinou-os com os dois pares de olhos, ambas as cabeças parecendo intrigadas, como se não conseguissem compreender de verdade o que estavam olhando. Então, a ficha deve ter caído, porque uma cabeça gemeu desesperada e a outra começou a chorar.

Eles são que nem criancinhas, Sam pensou. *Bebês presos em um corpo enorme e monstruoso.*

Sentiu pena do Duas-Cabeças e se lembrou de como, por vezes, era retratado o monstro de Frankenstein — inocente e parecido com uma criança, que nunca havia pedido para ser ressuscitado como uma abominação esquisita e queria apenas ser deixado sozinho.

As duas cabeças olharam para Sam com as expressões mudando para máscaras de ódio. Duas bocas berraram com uma única raiva e a criatura atacou.

O tempo para se simpatizar com ele acabou. Sam fez mais três disparos enquanto o Duas-Cabeças corria em sua direção. Em qualquer outro dia, Sam teria acertado as três no coração da criatura, mas naquele momento estava se esforçando até mesmo para segurar a arma com firmeza, e sua visão estava embaçada nos cantos. O primeiro disparo serviu apenas para arrancar os dois últimos dedos de uma das mãos. Doloroso, mas dificilmente um tiro mortal. O segundo atingiu o ombro esquerdo, mas apesar de o impacto ter feito o Duas-Cabeças cambalear por um segundo, não fez nada para atrasá-lo. Melhor, mas ainda não era bom o bastante. O terceiro disparo foi, como diz o ditado, na mosca. Atingiu a cabeça da direita — que Sam pensava tratar-se da principal, já que parecia ser a original do corpo — e arrancou um grande pedaço do crânio, formando uma nuvem vermelha.

O Duas-Cabeças, ou talvez fosse Uma-Cabeça-e-Meia agora, parou de vez a apenas alguns passos de distância de Sam. Ainda estava em pé, mas cambaleando, os dedos de todas as quatro mãos sofrendo espasmos. A cabeça ferida estava dependurada no pescoço com os olhos arregalados e atentos. A segunda cabeça se virou para observar o companheiro com um olhar estúpido e confuso. As mãos do lado da segunda cabeça tentaram se erguer, provavelmente com a intenção de encostar na cabeça ferida, bem como a criatura havia feito um momento antes ao explorar os destroços desfigurados que ocupavam o lugar da orelha, mas os membros estavam se contorcendo e contraindo, batendo contra o ar como se o Duas-Cabeças estivesse sofrendo uma espécie de convulsão.

Sam achava que sabia o que estava acontecendo. A segunda cabeça, mais clara, estava ligada ao sistema nervoso geral do corpo, mas as conexões não estavam tão fortes quanto poderiam estar. A primeira cabeça era a dominante, responsável pelo controle primário do corpo. Sem ela, a segunda cabeça tinha que se esforçar para realizar aquela tarefa sozinha. Sam manteve a Beretta apontada para o Duas-Cabeças. Se pudesse confiar na própria mira, teria colocado uma bala na segunda cabeça e

acabado com o sofrimento da criatura, mas, em suas condições, decidiu cessar fogo por alguns momentos. Era possível que a segunda cabeça, sozinha, não conseguisse manter o coração e o pulmão funcionando e, então, a criatura morreria em breve. Se fosse este o caso, tudo que precisava fazer era esperar que ela caísse e tudo acabaria.

Sam observou o Duas-Cabeças balançar e cambalear, movimentando-se como se fosse uma marionete cujo titereiro estivesse em meio a um ataque epilético.

Capturou mais movimento com o canto do olho e se virou, apontando a Beretta em direção a qualquer que fosse a nova ameaça que estava se apresentando. Esperava que fosse outra criatura, mas em vez disso viu um homem esguio com terno e gravata, parado junto a um olmo. Parecia que estava se escondendo e havia se mostrado para conseguir enxergar melhor o que estava acontecendo. Levantou a mão direita — Sam viu que tinha algum tipo de marca preta na palma da mão — e gesticulou. Sam se perguntou se aquele não seria o vulto nebuloso que havia visto rapidamente várias vezes desde que chegou a Brennan, por fim aparecendo com uma nitidez mais aguçada.

Não teve muito tempo para se fazer perguntas. O Duas-Cabeças ganhou um controle módico sobre o corpo que não cooperava e deu um único passo cambaleante para a frente. Depois deu um segundo passo.

A cabeça sobrevivente estava encarando Sam com assassinato nos olhos, e esticou as quatro mãos na direção dele. Sombras pretas apareceram nos braços da criatura, contorcendo-se, e Sam percebeu que o Duas-Cabeças planejava drenar sua força vital para vingar a morte do companheiro.

Sam girou a Beretta de volta, mirou no coração da criatura e atirou.

Havia mirado baixo demais, e o disparo atingiu o tronco do Duas-Cabeças. O impacto fez a criatura se dobrar, porém rapidamente ajustou a postura. Sangue corria do ferimento, mas a criatura o ignorava e continuava andando na direção de Sam.

Ele mirou no coração de novo, com calma, tentando não olhar para a energia negra que estava girando em torno das mãos da criatura, tentando não pensar em como ela estava perto, e em como estava chegando mais perto ainda, mas antes de conseguir apertar o gatilho, escutou a voz do irmão.

— Hurraa, mamasita!

Um disparo de espingarda ressoou como um trovão, e o uma vez Duas-Cabeças terminou sua estranha segunda vida como um Sem-Cabeça. A criatura foi arremessada para a frente e caiu no chão como se fosse um pedaço de carne morta — que era exatamente o que havia se tornado. Sam levantou a cabeça e viu Dean abaixar a espingarda. Ele tinha círculos escuros embaixo dos olhos e parecia exausto, mas estava vivo, e isso era tudo que importava.

— Mamasita? — Sam perguntou.

Dean encolheu os ombros.

— Estou tentando reduzir um pouco os palavrões.

Sam se levantou com esforço.

— É admirável, mas deixa um pouco a desejar no quesito cara durão.

Lembrou-se do homem de terno e se virou na direção dele, pronto para atirar, mas ele havia desaparecido.

— Não se preocupe — Dean disse. — Eu também vi ele. É bem rápido pra um cara mais velho.

Sam capturou outro movimento rápido, dessa vez na direção oposta. Virou-se e viu o mesmo vulto nebuloso e sombrio que havia visto antes, parado a cerca de cem metros de distância. Apontou na direção dele.

— E aquele ali? — perguntou.

Dean olhou na direção que ele indicou.

— Sinto muito. Esse eu não estou vendo.

Sam forçou os olhos, tentando ver o vulto de forma mais nítida, mas não adiantou de nada. Um segundo depois, não estava mais lá.

Suspirou. Pelo menos o cara de terno não havia sido uma alucinação.

Guardou a Beretta no cós da calça, recuperou a espingarda de cano serrado que havia deixado cair quando o Duas-Cabeças o arremessou pelos ares e, juntos, ele e Dean aproximaram-se do cadáver da criatura.

Dean o chutou algumas vezes para garantir que estava morto. No ramo de trabalho deles, nunca se sabia se algo que haviam abatido permaneceria no chão. A criatura não se mexeu.

— Acho que agora ele é oficialmente Des-Cabeçado — Dean disse.

Sam mostrou um pequeno sorriso.

— Ok, essa foi meio que engraçada. — O sorriso desapareceu. — Como é que você está se sentindo?

— Como se pudesse dormir por uma semana, mas, fora isso, estou bem. Acho que ele não conseguiu sugar muita coisa do meu tanque.

Voltaram a atenção para o monstro morto e o rolaram para conseguirem observá-lo melhor. Agora que podiam examinar o corpo de perto, Sam conseguiu ver as linhas de cicatrizes semelhantes às do Franken-vira-lata, só que estas se atinham aos lugares em que a cabeça e os braços extras haviam sido unidos ao corpo principal. O Duas-Cabeças havia sido montado com menos peças que o Franken-vira-lata, e as linhas de cicatrizes dele tinham mais cor de pele do que branco.

— NuFlesh? — Dean perguntou.

— Acho que sim. Mas tem alguma coisa errada com essas cicatrizes. — Sam se agachou e esfregou a linha que rodeava a base de um dos braços extras.

— Cuidado — Dean disse. — Você não vai querer pegar Frankenpiolhos.

Sam levantou os dedos para que Dean os visse.

— Alguém cobriu as cicatrizes dele com maquiagem. Por isso que elas não são tão óbvias quanto as do Franken-vira-lata. — Franziu o rosto. — Ele tem traços de putrefação também. Eles ainda não são muito grandes, mas estão definitivamente presentes. Parece que ele estava começando a apodrecer, que nem o Franken-vira-lata.

— Pelo menos ele ainda não está fedendo tanto quanto ele — Dean comentou. — Não que agora ele seja uma rosa ou qualquer coisa do tipo.

Sam limpou os dedos no chão antes de se levantar.

— Acho que a gente não precisava dos sinalizadores — Sam disse.

— Eles ainda podem ter sua utilidade — Dean acrescentou. — Qual você acha que é a chance de ter só dois monstros remendados na cidade?

— Não muito grande — Sam respondeu.

— Vamos lá, vamos juntar um pouco de lenha e queimar esse filho da puta. Então vamos ver se conseguimos descobrir quem é o sr. Terno-e-Gravata. — Bocejou. — Depois vamos voltar pro motel e tirar uma soneca.

Ao ver Dean bocejar, Sam fez o mesmo.

— Essa é a melhor ideia que você teve em um bom tempo.

Os irmãos, movendo-se lentamente como uma dupla de zumbis, foram ao trabalho.

Conrad se movimentava pela floresta com muito mais agilidade e silêncio do que era humanamente possível, mas isso não passava do esperado, já que ele não era humano há três séculos.

Não estava satisfeito com o fato de a criatura não ter conseguido matar os dois homens. Se já não houvesse matado Harrison, com certeza o faria agora. Na verdade, estava tentado a trazer o imbecil de

volta à vida apenas para poder privá-lo dela de novo. O encontro havia passado longe de ser uma perda de tempo total, entretanto, pois havia conseguido informações valiosas.

Agora, sabia quem eram os dois homens. Não suas identidades específicas, isso mal chegava a importar, mas sabia qual era a profissão deles. Eram *caçadores*. Devido à natureza dos experimentos que Conrad havia conduzido ao longo dos últimos trezentos anos — para não mencionar os resultados delas —, havia encontrado pessoas do tipo deles antes, e embora normalmente conseguissem destruir suas criações, nenhum deles havia chegado perto de matá-lo, e ele pretendia, como se fala atualmente, manter a sequência de vitórias.

Essa não havia sido a informação mais importante que havia conquistado com a derrota da monstruosidade de duas cabeças de Harrison, porém. Outra coisa estava observando os acontecimentos e, embora para quaisquer outros olhos este observador não pudesse ser visto, a condição especial de Conrad — não morto, mas tecnicamente não vivo — permitia que notasse o que outros não podiam. Naquele dia, um Ceifeiro havia estado presente na floresta. Um Ceifeiro!

Durante sua longa existência, Conrad havia aprendido muito. Era um mestre da antiga arte da alquimia — talvez o único que restasse no mundo — e tinha muitas habilidades na mágica rúnica praticada pelo povo nórdico. Também havia reunido uma boa dose de sabedoria sobrenatural durante seu tempo e sabia que Ceifeiros eram seres que apareciam para humanos no momento de suas mortes e conduziam suas almas para a vida após a morte. Eram, em um sentido bastante real, a Força da Morte personificada, e um Ceifeiro, ou, para ser mais preciso, o poder que este continha, poderia ser a peça final de um quebra-cabeças que estava tentando solucionar ao longo dos últimos três séculos.

Precisava voltar à fábrica de bicicletas e consultar sua senhora o quanto antes. Ela saberia o melhor jeito de atrair e capturar um Ceifeiro. Afinal, não era ela um aspecto da Morte também? É claro, se esperasse que ela lhe concedesse um conhecimento arcano tão grande, precisaria de um sacrifício muito mais substancial que um mero leitão. Pensou sobre o fazendeiro que havia lhe vendido o animal. O homem estava na casa dos cinquenta anos, mas ainda era saudável, forte e trabalhador. Ele serviria.

Parece que faria uma parada antes de voltar à fábrica da Bicicletas Kingston.

Conrad não colocou em questão a presença do Ceifeiro. Assumiu que estivesse seguindo o caçador, o que havia sido mordido pelo cachorro e sido infectado com a mácula da criatura. O garoto estava morrendo lentamente, e o Ceifeiro era como um abutre, rodeando e esperando sua refeição terminar a tarefa de expirar antes de se precipitar para reivindicá-la. Tinha esperanças de que o garoto sobrevivesse por mais algum tempo. Quanto mais tempo levasse para morrer, mais o Ceifeiro permaneceria por ali, dando a Conrad uma chance melhor de capturá-lo.

Estava mais animado do que estivera em décadas. Enfim, a vitória estava ao alcance de suas mãos!

Logo, logo, minha senhora, você irá colocar os pés na face da Terra, e todos que a enxergarem ficarão maravilhados com sua beleza e lamentarão de desespero. Será glorioso!

Correu com mais velocidade.

Daniel estava caminhando pela floresta, seguindo o rastro dos irmãos Winchester a uma distância discreta. Sam o havia visto demais, e ele queria certificar-se de estar fora do campo de visão dele, pelo menos durante aquele momento.

A espécie de Daniel não se preocupava, pelo menos não da forma como os mortais o faziam, pois tinham uma perspectiva diferente acerca da existência. O que os mortais viam como tragédias terríveis eram mais parecidas com joelhos ralados e sangramentos nasais para os Ceifeiros, dores momentâneas

que não tinham significâncias duradouras em face à Eternidade. Mesmo assim, Daniel tinha que admitir que estava... inquieto.

Havia sido levado a Brennan por causa de Conrad Dippel. Todos os seres que desafiavam a ordem natural e viviam além de seus anos estavam violando o antigo pacto que Deus e a Morte fizeram antes do nascimento do universo. Para que a Criação fosse algo que vivesse e evoluísse, teria que haver o Tempo, e se houvesse o Tempo, então teria que haver uma forma de se marcar sua passagem. Para cada Antes um Depois, para cada Começo um Fim, para cada Vida uma Morte. Daniel era o encarregado de garantir a manutenção deste equilíbrio e acreditava que isso o tornava um caçador também, de certa forma. Os “mortos-vivos”, demônios e outros da laia deles normalmente não estavam desafiando a morte, mas continuando a existir de uma forma diferente. Porém, uma criatura como Dippel era um caso muito especial e muito perigoso. Mesmo assim, não era o próprio Dippel que mais preocupava Daniel, mas sim o que ele estava tentando fazer.

Os Winchester haviam ajudado até então, destruindo tanto o cachorro monstruoso quanto o homem de duas cabeças que a combinação sombria de Dippel de mágica e ciência havia forjado (mesmo que tecnicamente nenhuma das criaturas houvesse sido construída pelas próprias mãos dele), mas os irmãos ainda não haviam se dado conta de que Dippel era a mente por trás das abominações de retalhos. Enquanto não soubessem a identidade dele — ou, no caso, que sequer existia —, como poderiam fazer qualquer coisa para pará-lo? Dippel poderia simplesmente levantar o acampamento e mover a operação para outro lugar. Ele podia ser vingativo e cruel, mas no fim das contas era um homem prático, e caso se tornasse muito problemático continuar trabalhando em Brennan, Dippel iria embora dali. Daniel conseguiria rastreá-lo para onde quer que fosse, é claro. A energia necromântica que Dippel liberava era como um sinal luminoso para ele. Mas os Winchesters provavelmente não conseguiriam localizar Dippel de novo, pelo menos não sem um esforço sério da parte deles, e naquele momento eles não tinham tempo para se dedicarem a uma busca extensiva. Daniel sabia que eles tinham assuntos mais urgentes com que lidar, especificamente Dick Roman e os Leviatãs. Levando em conta como os monstros vorazes haviam deixado os Ceifeiros do mundo ocupados desde quando haviam sido libertados do Purgatório, Daniel ficaria aliviado quando — ou talvez isso devesse ser um *se* — os Winchester derrotassem as bestas.

Enquanto Ceifeiro, Daniel era proibido de se manifestar no mundo físico, mas lhe era permitido comunicar-se com os vivos, contanto que estivessem próximos o bastante da morte para notá-lo. Os muito velhos, os que estivessem morrendo por causa de doenças incuráveis, os que haviam passado por experiências de quase-morte e sobrevivido — podia falar com qualquer um deles e tentar convencê-los a atuarem como seu agente no reino dos vivos. Devido ao fato de Sam Winchester ter sido infectado com a mácula necromântica após ter sido mordido pelo cão monstruoso de Dippel, ele estava morrendo, e Daniel tinha esperanças de poder se comunicar com o caçador em breve. Ele lhe contaria e, por extensão, ao seu irmão, sobre Dippel, e os levaria até o antigo alquimista. Entretanto, este era um plano que talvez Daniel não pudesse pôr em prática. Depois de todas as agressões que a mente e o espírito de Sam haviam sofrido, suas defesas mentais ainda eram muito mais fortes que as de uma pessoa comum, e o subconsciente dele estava afastando o Ceifeiro, negando sua existência, permitindo que Sam visualizasse apenas vultos sombrios dele. Enquanto Sam continuasse a lutar desta forma, Daniel não conseguiria se comunicar com ele. A resistência do caçador seria corroída quanto mais forte a mácula sombria se tornasse e quanto mais perto da morte chegasse, mas, se ficasse fraco demais, havia a possibilidade de que morresse antes de Daniel conseguir conversar com ele. Supunha que simplesmente teria que continuar seguindo os Winchester e apostar que Sam vivesse tempo suficiente para ajudá-lo a acabar com Dippel.

O próprio Dippel talvez fosse um problema também. Daniel não tinha certeza, mas pensava que talvez Dippel o houvesse visto rapidamente enquanto os Winchester estavam lutando contra a criatura de duas cabeças. Daniel não sabia se o alquimista possuía a habilidade de ver Ceifeiros. Porém, pensava que havia uma grande possibilidade de que isso fosse verdade e, se fosse o caso, se Dippel soubesse que um

Cefeiro o estava observando, quem sabia o que poderia fazer? No mínimo, Daniel teria perdido a vantagem do elemento surpresa.

Suspirou. Às vezes, trabalhar para a Morte era um verdadeiro saco.

— Então, eu estava certa? — Trish sussurrou. — Aqui não é um lugar *maravilhoso* pra assombrações?

Dean tinha que admitir, a casa parecia bem assustadora mesmo, e pela expressão no rosto de Sam, sabia que o irmão pensava o mesmo. Ficava a alguns quilômetros da cabana onde Trish morava com o pai, perto de um pequeno lago. O mesmo havia servido como desculpa para Trish quando disse ao pai que os três queriam sair da cabana.

Pensei que a gente podia dar uma volta lá pelo lago, havia dito, cheia de inocência. Talvez jogar umas pedras, sei lá.

Não nadem, o pai havia dito, encarando Sam e Dean. Eles podiam ser mais novos que Trish, mas ainda eram garotos e estava claro que Walter Hansen não gostava da ideia de eles verem a filha em trajes de banho.

Trish havia virado os olhos com uma expressão de enfado. *Pa-íí!*, havia dito, esticando a palavra, com a voz mergulhando numa censura envergonhada. Havia recebido a permissão dele e os três saíram, mas o destino real deles havia sido aquela casa.

A estrutura era velha e de dois andares, de madeira cinza-clara com manchas de mofo esverdeado e áreas escuras apodrecidas, a pintura desgastada há muito pelo tempo e os elementos naturais. Uma seção do telhado havia desabado e metade da casa estava caída, como se a fundação estivesse desmoronando por baixo dela em um dos lados. Dean não sabia muito de arquitetura — tudo bem, não sabia *nada* sobre o assunto —, mas a casa parecia antiga, como se houvesse sido construída na década de 1930, e talvez ainda antes disso. Era mais estreita que as casas modernas, com janelas menores, e em vez de uma varanda havia três degraus de pedra que levavam à porta da frente. Os degraus estavam rachados, a porta dependurada nas dobradiças que restavam e as janelas não tinham mais nem mesmo estilhaços de vidro. Dean estava surpreso pela casa não ter desabado até então. Parecia uma casa dilapidada de desenho animado, da espécie que mal se sustenta de pé e desmorona no instante em que um pássaro minúsculo pousa sobre ela. A terra em volta da casa somava à sua impressão de antiguidade. Árvores haviam crescido perto e ao redor dela, não tão altas quanto as mais afastadas, mas altas o bastante para indicar quanto tempo havia se passado desde a última vez em que alguém havia morado lá. Havia até uma árvore saindo por um buraco no telhado. A vegetação rasteira era espessa, e se alguma vez tivesse havido um caminho marcado para a casa, estava coberto há muito tempo.

Mesmo assim, a aura assustadora que a casa exalava não se devia à aparência dela — pelo menos, não somente a isso. Havia uma sensação na atmosfera, uma ardência fria que não tinha nada a ver com o ar de começo de primavera. Fazia a pele da nuca de Dean formigar e fez o estômago dele dar voltas. Lembrou-se de algo importante que o pai havia lhe dito uma vez.

Você sabe quando um lugar é ruim, filho. Estou falando de ruim de verdade. Dá pra sentir isso, do mesmo jeito que animais sentem o perigo. Nós somos animais também, lá no fundo, e ainda temos esses instintos dentro de nós. Tudo que temos que fazer é escutar quando eles tentarem nos avisar. Me promete que você vai sempre escutar, Dean.

Dean havia prometido, e agora estava escutando. Virou-se para Trish e manteve a voz baixa enquanto falava.

— Seu pai pode não ser um caçador, mas ele sabe bastante coisa. Por que ele nunca contou a nenhum

deles sobre esse lugar?

— Ele não acredita nas histórias que as pessoas contam sobre essa casa. A velha Casa de Hosana.

— Hosana? — Sam perguntou. — Tipo o nome de mulher?

Trish balançou a cabeça

— Hosana de “Hosana nas alturas”. Acho que é o sobrenome de alguém que morou aqui. — Deu de ombros. — Eu não sei de verdade.

— Que tipo de histórias? — Dean perguntou. Estava começando a temer que estivessem correndo um perigo sério de dar passos maiores que as próprias pernas, *muito* maiores. Quando Trish lhes havia contado que tinha uma casa assombrada não muito distante da cabana e perguntado se queriam ir lá e “pegar alguns fantasmas”, tanto Dean quanto Sam haviam aceitado, tentando agir como se não fosse grande coisa, como se fossem caçadores veteranos apesar da idade. Era porque não queriam passar vergonha na frente de Trish. Dean imaginava que a “casa assombrada” acabaria se mostrando nada além de um prédio precário e abandonado do qual as crianças falavam quando queriam curtir alguns arrepios. Não esperava que houvesse nenhum fantasma *real* lá. Sabia o bastante acerca de espíritos vingativos — e eram estes que normalmente permaneciam em algum lugar depois da morte — para saber que estavam o mais longe possível de serem como Gasparzinho, o Fantasma da Camarada. Se tivessem raiva o bastante e conseguissem reunir energia suficiente, poderiam afetar o mundo físico. Isso significava que poderiam matar.

— Há muito tempo atrás, o homem que morava aqui matou a família dele inteira — Trish disse. — Ele não tinha nenhum motivo pra isso, pelo menos nenhum motivo que alguém tivesse conseguido descobrir. Uma noite ele simplesmente enlouqueceu, saiu da cama, desceu a escada, pegou o rifle de caça que tinha, subiu a escada de novo e ordenou que a família se levantasse. Conduziu eles sob a mira da arma pra baixo, a mulher, o filho e a filha, e depois os forçou a saírem da casa numa noite fria. Disse que ele ia caçar eles, mas que se conseguissem correr rápido o bastante e fugir, ele deixaria que vivessem. Eles choraram e imploraram pra ele não fazer isso, mas ele atirou no chão perto dos pés deles pra provar que estava falando sério. Eles gritaram e saíram correndo.

“O homem não foi atrás deles na mesma hora. Queria dar alguma chance pra eles. Esperou mais ou menos uns cinco minutos e então começou a procurar eles. Encontrou a garotinha primeiro. Ela não tinha ido muito longe antes de escalar uma árvore pra se esconder. A maior parte das pessoas acha que a mãe disse pra ela fazer isso porque achava que a menina não ia conseguir correr rápido o bastante pra escapar. Ela estava soluçando e implorando pela própria vida quando o pai a matou com um único tiro. Depois, encontrou o menino. Ele estava correndo de árvore em árvore, tentando usar elas pra se esconder. O homem precisou de três tiros pra acertar o alvo. A esposa escutou os tiros e soube que os filhos estavam mortos. Ela pegou uma pedra grande e se aproximou do marido por trás, com a intenção de matar ele pelo que tinha feito. Mas, por mais quieta que estivesse, ele ainda escutou. Talvez ela tenha soltado um soluço bem na hora em que estava prestes a descer a pedra na cabeça dele, ou talvez ela tenha pisado em um galho. De qualquer forma, ele girou e disparou o rifle à queima roupa. Exatamente no mesmo instante, ela afundou a pedra na cabeça dele. Os dois morreram. Não na mesma hora, mas morreram antes do sol nascer. Mais de uma semana se passou antes da irmã da esposa ficar preocupada por eles não terem entrado em contato com ela. Ela e o marido vieram investigar, mas então já não tinha sobrado muita coisa dos corpos. Os animais tinham limpado eles”.

Dean olhou para Sam. Pensou que talvez a história houvesse perturbado o irmão mais novo, mas em vez de parecer desconcertado, Sam parecia pensativo.

— Se a família toda morreu, então como é que as pessoas sabem o que aconteceu? — ele perguntou.

Dean não havia pensado naquilo. Havia ficado preso demais à história enquanto a escutava. Mesmo assim, viu-se partindo em defesa de Trish, por nenhum outro motivo além de querer que ela gostasse dele. Gostasse *de verdade* dele.

— Provavelmente a polícia descobriu tudo depois — respondeu.

Trish lhe mostrou um sorriso de gratidão e Dean sentiu as bochechas corarem. Sam franziu o rosto, obviamente descontente com o fato do irmão ter marcado pontos com Trish.

Que pena que você nunca vai ser tão galanteador quanto o seu irmão mais velho, Sammyzinho! Dean pensou.

— Então, onde é que a assombração entra nessa história? — Sam perguntou.

— Com o passar dos anos, as pessoas começaram a relatar encontros com um homem armado por aqui, e começaram a circular histórias de que a área estava assombrada. Vieram pessoas pra investigar, e logo elas começaram a aparecer mortas. Nunca ninguém conseguiu encontrar o atirador, e aos poucos as pessoas passaram a simplesmente se manter longe daqui.

Que pena que a gente não é tão esperto quanto essas pessoas, Sam pensou.

— Ao longo dos anos, o fantasma da Casa de Hosana virou uma lenda local — Trish continuou. — Em algum momento dos anos cinquenta, as pessoas deram a ele o apelido de Homem do Rifle por causa de um programa antigo de TV, e o nome pegou. Agora, dificilmente alguém passa perto daqui. De quando em quando um caçador, um caçador normal, quero dizer, ou alguém fazendo trilha desaparece. Às vezes o corpo é encontrado, às vezes não. Quando é...

— Tem um buraco de bala nele — Dean completou.

— Normalmente vários — Trish o corrigiu. — Quem sabe quantas pessoas ele matou ao longo dos anos? Ele tem que ser parado, e imaginei que já que vocês dois já caçaram com o pai de vocês antes, poderiam me ajudar a me livrar dele.

Dean trocou olhares com o irmão. Sam tinha uma tendência irritante de ser honesto nas horas mais inconvenientes, mas não disse nada naquele momento. Dean estava quase decepcionado. Parte dele começava a pensar que estarem ali era má ideia, e gostaria de ter uma desculpa para ir embora, mesmo que isso os fizesse parecer idiotas aos olhos de Trish. Poderia ter dado pra trás pela própria vontade, supunha, mas não era do tipo que dava pra trás. Era do tipo que seguia-adiante-e-esperava-que-as-coisas-não-fossem-todas-para-o-inferno. Especialmente quando havia uma garota envolvida.

— Você está pronto? — perguntou a Sam.

Sam tirou uma sacola plástica de embalagens a vácuo do bolso da jaqueta. Estava cheia de sal de mesa. Fez que sim com a cabeça.

Dean estava segurando um atizador de ferro que havia pegado na lareira de Trish. Podiam nunca ter ido caçar de verdade com o pai, mas haviam aprendido algumas coisinhas com ele. Podiam usar sal para dispersar temporariamente um fantasma. Ferro fazia a mesma coisa. Se conseguissem encontrar os ossos de um fantasma, poderiam despejar sal sobre eles, queimá-los, e o fantasma seria banido para onde quer que fosse que os fantasmas iam. Dean não fazia ideia de como algo tão simples quanto um pouco de sal e fogo poderiam fazer isso, mas, se funcionasse, funcionava, e isso era tudo que importava para ele. Tinha um recipiente com fluido de isqueiro e alguns fósforos no bolso do casaco, então estavam prontos para ir. Ele esperava.

Ele se virou para Trish:

— Provavelmente, você deveria ficar atrás da gente.

Ela franziu o rosto.

— Por quê? Porque sou uma garota? Eu também tenho um saco de sal! — Tirou o saco do bolso e o balançou na frente do rosto de Dean para dar ênfase.

— Não, porque você nunca fez isso antes — ele respondeu. Embora a verdade fosse que ele queria que ela ficasse atrás deles por ser uma garota. Era o que todos os caras durões de filmes faziam. Mas ele conseguia ver que isso não iria colar com ela, então usou a outra desculpa.

Isso a acalmou um pouco e ela concordou com um gesto de cabeça, embora não parecesse feliz com aquilo.

Dean e Sam deram um passo à frente de Trish e começaram a caminhar em direção à Casa de Hosana. Dean certificou-se de manter o irmão mais novo atrás de si, mas enquanto se aproximavam da porta da frente, não conseguia fugir da sensação de que estava cometendo um erro terrível. Deveria tomar conta de Sam. O pai deles havia enfiado aquilo na cabeça dele repetidas vezes ao longo dos anos, e havia ficado arraigado de forma tão profunda que ia além de uma mera sensação ou responsabilidade. Havia se tornado um pilar importante da identidade de Dean. Então que diabos estava fazendo levando Sam em direção a uma casa assombrada por um fantasma fã de gatilhos? Será que estava com a cabeça fora do lugar? Nenhum deles estava preparado para isso, e impressionar uma garota — independentemente de quão gostosa ela fosse — não valia a pena se colocasse o irmão em perigo.

Parou de andar e se virou de frente para Sam e Trish.

— Me desculpa, mas eu acho que não...

Houve um estrondo enquanto a porta da frente quebrava a última dobradiça restante e voava pelo ar, não os atingindo por pouco. Dean girou a tempo de ver um homem sair da casa e parar sobre o degrau mais alto. Não andando. Ele emergiu da escuridão de dentro da casa, libertando-se das sombras, quase como se houvessem dado à luz ele.

No início, quando Trish havia lhes contado a respeito do Homem do Rifle, Dean havia imaginado o fantasma como uma criatura que lembrava um espantalho, cadavérico e branco como giz, com cavidades vazias e escuras no lugar de onde deveriam estar os olhos, mas o homem que estava sobre o primeiro degrau da Casa de Hosana parecia quase decepcionantemente normal. Tinha altura mediana — menor que Dean, mas um pouco mais alto que Sam — e uma pança que caía por cima do cinto. Estava vestindo uma camisa branca de botões com as mangas dobradas até em cima, calça preta com suspensórios e sapatos pretos. As bochechas tinham um toque de vermelho, ostentava um bigode preto e fino como se fosse feito a lápis, e o cabelo preto e curto que tinha estava penteado e cuidadosamente repartido no meio da cabeça. Parecia molhado, como se o tivesse lustrado com alguma coisa. O rosto parecia suficientemente humano, com todas as partes presentes e arranjadas em uma configuração adequada. É claro, sua feição estava contorcida, formando uma máscara de ódio bruto, e estava segurando um rifle. E havia manchas de sangue na camisa dele... vermelhas e brilhantes, como se ainda estivessem frescas.

Apesar das aparências, Dean sentiu na mesma hora que a criatura não era humana. Não mais, de qualquer forma. Havia a forma como tinha aparecido... a palavra manifestado lhe veio à mente, mas era mais que isso. Dean sentia algo errado emanando do Homem do Rifle, saindo em ondas dele como o calor emitido por asfalto preto como carvão nos meses de verão. Ele não era natural, sendo simples e direto, sua existência era um insulto à própria vida. Dean quase conseguia sentir a floresta em volta deles fugindo da aparição, recuando da presença de algo pior que a morte.

Os irmãos não hesitaram. Dean arremessou o atizador no mesmo instante em que Dean estava lançando o conteúdo da sacola plástica. Ferro e sal atingiram o fantasma, e a boca do Homem do Rifle se abriu em um grito silencioso de raiva enquanto a substância que compunha seu corpo se dissipava, deixando rastros finos como névoa.

Antes de desaparecer, o fantasma conseguiu dar um único tiro, provocando um estrondo alto como um disparo de canhão.

Dean sentiu uma onda de exaltação. Conseguiram! Podiam não ter banido de vez o fantasma, mas o haviam mandado embora. Nada mal para a primeira caçada de verdade deles!

A animação o deixou quando lembrou que o Homem do Rifle havia conseguido disparar a arma antes de desaparecer. Ele estava bem, mas...

Virou-se para Sam, que estava encarando a entrada da casa, agora vazia, com uma expressão de admiração no rosto.

— Você está bem? — Dean perguntou bruscamente.

Sem tirar os olhos da entrada, Sam fez que sim com a cabeça.

Aliviado, Dean se virou para Trish.

— Então, o que é que você acha...

Viu Trish deitada no chão com os olhos arregalados e vidrados, a frente do suéter ensopada de sangue.

Dean levantou o torso e ficou sentado. A escuridão o estava cercando e, por um instante, não sabia onde estava. Percebeu que estava segurando alguma coisa com a mão direita e levou um segundo para reconhecer a Colt. Devia tê-la pegado debaixo do travesseiro enquanto acordava. Era realmente bom que não a houvesse disparado.

Ficou sentado por um tempo, imóvel, com a pele lustrada de suor, enquanto o pulso e a respiração lentamente voltavam ao normal. Conseguia escutar a respiração de Sam vindo da cama ao lado, lenta, suave e regular. Estava feliz por não ter acordado o irmão. Acabado como estava ultimamente, precisava de todo o descanso que pudesse conseguir.

Dean permaneceu ali, pensando sobre Trish Hansen, até o sol nascer.

DEZ



Sam abriu os olhos, bocejou e se espreguiçou. Não se sentia descansado de forma nenhuma, mas também não como se estivesse prestes a ficar inconsciente a qualquer segundo, e pensou que isso era um avanço significativo. Sentou-se e viu Dean sentado à mesa, trabalhando no laptop.

— Talvez a gente devesse trocar de papéis. Que tal você fazer a pesquisa de agora em diante e eu conserto carros e persigo mulheres?

— Só nos seus sonhos — Dean murmurou. Então fez uma careta, como se estivesse se arrependendo da escolha de palavras. — O café está na sua mesa de cabeceira. Provavelmente está frio agora.

— Desde que tenha cafeína, eu não me importo. — Sam pegou a xícara e tomou um gole. — Como você está se sentindo nessa... — Olhou para o relógio na mesa de cabeceira. 9:34. — Manhã? — Ele supôs.

Dean fez um gesto com a cabeça.

— Eu é que deveria estar fazendo essa pergunta pra você.

— Eu não fui um tira-gosto pra um vampiro de energia de duas cabeças ontem.

— Tenho que admitir que estou um pouco arrastado, mas vou ficar bem. Acho que perder força vital é como perder sangue. Você tem que dar tempo ao corpo pra recuperar o estoque de volta.

— É. Você provavelmente está certo. — Sam havia ido para a cama com uma camiseta e calça de moletom na noite anterior. Tanto ele quanto Dean tomaram um banho antes de se deitarem, e ele não estava sentindo cheiro de nenhum traço de Frankenfedor no quarto. Entretanto, seus sentidos haviam estado atordoados ultimamente, então o quarto podia fedendo sem que soubesse. Entulharam suas roupas estilosas em um saco de lixo, amarraram-no com força e então o colocaram em outro saco e amarraram o segundo com ainda mais firmeza. Depois, jogaram as roupas no porta malas do carro. Quando tivessem tempo, iriam a uma lavanderia que funcionava a moedas, ou talvez apenas queimassem as malditas coisas e acabassem logo com aquilo.

Sam moveu-se para o pé da cama e se sentou com as pernas cruzadas enquanto bebia o café morno.

— Então, que jogo você trouxe de volta das selvas sombrias da internet, ó poderoso caçador?

Dean lhe lançou um olhar.

— Você deve estar se sentindo melhor, já que está contando piadas tão ruins. Mas já que você perguntou... — Dean fez uma série de barulhos de teclas, depois virou o laptop para que Sam pudesse ver a tela. — Parece familiar?

Sam deixou a cama e caminhou até a mesa para ver o computador mais de perto. A imagem na tela era um desenho à tinta de um homem. Apenas a cabeça e os ombros eram visíveis, mas pelo que Sam podia ver de sua roupa, supôs que o homem vivia no século dezessete ou dezoito. O cabelo longo e enrolado — o qual Sam pensou que pudesse ser uma peruca — ajudou a datar a imagem.

— Pra falar a verdade, parece. Esse é o cara que vimos depois de lutar contra o Duas-Cabeças, não é?

A semelhança era estranha. Além do cabelo, eles podiam estar olhando para uma fotografia ao invés

de um desenho.

— Você está olhando pra Johann Conrad Dippel, um teólogo alemão, médico e alquimista, nascido em 1673, morreu em 1734.

— Parece o nosso cara — disse Sam. — O que levou você até ele?

Dean sorriu.

— Dá uma olhada em *onde* ele nasceu.

Sam se inclinou para mais perto e leu o texto que acompanhava a imagem de Dippel.

— Ele nasceu no Castelo *Frankenstein*? Você só pode estar brincando.

— Não. Acontece que o Castelo Frankenstein é um lugar verdadeiro na Alemanha. Apesar de nenhum cientista maluco ter morado lá. A menos que você conte o nosso garoto, o Dippel. — Dean inclinou-se perto da tela enquanto corria os olhos pelo texto. — De acordo com isso, ele gostava de dissecar coisas. Até realizou experimentos pra tentar transferir uma alma de um cadáver pra outro. Então escreveu sobre isso em uma dissertação chamada *Enfermidades e Remédios da Vida da Carne*, no qual ele também afirmou ter descoberto o Elixir da Vida. Uma hora, ele montou um laboratório em algum lugar no oeste da Alemanha. Um ministro local o acusou de roubar túmulos, fazer experimentos em cadáveres e... naturalmente... conspirar com o diabo. Não fala se ele foi expulso da cidade por camponeses com forquilhas, mas fala que suas “teorias controversas” baniram Dippel de países como a Suécia e a Rússia. Registros históricos ficaram irregulares depois disso, mas pouco antes de morrer... ou ao menos de ter sua morte *presumida*... anunciou que havia descoberto uma poção que tornaria ele imortal. É isso aí. Eu diria que isso faz dele o Suspeito Número Um, não é?

— Com certeza. Então o quê, Mary Shelley ouviu falar sobre Dippel e usou ele como inspiração pro romance dela?

— Isso é o que a internet diz, embora também diga que não há provas definitivas. Mas dado o que nós vimos... pra não mencionar os cheiros que sentimos... nos últimos dias, eu diria que é uma boa aposta.

— Então eu acho que, de certa forma, estamos realmente à procura do dr. Frankenstein.

— Muito legal, não é?

— É. — Sam tomou mais um gole de café enquanto refletia sobre as informações que Dean tinha-lhe relatado. — Alguma ideia de por que um alquimista alemão imortal está criando monstros em Ohio nos dias de hoje?

Dean encolheu os ombros.

— Pelo custo de vida ser mais barato aqui?

— Provavelmente é mais fácil se manter despercebido em uma cidade pequena. Dessa forma, se um dos experimentos dele escapar, é menos provável que seja notado.

— Seria um pouco difícil pra algo como o Franken-vira-lata ou o Duas-Cabeças passear pela rua em Nova York sem levantar algumas sobranceiras.

Além disso, aquilo se encaixava em um padrão com o qual Sam e Dean haviam se tornado muito familiarizados ao longo dos anos. Enquanto cidades grandes tinham sua parcela de entidades sobrenaturais, na maioria das vezes monstros e espíritos maliciosos tendiam a habitar locais remotos para que pudessem se manter discretos enquanto caçavam suas presas. O Leviatã era, claro, uma notável exceção a este modus operandi. Dado suas habilidades metamórficas, preferiam se esconder sob os olhares de todos.

— Eu imagino que a “internet” não fale nada sobre como matar um alquimista imortal — disse Sam.

— Nenhuma palavra. Mas acho que podemos tentar qualquer um dos métodos de sempre de capturar monstros, com decapitação estando no topo da lista.

— Fogo também pode ser bom. Tanto o Franken-vira-lata quanto o Duas-Cabeças pegaram fogo com facilidade e queimaram rapidamente. O que quer que seja que Dippel tenha feito com os corpos deles pra trazer os dois de volta à vida, isso os tornou extrainflamáveis. Faz sentido pensar que ele tenha usado um

processo semelhante pra estender a própria vida... as mesmas substâncias químicas e rituais místicos... e se for assim...

— Ele vai queimar tão fácil quanto grama seca — Dean terminou.

— Vamos esperar que sim. Agora tudo o que temos a fazer é descobrir como encontrar ele.

Dean balançou a cabeça negativamente.

— Que nome, hein? *Dippel*. Não é tão legal ou assustador quanto Frankenstein. Um pouco idiota, na verdade. Quais são as chances de que o homem tenha mudado ele depois de trezentos anos?

— Você viu os filmes do Frankenstein — Sam disse. — Não importa qual ator interprete o médico, qual é a única coisa que sempre permanece a mesma sobre ele?

Dean respondeu imediatamente.

— Ego. Frankenstein sempre pensa que pode se fazer de Deus.

Sam assentiu.

— Um cara como aquele, aposto que ele nunca mudaria de nome. Ele é orgulhoso demais.

— Faz sentido. Então, sobre encontrar ele. Eu tenho uma ideia. Todo dr. Frankenstein precisa de um Igor, certo? Um assistente pra ajudar o cientista a realizar suas experiências contrárias à natureza. Eu acho que talvez já tenhamos encontrado o Igor de Dippel.

— Dr. Martinez — disse Sam.

— O próprio sr. NuFlesh. Parece que Dippel decidiu misturar um pouco de conhecimento técnico do século vinte e um à sua alquimia do século dezesseis.

— Um está pro outro como feijão está pra arroz — Sam disse.

Dean levantou as sobrancelhas.

— Essa aí não foi ruim, Sammy. Quase me fez mostrar um sorriso.

Sam terminou o resto do café frio. Já estava começando a se sentir cansado novamente. Lutou contra um bocejo.

— Me deixa ir ao banheiro e ficar pronto bem rápido, e então podemos ir pra...

O quarto do hotel girou loucamente ao redor dele. No momento seguinte, viu-se deitado de costas, olhando para o teto. Dean estava dando tapinhas na sua bochecha, e não de uma forma gentil.

Sam afastou a mão dele.

— Por quanto tempo dessa vez?

— Por tempo pra cacete — Dean grunhiu. — Eu olhei a sua perna enquanto você estava apagado. Esse ferimento da mordida não está parecendo muito bem... e isso é um eufemismo.

Sam olhou para o resto do corpo e viu que Dean havia enrolado a perna da calça de moletom até o joelho. A pele no lugar em que o Franken-vira-lata o havia mordido tinha se tornado preta, e dezenas de fios de ébano haviam se espalhado da ferida, cobrindo aquele lado da perna do joelho até o tornozelo.

— Você tinha que ter visto isso quando tomou banho na noite passada — disse Dean, com um tom de voz acusador. — A não ser que você seja um puritano que toma banho com os olhos fechados porque tem vergonha de se ver pelado.

Sam esforçou-se para ficar sentado e quase caiu para trás de novo. Teria caído se Dean não tivesse se esticado para segurá-lo.

— É. Mas está pior hoje.

— Por que diabos você não disse nada? Eu sei que seu cérebro está completamente bagunçado no momento, mas me recuso a acreditar que você tenha se tornado tão estúpido!

Sam não conseguiu se impedir de sorrir.

— Por um segundo, você soou como o Bobby.

— Não mude de assunto. Nós temos que fazer algo quanto a essa infecção, ou seja lá o que isso seja, antes que...

— Me mate? — Sam terminou.

— Ou transforme você em algo como Dippel.

— O que *podemos* fazer? Fui mordido por um cachorro monstruoso criado por um alquimista morto-vivo. Os laboratórios farmacêuticos não fazem remédios pra isso. Seja qual for a infecção, é pelo menos parcialmente de natureza mágica, então a ciência sozinha não vai curar ela. Se o Cass estivesse aqui, ele poderia sacudir a mão e me fazer melhor, mas ele não está, então vamos ter que continuar e ver o que acontece.

— Ver o que *acontece*? Dê uma boa olhada na sua perna. Eu posso dizer o que vai acontecer... essa merda negra vai continuar se espalhando até cobrir toda a sua maldita perna. E depois disso... bem, o que acontece depois disso, eu garanto a você que nenhum de nós vai gostar.

— Você teve apenas sorte do Duas-Cabeças usar as mãos para drenar sua bateria — disse Sam. — Se ele tivesse mordido você, nós dois poderíamos estar com problemas.

— Olha, esquece o Dippel por enquanto. Vamos cuidar dele depois de resolver a sua situação. Tem que existir alguma coisa nos livros antigos sobre como neutralizar isso. Tudo o que temos que fazer é encontrar.

— Existe apenas um homem que entende o que está acontecendo comigo, e é o Dippel. Quando a gente encontrar ele, talvez ele possa dizer o que fazer pra neutralizar a infecção, e se ele não cooperar, vai ver que tem algumas anotações ou diários em que a gente possa dar uma olhada. Talvez ele esteja até usando um computador agora.

— Ah, ele vai cooperar, com certeza — Dean disse. — Vou me certificar disso.

Seu rosto estava petrificado, a voz como gelo, e Sam sabia que estava se lembrando do tempo que havia passado no Inferno, aprendendo os segredos de como torturar os condenados. Dean raramente falava sobre aquela época, e quando o fazia, nunca entrava em nenhum detalhe de verdade, mas Sam sabia que o irmão se lembrava de todos os momentos horríveis que havia passado no Inferno, e aquilo incluía tudo que tinha aprendido lá.

Sam quase sentiu pena de Dippel.

Decidiu que agora não era um bom momento para contar ao irmão sobre o outro efeito que a... infecção letal, por falta de um termo melhor, estava causando nele. Durante a batalha com o Duas-Cabeças, Sam havia visto uma energia de sombra girando ao redor dos braços do monstro enquanto tentava drenar a força vital de Dean, mas Dean não havia mencionado ter visto isso. Também não tinha visto a figura sombria, embora *tivesse* visto Dippel observando-os. Sam havia pensado inicialmente que eram alucinações, mas havia desde então chegado a uma conclusão diferente. Tinha a mácula do Frankenvira-lata dentro dele agora, e aquilo havia alterado sua percepção, dando-lhe uma espécie de visão de morte, permitindo que detectasse a energia sombria que Duas-Cabeças havia conjurado. Agora, Sam pensava que o ser de sombras era real, mas Dean não conseguia vê-la. Só ele podia. Não sabia o que era o ser. Talvez não passasse de um fantasma local atraído pela energia da morte lançada pelas criações de Dippel como uma mariposa para a luz. Ele supôs que era mais uma coisa que teriam que descobrir enquanto seguiam adiante.

Estava com medo de que Dean descartasse sua visão de morte como mais outro sintoma de seu “cérebro bagunçado”, ou pior, que visse como um sinal de que a infecção estava mais avançada do que temia. Melhor manter isso para si mesmo por enquanto, Sam decidiu, embora soubesse que Dean iria ficar puto quando a verdade finalmente viesse à tona. Ele geralmente ficava.

Dean segurou o braço de Sam e o ajudou a ficar de pé.

— Dói colocar algum peso? — perguntou.

Sam balançou a cabeça, dizendo não.

— Na verdade, a maior parte está dormente.

— Isso não é tão reconfortante quanto você acha que soa. Está bem, vai usar o trono e então vemos o que podemos tirar do Fantasma do Centro de Compras.

Sam estava prestes a repreender o irmão por desmerecer a aparência do dr. Martinez quando o seu olfato, entorpecido durante os últimos dias, de repente voltou. Cheirou o ar e franziu a testa.

— Você está sentindo cheiro de fumaça?

Conrad estava no estacionamento do Wickline Inn, a não mais do que uma dezena de metros da porta dos caçadores. Graças ao presente de sua senhora, não teve problemas para rastreá-los. A essa altura, a runa gravada na palma da mão estava queimando com um frio tão intenso que era quase insuportável. Mas ele iria suportar, pois foi uma bênção concedida a ele por sua mestra sombria, e por isso a agonia não era um fardo, mas uma honra.

Poderia ter ido atrás dos caçadores em qualquer momento, mas os longos anos lhe haviam ensinado não apenas o valor da paciência, mas também do planejamento. Então, depois que a dupla havia assassinado a besta de duas cabeças de Harrison, Conrad havia voltado para a companhia de bicicletas — muito distante do castelo onde havia nascido, mas útil o bastante — e ido pensar.

Havia passado a maior parte da noite criando e descartando um plano atrás do outro para se livrar dos caçadores. Alguns planos eram complexos demais e apresentavam várias possibilidades de fracasso, outros deixavam demais ao encargo da sorte, enquanto outros ainda chamariam atenção demais, e isso ele queria evitar a qualquer custo. Aquele era o momento em que, em três séculos, estava mais próximo de conquistar seu objetivo, e não queria ter que abandonar a cidade e Catherine, a menos que não tivesse outra escolha. No fim da madrugada, enquanto os primeiros raios de sol estavam pintando o horizonte de rosa, enfim decidiu. O plano era simples — o que era o motivo de ter levado tanto tempo para pensar nele, suponha —, mas também tinha uma elegância unida a uma ironia que havia achado tanto deliciosa quanto irresistível.

Na alquimia, tudo se resumia a quatro elementos básicos a partir dos quais surgiam todas as criações: Terra, Ar, Água...

E Fogo.

Sacou um frasco de vidro do bolso do paletó e tirou a rolha de cera. Dentro dele, havia o corpo mumificado de uma pequena criatura, parecida com um lagarto. Estava guardando o pequeno companheiro para uma ocasião especial, e parecia que ela havia finalmente chegado.

Balançou o frasco delicadamente sobre a mão esquerda, a que não continha a marca de sua senhora. Ergueu-o junto à boca e, suavemente, expirou nele. Instantaneamente, a pele seca como pergaminho da criatura tornou-se carmesim e brilhante, a carne inchando com líquido e ficando macia e úmida. O ser se agitou na mão de Conrad, os pequenos olhos cor de ébano piscando contra a luz da manhã.

Conrad levantou a criatura junto aos lábios mais uma vez e sussurrou uma única palavra.

— Caçadores.

A temperatura do corpo da salamandra começou a subir, e no momento em que Conrad terminou de percorrer a distância até a porta do quarto de motel, seu calor havia se tornado quase tão doloroso quando a queimadura de frio provocada pela runa na outra mão. Ajoelhou-se, abaixou a mão e delicadamente colocou a criatura no chão. Ela foi em frente com passos apressados e pressionou o nariz contra a superfície da porta. Conrad estava sentindo ondas de calor percorrendo o corpo dela, como se fosse uma fornalha em vez de um lagarto minúsculo. Um segundo depois, a madeira na base da porta começou a escurecer e arder no lugar onde o focinho da salamandra havia tocado, e a criatura se empurrou à frente, queimando um túnel ao fazer isso.

Se tudo corresse como planejado, Conrad sairia com mais do que apenas a satisfação de saber que os

dois caçadores estavam mortos, por melhor que isso fosse; teria obtido o último elemento necessário para cumprir a promessa que havia feito à senhora da escuridão, tantos anos antes. Tudo que precisava fazer era esperar que o Ceifeiro aparecesse. Se duas mortes não tirassem um deles da toca, o que tiraria?

Sentindo-se mais alegre do que havia estado em décadas, Conrad ficou assoviando uma velha canção de bar da Alemanha enquanto se retirava para uma distância segura para assistir à diversão.

A princípio, Dean pensou que talvez Sam estivesse começando a ter alucinações de cheiros além de todo o resto, mas então o sentiu também — e estava ficando mais forte. Tinha um odor diferente do de fumaça normal, com um aroma químico que fez Dean pensar em uma combinação de gasolina e enxofre. Olhou ao redor para procurar a fonte daquilo, mas foi Sam que a encontrou primeiro.

— Olha! — Sam apontou na direção da porta.

Dean se virou e viu uma marca chamuscada crescendo na borda dela, nuvens de fumaça surgindo de lá como se a madeira estivesse queimando por dentro.

Que porra é essa?

Enquanto os irmãos assistiam, a madeira chamuscada se desfez em cinzas pretas e alguma coisa abriu caminho quarto adentro. A princípio, estava coberta de fuligem, mas chamas carmesins começaram a arder brilhantemente, queimando a coisa preta até não restar nada e revelando o corpo de um pequeno lagarto vermelho mais curto que o mindinho de Dean. O lagarto adentrou ainda mais o quarto, deixando um rastro de pegadas negras e minúsculas no carpete.

— O que é isso? — Dean perguntou. — Um dragão de brinquedo?

— Eu acho que é uma salamandra — Sam respondeu com um tom de preocupação na voz. — E não é do tipo que se encontra numa poça d'água. É uma criatura mitológica que...

Fogo carmesim foi expelido pela salamandra em todas as direções, correndo na direção dos irmãos, indo a eles como uma fogueira móvel.

— Faz isso — Sam completou.

Daniel estava de olho nos Winchester desde quando haviam lutado com o monstro de duas cabeças na floresta, no dia anterior. Havia até tentado se comunicar com Sam naquela noite, depois que os irmãos haviam tomado banho e desabado na cama. Nas circunstâncias certas, Ceifeiros podiam fazer contato com humanos enquanto eles dormiam. O estado de sono era, em certos aspectos, similar à morte — era um dos motivos pelo qual feiticeiros e humanos fisicamente privilegiados conseguiam viajar astralmente enquanto dormiam —, e como Sam já estava infectado com a mácula sombria que estava se espalhando e ficando mais forte a cada hora que passava, Daniel achou que havia uma boa chance de conseguir se comunicar com ele, ou pelo menos de plantar uma sugestão em seu subconsciente. Mas não havia tido sorte. Sam estivera cansado demais, em um sono muito profundo. Então Daniel havia se retirado do quarto deles, atravessando silenciosamente a porta — barreiras físicas não queriam dizer nada para sua espécie — e se posicionado junto ao veículo deles, onde permaneceu durante toda a noite. Sua espécie não ficava cansada e possuía uma paciência quase ilimitada. Era um traço que partilhavam com o mestre deles.

Naquela manhã, Daniel havia sentido a aproximação de Dippel muito antes da aparição do alquimista

e, já que não tinha certeza acerca de se o homem podia ou não enxergá-lo, retirou-se para o quarto ao lado do dos Winchester. Ficou aliviado de encontrá-lo vazio.

Não tinha sentidos, não da forma como humanos os compreendiam, então não sentiu o cheiro da madeira queimando, mas podia detectar as vozes abafadas de Sam e Dean, e o tom alarmado delas era inconfundível. Devido ao fato de isso ter coincidido com a chegada de Dippel, Daniel não precisava ser um gênio para saber que alguma coisa estava errada.

Hesitou menos de um segundo antes de atravessar a parede que separava os quartos. Emergiu no aposento dos Winchester bem a tempo de escutar Sam dizer a palavra “salamandra”. Daniel sabia o quão perigosas podiam ser salamandras daquela espécie — criaturas sobrenaturais de uma época passada. Foi na direção da criatura, esperando conseguir alcançá-la antes de...

Chamas foram expelidas pelo corpo minúsculo da salamandra, carmesins, quentes e terríveis de se contemplar. Daniel sabia que fogo místico queimava qualquer coisa e que nada poderia extingui-lo, nem mesmo a ausência de oxigênio. Ele continuaria a se espalhar, devorando tudo em seu caminho até que a mágica que o alimentava fosse consumida, e nenhum poder na Terra — e poucos poderes para além dela — poderiam forçá-la a não fazer isso.

Daniel não podia fazer nada a respeito das chamas que a criatura já havia acendido, mas podia garantir que ela não gerasse mais. Passou por Sam e Dean, este engasgando ao ver Daniel caminhando, e agachou em frente à salamandra. Estendeu a mão através da coroa de labaredas que a cercava — o fogo estava quente até mesmo para sua substância sem carne — e encostou o dedo indicador na cabeça do lagarto.

A tarefa dos Ceifeiros era vital em um sentido cósmico, mas no fim das contas era simples: estar presente no momento da morte de um humano, servir de acompanhante para a vida após a morte e, caso necessário, dar conselhos sobre ela. Servos da morte tinham muitas habilidades sobrenaturais para ajudá-los a desempenhar seus deveres, e uma das mais simples era também uma das mais poderosas: quando desejavam, seu toque podia matar.

Apesar do tamanho minúsculo, a salamandra era uma criatura dotada de mágicas poderosas, e ela lutou contra a influência do Ceifeiro, mas, no final, não importava o quanto se esforçasse, todos devem se curvar perante a Morte. A salamandra estremeceu uma vez, enrolou-se como uma bola e ficou imóvel. Sua mágica se esvaiu assim que morreu, e já que não estava mais protegida contra as próprias chamas, foi cremada instantaneamente.

Com a salamandra destruída, não haveria novas labaredas, mas aquelas que já haviam sido lançadas estavam se espalhando rapidamente. Daniel sabia que conseguiria apenas ganhar algum tempo para os Winchester.

Sem se virar para avaliar a reação de Sam ao que havia feito, Daniel deu um passo na direção da porta em chamas e a atravessou. Não se esconderia mais de Dippel. Já havia passado da hora de fazer algo a respeito do alquimista. Não sabia o alcance total dos poderes sombrios do homem, mas no fim das contas com certeza não se provaria páreo para um dos escolhidos da Morte.

— Saudações, meu amigo.

Dippel estava parado logo do outro lado da porta, como se estivesse esperando por Daniel. O alquimista estava segurando uma pedra polida de cor azul-escura e, com um sorriso frio, arremessou-a na direção de Daniel. Os dois estavam tão próximos que a mão de Dippel entrou no peito de Daniel, enterrando a pedra profundamente em sua substância etérea. Daniel nunca havia conhecido a dor. Se houvesse, saberia que aquela não era uma dor carnal, uma série simples de sinais transmitidos ao longo de uma rede de nervos, mas uma dor da alma, que varreu o próprio ser de Daniel e o levou para a escuridão.

Conrad ergueu o Lapis Occultus junto ao rosto e espreitou suas profundezas azuis-escuras. Não conseguia ver o espírito do Ceifeiro, é claro, mas podia sentir o poder dele pulsando lá dentro, e sentiu inflar-se, triunfante. Escutou a voz de uma mulher sussurrar em sua mente, fria como uma explosão ártica. *Você foi bem, meu servo. Agora, complete a tarefa que iniciou tanto tempo atrás.*

Conrad estava decepcionado. Preferiria permanecer para observar os caçadores sendo queimados pelas chamas inextinguíveis da salamandra. Não conseguia se lembrar da última vez em que havia tido a oportunidade de usar um dos lagartos incendiários, e estava realmente ansioso para aproveitar o holocausto resultante daquilo. Mesmo assim, devia cuidar dos negócios antes do prazer. Especialmente quando estes negócios eram feitos em nome de uma deusa da morte.

Inclinou a cabeça.

— Vosso desejo será realizado, minha senhora.

Guardou o Lapis Occultus — ao qual acadêmicos imbecis há muito tempo se referiam erroneamente como a Pedra Filosofal — no bolso do paletó e seguiu em direção ao carro. O Lapis Occultus possuía muitas propriedades úteis: transformava metais básicos em ouro, curava doenças e prolongava a vida. E, com os ajustes certos, também servia como uma prisão extremamente efetiva para um Ceifeiro.

Conrad tinha uma parada a fazer antes de dar o espírito do Ceifeiro de presente para Catherine. Precisava adquirir mais NuFlesh, e estava devendo a Peter Martinez o unguento que lhe havia prometido. Conrad Dippel era muitas coisas, quase todas desagradáveis, mas quebrador de promessas não estava entre elas.

Belas nuvens de fumaça tingidas de carmesim vagavam pelo céu enquanto ele entrava no carro e saía do estacionamento do motel. Estava preocupado com a possibilidade de Martinez ficar tentado a exagerar na aplicação do unguento quando estivesse em posse de um novo suprimento. Se isso acontecesse, os resultados seriam... lamentáveis. Mesmo assim, de que isso importava? Depois de hoje, Conrad não teria mais necessidade de Martinez ou da NuFlesh dele. Logo, sua senhora estaria livre para andar pela Terra, e a devastação e o desespero seguiriam no rastro dela.

Seria glorioso.

Sam não sabia se era a proximidade do ser de sombras ou se era sua condição piorando, mas conseguiu notar melhor alguns detalhes da aparência da criatura dessa vez. Não muitos, apenas uma sugestão da forma do corpo e dos traços faciais, o bastante para fazê-lo pensar que se tratava de um *homem* de sombras. Observou-o quando se aproximou da salamandra, agachou-se, encostou nela e então se levantou e atravessou a porta em chamas como se ela e o fogo que a devorava rapidamente não estivessem lá. Sam não sabia ao certo o que o homem de sombras havia feito com a salamandra, mas até onde conseguia ver ela estava morta, queimada até não restar nada pelas próprias chamas. Entretanto, as labaredas que já havia produzido continuaram a rugir sem diminuir.

O alarme de fumaça do quarto começou a apitar um aviso estridente que era tanto incômodo quanto desnecessário.

A porta estava em chamas, assim como as cortinas em volta da janela e as pernas da mesa. Sam se lançou para a frente — quase perdendo o equilíbrio devido à perna dormente — e pegou bruscamente o laptop antes que o fogo pudesse tomá-lo. Embora não houvesse entrado em contato com nenhuma labareda, o calor que emanava delas era intenso e sua pele ardia como se houvesse recebido uma

queimadura de sol instantânea. Recuou um passo, fechou o laptop e o colocou embaixo do braço. Havia conseguido pegá-lo por pouco. As cortinas em chamas caíram sobre a mesa, incendiando-a.

— Vamos tentar sair pela janela — Dean sugeriu. — Se quebrarmos ela, podemos atravessar pulando. Podemos ficar um pouco chamuscados durante...

— Nada disso — Sam respondeu, sacudindo a cabeça negativamente. — Esse fogo é mágico. Se a menor das labaredas encostar em nós, o fogo vai se espalhar pelos nossos corpos até nos reduzir a cinzas!

Sam sentia como se o cérebro estivesse funcionando perto da velocidade normal de novo. É impressionante como a ameaça de incineração imediata dava foco à concentração de alguém.

O quarto estava se enchendo rapidamente com uma fumaça acre. O ar estava com uma textura oleosa e respirá-lo era como inalar vidro moído. Sam pensou que seria uma corrida para ver o que os mataria antes: as chamas ou a fumaça venenosa.

— Pega a sua arma — Dean ordenou.

Sam não questionou o irmão. A arma dele ainda estava embaixo do travesseiro, enquanto a de Dean estava sobre a cabeceira, ao lado da cama.

Com a arma na mão, destravada, Sam disse:

— E agora?

— Paredes de motel são famosamente finas, não são? Vamos concentrar nossos disparos em um ponto e abrir caminho a tiros até o quarto ao lado.

— Mas e se alguém..

Dean gritou:

— Presta atenção! — e disparou uma bala no alto da parede, para que caso ela atravessasse, as chances de atingir alguém do outro lado fossem pequenas.

Ele esperou um momento, depois disse:

— Isso deve servir. — Começou a atirar no centro da parede, entre as duas camas, e Sam se juntou a ele.

Os Winchester eram atiradores treinados e, mais importante que isso, tinham muita experiência em atirar sob condições adversas — como quando um monstro ou outro estava tentando arrancar os rostos deles. A mira deles estava firme e certa, e havia gesso voando da parede em pedaços grandes. Os dois esvaziaram os pentes, mas embora houvessem mastigado um buraco de um bom tamanho e pudessem até mesmo ver o quarto ao lado, ele não era grande o bastante para passarem. Com a munição gasta, ambos os irmãos guardaram as pistolas na cintura por reflexo. O metal das armas estava quente, mas não era nada comparado às chamas nas costas deles.

Sam estava sentindo as labaredas, quase como se estivesse deitado sobre uma frigideira no fogo alto. Quase conseguia sentir a pele começando a criar bolhas. Concluiu que tivessem apenas segundos de sobra, se tanto, antes do fogo da salamandra os engolfar.

Dean rapidamente passou o olhar pelo quarto. Se mais alguém estivesse presente para testemunhá-lo fazendo isso, poderia pensar que se tratava de um sinal de pânico, mas Sam sabia que a mente do irmão estava funcionando em uma velocidade aberrante, tentando encontrar uma saída. Dean normalmente colocava uma máscara, agindo como se fosse um Zé qualquer cujo maior empenho intelectual fosse assistir a filmes pornográficos estrangeiros no pay-per-view. Na realidade, era muito inteligente e um mestre de estratégia e tática. Se alguém pudesse descobrir uma escapatória para aquela armadilha mortal, seria ele.

— Se joga! — Dean gritou.

Antes que Sam pudesse perguntar o que quis dizer com aquilo, Dean correu na direção do buraco que haviam aberto a tiros na parede e se jogou contra ele de ombro. Chocou-se com força contra a parede, provocando uma chuva de gesso e poeira branca, grunhiu, depois recuou para tentar de novo. Sam se

juntou a ele dessa vez e, depois de mais dois golpes, a parede desmoronou com o impacto e os dois tombaram no quarto ao lado.

Sam gemeu. O ombro estava gritando de dor, e pensou que talvez o houvesse deslocado. Pelo menos não estava pegando fogo até a morte. Olhou rapidamente para o laptop. Havia feito o melhor que podia para protegê-lo com o corpo enquanto abriam caminho através da parede e, até onde conseguia ver, ele havia sobrevivido à viagem. Eles dois, entretanto, estavam cobertos de pó de gesso e pedaços de isolamento de parede.

Olhou para Dean.

— Se joga? Esse era o seu grande plano? E se tivesse uma viga de sustentação no meio do caminho?

— Funcionou, não funcionou?

Por sorte, o quarto estava vazio. Por um instante, enquanto atravessavam a parede, Sam temeu que encontrassem alguém lá, deitado no chão, sangrando devido a uma dúzia de ferimentos de balas.

Dean se levantou, estendeu o braço e ajudou Sam a se erguer também. Sam segurou o braço direito contra o peito para proteger o ombro e olhou para o buraco atrás de si. O fogo havia se espalhado pelo resto do quarto e já estava vindo na direção deles. Uma nuvem de fumaça com cheiro forte estava atravessando em ondas o buraco, disparando o alarme de fumaça do quarto, e Sam sabia que se não saíssem dali rapidamente virariam churrasco.

Foram até a porta, abriram-na e se arremessaram em direção ao estacionamento e o abençoado ar sem fumaça.

Dean queria ir direto para o carro, entrar e sair à caça de Dippel, mas Sam o dissuadiu.

— A gente tem que ajudar todo mundo a ficar em segurança — insistiu.

Às vezes, *ser caras legais é realmente um saco*, Dean pensou, mas sabia que Sam estava certo, e passaram os quinze minutos seguintes correndo pela área, batendo nas portas dos quartos e gritando “Fogo!”

Encontraram menos de uma dúzia de pessoas, incluindo o pessoal da limpeza. Como estava perto das dez horas da manhã, a maior parte dos inquilinos do Wickline Inn já havia feito o check out ou saído pelo dia para atender a quaisquer que fossem os negócios que os haviam trazido a Brennan. Na hora que o caminhão de bombeiros e a van dos paramédicos chegou, Dean já estava confiante de que haviam conseguido tirar todos do motel e levá-los a uma distância segura da estrutura em chamas. Ele e Sam observaram os bombeiros fazendo o que podiam para apagar as labaredas, mas mera água não surtia nenhum efeito em fogo de salamandra e, dentro de pouco tempo, o motel não era nada além de ruínas escuras e fumegantes. Uma coisa boa: quando o motel se foi, o fogo também apagou. Como Sam havia previsto, assim que o poder dele se exauriu, as chamas se apagaram. Parecia que quem quer — ou o que quer — que houvesse criado as salamandras havia sido inteligente o bastante para perceber que uma criatura que gerasse chamas devastadoras e imparáveis precisava de um interruptor para desligar. Sorte deles.

Quando ficaram certos de que os bombeiros e a equipe médica de emergência tinham tudo sob controle, Sam e Dean foram até o carro, entraram e saíram do estacionamento. Uma boa coisa quanto ao lugar ter sido destruído: pelo menos não precisavam acertar a conta.

— Fico feliz que você tenha conseguido salvar o computador, mas perdemos todas as outras coisas que tínhamos no quarto, incluindo nossas roupas extras. Tudo que temos é o que estamos vestindo, que está cheirando a fumaça, e as merdas que empacotamos na mala, que está com cheiro de

Frankenpodridão. Acho que não importa o que façamos, vamos terminar fedendo até encontrarmos um tempo pra ir numa loja de departamentos.

— Prefiro feder do que ficar preso numa cela de fogo — Sam disse.

— Não brinca. — Um pensamento ocorreu a Dean. — O que foi que aconteceu com a salamandra? Parecia que ela tinha morrido logo depois de ter aberto o caminho a fogo quarto adentro. Elas normalmente fazem isso?

Sam não respondeu na mesma hora, e Dean se perguntou se o irmão não havia entrado em outro de seus minicomas de novo. Mas quando olhou para ele, viu que os olhos dele estavam abertos.

— Tem uma coisa que eu não contei pra você.

O estômago de Dean embrulhou. Odiava quando Sam fazia isso com ele. Os dois tinham a tendência de esconder as cartas às vezes, mas Sam era daqueles que escondiam em si um oceano. Quando finalmente se sentia compelido a confessar algo, normalmente era porque o que quer que fosse havia chegado a um ponto tão ruim que ele não podia mais manter em segredo. Dean se blindou para o que fosse que Sam iria dizer em seguida.

— Eu estou com visão de morte.

Dean encarou o irmão por um longo momento.

— O que foi que você disse?

ONZE



A caminho da NuFlesh Biotech, Dean encostou o carro em um drive-thru de uma cafeteria e Sam pediu um café grande com cinco doses de expresso. Então mudou de ideia e pediu sete doses ao invés disso. Dean quis uma bebida grande com sabor de abóbora e creme por cima. Quando Sam estranhou a escolha do irmão, disse:

— O quê? Eles só têm abóbora no outono.

Na opinião de Sam, Dean podia muito bem ter pegado um milk-shake, mas cada um com seus problemas. Além disso, ele não era de dar sermões para os outros sobre como fazer escolhas saudáveis. Sua ingestão de cafeína estava beirando a insanidade e mesmo assim mal o mantinha funcionando.

Dean havia levado sua revelação sobre possuir “visão de morte” razoavelmente bem, levando todas as coisas em consideração. Provavelmente porque estava planejando forçar Dippel a contar-lhes como curar o alastramento da infecção no corpo de Sam. Dean sempre se sentia melhor quando tinha um plano de ação claro para seguir. Mas apesar de, a princípio, Sam ter sido o único a abordar esta possibilidade, ele não estava confiante de que Dippel iria saber de uma cura ou, se soubesse, que a compartilharia com eles. Velho e poderoso como Dippel era, teriam sorte de matá-lo, e provavelmente não haveria nenhum tempo para questionamentos antes disso. Existia uma boa chance de que essa fosse a última caçada de Sam, e embora ele houvesse enfrentado a morte em várias ocasiões — até mesmo a experimentado algumas vezes —, sabia que dessa vez não teria volta. Não tinha Cass para curá-lo no último minuto com poderes angelicais, nenhum artefato místico, poção ou feitiço na posse deles que poderia contrariar a infecção letal. Mesmo que tivessem um item como esses, Sam não tinha certeza de que gostaria de usá-los. Magia tão poderosa assim tinha um alto custo e frequentemente causava inesperados — e trágicos — efeitos colaterais. Tal como com a Trish.

Às vezes a morte é melhor, Sam pensou. Muito melhor.

Os irmãos compartilharam um quarto de hóspedes na cabana do Hansen, logo adiante no corredor que dava para o quarto de Trish, mas nenhum deles conseguiu dormir naquela noite. Antes, quando eles haviam tido problemas para pegar no sono, era porque Trish estava por perto. Era difícil não imaginá-la deitada em sua cama, aconchegada sob as cobertas, e ainda mais difícil não se perguntar o que ela estava vestindo enquanto dormia, ou se vestia alguma coisa para dormir. Mas ela não estava no quarto naquela noite, e nunca mais estaria de novo. Cada um dos meninos tinha sua própria cama de solteiro, e Sam estava deitado na dele, encarando a escuridão no teto, ou pelo menos na direção em que o teto estava. Cortinas pesadas bloqueavam toda a luz vinda da janela, tornando o quarto tão preto quanto o interior de uma caverna. Sam se perguntou se as coisas estavam assim para Trish no momento, cercada de escuridão

e silêncio. Só que, no caso dela, a manhã nunca chegaria.

Não estava totalmente silencioso no quarto deles, porém. Estava escutando a respiração de Dean e sabia pelo volume e ritmo que o irmão estava acordado. Também tinha uma boa ideia de sobre o que ele estava pensando. Como irmão mais velho, considerava que era sua responsabilidade tomar conta de Sam e, logo, de qualquer pessoa ao seu redor. Viu-se como líder da infeliz expedição para a Casa de Hosana, e, portanto, responsável pelo resultado dela. Isso significava que se culpava pela morte de Trish. Sam sentia que era igualmente responsável. Afinal, ambos haviam fingido que tinham ido caçar antes, que haviam encontrado fantasmas e sabiam como lidar com eles. É verdade, Sam tinha mantido a boca fechada enquanto Dean mentia, mas não havia ido contra seu irmão e, até onde sabia, aquilo equivalia ao mesmo que mentir. Grandes caçadores que eles se mostraram. Tudo que haviam conseguido fazer foi dissipar o fantasma por um tempo, feri-lo temporariamente e fazê-lo recuar para onde quer que fossem os fantasmas quando não estavam se manifestando no plano material. Ele voltaria tão mortal quanto sempre.

Sam queria dizer algo para fazer seu irmão se sentir melhor, ou ao menos tentar fazer com que soubesse que não o culpava pelo que aconteceu, mas temia que qualquer coisa que falasse fosse estúpida e acabasse fazendo Dean se sentir pior. Então continuou deitado no escuro e não disse nada.

Eles carregaram o corpo de Trish de volta para a cabana, Dean segurando-a pelos braços, Sam pegando as pernas. Era a primeira vez em que qualquer um dos dois havia lhe tocado, mas Sam não sentiu prazer nisso, e sabia que Dean também não. Trish era mais leve do ele que esperava, era quase como se uma parte dela houvesse ido embora quando morreu, deixando para trás somente uma casca vazia. O pai dela estava sentado na cozinha quando chegaram, esperando por eles, como se tivesse sentido que algo havia acontecido. Alguma coisa ruim.

Sam e Dean levaram Trish para dentro e a deitaram gentilmente no sofá. Quando Walter Hansen viu o corpo da filha, com a frente do suéter pegajoso de sangue ainda molhado, ficou de pé e a encarou por quase cinco minutos sem falar. Dean tentou dizer alguma coisa várias vezes, mas a cada tentativa Walter levantava a mão para impedi-lo. Então, sem uma palavra, nem mesmo um olhar para qualquer um deles, pegou a filha, levou-a para fora da sala de estar, entrou na cozinha e depois no porão. Sam e Dean o seguiram com os olhos, sem saber muito bem o que fazer. Ficaram na cozinha, sem ousar violar a santidade da área de trabalho de Walter, à qual nunca foram convidados para visitar, e esperaram. Alguns momentos depois, escutaram o som das botas de Walter na escada. Sam havia pensado que aquele era o momento. Walter iria atravessar a porta, gritando com eles por terem feito sua filha morrer. Então escutou a fechadura da porta do porão e, um segundo depois, Walter desceu a escada de novo.

Sem saber mais o que fazer, sentaram-se à mesa e ficaram lá até bem depois do sol se pôr. Não falaram, não comeram, nem beberam. Não fizeram nada além de ficar sentados e encarar a porta do porão fechada e trancada. Em dado momento, Dean levantou-se e se dirigiu para o corredor do quarto deles, e Sam o seguiu. Arrastaram-se para a cama sem escovar os dentes ou qualquer outra coisa, e haviam permanecido deitados lá desde então, acordados e em silêncio.

Eu sua mente, Sam viu a expressão horrível do Homem do Rifle enquanto ele emergia da escuridão de dentro da Casa de Hosana, observou-o erguer o rifle, escutou o estrondoso som da arma descarregando. Reproduzindo a cena uma, duas, três vezes...

A próxima coisa que Sam notou foi o cheiro de bacon sendo frito, e percebeu que devia ter caído no sono. Algumas pessoas adormeciam contando ovelhas, mas ele apagava contando tiros. Se isso não o tornava um candidato perfeito para o hospício, não sabia o que tornaria.

O quarto ainda estava escuro, graças às cortinas, mas tinha a sensação de que Dean estava sentado na cama.

— Está sentindo esse cheiro? — Dean perguntou.

— Estou.

Isso também o estava enlouquecendo. Durante todo o tempo em que estiveram com os Hansen, Walter

nunca havia preparado o café da manhã. Trish sempre cuidava disso. Às vezes panquecas, às vezes torradas, às vezes ovos, mas não importa o que ela fizesse, sempre fritava bacon para acompanhar. Sempre.

— O que devemos fazer? — Sam perguntou.

— Dar uma olhada — Dean respondeu, apesar de não ter soado confiante ao responder.

Sam não o culpou. A pele da nuca dele estava formigando, e sentia um peso gelado na barriga, como se tivesse engolido um pedaço de chumbo.

Dean se levantou e andou até a porta, sentindo o caminho pelo escuro. Quando a alcançou, encontrou o interruptor e acendeu a luz. Ela ganhou vida, e Sam apertou os olhos contra a claridade. Queria ficar exatamente ali, mas Dean estava sendo corajoso, e isso significava que deveria ser corajoso também — mesmo que não quisesse. Saiu da cama e se juntou a Dean na porta. Ambos haviam se deitado sem tirar a roupa, então não precisavam se trocar. Que pena. Sam teria gostado de qualquer atraso, por menor que fosse.

Os dois meninos passaram a mão no cabelo em uma tentativa de arrumá-lo um pouco, e então Dean abriu a porta e entraram no corredor. O cheiro de bacon estava mais forte ali e, apesar da situação, Sam sentiu a boca começando a salivar e seu estômago borbulhou. Sentiu-se imediatamente envergonhado. Como poderia estar com fome depois de tudo o que aconteceu? Mas ele não pôde evitar. Então o estômago de Dean roncou, fazendo Sam se sentir um pouco melhor.

Caminharam pelo corredor até a cozinha. Walter estava sentado à mesa da cozinha, tomando um gole da caneca de café, um prato vazio diante dele. Olhou para cima quando eles entraram e sorriu.

— Bom dia, meninos! Puxem uma cadeira!

Ele soou alegre, mas seu rosto estava abatido e tenso. A pele sob os olhos estava inchada e escura, e a metade inferior do rosto pontilhada de barba por fazer. Também não estava com um cheiro muito bom, e vestia as mesmas roupas do dia anterior. Sam se perguntou quando Walter havia tomado banho pela última vez. O homem definitivamente deveria tomar um. Mas por mais estranho que fosse ser cumprimentado cordialmente pelo pai da menina cuja morte havia causado, ainda mais estranho era o ser parado junto ao fogão.

Sam congelou quando a viu. Por trás, ela parecia Trish. Tinha a mesma altura e forma, o mesmo cabelo, as mesmas roupas que estava vestindo quando haviam caminhado para a Casa de Hosana no dia anterior. Estava tirando o bacon da frigideira com um garfo e o colocando em um prato coberto com papel toalha para absorver o excesso de gordura. Ao invés de uma cor marrom escura, o bacon estava preto-carvão, e Sam sabia que ela — quem quer que fosse — o queimara. Quando o prato estava cheio de bacon, deixou cair o garfo no chão, como se agora que não precisasse mais dele, tivesse deixado de existir para ela. Então, pegou o prato de bacon e, sem se preocupar em desligar o fogo, virou-se e caminhou na direção deles.

A princípio, o olhar de Sam foi atraído para a mancha escura no suéter dela. Estava seco agora, e quase preto, como o bacon que estava levando. Então levantou os olhos e se forçou a olhar para o rosto da garota.

Era a Thrish. A pele dela estava com um aspecto doentio, e seus traços cansados, totalmente vazios de expressão. E os olhos... estavam grandes e com um olhar fixo, pareciam duros como vidro, lembrando bolas de gude.

Quando Sam era mais novo, ele e Dean fizeram uma viagem com o pai. Não conseguia lembrar para onde ou por qual razão. Era apenas mais um passeio longo de carro e mais algumas noites em um hotel com apenas Dean para tomar conta dele enquanto o pai estava fora, fazendo o que quer que seja que tinha ido para lá para fazer. Em algum lugar ao longo do caminho, pararam para abastecer em um pequeno posto de gasolina remoto. Sam precisara ir ao banheiro, então Dean o levou enquanto o pai pagava pela gasolina. Os banheiros ficavam dentro do posto, e enquanto Dean o acompanhava pelo caminho, Sam

ficou perplexo ao ver uma raposa sobre o balcão. A princípio, havia pensado que era real, talvez o animal de estimação do dono do posto. Então depois de um segundo viu que estava perfeitamente imóvel, e então percebeu que não era uma raposa de verdade, ou talvez tivesse sido real em algum momento, mas não estava mais viva. Havia sido empalhada e montada. Era um pouco assustadora, mas ao mesmo tempo legal. Quando terminou de fazer xixi, Sam se certificou de andar junto ao balcão para poder dar uma boa olhada na raposa. Bem de perto, ele podia ver que algumas partes da costura estavam se soltando, e uma camada fina de poeira havia se aglomerado sobre a pele. Mas a pior parte eram os olhos. De um preto brilhante e sem vida, eram como olhos de boneca, só que pior, porque alguém havia removido os olhos reais do animal e colado os falsos nas órbitas.

Era com isso que os olhos de Trish se pareciam agora. Olhos mortos de boneca.

Olhou para Dean e viu o irmão encarando Trish com uma expressão de choque. Sam tinha certeza que estava do mesmo jeito. Nenhum deles fez um movimento sequer para se sentar à mesa com o pai de Trish.

Ela carregou o prato cheio de bacon para a mesa e ficou ali, olhando para o nada. Não fez nenhum movimento para servir a comida.

Walter viu os irmãos encarando Trish e lhes mostrou um sorriso e uma piscadela.

— Tudo tem jeito nessa vida... especialmente quando você trabalha com caçadores. Muitos deles não conseguem me pagar em dinheiro, então eles liquidam suas contas à moda antiga: com escambos. Peguei todos os tipos de objetos interessantes ao longo dos anos. Às vezes vendo pra caçadores que podem fazer uso deles, mas na maior parte do tempo eu só guardo em algum lugar, imaginando que talvez ache uma utilidade pra eles um dia. — Ele levou a mão ao bolso da calça, retirou dele um objeto e o colocou sobre a mesa. Era uma pequena estátua de obsidiana de um homem com cabeça de cachorro vestindo uma antiga coroa egípcia.

— Reconhece esse sujeito? É Osíris, o deus egípcio dos mortos. Altura não é o seu forte, mas ele bota pra quebrar quando se trata de trazer os caras de volta do que Shakespeare chamou de “o país não descoberto”. — Olhou para Trish e sorriu. — Não estou certo, docinho?

Trish abriu a boca como se quisesse responder, mas tudo que saiu foi uma fina linha de baba que caiu sobre o bacon.

Walter virou-se de novo para os irmãos e sorriu.

— Então, quem está com fome?

Do lado de fora, o escritório da NuFlesh Biotech parecia o mesmo do dia anterior, mas enquanto Sam e Dean saíam do carro e se dirigiam à porta, ela se abriu com tudo e a assistente de escritório do dr. Martinez saiu correndo. A mulher esbelta aparentava estar absolutamente aterrorizada e, sem perceber aonde estava indo, colidiu com Dean. Não tinha muita carne nela, e o encontro a mandou tropeçando de volta para trás como se tivesse ido de encontro a uma parede de tijolos com força máxima. Dean conseguiu alcançá-la e a segurar pelos braços a tempo de impedi-la de cair sobre o próprio traseiro ossudo.

— O que há de errado? — ele perguntou. — Aconteceu alguma coisa?

Ele gemeu para dentro. Odiava quando pessoas em filmes de terror faziam perguntas estúpidas como aquelas. *Claro* que algo havia acontecido! Por que mais ela estaria correndo como se tivesse uma matilha de cães do inferno em sua cola?

A princípio, seu olhar se recusou a focar em Dean ou em seu irmão, e o lábio inferior da mulher continuava tremendo. Estava começando a ter medo de que ela tivesse pegado a última saída para Cidade

dos Loucos, mas então ela disse:

— É o doutor Martinez. Ele não... ele não está bem. — Libertou-se de Dean com uma força surpreendente para uma mulher tão pequena e correu para o estacionamento. Se tinha um carro lá, não se importou com isso. Continuou até chegar à calçada e desapareceu.

— Eu diria que isso definitivamente se qualifica como um sinal ruim — comentou Dean.

— Você acha?

Os irmãos sacaram as pistolas — ambas recarregadas e prontas para serem usadas — e entraram na NuFlesh.

A recepção estava vazia, o que fazia sentido, já que o único ocupante habitual havia acabado de dar no pé. Dean levantou a mão para Sam parar por um momento, e os dois escutaram. A princípio, Dean não ouviu nada, mas então conseguiu decifrar uma voz cantando suavemente.

— Os vermes rastejam lá dentro, os vermes rastejam lá fora, os vermes entram em você e nunca mais vão embora.

— Isso é um pouco assustador — Dean sussurrou.

— Mais que um pouco — Sam respondeu.

Juntos, os irmãos seguiram pelo corredor em direção ao escritório de Martinez. Quanto mais perto chegavam, mais alto o canto ficava, a mesma frase, sendo repetida em um tom infantil. A porta estava entreaberta e Dean ponderava se era melhor chamar o médico ou entrar em silêncio, com as armas a postos.

Ele não teve que fazer a escolha, já que a porta se abriu inteiramente e Martinez saiu para o corredor. Parou quando viu os Winchester. Se percebeu que eles haviam sacado as pistolas, não parecia estar incomodado com isso.

— Olá, agentes! Não esperava ver vocês de novo tão cedo. Como posso ajudá-los? — Sua voz estava líquida e grossa como um murmúrio, quase impossível de entender.

Dean e Sam só conseguiam ficar parados e observar. Tinham visto algumas coisas genuinamente horríveis em suas vidas, mas isso tinha atributos para estar entre o top dez com facilidade.

A pele de Martinez havia se tornado rosa e brilhante, fazendo Dean se lembrar da gosma nojenta com que faziam os hambúrgueres de fast-food, e estava caindo dos ossos como se fosse cera derretida. A pele havia se afastado dos olhos e da boca, dando ao rosto um aspecto semelhante a um crânio, e o cabelo deslizara para o lado esquerdo da face como uma peruca que se recusava a ficar no lugar. As orelhas estavam balançando em finos fios rosados dependurados da cabeça como tranças, e os dedos estavam esticados até o chão. A pele das pernas havia corrido para fora da barra das calças e transbordado sobre os sapatos, fazendo-o parecer como se tivesse tocos grossos e rosados ao invés de pés. O queixo havia se tornado uma longa garra que se esticava pelo peito e balançava horripelantemente quando falava.

Dean se virou para seu irmão.

— Sam, lembra de quando disse que esse trabalho me fazia lembrar do *Frankenstein*? Mudei de ideia. Estamos no meio do território do *Re-Animator*!

Martinez continuou como se Dean não houvesse dito nada.

— Espero que vocês não tenham vindo em busca alguma amostra de NuFlesh pra comparar com o que encontraram naquele monstro típico de pesadelo que me mostraram ontem. — Com a voz enrolada, estava falando quase que com animação, como se nada estivesse errado. — Infelizmente, negocieei o resto do estoque com um cliente especial. Ele me fornece um unguento que alivia a coceira causada pelas minhas cicatrizes de queimadura e...

Aquela foi a última palavra que saiu de Martinez antes de sua mandíbula inferior se separar do crânio e cair no chão. Fez um barulho molhado ao aterrissar na grande poça de gosma rosa que estava espalhada em volta dos pés dele, e Sam e Dean recuaram para evitar o contato com a substância nojenta. Dean havia visto os filmes de *A Bolha Assassina*, e sabia o quão perigoso gosmas nojentas poderiam ser. A gosma

rosada continuou caindo do esqueleto de Martinez, escorrendo como uma calda, e ossos específicos se soltaram, sem músculos, ligamentos ou cartilagens para mantê-los no lugar. O contorno de Martinez começou a perder a forma e dobrar-se sobre si mesmo, embora os olhos permanecessem inalterados, correndo confusos de um lado para o outro, como se ele finalmente houvesse compreendido que algo estava terrivelmente errado, mas não fosse capaz de determinar o quê. Então Martinez perdeu o pouco da solidez que lhe restava e seu esqueleto desmoronou, deixando apenas uma pilha de ossos, roupas e um monte de gosma aguada. Restaram somente os olhos, alojados no crânio, que ficou inclinado sobre o monte rosa. Ficaram olhando para Sam e Dean, qualquer emoção que pudessem demonstrar ficou ilegível, até que por fim também se dissolveram até não restar nada.

— Nunca mais vou comer sorvete de novo — disse Dean. — Ou mascar chiclete.

Sam parecia estar prestes a vomitar o litro ou o que fosse de café que havia bebido até então naquela manhã.

— Entendo o que você está sentindo, irmão.

— Tenho usado o porão como um laboratório há semanas, e ainda não me acostumei com o frio que fez aqui embaixo. Às vezes sinto como se devesse estar vestindo uma parca ao invés de um jaleco. Mas o frio é bom para você, não é, querida?

Ela sorriu para a filha. Bekah estava nua sobre a mesa, um lençol branco a cobria do pescoço para baixo. Mesmo que fossem só as duas, Catherine queria manter a dignidade de Bekah. Catherine podia ser sua mãe — sem mencionar uma médica —, mas Bekah era uma adolescente, quase uma adulta, e seu corpo lhe pertencia. A última coisa que Catherine queria fazer era tratá-la como um pedaço de carne.

Do mesmo jeito que você tratou aquele pobre cachorro?, perguntou-se.

Aquilo era diferente. Aquela criatura era uma cobaia, seu único propósito era ajudar Catherine a determinar o quão efetivo era a NuFlesh — com os “aprimoramentos” especiais de Conrad — na fusão de partes de corpos de diferentes doadores. Ambos os corpos de Bekah e Marshall haviam sofrido danos graves no acidente, e havia sido necessário substituir vários órgãos, tecidos e, em alguns casos, membros inteiros. Metade do rosto de Bekah tinha precisado de uma reconstrução, e somente um de seus olhos azuis permaneceu com ela. O outro agora era marrom. Abaixo do lençol, o corpo estava marcado com linhas fracas de cicatrizes de NuFlesh, indicando os lugares onde Catherine havia realizado operações. Havia tomado muito mais cuidado com Bekah do que com o cachorro, então as cicatrizes estavam quase imperceptíveis. Tinha sido ainda mais cuidadosa com o rosto da filha, trabalhando diligentemente para garantir que a pele parecesse tão lisa e natural quanto possível. Quando Bekah estivesse... bem de novo, Catherine queria que gostasse da imagem que via no espelho.

Durante as últimas semanas, Catherine havia se sentido mais como uma escultora do que como médica, embora utilizasse carne em vez de argila. Conrad a encorajara a ver o trabalho daquela forma.

Nós queremos corpos fortes e saudáveis para sua família, ele lhe havia dito uma vez. Isso é, é claro, o objetivo final. No seu melhor, a forma humana possui uma elegância e beleza incomparável na natureza. Assim, queremos ter certeza de que seus entes queridos estão não só sendo restaurados à vida, mas que os corpos que abrigam estas vidas sejam dignos dos próprios deuses.

Conrad geralmente falava daquela maneira, quase como se fosse um poeta ao invés de... o que quer que fosse. Catherine não via seu trabalho em termos tão grandiosos, porém queria que Bekah e Marshall se sentissem confortáveis com seus corpos restaurados, queria que eles pudessem sair em público sem chamar atenção. Simplesmente, queria que fossem tão normais quanto possível, tendo em vista as

circunstâncias. Certamente não queria que se tornassem monstruosidades anormais, como o cachorro. Embora ela não houvesse se preocupado com estética quando o criou, estava apenas testando a eficácia da NuFlesh. E, claro, provando que as técnicas de ressurreição de Conrad funcionavam.

Pelo menos não precisava se preocupar mais com o cachorro. Conrad havia lhe contado que a fera tinha sido descartada. Ele não havia fornecido nenhum detalhe, e ela não pediu nenhum. Um dos aspectos-chave da relação de trabalho dos dois era que ela não o pressionava para obter informações, e ele não lhe contava coisas que ela preferiria não escutar. Era melhor dessa forma.

O cabelo comprido de Bekah era de um marrom rico e escuro, e Catherine adorava escová-lo. A ação a lembrou de quando Bekah era uma criança, incapaz de — ou, verdade seja dita, não querendo — escovar os cabelos. Até quando Catherine havia finalmente conseguido fazer a menina entrar no banheiro e escová-lo, sempre “esquecia” de o fazer na parte de trás, deixando para Catherine terminar o trabalho. Em dado momento, Bekah havia saído daquela fase, e Catherine tinha ficado surpresa ao descobrir que estava sentindo falta disso. Ela havia gostado da doce intimidade de tocar o cabelo da filha, ou de correr a escova por ele, de conversar com Bekah sobre isso e aquilo enquanto trabalhava.

Agora estava tentada a pegar uma escova e gastar alguns minutos preparando o cabelo de Bekah, mas resistiu. Não havia removido Bekah do freezer e a colocado na mesa para que ela pudesse brincar de mamãe. Tinha trabalho a fazer. Começaria pela cabeça.

Muitas eram as maravilhas que Conrad havia lhe mostrado durante o período de colaboração entre os dois e, embora fosse uma mulher racional, tinha vindo a acreditar que no mundo existia, se não mágica, muito mais coisas além da ciência do que ela jamais havia suspeitado. Uma das coisas mais incríveis que ele lhe havia ensinado foi a fórmula para a criação de uma mistura química que poderia reverter o dano celular causado pela deterioração. Por si só, não restaurava vidas, mas impedia corpos mortos de apodrecer, o que era vital devido à quantidade de tempo que Catherine havia precisado deixar Bekah e Marshall fora do freezer e na mesa para que pudesse trabalhar com eles. No entanto, o tratamento não era permanente e, quando seu efeito passava, a deterioração não só voltava, mas voltava com uma vingança, acelerando exponencialmente até que não restasse nada dos corpos além de um esqueleto sem carne, como havia aprendido ao observar vários testes. Principalmente ratos e, uma vez, um gato perdido que Conrad havia-lhe trazido. Os resultados da deterioração acelerada eram no mínimo desagradáveis de se observar, e era um destino que estava determinada a evitar no caso do marido e da filha. Então, a cada poucos dias, Catherine checava Bekah e Marshall para ter certeza de que não haviam começado a se deteriorar de novo. Se tivesse um suprimento interminável do tratamento, iria usá-lo neles todos os dias, mas os ingredientes não eram fáceis de ser encontrados e o processo de criar a mistura era bem complicado. Um erro em qualquer passo ao longo do caminho tornaria o resultado inútil. Portanto, Catherine se certificou de empregar o tratamento somente quando absolutamente necessário.

Os resultados estavam quase além do que podia acreditar. Quando Bekah era pequena, muitas eram as vezes em que Catherine havia entrado no seu quarto à noite, aparentemente para checar e ter certeza de que ela estava bem, mas na realidade porque simplesmente adorava ver a filha dormir. Sempre tão sossegada — sem inquietação no sono, ela —, e sua respiração era tão suave que Catherine tinha que se inclinar perto dela para poder ouvi-la. Agora, olhando Bekah deitada sobre a mesa, seus traços banhados pelo brilho severo da luz fluorescente, Catherine não tinha problemas em imaginar que ela não estava morta, que só estava dormindo profundamente como sempre, esperando que a mãe a despertasse.

De certa forma, supôs que isso era verdade.

Chega de fantasias. Tinha trabalho a fazer. Começou seu exame com os pés de Bekah.

Levantou o lençol e começou a procurar por qualquer descoloração na pele. Não encontrando nenhuma, afastou mais o lençol e seguiu para as pernas. Estava no processo de examinar o tronco quando ouviu passos no chão da cozinha acima dela. Conrad havia chegado.

Reorganizou o lençol para cobrir o corpo da filha de novo, então se inclinou junto à orelha de Bekah

e sussurrou:

— Não se preocupe. Sei que você não gosta quando ele olha pra você. Vamos terminar o exame mais tarde, quando ele for embora.

Ela ouviu a porta do porão abrir, endireitou-se e se afastou um passo da mesa. Não via nada de errado em falar com a filha, mas nunca o fazia na frente de Conrad. Não ficava preocupada de ele a achar louca. Ele mesmo era um pouco estranho, para dizer o mínimo. Mas suas conversas com Bekah — embora fossem unilaterais — eram privadas e deviam ser mantidas entre mãe e filha.

Ele desceu as escadas, movendo-se graciosamente, apesar de estar carregando uma grande caixa de papelão. Parecia ser pesado, mas ele a estava levando com facilidade. Ela não estava muito surpresa. Sabia há muito tempo que era mais forte do que aparentava.

— Mais suprimentos? — ela perguntou.

Conrad terminou de descer a escada e caminhou até um dos balcões, colocando a caixa em um dos poucos espaços vazios do lugar. Retirou seu jaleco do gancho na parede onde estava pendurado, vestiu-o sobre a jaqueta, e depois se juntou a Catherine ao lado de Bekah.

— Mais NuFlesh — disse. — Vamos precisar disso.

— Bom. — Ela havia terminado de restaurar o corpo de Bekah em sua maior parte, mas ainda havia algumas coisas que queria fazer no de Marshall. Então franziu a testa. — Espera, o que você quer dizer com “vamos precisar disso”? Você soa como se tivesse algo especial em mente.

Conrad sorriu. Ela não gostou quando ele fez isso. Tinha o hábito de lhe mostrar um sorriso da forma como imaginava que um gato poderia mostrar a um pequeno roedor instantes antes de atacar.

— Eu tenho, realmente! Encha seus olhos com *isso*, minha querida! — Removeu um pequeno objeto do bolso de sua jaqueta e segurou para que ela observasse.

A princípio, não pareceu lá essas coisas para ela. Era uma pedra retangular azul-escura, com a superfície suavemente polida. Então percebeu que ao invés de receber e refletir a luz, a pedra parecia absorvê-la, e não de uma forma delicada. Ela retinha a luz e a puxava para dentro, em direção às profundezas insondáveis que continha.

Ela piscou. Por um momento, havia se sentido quase hipnotizada pela pedra, e fez um esforço para desviar o olhar e focar em Conrad mais uma vez.

— O que é isso? — Manteve o tom de voz neutro, mas dentro dela estava ardendo de animação. Conseguia sentir o poder que a pedra exalava, e sabia que Conrad realmente havia trazido algo especial daquela vez. Muito especial.

— Ela se chama Lapis Occultus — explicou. — É um objeto simbólico de imenso poder.

— Posso... segurar? — Quase teve medo de perguntar. Quanto mais olhava para a pedra, menos nítido seu contorno ficava, como se irradiasse um tipo de energia que distorcesse o ar à sua volta.

— Claro. — Estendeu-lhe a pedra, e ela a pegou com as mãos trêmulas. Foi então que vislumbrou a palma da mão direita de Conrad e viu o X preto marcado na carne.

Ela franziu a testa.

— O que aconteceu com você?

— Não é nada que cause grandes consequências. Os materiais com os quais trabalhamos podem ser perigosos, como você bem sabe, e eu não fui tão cuidadoso quanto deveria ter sido. Irá se curar no seu devido tempo.

A forma simétrica da marca fez com que parecesse proposital. Se a área afetada não estivesse inchada, poderia ter pensado que era uma tatuagem.

Antes que pudesse pensar sobre o assunto mais a fundo, sua atenção foi atraída de volta para o objeto que estava segurando. O Lapis Occultus, pedra escura em latim.

Era fria ao toque, e parecia quase vibrar em sua mão, como se fosse carregado de poder. Na verdade, quanto mais ela o segurava, mais tinha a sensação de que estava viva de alguma forma. Achou que podia

até ouvir uma voz, tão fraca que era quase imperceptível, chamando-a como se estivesse bem longe. A voz de um homem, pensou ela, mas não conseguia entender o que estava falando.

Conrad tirou a pedra da mão dela e a voz foi interrompida. Catherine se sentiu momentaneamente desorientada, como se tivesse acabado de despertar de um sonho. Balançou a cabeça para clarear a mente. Sem dúvida, precisava descansar mais.

Forçou-se para desviar o olhar da pedra e levá-lo em direção aos olhos de Conrad.

— O que isso faz?

— É a peça final do quebra-cabeça, Catherine. Com isso, podemos garantir que os corpos do seu marido e da sua filha serão completamente resistentes à decomposição quando forem ressuscitados.

Ela olhou para a pedra na mão de Conrad, incapaz de acreditar no que havia escutado. O problema da decomposição era o único impedimento para uma ressurreição bem-sucedida. Poderiam restaurá-los à vida, até mesmo criar um novo ser a partir de partes separadas, mas independentemente do quão cuidadoso fossem, o ressuscitado iria começar a deteriorar em algum momento, às vezes mais cedo, às vezes mais tarde, mas era inevitável. Ela tinha observado isso em um teste após o outro. Era quase como se houvesse uma força comendo-os por dentro. O efeito era mais acentuado quando pedaços de doadores diferentes eram ligados, provavelmente devido à rejeição do tecido. A NuFlesh ajudou a atrasar o processo de deterioração, mas só poderia preveni-lo por um certo tempo.

Se o Lapis Occultus pudesse fazer o que Conrad alegava que fazia, então não havia motivo para esperar mais tempo. Eles poderiam começar a ressuscitar Bekah e Marshall imediatamente! Mas se a pedra não funcionasse como Conrad prometeu, ela estaria restaurando seu marido e filha apenas para condená-los a uma segunda morte, lenta e dolorosa.

— Posso ver a hesitação no seu rosto — disse Conrad. — Quando me aproximei de você pela primeira vez, você não acreditou no que eu afirmei que conseguia fazer, mas não provei para você uma vez atrás da outra? Sei que para alguém como você, educada nos moldes da ciência moderna, o Lapis Occultus não deve parecer nada além de uma mera joia. Bonita o bastante, mas certamente incapaz de fazer milagres. Entretanto você a segurou na mão, Catherine. *Você sentiu* seu poder. Você não pode negar a evidência dos seus próprios sentidos.

Ela sentiu o poder da pedra. Não entendeu, mas sabia que era real. E Conrad havia sido capaz de cumprir todas as promessas que fizera até agora, não importa o quão impossível pudesse ter parecido no momento. Certamente havia ganhado sua confiança a essa altura. Além de tudo isso, porém, havia o fato de que ela sentia muita falta de Marshall e Bekah. Estavam separados dela há muito tempo. Já era hora de serem uma família de novo.

— Tudo bem. — Agora que havia aceitado que o Lapis Occultus era genuíno, podia sentir sua exaltação crescendo. — O corpo de Bekah está completo, e já está na mesa. Vou fazer uma avaliação completa para ter certeza de que esteja pronta e depois...

— Talvez devêssemos começar com seu marido.

Catherine já havia se voltado para Bekah, com a intenção de começar a trabalhar imediatamente, mas as palavras de Conrad a interromperam. Virou-se para ele, franzindo a testa.

— Marshall não está pronto. Ainda precisa de alguns toques finais. Bekah...

Conrad deu um passo à frente e estendeu a mão para tocar no braço de Catherine. Mesmo através da manga do jaleco e o suéter, ela podia sentir como a mão dele estava fria.

— Entendo sua ansiedade em prosseguir, e, a meu modo, eu partilho disso.

Havia algo no tom da voz dele que fez Catherine pensar que havia algum significado oculto na última parte de sua frase, mas Conrad prosseguiu antes que pudesse ir mais a fundo.

— Tenho toda a confiança de que o Lapis Occultus funcionará da forma adequada, mas devo admitir que eu nunca o usei antes. Pelo menos não dessa forma. Acho que pode ser prudente testá-lo primeiro.

— Você quer usar o *Marshall* como cobaia? — O pensamento a horrorizou.

— Se ele estivesse vivo, e este fosse um procedimento médico mais... mundano do que ele e sua filha precisassem, um procedimento que levasse consigo certa quantidade de risco, o que você acha que ele faria?

Catherine sabia exatamente o que o marido faria. O mesmo que ela faria em circunstâncias semelhantes.

— Ele iria insistir em passar pelo procedimento primeiro para garantir que fosse seguro.

O rosto de Conrad não o traiu, sem demonstrar nenhuma reação às palavras de Catherine, mas ela sentiu uma satisfação vindo de Conrad, como se ele tivesse ganhado uma batalha importante.

— Quanto tempo você acha que vai levar para o corpo do seu marido ficar pronto para o procedimento?

Ela ponderou.

— Todos os principais órgãos estão no lugar e devidamente conectados. O sistema nervoso poderia ter mais ajustes, mas está essencialmente terminado. Realmente, tudo o que falta é principalmente cosmético. O nariz ainda não está tão reto como gostaria, ainda estão faltando vários dentes... e tem a língua, claro. É o que vai tomar mais tempo. Mas com as novas... doações que você obteve na outra noite, junto com um suprimento novo de NuFlesh, diria que Marshall poderia estar pronto em duas, talvez três horas.

Conrad sorriu.

— Excelente. Vamos começar?

DOZE



Depois que o dr. Martinez havia se transformado, como Dean colocou, em um “recheio de torrão macio”, os irmãos se separaram e procuraram pelos escritórios da NuFlesh, buscando qualquer pista sobre a localização da casa de Conrad Dippel. Enquanto iam de sala em sala, tinham que ter cuidado para não pisar nos restos líquidos de Martinez pelo corredor, que estavam começando a ter um cheiro quase tão ruim quanto o do Franken-vira-lata. Quando terminaram, os irmãos foram comparar suas observações na área da recepção.

— Não tinha nada no computador nem na mesa do Martinez. — Sam disse. — Ele deixou o celular no escritório dele, mas não tinha nenhum número ou endereço de Dippel. Também não tem e-mails ou mensagens.

— Com a sra. Speedy Gonzalez foi a mesma coisa — completou Dean. — O computador e a mesa dela também não tinham nenhum resquícios de Dippel. Você viu alguma coisa com, hã, sua visão de morte?

Dean ainda não sabia como estava se sentindo quanto à última revelação de Sam. Se fosse verdade, isso significava que a infecção do irmão estava pior do que havia suspeitado. Se não fosse verdade, significava que suas alucinações estavam começando de novo. Que inferno, poderia ser os dois: a infecção podia estar causando tamanha pressão sobre seu sistema que estava provocando alucinações. Essa era a questão de ser um caçador. Quando se vive em um mundo onde o impossível não só existe, mas ainda quer rasgar sua garganta e fazer um banquete com suas tripas, a realidade era, na melhor das hipóteses, um conceito incerto.

— Encontrei isso no lixo do escritório dele. — Sam levantou um frasco de vidro vazio. O interior do vidro continha um resíduo de alguma substância espessa e amarelo-esverdeada.

— Unguento especial do Dippel — disse Dean, e então franziu a testa. — Afinal, que diabos é um unguento?

— Tipo um creme medicinal — Sam respondeu.

— Parece mais com uma meleca. Você consegue imaginar um comercial de TV pra essa coisa? “Efeitos colaterais podem incluir transformação repentina em gosma”. — Ele parou quando um pensamento lhe ocorreu. — Você acha que Dippel talvez tenha mexido com a fórmula pra garantir que ela matasse Martinez?

— Talvez, mas por que ele mataria o único fornecedor de NuFlesh no mundo?

Dean encolheu os ombros.

— Talvez ele tenha aprendido a fazer sozinho. Ou talvez ele simplesmente não dê a mínima. Afinal de contas, ele é um psicopata imortal.

— Eu acho. Mas também poderia ter sido um acidente. Talvez Martinez tenha usado mais do que a dose recomendada.

— Se esse é o caso, então, visto o que aconteceu com ele, eu diria que ele usou *bem* mais.

— Então o que fazemos agora? — Sam perguntou.

— Dar uma olhada na casa do Martinez, ver se tem alguma informação sobre Dippel no computador pessoal dele?

— Duvido que ele tenha o endereço de Dippel preso na porta da geladeira. O que quer que nós façamos, devemos nos apressar. Quando a polícia local vir os restos de Martinez, no estado que estão, eles vão surtar. Vão fazer outra chamada pro Centro de Controle de Doenças, talvez até enviem algumas fotos dos ossos e da gosma rosa do Martinez, e quando isso acontecer...

— Brennan vai ficar cheia de funcionários do CCD.

Dean concordou com a cabeça.

— Eu não ficaria surpreso se eles colocassem uma cúpula de plástico gigante sobre a porra da cidade inteira. Se o CCD aparecer em massa, Dippel vai se entocar ou sumir da face da Terra. De qualquer forma, teremos dificuldades pra encontrar ele depois disso.

Sam bocejou.

— Nós podemos nos livrar da gosma, assim a polícia não vai ter nada pra encontrar.

— Agora eu sei que você está meio adormecido. Você nunca iria sugerir algo tão estúpido se estivesse alerta. — Dean começou a contar os argumentos com os dedos. — Por um lado, não vou tocar no que restou do Martinez. Nós não sabemos o quão tóxico aquela gosma é. Por outro, mesmo que pudéssemos encontrar uma maneira segura de mover aquela porcaria, ainda iria deixar resíduos pros policiais encontrarem, e o CCD depois deles. E lembre-se, a recepcionista viu Martinez quando enquanto ele estava derretendo, então nós só poderíamos esconder o que aconteceu com ele por um tempo determinado. Que inferno, ela talvez já tenha relatado o estado dele pros policiais. Então, se a gente movesse os restos gosmentos de Martinez e os policiais descobrissem, eles iam começar a pensar que algum tipo de conspiração está acontecendo na cidade deles, o que poderia acabar trazendo os agentes federais, ou talvez, o departamento de segurança nacional. De qualquer maneira, as coisas iam esquentar, e muito rápido.

— É. Entendo o que você quer dizer. Desculpa. — Sam abafou outro bocejo.

Dean estava realmente começando a ficar preocupado. Se a infecção de Sam continuasse se espalhando, seus reflexos poderiam se apagar até o ponto em que ele não poderia mais se defender em uma luta. Depois disso, quanto tempo teria até que não tivesse energia o bastante para se mover? Ele poderia até entrar em coma. Precisavam rastrear Dippel se tivessem alguma esperança de encontrar uma cura para o estado de Sam. Caso contrário, Dean estava com medo de que o irmão não conseguisse sobreviver. Dean não iria deixar aquilo acontecer. Eles já haviam passado por muitas coisas juntos — vida e morte, céu e inferno, e todas as coisas entre eles. Dean não iria desapontar seu irmão. Ele morreria — de novo — antes disso.

— Talvez Dippel tenha outro Igor — sugeriu Sam.

Dean havia estado tão preso nos próprios pensamentos que não registrou as palavras de Sam de primeira.

— O quê?

— Martinez forneceu NuFlesh pra Dippel, e em troca, Dippel deu um creme antioceira pra ele. Martinez descreveu isso como um negócio, o que sugere que não era uma colaboração médica. De qualquer maneira, se Dippel tivesse recebido ajuda para fazer suas criações, ele provavelmente não iria a um bioquímico. Ele iria querer alguém com um antecedente médico. Um médico mesmo, ou talvez até um veterinário.

Dean sorriu.

— Talvez você ainda tenha algumas células cerebrais funcionando apesar de tudo. Mas se tiver outro Igor, como vamos achar ele ou ela? Nós não podemos simplesmente procurar todos os médicos na região de Brennan, dar uma passada nos consultórios deles e dizer: “Com licença, mas você construiu monstros feitos de partes de cadáveres recentemente?”

— Dippel precisaria encontrar alguém de honestidade duvidosa pra trabalhar com ele, alguém que ele pudesse chantagear se fosse necessário. Precisamos descobrir se existem médicos ou veterinários na cidade com uma reputação suspeita, talvez que tenham até tido problemas com a lei.

— Parece que precisamos fazer uma visita aos melhores de Brennan — complementou Dean. Já haviam conversado com o xerife quando haviam começado a investigar as mortes estranhas na cidade. Poderiam facilmente alegar que tinham retornado para acompanhar algumas pistas não especificadas que haviam reunido. — Vamos.

Dean começou a ir em direção à porta mas, antes que a alcançasse, Sam disse:

— No caminho, podemos...

Dean suspirou.

— Vamos parar pra um café, não se preocupe.

— O que você acha que ela está fazendo? Ela está dormindo ou está só deitada, olhando para o teto?

Dean não queria conversar sobre isso. Manteve a boca fechada e esperou que Sam fosse fazer o mesmo. Estavam no quarto deles na cabana dos Hansen, Sam sentado de pernas cruzadas na cama, Dean sentado no chão, com as costas contra a parede e as pernas esticadas para a frente. Havia uma lâmpada em cima de uma cômoda entre as camas, e a luz estava acesa. Nenhum dos irmãos havia falado qualquer coisa, mas não queriam estar no escuro, não com Trish — ou seja o que fosse que ela havia se tornado — na casa. Dean também tinha trancado a porta. Se isso serviria para manter Trish do lado de fora caso quisesse entrar, não fazia ideia, mas até mesmo um pouco de proteção era melhor do que nenhuma.

— O que você acha que ela é? — perguntou Sam. — Ela é um zumbi?

— Zumbis são feitos de magia negra — Dean respondeu com um tom de voz que indicava que isso era a coisa mais óbvia do mundo. — Você viu aquela pequena estátua que o pai dela tinha. Era egípcia.

— Então ela é como uma múmia, mas sem bandagens?

— Eu não sei *o que* ela é! — Dean vociferou. Sam recuou com se tivesse sido golpeado, e Dean se sentiu instantaneamente envergonhado. Sam estava assustado, só isso. A verdade era que ele também estava. Quando abriu a boca de novo, falou bem baixo, numa voz que mal passava de um sussurro. — Seja o que for, ela não é mais a Trish.

O dia tinha sido um dos mais bizarros que Dean havia vivenciado, e dado o trabalho de seu pai, aquilo queria dizer alguma coisa. Trish não havia falado uma única palavra, e o rosto dela não havia demonstrado nenhuma emoção — nem qualquer expressão, para falar a verdade. A princípio, Dean havia pensado que ela não piscava mais, porém, após um tempo, percebeu que sim, só que muito mais devagar do que uma pessoa normal. Ele havia lido em algum lugar que as pessoas piscam em média uma vez a cada cinco segundos. Trish piscava uma a cada minuto. Ela não se mexia muito, somente quando o pai lhe pedia para fazer alguma coisa. Quando se movia, fazia isso com movimentos precisos e econômicos, como uma máquina que tinha sido programada para operar da forma mais eficiente possível. Quando não estava fazendo nada, ficava tão imóvel que podia ser uma escultura de cera criada à imagem da verdadeira Trish. E ela nunca se sentava. Sempre ficava de pé e, se estava no caminho de alguém, esse alguém teria que dar a volta por ela. Não só não abria caminho, como não havia nada nos olhos ou na expressão que indicasse que ela estava ao menos ciente da presença de outra pessoa.

Walter Hansen não parecia notar que tinha alguma coisa errada com a filha. Dean havia escutado a expressão “em negação” antes, mas essa era a primeira vez em que a havia visto na prática. Normalmente, Walter passava a maior parte do dia na oficina, preparando documentos para os clientes,

mas hoje permaneceu no andar de cima, mantendo uma conversa unilateral com Trish. Falava sobre coisas que haviam feito quando a mãe dela estava viva, feriados que haviam celebrado, viagens que tinham feito... Também falou sobre planos para o futuro. Lugares que nunca tinham chegado a visitar e aos quais iriam em breve, reformas que queria fazer na cabana, mudanças que queria fazer na vida dos dois. Talvez fossem pegar um gato ou um cachorro. Trish sempre quisera um cachorro, não era?

Trish ficou parada lá, imóvel, sem falar. Dean não fazia ideia se ela ouvia as palavras do pai e, se ouvisse, se as compreendia.

Seja lá qual fosse o comando que Walter lhe dava, ela obedecia, e depois de fazer o café da manhã, ele a fazia executar várias tarefas pela cabana. Passava a vassoura, espanava os móveis e lavava várias lavas de roupas, e a todo o tempo Walter a seguia, falando. À tarde, Walter fez os quatro se sentarem para assistir à televisão. Bem, os três. Trish permaneceu de pé. Walter colocou em uma reprise de uma série de comédia antiga e riu junto às risadas gravadas, rindo alto, como se o programa — ao qual Dean já havia assistido antes e não havia achado tão engraçado assim — fosse a coisa mais divertida que ele já havia visto. Tinha um toque de histeria na risada de Walter que Dean achou tão assustador quanto a presença pétrea e imóvel de Trish, e depois de um tempo ele não conseguia mais aguentar aquilo. Disse para Walter que ele e Sam iriam sair e juntar lenha, apesar do fato de haver uma boa quantidade já empilhada ao lado da cabana, e Walter respondeu “Claro, claro. Boa ideia”. Não tirou o olhar da tela da TV enquanto respondia, e Dean e Sam não perderam o tempo para dar o fora de lá.

Não se incomodaram de fingir pegar lenha. Em vez disso, vagaram pela floresta ao redor da cabana dos Hansen, sem falar, apenas andando. Os dois com a culpa que os estava consumindo por dentro.

Ficaram fora até depois do jantar — de jeito nenhum queriam sofrer durante outra refeição preparada pela Trish talvez-zumbi, talvez-alguma-outra-coisa — e finalmente voltaram por volta das nove. Foram direto para a cama, mas antes que pudessem se enfiar no quarto deles, Walter lhes disse para ter certeza de que tirassem uma boa noite de descanso.

— Amanhã vamos pescar no lago — ele informou. — E depois vamos pra cidade pra tomar um sorvete e assistir um filme. O que vocês acham?

Um pesadelo, Dean pensara.

— Parece legal — respondeu. Então ele e Sam correram para o quarto, fecharam a porta e a trancaram.

Isso havia acontecido duas horas atrás. Durante a maior parte do tempo, os meninos permaneceram em silêncio, ouvindo o zumbido da perpétua conversa unilateral de Walter com a filha morta-viva. Em dado momento, Walter decidiu ir para a cama, mas não antes de levar Trish para o quarto dela, e — Dean presumiu — colocá-la na cama. Imaginou se Walter lhe deu um beijo de boa noite, talvez na testa, talvez na bochecha. No caso, a sensação de tocar na pele dela era normal ou era fria e encerada? O pensamento o fez estremecer.

— O que vamos fazer? — Sam perguntou com uma voz baixa.

Essa era a pergunta que Dean havia temido o dia inteiro. Era o irmão mais velho e, com o pai longe, era natural que Sam olhasse para ele em busca de orientação naquelas circunstâncias. Era responsabilidade dele cuidar do irmão — como o pai lhe havia deixado abundantemente claro em muitas ocasiões. Ele havia quase fracassado no que diz respeito àquela responsabilidade ontem, quando tinha sido bobo o bastante para levar Sam até a Casa de Hosana. Pensava que era tão inteligente, que era um grande caçador, só porque havia guardado uma ou duas coisas ao escutar o pai. Trish havia pagado com a vida pela arrogância dele, mas poderia facilmente ter sido Sammy que tivesse levado uma bala espectral no coração.

Uma vez, em algum quarto de hotel, quando Sam estava dormindo, o pai deles havia se voltado para Dean e dito:

— Filho, não há muitos conselhos sobre a vida que eu possa passar adiante pra você. Vida real,

quero dizer. Não o tipo de vida que caçadores levam. Mas disso eu sei: nunca deixe que a cabeça pequena pense no lugar da grande.

Aquilo havia sido há alguns anos, e Dean não estava muito certo do que o pai estava tentando lhe dizer no momento. Mas entendia agora. Cara, como entendia! Tudo que havia acontecido tinha sido por sua culpa, e tudo porque ele queria agir como um homem crescido e impressionar uma garota. Uma garota incrível que havia morrido e sido trazida de volta de uma forma grotescamente semelhante a algo vivo pelo pai, acometido pelo luto e mais do que um pouco louco.

Dean não sabia se acreditava em almas. Sabia que fantasmas eram reais, e se não soubesse disso antes, ele certamente saberia depois do encontro com Homem do Rifle no dia anterior. Mas pensou que fantasmas talvez não fossem a consciência de uma pessoa que continuou a existir depois da morte, mas sim algum tipo de energia psíquica que foi deixada para trás. Energia que assumiu a forma e comportamento da pessoa que a criou, mas não era literalmente aquela pessoa. Se aquilo fosse verdade, então Trish — sua mente, espírito e essência — não tinha sido trazida de volta, apenas seu corpo. Ela era uma concha vazia, pouco além de um fantoche que servia para obedecer os comandos de Walter. Se houvessem almas, porém, então era possível que Trish tivesse retornado com sua forma física, mas estivesse presa dentro dela, incapaz de fazer qualquer coisa além de observar passivamente, uma prisioneira do próprio corpo. *Isso seria, Dean pensou, a própria definição de viver num inferno.* E era tudo culpa dele.

— A primeira coisa que vamos fazer — disse a Sam, — é encontrar algumas armas.

Movimentavam-se silenciosamente pela cabana. As portas do quarto de Walter e Trish estavam fechadas, mas Dean sabia que aquilo não significava que qualquer um deles estivesse dormindo. Especialmente Trish. Era muito possível que ela não precisasse mais dormir, que estivesse — como Sam havia dito — simplesmente deitada na cama, de olhos abertos e fixos, piscando apenas uma vez por minuto.

Entraram na cozinha, e cada um dos irmãos escolheu uma faca grande na caixa sobre o balcão. Procuraram nas gavetas, com cuidado para abri-las e fechá-las lentamente, sem permitir que o conteúdo delas fizesse barulho, mas tudo o que encontraram foram algumas chaves de fenda em uma gaveta de velharias. Dean pegou a Phillips, Sam a de cabeça chata. O que Dean realmente queria encontrar era uma arma. O pai deles havia garantido que ambos soubessem como atirar, e mesmo que nenhum deles fosse um atirador altamente qualificado, podiam fazer mais do que simplesmente atingir o lado mais largo de um celeiro. No entanto, se encontrassem mais de uma arma, Dean não teria deixado Sam carregar uma. Sam era um atirador razoável, mesmo que ainda não tão bom quanto ele, mas se o pai descobrisse que havia deixado Sam usar uma arma sem a permissão expressa dele... Bem, Dean preferia enfrentar uma cidade inteira cheia de fantasmas vingativos do que John Winchester quando estava com raiva.

— Será que a gente deve descer no porão e olhar? — Sam perguntou. — Se Walter tiver alguma arma, talvez ele guarde ela lá embaixo.

Dean se sentiu orgulhoso do irmãozinho. Estava obviamente assustado, mas além de estar se controlando, estava pensando estrategicamente. Dean sabia que Sam era inteligente — mais inteligente do que ele, com certeza —, mas às vezes esquecia o quanto era inteligente.

Dean pensou sobre isso. Se às vezes Walter deixava caçadores lhe pagarem com barganhas, provavelmente tinha algumas armas em algum lugar, e a oficina parecia ser um lugar lógico para guardá-las. Ele também podia ter outras coisas lá embaixo — itens mais poderosos e perigosos do que armas de fogo. Ele havia dito que a estátua egípcia que usara para trazer Trish de volta tinha vindo de um de seus

clientes. Ele podia ter outros objetos mágicos no porão, talvez até algo que possa reverter o feitiço que havia ressuscitado Trish.

Não seja um idiota, Dean disse para si mesmo. *Não é como se qualquer item que Walter tenha esteja com um rótulo e venha com um conjunto de instruções*. Se Walter tivesse mais artefatos mágicos no andar de baixo, seriam extremamente perigosos de se usar, supondo que ele e Sam pudessem até fazer com que eles funcionassem, para começo de conversa. Seria melhor que ficassem com armas simples, das que não iriam ricochetear e transformá-los em uma pilha de cinzas, ou pior. Mas um arma realmente poderia ser útil para eles. Dean não sabia que tipo de criatura Trish havia se tornado, mas pensou que deveriam evitar se aproximarem demais dela. Ele havia assistido à *Noite dos Mortos-Vivos* talvez uma dúzia de vezes, e a última coisa que queria era que Trish cravasse os dentes nele ou em Sam e os transformasse em zumbis comedores de carne. As facas e chaves de fenda só eram boas para lutas corpo a corpo, mas, com uma arma, poderiam lidar com ela de longe.

Ouçã você mesmo! Você está pensando em matar uma garota que ontem você estava querendo pegar!

Dean afastou aquele pensamento. Havia aprendido ao assistir o pai que às vezes um caçador tinha que botar as emoções de lado para conseguir terminar o trabalho. Apesar do fato de estarem nessa situação por um estrago que ele mesmo havia feito, estava determinado a viver de acordo com o exemplo de pai e fazer o trabalho direito.

— Ok, vamos lá checar o porão. Mas precisamos ser rápidos. Não dá pra saber...

Ele parou quando ouviu sons vindo do fim do corredor: um rangido suave, logo seguido de outro, por sua vez seguido por um clique abafado. Dean sentiu as tripas congelarem.

— A Trish saiu do quarto dela — Sam sussurrou — e foi para o do Walter.

Foi exatamente assim que Dean enxergou aquela situação. Não havia tempo para procurar armas agora.

Deixaram a cozinha e correram pelo corredor, os instintos de Dean gritando para que se movimentasse mais rapidamente. Carregavam as armas ao lado, para que não machucassem acidentalmente si mesmos ou o outro, e quando alcançaram a porta de Walter, pararam. Havia luz o bastante vindo da cozinha para conseguirem ver que a porta do quarto da Trish estava aberta. O interior dele estava escuro, o que fazia sentido. Por que ela ainda precisaria de luz?

Dean mudou a faca para sua mão esquerda, com a chave de fenda. Então estendeu a mão e tentou abrir a maçaneta da porta de Walter. Não ficou surpreso ao encontrá-la trancada. Voltou a faca para a mão direita, então se virou para Sam e sussurrou:

— Prepare-se.

Ele havia visto policiais arrombarem quartos trancados na TV e nos filmes, mas nunca havia tentado fazê-lo ele mesmo antes. *Existe uma primeira vez pra tudo*, o pai sempre dizia. Dean recuou, levantou a perna direita e bateu o pé com força contra a porta, ao lado da maçaneta. Teve que repetir a manobra mais duas vezes antes que a porta finalmente abrisse e virasse para dentro.

Dean entrou primeiro, com Sam logo atrás de si.

A luz da mesa de cabeceira de Walter estava acesa, e sob o brilho fraco dela, Dean viu o homem sentado na cama, Trish agachada no colchão ao lado dele, o rosto enterrado no pescoço do pai.

Ele sorriu sem forças, com o rosto pálido.

— Está tudo bem. Ela só queria um lanche. Uma coisinha para aguentar até a manhã. — Estendeu a mão trêmula e acariciou o cabelo de Trish. — Eu não ia querer que minha menina fosse pra cama de barriga vazia agora, ia?

No futuro, quando Dean fosse se lembrar desse momento, vários detalhes horríveis iriam se destacar. Um deles era que, apesar do que a filha estava lhe fazendo, Walter não estava gritando de dor. O quão isolado da realidade se tem que estar para não sentir alguém rasgando a sua carne com os dentes?

Depois, havia o sangue. Apesar dos melhores esforços da Trish para engolir o máximo que podia, o sangue manchou a frente da blusa de Walter e encharcou o lençol até a cintura dele. Outro foi o som molhado e estridente que Trish fazia enquanto esfregava o focinho contra o pescoço do pai, soando mais como um animal bebê se amamentando na mãe do que uma coisa zumbi mastigando carne viva. Havia permanecido em silêncio durante o dia inteiro mas, agora, resmungos de satisfação saíam suavemente da garganta de Trish, quase como o ronronar de um gato. Entretanto, por pior que todos esses detalhes fossem — e isso era muito ruim, não se engane — o pior de todos absolutamente para Dean era a expressão nos olhos de Walter. Neles, Dean podia ver que, pelo menos em algum nível, o homem sabia exatamente o que a filha havia se tornado e o que estava fazendo com ele. Ainda assim ele ainda a amava, profundamente, ferozmente, e lhe daria tudo que precisasse, mesmo a custo da própria vida.

Foi nesse momento que Dean percebeu que por mais terrível que o ódio fosse, o amor, sem questionamentos nem limites, podia ser muito mais terrível.

Trish se afastou do pai, cordões de sangue se esticavam da sua boca até o trapo bagunçado que antes fora o pescoço de Walter, e se voltou para Sam e Dean.

Dean pensou que haveria fome no olhar dela, ou raiva, ou talvez até tristeza, porque, no fundo, em algum lugar dentro daquele corpo frio e morto, ela ainda era Trish e estava horrorizada com o que havia se tornado, pelo que foi levada a fazer, mas o que viu nos olhos dela era muito pior. Seu olhar era vazio de qualquer pensamento e emoção, sem o menor traço de identidade. Os olhos careciam até mesmo da autoconsciência básica que um animal possui. Estavam tão vazios quanto as maiores cavernas subterrâneas, tão frios quanto as águas árticas mais profundas. Dean sabia que estava olhando algo muito pior do que simplesmente maldade em seu olhar. Ele estava olhando para nada.

— Dean...

— Está tudo bem, Sammy. — Sabia muito bem que não estava, que depois disso nada estaria bem de novo, mas disse isso porque era o irmão mais velho, e era o tipo de coisa que deveria falar quando as coisas estavam ruins. E não podia imaginar as coisas ficando muito pior do que isso.

Trish começou a rastejar na direção deles em cima da cama, o sangue do pai escorrendo da boca, caindo no edredom como gotas grossas de chuva carmesim.

Dean desejou por Deus que tivesse uma arma, mas não tinha, só tinha uma faca e a chave de fenda Phillips. E tinha o que o pai sempre lhe dissera que era a arma mais importante de todas. Ele mesmo. Passou a chave de fenda para a mão direita e pegou a faca com a mão esquerda. Então, antes que pudesse pensar duas vezes, correu em direção a Trish, apontou e empurrou a ponta da chave de fenda no olho esquerdo dela, enfiando o metal profundamente em seu cérebro, até o cabo.

Ouviu Sam arfar e viu os olhos de Walter se arregalarem, em choque.

Trish não reagiu nem um pouco. Em vez de sangue, um líquido claro fluía em volta da chave de fenda, saindo da órbita ocular dela. Permaneceu assim por muito tempo, de quatro em cima da cama do pai, o olho inexpressivo e ferido vazando líquido, gotas de sangue de Walter ainda saindo da boca. Então, de repente, como se fosse uma máquina cuja fonte de energia houvesse sido cortada, ela abaixou repentinamente, rolou da cama, e caiu com força no chão.

Dean só conseguia ficar parado e observar o corpo imóvel de Trish, a mão direita enbebada com a gosma clara que havia escorrido de seus olhos quando ele havia enfiado a chave de fenda. Um momento depois, sentiu Sam ir para o seu lado e colocar o braço em volta dos seus ombros. Esse gesto simples fez mais por Dean do que qualquer palavra que o irmão pudesse ter dito.

No início, Walter não mostrou nenhuma reação, e Dean temia que ele tivesse perdido tanto sangue que não estava totalmente consciente do que havia acontecido. Então ele soltou um uivo de angústia, saltou da cama e se ajoelhou ao lado do corpo da filha. Tentou pegá-la e abraçá-la, mas estava muito fraco e conseguiu apenas levantá-la parcialmente antes que ela escorregasse de suas mãos e caísse novamente no chão. Um segundo mais tarde, com lágrimas escorrendo pelo rosto também pálido, Walter desmaiou ao

lado dela.

Os irmãos tentaram reviver Walter, mas ele havia perdido sangue demais. Então cavaram dois túmulos nos fundos do quintal, sob um grande carvalho antigo que Trish amava, e enterraram pai e filha, dizendo as palavras em que conseguiam pensar observando os túmulos. Fizeram o melhor que podiam para limpar a bagunça no quarto de Walter, então procuraram na cabana e encontraram a estátua de Osíris no porão em uma gaveta da mesa de Walter. Depois de uma breve discussão, deixaram-na sozinha, junto com uma série de outros artefatos que Walter havia armazenado na oficina. Quando terminaram, subiram as escadas, trancaram a porta do porão, e esperaram que o pai deles os buscasse.

Iria se passar grande parte de duas semanas até John Winchester retornar.

— Vocês estavam no hotel durante o incêndio, certo?

Sam olhou para Dean, sem saber como responder à pergunta da xerife.

Ela sorriu.

— Nada pessoal, mas vocês estão cheirando como se tivessem ficado do lado de uma fogueira por uma semana inteira.

Dean fez uma careta.

— Estou realmente ficando cansado de feder a ponto de empestear todos os lugares aonde vou.

A xerife levantou uma sobrancelha com curiosidade. Amanda Kopp — que sem dúvida estava cansada há muito tempo de ouvir piadas sobre o sobrenome — estava nos meados dos quarenta anos, com cabelos curtos e castanhos, maquiagem mínima e uma fina aliança de ouro branco no dedo anelar. Ela era amigável, mas projetava um ar de profissionalismo completo, abrandado um pouco pela capa da Hello Kitty no celular sobre a mesa, ao alcance fácil da mão.

Sam se perguntou se ela era uma dessas pessoas que era tão viciada no celular que se sentia ansiosa se estivesse muito longe dele.

— Os últimos dias foram difíceis — acrescentou Sam, esperando que ela fosse deixar aquilo de lado.

— Me conte sobre isso. — Ela soltou um suspiro. — Quatro pessoas morreram por causa de algum tipo de doença misteriosa que resseca seus portadores, além das duas da semana passada, e agora, pra completar, um hotel inteiro queima completamente de forma tão rápida que foi como se tivesse sido atingido a porra de napalm. É por isso que estou sentada sem fazer nada no escritório. Estou aguardando um retorno do CCD.

Sam e Dean trocaram olhares. Era exatamente como tinham imaginado.

— Nós sabemos como você está ocupada, xerife — Sam disse, — e nós realmente estamos gratos por ter encontrado tempo pra conversar com nós dois de novo.

Embora só tivesse se passado alguns dias desde que falaram pela primeira vez com a xerife Kopp, parecia que ela havia envelhecido dez anos naquele tempo. As linhas em seu rosto estavam mais evidentes e os olhos estavam vermelhos e pareciam inchados, bem parecido com a forma como Sam imaginava que os dele próprio estavam. Infelizmente, Sam estava muito acostumado a ver agentes da lei sofrendo com estresse e falta de sono, para não mencionar a frustração de saber que algo ruim estava acontecendo em suas cidades e não ter ideia do que estava causando isso ou como pará-lo. Na maioria

das vezes, ele e Dean não podiam dizer a verdade às autoridades locais, não importava o quanto quisessem. Quase sempre, na experiência deles, contar o que sabiam para as autoridades resultava em um de vários cenários cada vez mais negativos. No melhor dos casos, pensariam que os irmãos estavam loucos e deixariam de cooperar com eles. Ou iriam decidir que precisavam ser mantidos em custódia para uma avaliação psiquiátrica. No pior caso, as autoridades acreditariam em Sam e Dean, porque então eles iriam querer ajudar, e isso os colocaria face a face com perigos com os quais não eram treinados para lidar de forma nenhuma. Havia funcionado bem uma ou duas vezes — como com Jody Mills no Sioux Falls — mas essas eram as exceções à regra.

Havia uma razão pela qual os caçadores tendiam a trabalhar sozinhos ou em duplas. Quanto menos pessoas tivessem que arriscar as vidas, e muitas vezes mais do que apenas as vidas, contra as coisas sombrias que viviam no mundo, melhor. Pensou em Trish Hansen. Se ele e Dean não a tivessem deixado convencê-los a levá-la para caçar fantasmas...

Dean franziu a testa.

— Espere um minuto. Você disse que *tiveram quatro* vítimas da doença essa semana? Eu pensei que tivesse apenas três.

— Tinha. Até que Harrison Brauer apareceu morto. Ele é um agente funerário local, e ia se encontrar com a esposa de um de seus... clientes. Essa é a palavra certa? De qualquer forma, quando ela chegou lá, a porta estava aberta, mas ela não conseguiu encontrar ninguém, então começou a chamar o nome de Brauer e andar pela casa dele, procurando o agente. Em algum momento, ela foi pro andar de baixo, onde fica a sala de embalsamento, e foi lá que encontrou ele, parecido com todos os outros.

Sam acenou para Dean para dizer, *Mandou bem*. Com a cabeça bagunçada como estava, o detalhe tinha passado despercebido por ele. Sam não havia levado em consideração que Dippel podia ter usado um agente funerário como seu Igor, especialmente porque era improvável que o homem tivesse a base médica necessária, mas supôs que era possível. Se assim fosse, a morte do agente funerário poderia significar que Dippel estava encerrando os negócios em Brennan e se preparando para seguir adiante. Por tudo que sabiam, já podia ter deixado a cidade, e nesse caso teriam trabalho infernal para localizá-lo. Sam duvidava que Dean tivesse a paciência necessária para ao menos tentar. Com Dippel longe, Dean gostaria de voltar a tentar descobrir uma maneira de derrubar Dick Roman.

Os pensamentos de Dean deveriam estar seguindo por caminhos semelhantes, pois ele lançou um olhar para Sam que dizia: *por que estamos desperdiçando nosso tempo aqui?*

— Desculpe por não ter ligado pra vocês — a xerife disse. — Entre tentar entrar em contato com o CCD e lidar com o fogo, fiquei muito ocupada.

— Sem problemas — Dean respondeu. Sam achou que ele ia agradecer à xerife, mas eles não precisavam mais da ajuda dela. Em vez disso, ele respirou fundo e disse — Mas se você pudesse responder apenas mais algumas perguntas pra gente...

— Claro. Não é como se eu estivesse fazendo alguma coisa no momento além de estar sentada aqui esperando o telefone tocar.

Sam se perguntou qual dos dois ela usava. O telefone do escritório ou o celular. Talvez o último, mesmo que apenas para garantir que mais ninguém do departamento pudesse pegar a extensão e escutar a conversa escondido. Se acreditasse que estava lidando com algum tipo de contágio, a última coisa que gostaria de fazer seria causar pânico, especialmente entre a própria equipe.

— Estamos explorando a possibilidade de que alguém com experiência médica possa estar envolvido nessas mortes — disse Dean.

Os olhos da xerife Kopp se arregalaram.

— Você quer dizer que alguém fez isso de propósito? Como, algum tipo de *terrorista*? Você acha que eu deveria entrar em contato com o departamento de segurança nacional?

— Nós estamos apenas tentando cobrir todas as hipóteses — complementou Dean. — Nesse

momento, não temos nenhuma evidência que indique terrorismo. Se tivéssemos, com certeza diríamos pra você.

A xerife parecia cética a respeito da ideia de que os agentes federais colocariam uma alta prioridade em manter uma local como ela informada, mas apenas disse:

— Então, o que é que vocês querem saber?

— Ocorreu algum problema envolvendo médicos ou enfermeiros na área? — Sam perguntou. — Talvez até um técnico, um assistente ou um paramédico?

— Problemas?

— Queixas dos pacientes — Dean explicou. — Problemas legais. Comportamento estranho. Qualquer coisa fora do comum.

— Você quer dizer como um escândalo? — perguntou.

— Não precisa ser nada grande — acrescentou Sam. — Pode ter sido algo menor, algo em que ninguém pensaria muito sob circunstâncias comuns.

Ela levou aquilo em consideração por um momento.

— Desculpe, mas nada está vindo à minha mente. Até as últimas semanas, Brennan tinha sido uma cidade muito tranquila. Geralmente, lidamos só com crimes pequenos, disputas conjugais e violações de trânsito. — Fez uma pausa, e pela expressão no rosto, Sam sabia que ela havia pensado em algo. — Isso pode não ser nada, mas alguns meses atrás, teve um caso em que um pai e uma filha morreram por causa de um motorista bêbado. A menina tinha só quinze anos, e estava apenas começando a aprender a dirigir. Foi uma pena de verdade. De qualquer forma, a mãe não estava com eles quando aconteceu, mas ela é uma médica aqui na cidade. Depois do acidente ela ficou deprimida. Quem não ficaria, certo? Ela começou a ver cada vez menos pacientes, até que por fim parou completamente. Até onde sei, ela não parou oficialmente de trabalhar, mas também pode ter parado.

Uma viúva de luto e uma mãe que também era uma médica? Dippel a acharia uma irresistível candidata a um Igor. Não só tinha o conhecimento da medicina do século vinte e um de que necessitava, mas tinha uma razão convincente para querer trabalhar com ele. Dois motivos, na verdade. O marido e a filha. Sam pensou em Walter Hansen, e ele sabia que se um pai ferido pelo luto tivesse a oportunidade de restaurar um filho morto à vida, ele iria ser incapaz de resistir a isso, independentemente das consequências.

Dean deve ter pensado a mesma coisa, pois acenou rapidamente com a cabeça para Sam antes de voltar sua atenção para a xerife Kopp.

— Precisamos do nome e endereço da médica.

TREZE



Catherine deu uma verificada final no corpo de Marshall. A língua parecia boa — a NuFlesh havia feito seu trabalho, unir órgãos no lugar quase tão facilmente quanto colar dois pedaços de papel juntos —, assim como os dentes novos. Alguns deles não estavam tão retos quanto ela gostaria, mas disse para si mesma para não ser excessivamente crítica. Além disso, os seres humanos não deveriam ser perfeitamente simétricos. São as imperfeições, por menores que possam ser, que dão personalidade a um homem ou mulher.

Enquanto continuava seu exame, verificando os pontos onde os membros de Marshall — tanto os originais quanto os novos — haviam sido fundidos, Conrad se manteve ocupado configurando o equipamento de ressurreição. O procedimento era principalmente químico, e o carrinho que Conrad empurrou até a mesa onde Marshall estava deitado continha o que a princípio parecia ser um simples arranjo de frascos de intravenosos, tubos de plástico e agulhas penduradas em uma estrutura metálica. Produtos químicos de várias cores preenchiam as garrafas, com pequenos reflexos de iluminação que se assemelhavam a grãos brilhantes de metal multicolorido flutuando por dentro. Catherine havia perguntado uma vez a Conrad o que eram aqueles grãos, mas ele apenas lhe mostrara um sorriso com lábios finos e disse:

— É um antigo segredo.

No início, ela pensou que ele estava brincando, mas depois de tudo que havia visto desde que começou a trabalhar com ele, aceitara que estava lhe dizendo a verdade. Um segredo antigo, e sem dúvidas um tão sombrio quanto a noite, mas não se importava, não enquanto fizesse o marido voltar para ela. Havia produtos químicos suficientes nos frascos para tratar Marshall e Bekah hoje — supondo que tudo corresse bem com a ressurreição de Marshall, quer dizer.

Catherine conhecia as fórmulas para as misturas químicas de Conrad, exceto por aquele ingrediente. Talvez, se ela tivesse uma base mais forte em química, poderia reconhecer os grãos, mas duvidava disso. O que quer que fossem, não pensou que eram o tipo de coisa que você poderia encomendar de uma empresa de fornecimento de produtos químicos.

Conrad empurrou um segundo carrinho para Marshall que continha um desfibrilador automatizado externo — *muito mais conveniente do que esperar que um relâmpago atingisse o corpo*, ele lhe havia dito uma vez — juntamente com as tiras de pano que haviam sido tratadas quimicamente e cobertas com mais daqueles misteriosos grãos de metal. Sabia por suas experiências anteriores que Conrad envolveria as tiras ao redor do peito de Marshall, deixando uma parcela nua, de modo que os eletrodos do desfibrilador pudessem entrar em contato com a pele. Sua cabeça também seria envolta no pano até o pescoço. O elemento novo no procedimento dessa vez foi a pedra de Conrad, o chamado Lapis Occultus. Não tinha ideia do que era e teria descartado isso como puro absurdo se não o tivesse segurado nas próprias mãos e sentido seu poder por si mesma. A pedra, ele havia explicado, seria colocada na testa de Marshall antes que o procedimento fosse posto em ação. Quando perguntou a Conrad qual era o propósito da pedra, ele havia sido ainda mais vago do que o normal: *é para garantir que a morte seja mantida à*

distância indefinidamente.

Ela havia desistido de duvidar das afirmações de Conrad há muito tempo. Já tinha visto de tudo, e também realizado muitas coisas com ele. Se dissesse que a pedra proporcionaria algum tipo de proteção contra a morte, então acreditaria nele.

Satisfeita de que o corpo de Marshall estava pronto para o procedimento, Catherine verificou novamente os frascos, tubos e agulhas intravenosas. Conrad não tinha ego quando se tratava de seu trabalho. Insistiu que Catherine checasse tudo que fez para ter certeza de que estava tudo em ordem. A única coisa que importava para ele era obter o resultado desejado. Não se preocupava com quem cometeu o erro, somente se importava com encontrá-lo e corrigi-lo. Em outra pessoa, teria achado a qualidade admirável, mas em Conrad, sabia que isso havia surgido de uma obsessão única com sucesso a todo custo, incluindo a sublimação do próprio ego. Por que ele estava tão obcecado com o sucesso, ela não tinha certeza, mas sentia que sua motivação era mais do que meramente intelectual, e com toda certeza não era altruísta. Estava trabalhando para algo, e por um longo tempo, e ajudá-la a restaurar o marido e filha à vida era apenas mais um passo em direção ao alcance de seu objetivo final. Nunca havia perguntado a ele qual era aquele objetivo e, sendo totalmente franca, não se importava com isso, não desde que tivesse Marshall e Bekah de novo.

Uma vez que determinara que os produtos químicos e intravenosos estavam prontos, ela checou novamente o desfibrilador enquanto Conrad examinava Marshall para ter certeza de que não havia deixado escapar nada. A bateria do desfibrilador estava totalmente carregada e parecia estar em perfeitas condições de funcionamento. Quando seus exames estavam completos, Conrad olhou para ela.

— Devemos terminar? — perguntou.

Assentiu com a cabeça e juntos enrolaram as tiras de pano tratadas em torno da cabeça e peito de Marshall, Conrad levantando o corpo dele conforme necessário enquanto Catherine o enrolava. O pano precisava ser colocado imediatamente antes do procedimento, porque — por motivos que ela não entendeu — os produtos químicos com os quais havia sido tratado perdiam sua eficácia quanto mais tempo estavam em contato com a pele. Usaram apenas metade das tiras no tempo em que terminaram. A outra metade era para Bekah. Checaram para ter certeza de que Marshall estava bem enrolado, e então Conrad pegou o Lapis Occultus do carrinho e gentilmente, quase respeitosamente, colocou-o na testa de Marshall.

Recuou e inclinou a cabeça enquanto observava o posicionamento da pedra. Catherine não conseguiu enxergar que grande diferença a posição do objeto fez, mas Conrad deve ter visto, pois estendeu a mão, fez um pequeno ajuste, então assentiu para si mesmo.

— Acredito que estamos prontos para começar a inserir as...

Agulhas, Catherine sabia o que ele estava prestes a dizer, mas ele parou, com um olhar de espanto no rosto. Ergueu a mão com o X e encarou a marca como se não pudesse acreditar no que estava vendo. O X parecia o mesmo para ela, mas o que quer que tivesse mudado nele havia alarmado o normalmente imperturbável sr. Dippel.

— Precisamos nos apressar — disse ele, com tensão na voz. — Eles estão vindo.

— Quem?

— Dois homens. Caçadores... assassinos. Eles querem nos parar. Eu pensei que tinha lidado com eles... — Ele fechou a mão, formando um punho. — ... mas evidentemente eu estava enganado.

A cabeça de Catherine estava boiando.

— O que eles são? Policiais? Assassinos de aluguel? Pelo amor de Deus, agentes secretos?

— Eu não tenho tempo para explicar completamente. Basta dizer que eles vão entrar na sua casa, descer aqui, e não apenas impedir o que estamos fazendo, mas destruir os corpos de Marshall e Bekah para garantir que eles nunca renasçam. É isso o que você quer?

Conrad estava gritando quando chegou ao fim de suas palavras, mas foi a intensidade emocional mais

do que qualquer outra coisa que convenceu Catherine de que estava falando a verdade.

— O que faremos?

— Eu posso tentar mantê-los distantes mas, a essa altura, não estou confiante da minha capacidade de fazer isso sozinho. Se pudesse usar o Lapis Occultus... Mas não, ele é necessário aqui. Não importa o que mais aconteça, é vital que Bekah seja restaurada à vida.

Apenas Bekah, ela notou. Não Marshall.

Conrad olhou para o corpo de Marshall, ainda sem vida e esperando pela ressurreição. Um sorriso frio e astuto se espalhou por seu rosto.

— Se eu tivesse a ajuda do seu marido...

— Não! Eu não vou trazer Marshall de volta apenas para mandar ele pra um caminho perigoso. Se esses homens realmente são perigosos quanto você parece achar...

— Eu vou fazer a mesma pergunta pra você que fiz sobre qual dos seus entes queridos iria ser ressuscitado primeiro. Dada à situação, o que Marshall faria?

Como antes, Catherine não teve que pensar em sua resposta.

— Proteger a filha.

Sem trocar outra palavra, começaram a inserir as agulhas intravenosas em vários pontos do corpo de Marshall.

Daniel estava enfurecido dentro dos confins do Lapis Occultus. Em sua percepção, parecia como se estivesse flutuando desencarnado dentro de uma extensão infinita de escuridão, e que havia estado lá por muito tempo. Outro ser poderia ter ficado louco nas mesmas circunstâncias, mas Daniel era um Ceifeiro. A escuridão, não importa o quão vasta ou sem fim, não o assustava. No entanto, realmente o irritava.

Não podia acreditar que havia se permitido ser capturado por Dippel. Não lhe ocorrera que o alquimista podia ter concebido uma maneira de aproveitar a energia de um Ceifeiro e usá-la em seus experimentos obscenos. Aquilo era algo que Daniel precisava evitar a qualquer custo. A questão era, como? Havia tentado se teletransportar, uma habilidade comum para a sua espécie. Normalmente, podia mover-se de um lugar para outro simplesmente desejando, mas não importava o quanto se concentrasse, não importava o quanto de poder conjurasse, estava incapaz de se libertar da escuridão. Tentara alcançar a qualquer custo outros Ceifeiros que pudessem estar nas imediações. Levando em conta a quantidade de mortes que havia ocorrido em Brennan ultimamente, existiam poucos ao redor. No entanto, embora se esforçasse para estender seus pensamentos para fora da pedra, estava incapaz de transpassar as paredes de sua prisão. Aquilo o deixou com apenas uma opção — a última opção, até onde qualquer Ceifeiro sabia — chamar o chefe.

A Morte acreditava bastante em delegar funções. Quando atribuía uma tarefa a um de seus servos, esperava que fosse cumprida, e se surgisse algum problema, esperava que lidassem com eles. O que *não* queria era ser incomodada toda vez que alguma coisa pequena desse errado. Sempre que a Morte fosse perturbada por algo trivial — e dado o que era, quase tudo era trivial para ela — não demorava para expressar seu descontentamento. Mas Daniel não via nenhuma outra escolha. Se Dippel tivesse sucesso em encarnar a Hela, por pior que fosse para os humanos na Terra, seria muito pior para ele. A Morte iria se assegurar disso.

Daniel não tinha olhos para fechar em sua prisão negra, mas se imaginava fazendo isso de qualquer forma. Concentrou-se e chamou a Morte —

— e não obteve resposta.

Daniel estava chocado. Não havia lugar na existência onde a Morte não pudesse alcançar. Todos os mundos, todos os tempos, todas as dimensões eram parte de seu domínio inconcebivelmente vasto. No entanto, a Morte não o escutou.

O que quer que aquela pedra fosse, havia sido criada por uma magia muito maior do que Daniel havia previsto. Talvez Hela houvesse participado de sua construção. Ela não era nem perto de ser tão poderosa quanto a Morte, mas como a deusa da morte (com d minúsculo), seu poder poderia facilmente contragolpear o de Daniel.

Ele estava sozinho, preso em um artefato mágico, com a própria energia prestes a ser utilizada para abrir caminho para que uma deusa nórdica da morte entrasse no mundo dos vivos. Não havia nada que pudesse fazer, exceto esperar e torcer para que os Winchester tivessem encontrado um jeito de obter êxito onde ele havia fracassado. O que não serviu de nada para melhorar seu humor.

Dean passou dirigindo em frente à casa de Catherine Luss, depois encostou o carro no lado da estrada, no acostamento. Catherine morava no campo. Não havia calçadas, e ele não queria estacionar na entrada da garagem. A última coisa que os irmãos queriam era anunciar a presença deles. Dean desligou o motor.

Então olhou para Sam.

— O que você fez?

— Eu-não-sei-o-que-você-quer-dizer. — Sam respondeu rapidamente, falando tão rápido que suas palavras se embolaram.

— Você sabe, sim. Desde que paramos naquele posto de gasolina pra você esvaziar a bexiga de todo aquele café que andou bebendo, você ficou bem acordado e cheio de energia.

Sam encolheu os ombros.

Dean notou que as pernas do irmão estavam quicando e os dedos tamborilando.

— Talvez-a-caféina-tenha-finalmente-começado-a-funcionar — Sam propôs com voz muito rápida.

— *Alguma coisa* entrou em funcionamento — disse Dean —, mas com certeza não é caféina. O que você fez? Roubou algumas pílulas estimulantes do kit médico?

Caçadores tendiam a ficar bem lesionados no trabalho, e mesmo se houvesse um hospital na área, preferiam cuidar das próprias feridas sempre que possível. Escutavam menos perguntas daquela forma. Logo, todo caçador tinha um kit com sua própria mini-farmácia. Dean imaginou que enquanto estivera ocupado comprando um lanche — tortilhas de jalapeño extrapicante e bolinhos de chocolate recheados com creme —, Sam havia pegado alguns estimulantes do kit e os tomado no banheiro.

No início, Sam olhou como se quisesse negar, mas depois suspirou.

— Você conhece as marcas de veias pretas estranhas na minha perna? Elas se espalharam.

Dean não gostou de aonde isso estava indo.

— Até onde?

— Basicamente, toda minha perna está coberta agora. Eu ainda posso andar, mas ela está completamente dormente. Se houver qualquer chance de consertar o que quer que esteja de errado comigo, está com o Dippel. Eu não posso ficar de fora dessa, Dean. Não se eu quiser sobreviver.

— Eu poderia...

— E eu *não* vou deixar você encarar o equivalente ao dr. Frankenstein do mundo real sozinho.

Dean não gostou disso. Na verdade, aquilo o irritou de forma feroz. Saber que teria feito a mesma coisa se a situação fosse a contrária não ajudava.

— A dose que você tomou foi muito grande? — Dean perguntou.

— Grande o bastante. Vamos lá antes que comece a perder o efeito.

Sam saiu do carro antes que Dean pudesse dizer qualquer outra coisa. Ele ficou sentado lá por um momento, lutando para lidar com a raiva.

— Sam, se você morrer por causa disso, eu vou forçar o Dippel a me ensinar como ressuscitar os mortos, e depois vou trazer você de volta pra que eu possa matar você de novo eu mesmo!

Soltou um longo suspiro de frustração e saiu do carro. Sam já estava com o porta-malas do carro aberto e estava se preparando. Dean se juntou a ele, com o nariz franzido por causa do fedor das roupas nos sacos plásticos. Será que havia alguma substância no planeta que pudesse conter o Frankenfedor?

Escolheram as mesmas armas que haviam carregado durante a caçada ao Duas-Cabeças. Dean armou-se com a Colt e a espingarda dos Winchester, e Sam escolheu a Beretta e a espingarda de cano duplo serrado. Cada um deles pegou um par de facas KA-BAR e alguns sinalizadores. Não tiveram a chance de usar o último contra o Duas-Cabeças, mas ainda poderiam ser úteis. Dessa vez, trouxeram algo novo, uma das peças padrão de seu equipamento que raramente conseguiam usar: um lança-chamas caseiro construído a partir de um recipiente de querosene, vários comprimentos de tubos e um botão de controle para regular a liberação do combustível. Era capaz de produzir uma chama de cerca de quinze metros de comprimento, mas o querosene não duraria para sempre, então tinham que garantir que cada explosão contasse.

Sam começou a falar, mas Dean o interrompeu.

— Dada a sua condição, não há como deixar você usar essa coisa, então nem peça.

Sam franziu o rosto, mas não protestou.

Dean deslizou as alças do lança-chamas sobre os ombros, então ficou de pé por um momento para sentir o peso dele. Carregar o lança-chamas sempre o fazia sentir como se tivesse uma bomba nas costas que estava a explodir a qualquer momento. *Divertido, divertido, divertido!*

— Mais uma vez na brecha, hein? — disse Dean.

— Para — Sam corrigiu. — A citação correta é “Mais uma vez para a brecha, queridos amigos, mais uma vez.” É do *Henrique V* de Shakespeare.

Dean suspirou. Deveria saber que não valia a pena tentar se tornar literário com Sam.

— Que tal isso? Vamos dar uns chutes em algumas Frankenbundas.

— Pode ser — respondeu Sam com um sorriso, e juntos se dirigiram para a casa.

Catherine havia anexado os eletrodos do desfibrilador externo automatizado no peito de Marshall. Normalmente, os sensores nos eletrodos enviariam dados para o computador do desfibrilador, o que determinaria se alguém estava sofrendo uma parada cardíaca súbita e exigia um choque elétrico. O computador iria então usar instruções de voz para guiar quem quer que fosse que estivesse usando o dispositivo, mas Catherine havia desativado essa função, já que era para pessoas sem treinamento médico. Além disso, no momento, Marshall não tinha batimentos cardíacos, e, portanto, não havia dados para o computador captar. Em uma situação normal, isso iria significar que o dispositivo não iria liberar uma carga, mas ela havia pagado a um reparador de computadores local um valor considerável para fazer um atalho naquelas ferramentas de segurança para ela, e para manter a boca fechada sobre isso. Este desfibrilador era de um dos modelos mais antigos e capaz de fornecer um choque de até quatrocentos joules. Modelos mais recentes davam dois choques sequenciais de apenas cento e vinte a duzentos joules, pois agora aquilo era considerado mais seguro para o paciente, mas Catherine não precisava de segurança. Precisava de uma carga forte o bastante para, assim como Conrad havia afirmado, “galvanizar

a mistura química”. Quatrocentos joules eram o bastante para fazer aquilo com o cachorro. Rezou para que fosse suficiente para Marshall.

— Eu acredito que o momento chegou — Conrad disse. Ficou junto aos carrinhos contendo os frascos de fluidos intravenosos, monitorando a quantidade de produtos químicos que haviam passado para o corpo de Marshall.

Catherine concordou. Tinha passado por este procedimento várias vezes, primeiro com ratos e depois com cachorros. Os ratos não haviam durado muito, apodrecendo em menos de um dia. Com o cachorro havia sido mais bem-sucedida, mas ele também sucumbiu à deterioração de tecido no final. Esperava que a pedra mágica de Conrad fosse fazer a diferença, mas havia somente uma maneira de descobrir.

Cada vez que passara por isso, ficou maravilhada com o quão comum tudo aquilo era. Sem geradores de Van de Graaff estalando com eletricidade, sem gargalhadas do assistente corcunda enlouquecido, sem música gótica assustadora, apenas alguns produtos químicos silenciosamente entrando na corrente sanguínea e em seguida um único botão para apertar. Trazer os mortos de volta à vida deveria ser um momento espetacular, monumental. Em vez disso, não era mais dramático do que qualquer outro procedimento médico. Claro que os resultados eram uma outra história.

Ela se aproximou do desfibrilador, disse “ativado” mais como uma precaução do que qualquer preocupação real de que Conrad pudesse estar em contato físico com o corpo de Marshall, e pressionou o botão.

Os músculos de Marshall enrijeceram e sua espinha arqueou enquanto a eletricidade percorria seu corpo. Ela inseriu um protetor bucal de plástico entre seus dentes para evitar que mordesse sua língua nova. Depois de todo o trabalho para inserir o órgão, não queria que nada acontecesse a ele. O Lapis Occultus se deslocou de sua testa, mas antes que caísse no chão, a mão de Conrad o arrebatou em pleno ar, movendo-se com velocidade inumana. Até onde ela podia ver, a pedra não fizera nada em especial, mas Conrad a segurou junto aos olhos, examinou-a e deu-se por satisfeito.

Uma vez liberada a carga, o corpo de Marshall desabou para trás na mesa e ficou de novo imóvel. Catherine sabia que o que havia testemunhado era uma ação reflexa, não qualquer sinal de vida, mas ainda não podia se permitir ser desencorajada. Só o fato de vê-lo se mover de novo após todos aqueles meses, mesmo que fosse apenas um reflexo, já enchia seu coração de alegria.

— Verifique a bateria do desfibrilador — disse Conrad. — Precisamos saber se ainda tem carga suficiente para Bekah.

Catherine não queria tirar os olhos de Marshall, mas fez o que Conrad mandou. Se ele estivesse certo acerca dos homens que estavam chegando, não havia tempo a perder. Ela verificou e viu que havia energia suficiente para mais uma carga, talvez duas.

— Está boa — disse.

Ela virou-se a tempo de ouvir Marshall soltar uma pequena quantidade de ar, a primeira em meses.

— Retire as bandagens! — disse Conrad.

Cada um deles pegou tesouras cirúrgicas e começou a remover as tiras de pano de Marshall, Conrad cortando aquelas em volta de seu peito e Catherine se incumbindo da parte da cabeça. Quando as bandagens sumiram de seu rosto, ela viu que os olhos estavam abertos e fitando-a. Ela temera que fosse ver a mesma expressão vítrea que os olhos do cachorro tinham mostrado — olhos mortos sem nenhum indício de vida ou reconhecimento neles — mas os olhos de Marshall estavam vivos e a inteligência brilhava neles. Ele murmurou alguma coisa, tentando falar pelo protetor bucal. Ela o removeu gentilmente e Marshall disse:

— Cath... rimm?

Sua voz parecia um ronco profundo e apático, ao contrário de seu tenor normal, e a boca não conseguia formar as sílabas direito, os sons eram muito suaves e sem consistência, mas era o Marshall falando. A primeira palavra que havia dito tinha sido o nome dela.

Catherine sentiu lágrimas escorrendo pelo rosto e percebeu que estava chorando.

— Sim, querido, sou eu.

Pegou a mão dele e apertou. À princípio, a mão permaneceu flácida, e temia que algo estivesse errado, mas então ele apertou de volta, um aperto forte — ainda mais forte do que ela se lembrava.

— Lamento muito ter que fazer isso, de verdade. Eu preferiria dar a vocês mais tempo para aproveitarem a reunião, mas como os britânicos dizem, “necessidades se tornam obrigação quando o diabo aparece”.

Olhou para Conrad a tempo de vê-lo segurar um pequeno envelope sobre a boca de Marshall. Um pó amarelado saía aos poucos e pairava para cobrir o rosto dele com um leve revestimento. Sem pensar, ela disparou e arrancou o envelope da mão de Conrad, mas era tarde demais. O que quer que ele tivera a intenção de fazer estava feito.

Embora os olhos de Conrad piscassem de raiva por ter sido atacado por ela, sua voz estava friamente calma enquanto falava.

— A mente dele provavelmente estará confusa durante o período pós-regeneração, e mesmo que ele estivesse no seu auge mental, levaria muito tempo para explicar a situação do momento para ele. O pó que usei vai fazê-lo obedecer-me sem questionar. Garanto que o efeito é apenas temporário.

Catherine não gostou daquilo, nem um pouco. Não gostava especialmente do uso de Conrad da palavra obedecer, como se fosse o mestre e Marshall nada além de seu escravo. No entanto, forçou-se a pensar de forma prática ao invés de emocional. Havia levado quase um dia inteiro para o cachorro se recuperar dos efeitos de ser ressuscitado. Durante aquele tempo, havia dormido a maior parte do dia. Talvez Marshall fosse se recuperar de forma mais rápida, especialmente porque haviam usado o Lapis Occultus nele, mas não podiam esperar para descobrir.

— Muito bem — disse ela. — Mas espero que você garanta que ele esteja o mais seguro possível.

Conrad sorriu.

— Claro. Ânimo. Se ele *estiver* danificado, nós iremos simplesmente repará-lo.

Ele olhou para Marshall, e seu sorriso sumiu. Removeu os eletrodos do desfibrilador do peito dele e os entregou a Catherine.

— Saia da mesa.

Marshall fez como Conrad comandou, sem se preocupar em limpar o resíduo do pó amarelo do rosto. Seus movimentos eram rígidos e descoordenados, mas Catherine sabia pelos experimentos anteriores que logo iria se ajustar ao novo corpo. Esperava que fosse logo o bastante para ajudá-lo a manter afastados os dois assassinos que Conrad garantiu estarem a caminho. Embora desejasse que houvesse tempo para colocar a algumas roupas nele. Ela não gostou da ideia de mandá-lo à luta nu, mas não havia nada a ser feito quanto a isso agora.

Talvez isso não irá importar para ele, ela pensou. *Talvez ele seja como um recém-nascido, inocente e sem vergonha.*

— Fique ali. — Conrad apontou para os degraus do porão. Depois de uma hesitação de segundos, Marshall percorreu os degraus e ficou ali, com uma expressão em branco no rosto.

Catherine não aguentava vê-lo parecer daquela forma. Não trouxera seu marido de volta a vida para tornar-se uma máquina sem mente.

Antes que pudesse protestar, Conrad disse:

— Rápido. Devemos preparar a Bekah. Infelizmente, você terá que executar o procedimento sozinha, minha querida, mas acredito que seja mais do que capaz.

Catherine não tinha certeza quanto àquilo, mas se fosse uma escolha entre trazer Bekah de volta sozinha ou assistir enquanto o corpo da filha era destruído por esses chamados caçadores, então realmente não tinha nenhuma escolha.

— Vamos levar ela pra mesa — ela disse.

Sam não tinha certeza de que ter tomado os estimulantes havia sido uma boa ideia. Seu coração estava acelerado, e a pele brilhante de suor. Pior, sentia o pulso irregular, manchas negras dançavam em sua visão, e não conseguia sentir a perna direita por completo. Não estava nem entorpecida. Simplesmente sentia que ela não estava lá. Teve que concentrar-se ainda mais em cada passo que dava para garantir que não caísse. O inferno daquilo era que ele *ainda* se sentia cansado. Não cansado de sono, mas fisicamente exausto, como se seu corpo estivesse à beira de um colapso. Para piorar as coisas ainda mais, havia começado a alucinar. Nada de mais ainda, somente meias imagens fantasmagóricas de formas estranhas que não conseguia identificar, mas sabia por experiência própria que as alucinações logo iriam se intensificar, e quando aquilo acontecesse, não iria ser capaz de diferenciar o que era real e o que não era. O que seria responsável por causar a morte tanto dele quanto do irmão.

Vamos, Sam, disse a si mesmo. *Apenas tente se manter inteiro mais um pouquinho...*

Um dos benefícios da residência de Luss ser situada fora da cidade era que não havia vizinhos para chamar a polícia e denunciar um par de homens armados se esgueirando para os fundos da casa. Uma desvantagem era a quantidade de árvores no quintal, ou melhor, todas as folhas que haviam caído delas. Parecia que a dra. Luss tinha estado muito ocupada atuando como cientista maluca para fazer qualquer trabalho no quintal, e sua propriedade estava coberta de folhas marrons, amarelas, vermelhas e — acima de tudo — *quebradiças*. Sam e Dean tiveram que se movimentar com cuidado para se certificarem de que não fariam muito barulho, mas alguns ruídos eram inevitáveis. Deveriam torcer para que quem quer que estivesse lá dentro se achasse ocupado demais para prestar atenção em qualquer som que viesse de fora, ou que, se escutassem algumas folhas sendo esmagadas, iriam culpar esquilos ou veados. Estava anoitecendo e a luz fraca os ajudaria a escondê-los de alguma forma, mas não tanto quanto se houvesse anoitecido totalmente. Haviam debatido sobre esperar até a escuridão para se aproximar da casa, mas dado o fato de que Dippel poderia estar se preparando para sair da cidade o mais rápido possível, tinham decidido que não podiam fazer isso. Teriam que confiar nos dois melhores amigos de um caçador: surpresa e muita sorte.

Sam começou a tremer, mas, embora o ar estivesse gélido, sabia que o frio vinha de dentro. Se pudesse se examinar sem roupas em frente a um espelho de corpo inteiro no momento, até onde veria que a infecção se espalhou? Em seu estômago? Talvez até o pescoço? Quanto tempo ele tinha até a mancha escura dentro dele se espalhar a ponto de seu corpo não poder mais funcionar? Ele não fazia ideia, mas se fosse tirar uma soneca eterna depois dessa caça, queria pelo menos vê-la até o final. Devia a Dean muito mais do que aquilo, mais do que poderia pagar, mas teria que ser bom o bastante, pois poderia ser tudo o que lhe restava.

A família Luss tinha um deque na parte traseira de sua casa, com uma mesa de piquenique em uma extremidade e uma grelha a gás ao lado de uma porta de terraço. Sam se perguntou quando foi a última vez em que todos os três — Catherine, o marido e a filha — se sentaram lá e fizeram uma refeição, conversando, rindo, curtindo estar na presença uns dos outros. Como foi para Catherine voltar para o lar e encontrá-lo vazio depois de um longo dia vendo seus pacientes? Será que havia olhado através da janela da sala para a mesa de piquenique, talvez até pisado lá fora e se sentado por alguns minutos, chorando e lembrando? Não é de surpreender que Conrad Dippel a escolhera como seu Igor final. Com a tristeza que ela estava carregando, estaria no ponto para sua manipulação psicológica.

Os irmãos andaram lado a lado, tão perto que, quando Dean sussurrava, Sam não tinha problemas em escutá-lo.

— Eu vou pela porta da sala. Você fica lá fora caso alguém tente fugir.

— Eu acho que não — Sam sussurrou de volta. — Estou perfeitamente capaz de entrar com você, e já

que não sabemos se há mais Franken-vira-latas ou Duas-Cabeças juniores lá, você vai precisar de apoio.

Dean não parecia feliz com aquilo.

— Tudo bem. Mas você não está na sua melhor forma agora e você sabe disso. Então se...

Dean foi cortado pelo som de vidro quebrando enquanto um homem nu arrombava a porta da sala. Cacos de vidro espalhados pelo deque e gotas grossas de sangue de cortes frescos nas mãos e antebraços do homem tamborilavam na madeira.

Dean olhou para Sam.

— Ele pode estar pelado, mas pelo menos não tem nenhuma parte do corpo a mais.

— Verdade.

Dippel, vestido formalmente com um terno cinza e gravata, passou pela abertura na porta da sala para o deque.

— Minhas desculpas — ele disse, com a voz carregando um toque de sotaque alemão. — Parece que o sr. Luss ainda não se lembrou da maneira correta de abrir uma porta.

— O cara pelado é o marido da doutora — comentou Sam.

— E parece que conseguimos chegar aqui antes que Dippel saísse da cidade — Dean respondeu.

Luss ficou parado no deque, olhando para eles sem expressão. Parecia mais um clássico zumbi vodu — do tipo que era ressuscitado para servir como um servo insensato de um houngan — do que uma criação Frankensteiniana. Então, novamente, quando Sam olhou mais de perto, conseguiu ver as linhas de cicatrizes onde o NuFlesh havia sido usado para juntar várias partes do corpo, e, embora fossem combinações próximas, não eram exatas. A perna direita era ligeiramente mais longa do que a outra e havia mais pelo, enquanto o braço esquerdo era mais fino que o direito, a pele era um ou dois tons mais escuros. Enquanto Sam observava, uma energia escura se reunia em torno dos braços de Luss, assim como havia visto com o Duas-Cabeças.

— Você está vendo aquilo? — perguntou a Dean.

— Vendo o quê? O Frankenpinto do cara pendurado? E, a propósito, se a esposa juntou ele de novo, você acha que ela teria dado a ele um pouquinho a mais nesse departamento, se você entende o que quero dizer?

Dean olhou para o ressuscitado sr. Luss.

— Nada pessoal! — gritou.

— Ele tem a mesma habilidade de drenar a força vital que o Duas-Cabeças tinha — disse Sam.

— Visão de morte? — Dean perguntou.

Sam assentiu com a cabeça.

— Ok. Dica de segurança importante. Obrigado. — Dean deu um passo à frente e se dirigiu a Dippel.

— Você está vendo que estamos armados, certo? Então antes que qualquer um de nós vá e faça algo estúpido, vamos conversar.

Sam olhou de relance para o irmão. *O que você está fazendo?* Ele pensou.

Dippel sorriu.

— Como é que vocês americanos falam? Nós não negociamos com terroristas. — Voltou-se para Marshall Luss. — Mate-os.

O homem começou a ir em direção a eles, ignorando os cacos de vidro no deque. Cortou os pés e deixou pegadas de sangue em seu rastro, mas os machucados não pareciam causar mais dor do que os cortes nas mãos e braços causavam.

Dean encaixou a espingarda no cotovelo, pegou um sinalizador do bolso da jaqueta, puxou a tampa, e o acendeu. Uma chuva de faíscas avermelhadas emergiu violentamente da ponta do sinalizador. Dean deixou a tampa cair e, com a espingarda ainda encaixada, segurou o sinalizador ardente diante dele e começou a andar em direção ao deque.

Marshall parou na beira do deque, sangue que estava pingando das mãos se acumulava sob os pés

tritutados. A energia escura que estava sendo construída em torno de suas mãos enfraqueceu e desapareceu. Uma expressão finalmente cruzou seu rosto. Era uma de medo.

— Fogo mau — disse Dean.

— De fato — Dippel comentou secamente. — Eu pensaria que isso é válido em dois sentidos, em seu caso, considerando que você carrega um recipiente de líquido inflamável nas costas.

— O que posso dizer? Eu sou apenas um cara que gosta de viver no limite.

Dippel observou Dean por um momento, avaliando-o, Sam pensou, tentando determinar o quão perigoso ele era. Evidentemente, perigoso o bastante, pois Dippel disse:

— Sobre o que você queria falar?

— Meu irmão foi mordido pelo seu cachorro e pegou algum tipo de Frankenraiva. Você vai curar ele.

Dippel arqueou uma sobrancelha.

— É mesmo? E por quê, me explique, por favor, eu faria algo tão claramente contra meus próprios interesses?

— Porque se você fizer isso nós vamos deixar você ir.

Sam não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Você é louco?

Dean o ignorou.

— E tem mais uma coisa.

Dippel riu.

— Você é ousado, não é? Muito bem, o que é?

— Precisamos de uma arma.

Sam não gostou de aonde isso estava indo.

— Dean, não podemos fazer isso. Nós dois fizemos negociações que não deveríamos ter feito, com forças que não deveríamos, e nunca terminou bem.

Dean manteve o olhar focado em Dippel.

— Você já ouviu falar sobre os Leviatãs?

Os olhos de Dippel se estreitaram.

— Eu me deparei com alguns conhecimentos sobre eles no meu tempo.

— Bem, eles são reais e estão soltos na Terra. Meu irmão e eu estamos determinados a deter eles antes que transformem o planeta em seu rodízio pessoal, mas, para fazer isso, vamos precisar de um poder de fogo de verdade. Algo como aquele lagarto de fogo que você usou para nos atacar no hotel.

— Então, se eu curar seu irmão e der-lhe a arma, você simplesmente me permitirá partir de Brennan... e você não tentará me caçar mais tarde?

— Ah, cedo ou tarde vamos atrás de você — Dean disse. — Supondo que os Leviatãs não façam de nós uma refeição. Mas isso está no futuro. O que estamos falando agora é o que vai permitir que você viva tempo suficiente pra sair da cidade.

— Devo admitir que é uma oferta intrigante.

Dippel aparentava como se pudesse estar levando aquilo em consideração, mas o medo de Marshall do sinalizador parecia estar enfraquecendo. Aproximou-se da borda do deque e a energia negra começou a girar ao redor de seus braços novamente. Ele não parecia mais com medo. Parecia estar com raiva.

Isso, pensou Sam, é um papo furado.

Ele passou a arma de cano serrado para a mão esquerda, sacou a Beretta, apontou para Marshall Luss e atirou.

QUATORZE



Catherine estava ao lado do desfibrilador, com o dedo preparado sobre o botão de ativação. A cabeça e peito de Bekah estavam enrolados com força nas tiras de tecido tratado, e o resto do corpo parecia completo e com todas as partes no lugar. As agulhas de fluidos intravenosos haviam sido inseridas em várias junções e haviam levado os produtos químicos para o sistema vascular e os sensores do desfibrilador tinham sido anexados, um na parte superior do tórax e outro na parte inferior. A carne dela não mostrava nenhum sinal de deterioração, e as cicatrizes de NuFlesh estavam menos visíveis nela do que em Marshall. Catherine sabia que era sexista da parte dela, mas tomara mais cuidado com Bekah do que com Marshall porque pensou que a questão das cicatrizes importaria mais para uma mulher jovem do que iriam para um homem de meia idade. Não pensou que Marshall iria se incomodar com aquilo.

Ela pulou quando ouviu o som distante de vidros se estilhaçando.

Começou.

Sabia que devia ativar o desfibrilador, mas hesitou. Havia administrado os produtos químicos intravenosos nas dosagens certas? Posicionou o Lapis Occultus corretamente na testa de Bekah? Havia dito a Conrad que restava bateria suficiente para operar o desfibrilador, mas e se tivesse calculado mal? E se tivesse cometido um erro em algum lugar ao longo do caminho? O menor erro poderia afetar negativamente o resultado, e se o procedimento não funcionasse, se Bekah não retornasse à vida, Catherine temia que talvez não tivesse outra chance. Não importaria se Marshall e Conrad derrotassem os caçadores, não se o corpo de Bekah ficasse tão danificado devido à sua incompetência que não pudesse ser recuperado. Bekah morreria uma segunda morte antes que pudesse ser renascida e, depois disso, a ressurreição não seria mais possível.

Catherine sentiu a temperatura no porão cair, como se o condicionador de ar central tivesse sido ligado e o termostato ajustado para “frio como gelo”. Sombras se juntaram em todos os cantos da sala, deslizando através do chão na direção dela como se fossem serpentes negras sinuosas. Observou com uma mistura de espanto e temor enquanto as sombras se fundiam e formavam um redemoinho de escuridão. Um momento depois, uma figura surgiu da massa de ébano, uma mulher com pele branca como mármore que vestia as sombras ao seu redor como uma capa noturna. Seus olhos eram obsidianos e sólidos, e os lábios vermelhos e brilhantes como uma borrifada arterial. Ela era o ser mais bonito, masculino ou feminino, que Catherine já havia visto.

A boca da mulher não se movimentou, porém Catherine a ouviu falar.

Não tenha medo, minha filha. Seu trabalho tem sido exemplar. Este corpo é tanto lindo quanto forte, e com a ajuda do Lapis Occultus, deverá conter todo o meu poder sem efeitos desfavoráveis. Isto será o recipiente perfeito. Tudo o que você precisa fazer é liberar o pequeno relâmpago, e sua filha não somente vai respirar de novo, ela irá de fato ser renascida, tornando-se algo muito além do que você jamais tenha sonhado ser possível.

A voz era fria, mas hipnótica, um vento de inverno sussurrando através de uma planície coberta de neve na calada da noite. Catherine sentiu-se obrigada a obedecer, e se notou o uso da palavra recipiente

pela mulher, não se incomodou com isso. Ela sorria enquanto olhava fixamente para as ilimitadas profundidades escuras dos olhos da mulher e pressionou o botão do desfibrilador.

Dean viu uma névoa de sangue saindo do ombro direito de Marshall Luss no mesmo instante em que escutou o estalo da Beretta de Sam disparar. Não sabia com o que estava mais irritado, com o fato de Sam ter atirado antes que pudesse negociar um acordo com Dippel, ou por ter perdido a chance de causar qualquer dano real a Marshall.

A mira dele está ruim porque está muito doente, Dean pensou. *Que inferno, ele provavelmente tem sorte de ainda ter força suficiente pra segurar a maldita arma e apertar o gatilho*. Levando tudo aquilo em consideração, supôs que não foi um tiro tão ruim afinal de contas. Ainda assim o irritou, e não lhe deixou muita escolha sobre o que fazer em seguida.

Arremessou o sinalizador na direção de Marshall e, antes que pudesse acertá-lo, mudou a Winchester para uma posição de disparo e mandou bala.

Marshall levantou as mãos para proteger o rosto e deu um passo para trás enquanto a labareda acesa caía em sua direção. Seus pés ainda estavam escorregadios por causa do sangue, e foi isso que salvou sua vida — ou não vida, como podia ser o caso. Os pés deslizaram para fora por baixo dele e o fizeram cair para trás exatamente no momento em que Dean disparou a espingarda. Marshall bateu com força no deque, cacos de vidro se alojando em suas costas. O sinalizador atingiu o deque, quicou algumas vezes, então rolou até parar a quase dois metros dele. A madeira embaixo da ponta ardente se tornou negra e começou a queimar. Marshall pôs-se de pé e apontou para o sinalizador.

— Fo-gu! — gritou. — Fo-gu!

Soou como se tivesse quatro anos de idade, talvez menos ainda. Ouvir uma tentativa hesitante de linguagem sair da boca de um homem adulto encheu Dean tanto de pena quanto raiva. Por mais que odiasse monstros, via a maioria deles como não muito diferente dos animais. Faziam o que faziam porque era sua natureza, mas por se alimentarem de seres humanos que não acreditavam neles e não faziam ideia de como se defender, caçadores como ele e Sam — e Bobby e seu pai — tinham que matá-los. Demônios eram uma história diferente, é claro, e nem comece a lembrá-lo dos malditos anjos! Mas o pobre filho da puta reanimado do Marshall Luss não havia pedido para se tornar uma *coisa* morta-viva, e ainda estaria descansando em paz se não fosse pelo Conrad “Apenas me chame de alquimista louco” Dippel. Ele era o verdadeiro monstro.

— Sabe, Sam, faz um tempo desde que fizemos um bom churrasco à moda antiga.

Ele derrubou a Winchester no chão, assumiu o controle do lança-chamas e começou a correr em direção ao deque. Embora a corrente de fogo tivesse um alcance de cinco metros, ele queria ficar bem perto antes de liberar o inferno para que pudesse fazer com que cada lambida de fogo contasse. Podia ouvir querosene espirrar enquanto corria, e não podia esperar para esvaziar todo o maldito recipiente em Dippel.

Dippel parecia menos que impressionado com o ataque de Dean. Colocou a mão no bolso da calça, tirou dele um punhado de pó e o jogou nas chamas, rosnando algumas palavras ásperas que Dean supôs serem em alemão enquanto as escutava. O pó se transformou em água em pleno ar e respingou nas chamas, ensopando tanto ele próprio quanto as chamas ao redor dele.

Dippel virou-se para encarar Dean, levando a mão ao bolso em busca de mais pó.

Dean parou abruptamente a um metro de Dippel, levantou o bocal do lança-chamas e apertou o botão.

— Chamas acesas! — gritou.

Uma corrente de fogo foi disparada do bico do lança-chamas e se curvou em direção a Dippel conforme o alquimista lançava a chuva de pó e gritava mais palavras em alemão. Mas Dean não estava mirando diretamente em Dippel. Em vez disso, apontou para o deque, em torno dos pés de Conrad, pisando para o lado enquanto disparava para evitar o pó — agora água — vindo em sua direção. Líquido flamejante espirrou sobre o deque, fazendo com que Marshall gritasse de terror e pulasse para o quintal para se afastar do “Fo-gu”. Dean lidaria com ele mais tarde. Agora, seu principal objetivo era fritar um pequeno Dippel empanado para ele.

No entanto, havia esquecido que o pó-que-se-transformava-em-água era de origem mágica, e que em vez de espirrar inofensivamente no chão, mudou de trajetória no ar e se curvou em direção ao bocal do lança-chamas. Antes que Dean pudesse reagir, a água atingiu o bocal e entrou por dentro dele, movia-se como se estivesse viva. O fogo cessou de uma só vez, e embora Dean tivesse apertado o botão de liberação várias vezes, tudo o que saiu foram correntes finas de líquido visivelmente não flamejante. As chamas que ele já havia acendido no deque estavam se espalhando, mas nenhuma havia chegado a Dippel ainda, e o alquimista estava trabalhando duro usando mais de seu pó de água mágico para apagar o fogo.

Grande tocha humana que você acabou se tornando, Dean pensou.

Captou movimento com o canto do olho e se virou a tempo de ver Marshall Luss correndo em sua direção, com as feições contorcidas formando uma máscara de raiva, mãos sangrentas esticadas, dedos enrolados em forma de punhos.

— Fo-gu mau! — Ele berrou. — Você mau!

— Sam? Uma ajudinha?

Nenhuma resposta. O intestino de Dean se contorceu com um sentimento frio e nauseante, olhou por cima do ombro e viu Sam deitado no chão, ainda segurando a Beretta, olhos fechados, corpo imóvel. Dean não sabia dizer se o irmão ainda estava respirando, mas não podia perder mais tempo lutando. Ele precisava da ajuda de Dippel.

Marshall bateu nele com toda a ferocidade de um jogador de futebol americano profissional. O homem ressuscitado envolveu os braços em torno de Dean enquanto batia nele, e o impacto levou os dois até o chão. Dean tentou se esquivar do aperto de Marshall enquanto caía, mas o homem era forte demais — provavelmente bem mais forte do que havia sido em vida — e não conseguiu se libertar. Os pulmões de Dean se esvaziaram quando bateu no chão. Em outras circunstâncias, Dean poderia ter achado mais do que um pouco estranho ter um homem nu deitado sobre ele, mas naquele momento tinha preocupações maiores. Quanto mais tempo levava para ajudar Sam, maior a chance do irmão morrer. Seus pensamentos estavam apressados enquanto tentava desesperadamente pensar em uma maneira de se libertar dos braços de ferro do homem. Então, sentiu um efeito de drenagem familiar, como se a vida estivesse sendo sugada para fora dele. Lembrou-se de Sam lhe dizendo que Marshall tinha a mesma capacidade de drenar força vital do Franken-vira-lata e o Duas-Cabeças. Se ele não se afastasse de Marshall rápido, seria sugado até ficar mais seco do que uma caixa de suco em um parque infantil deserto ao meio dia em ponto. Dean se debatia e chutava, mas nada ajudava, e já podia se sentir cada vez mais fraco. Mais alguns momentos e acabaria. Seu pior pesadelo teria se tornado realidade. Não teria cumprido o encargo que o pai lhe dera tantos anos atrás: cuidar do irmão mais novo. Mais do que isso, não teria conseguido matar aquele tubarão terrestre e viscoso do Dick Roman e vingar a morte de Bobby.

Parece que vou me juntar a você no Terra dos Caçadores Felizes, seu velho resmungão, Dean pensou. *Espero que você tenha tomado uma gelada enquanto me esperava.*

Ele continuou lutando, mas estava ficando mais difícil de se mexer. Seria muito mais fácil deitar, fechar os olhos e permitir-se desaparecer. Nada mais de mortes, nada mais de sentir-se como se estivesse carregando o maldito mundo inteiro nas costas, como se a vida de todos dependesse de ele não pisar na bola. De várias formas, a morte viria como um alívio. Tudo que tinha que fazer era parar de lutar...

— Pare!

A voz de uma mulher. Não, a de uma menina adolescente.

Dean sentiu imediatamente a sensação de drenagem parar. Marshall o soltou e se levantou. Dean estava muito fraco no momento para fazer qualquer coisa além de ficar deitado onde estava e assistir.

Dippel se ajoelhou no deque queimado, com a cabeça inclinada. Uma mulher que Dean presumiu ser Catherine Luss estava ao lado dele, olhando com adoração para uma menina de cabelos castanhos e descalça vestida com uma camiseta e calça jeans, ambos pretos. Na camiseta, em letras brancas: *eu só vou vestir preto até que eles façam alguma cor mais escura*. Com a mão direita, a menina segurava uma pedra azul escura.

Olhou para Dean.

— Me desculpe. Eu estaria aqui mais cedo, mas insisti em encontrar algo pra vestir primeiro. Você gostou? — Rodopiou para mostrar a roupa. — Pros nórdicos, a cor preta simbolizava novos começos, assim como a noite anuncia o nascimento do dia, e o inverno o nascimento do verão. Achei apropriado considerando que hoje é o dia do *meu* nascimento, de certa maneira.

Nórdicos? Dean pensou. Então registrou a maneira como Dippel estava ajoelhado diante dela, como se fosse um tipo de...

Ele gemeu enquanto se esforçava para ficar sentado.

— Não me diga que estamos lidando com outro maldito deus! Eu estou tão cansado de vocês! Vocês não são nada além de monstros metidos com ilusão de grandeza.

A menina se eriçou, mas manteve a compostura.

— Eu sou Hela. Com um L só. Os Vikings me adoravam como a materialização da morte.

— Bem, os Vikings eram idiotas então, porque eu conheci a Morte com M maiúsculo, senhora, e acredite em mim, você não é ela. Mas você também não é uma menina adolescente, é? Você está apenas usando a filha da médica como um traje de carne. Também já vi esse truque antes.

Dean ainda se sentia fraco como um gatinho meio afogado, mas podia sentir as forças retornando de pouquinho em pouquinho. Queria manter Hela conversando para dar mais tempo a si mesmo para se recuperar. Olhou para Marshall. O Frankenmarido da doutora ficou de pé, encarando Hela com uma expressão vazia no rosto. Dean se perguntou se havia restado parafusos suficientes na *cabeza* do homem para reconhecer a filha e, se tivesse, se em algum lugar dentro de sua mente estava gritando de raiva pelo que havia sido feito com ela. Não que a boa senhora doutora parecesse chateada. Do jeito que estava olhando com a expressão radiante para a deusa, parecia que estava pronta para se juntar à Primeira Igreja de Hela, ser batizada e se candidatar a Papa.

Olhou para Sam, mas não viu nenhuma mudança. Ainda estava deitado lá, inconsciente ou pior. Dean não sabia se ele podia fazer um acordo com Hela, mas apesar do aviso de Sam contra fazer pactos com poderes das trevas, ele tinha que tentar. A vida do irmão dependia disso.

Estava tentando pensar em um bom papo de vendedor quando Hela se virou para Conrad e botou a mão na cabeça dele.

— Você pode olhar para mim, meu melhor e mais leal servo.

Retirou a mão e Conrad, tremendo, ergueu a cabeça para olhar para ela. Não fez nenhum movimento para ficar de pé.

— Minha senhora. Você é mais bonita do que jamais poderia ter imaginado. — Lágrimas de alegria escorreram pelas bochechas dele. — Vê-la encarnada em carne que não irá definhando antes do seu poder das trevas é a realização de um sonho que carreguei durante três séculos, desde o primeiro dia em que ouvi sua voz, ainda criança, no Castelo Frankenstein.

Ela sorriu carinhosamente para ele.

— Fui até muitos outros antes de você, Conrad, mas os seus ouvidos foram os únicos que escutaram, a única mente brilhante o bastante para entender o que eu precisava, e o único coração firme o bastante para encontrar a coragem de continuar lutando por todos esses longos anos. E agora, aqui estamos.

— Sim, minha senhora. Nunca irei conhecer momento melhor do que este.

O sorriso de Hela se tornou frio.

— Isso é verdade.

Ela apontou a pedra para ele, e um raio de energia cor de ébano foi disparado à frente e o golpeou no peito. Ele endureceu, e seu corpo começou a envelhecer em um ritmo acelerado, os séculos alcançando-o em um segundo. A carne enrugada tornou-se seca como pergaminho, e apertou-se contra os ossos. O cabelo transformou-se em fios brancos que se afastaram do couro cabeludo com sardas e caiu, deteriorando-se até não restar nada antes que pudesse bater no deque de madeira. Os olhos se afundaram em seu crânio e desapareceram, e os lábios recuaram dos dentes criando um sorriso sinistro. Ele caiu de lado, e o que restou de seu corpo ruiu até virar pó. Um momento depois, aquilo também tinha sumido, e tudo o que restou de Conrad Dippel, o alquimista insano que havia inspirado uma das mais famosas novelas de terror na língua inglesa, assim como séries de filmes, era um terno vazio.

— Por que você fez isso? — Dean exigiu saber. — Não que eu fique muito sentido por ver ele sumir, mas é uma péssima maneira de compensar trezentos anos de devoção. O mínimo que você poderia ter feito é ter dado a ele um relógio de ouro ou alguma coisa.

Hela deu de ombros.

— Ele era uma ferramenta que tinha terminado de usar, então descartei ele. Precisava de alguém para servir como meu agente no mundo físico, mas agora que tenho um corpo adequado, não preciso de ninguém além de mim mesma.

Hela continuou a encará-lo enquanto falava, logo não enxergou o olhar no rosto de Catherine Luss, mas Dean viu. A adoração desapareceu, substituída por confusão. *Não entra na cabeça da mamãe o que a garotinha dela acabou de fazer*, ele pensou. Se Hela continuasse assim, não iria demorar muito para que o feitiço que havia lançado sobre a doutora se quebrasse. Uma vez que aquilo acontecesse, ela estaria suscetível a ser atacada por aquela pedra azul esquisita de Hela e acabar como Dippel.

Dean não estava perto de estar com a força completa de novo, mas pensou que talvez estivesse forte o bastante.

— Sabe, eu ia tentar fazer um acordo com você para salvar a vida do meu irmão, mas sinto que você não é realmente do tipo que negocia.

— Você está certo. Se eu quero algo, eu tomo. — Sorriu. — Foi uma das razões pelas quais os Vikings gostavam tanto de mim. Eles pensavam como eu.

— Era isso que eu imaginava. Nesse caso... — Dean sacou a Colt, mirou na pedra e disparou.

Sam ficou à margem de um vasto oceano escuro. A água parecia tinta, o chão debaixo de seus pés lembravam cinzas pretas. Havia fragmentos de ossos de marfim espalhados, a maioria irreconhecíveis, mas Sam viu vários crânios, mãos e pés. O céu era um toldo de sombra turva que se esticava de um horizonte ao outro, mas apesar da completa falta de iluminação, não tinha dificuldades para ver. Ondas rolavam sobre a margem, movendo-se espessa e lentamente, mais como alcatrão do que água, e quando quebravam faziam um som como lixa raspando carne diretamente.

A última coisa que lembrou foi de dar um tiro em Marshall Luss. Depois disso, nada.

— Eu estou morto? — perguntou-se em voz alta.

— Quase.

Sam virou-se e viu um homem parado ao lado dele. Parecia estar com trinta e poucos anos, com cabelo curto e loiro, e um rosto simpático e delicado. Ele estava vestindo uma camisa de botão azul-

claro e uma calça azul-escuro, e embora Sam nunca o tivesse visto claramente antes, sabia quem ele era.

— Você é a figura de sombras que tenho visto.

O homem concordou.

— A infecção que você adquiriu com a mordida do cachorro de caça de Dippel tornou isso possível.

Mas você já sabe disso.

— O que você é? Um Ceifeiro?

— Sim.

— Então eu *estou* morto. — Sam analisou a paisagem surreal ao redor deles. — Eu tenho que dizer, eu estive morto antes, e não me lembro de ser nada parecido com isso.

— A infecção combinada com a quantidade de estimulantes que você tomou emitiu uma tensão grande demais para o seu corpo. No entanto, como eu disse, você está *quase* morto. Isso... — Abriu os braços. —... é uma construção do seu subconsciente. E um dos mais teatrais, diga-se.

— Então você está aqui para me guiar pra vida após a morte. Eu suponho que não haja alguma maneira de persuadir você a não fazer isso?

— Eu vim pra levar você pra longe daqui, mas nosso destino não é a eternidade. Nós dois temos negócios inacabados no reino dos vivos.

— Dippel — disse Sam.

— Não mais. Ele foi... liquidado. Infelizmente, a criatura que ele trouxe pra existência material é uma ameaça muito mais perigosa do que ele jamais poderia ser. Ela é Hela, a deusa nórdica da morte, e está usando o corpo de Bekah Luss como receptáculo. Fui preso no Lapis Occultus, mas seu irmão me libertou, permitindo que eu viesse a essa paisagem mental que você criou pra trazê-lo de volta. Posso fazer seu espírito retornar pro próprio corpo e até mesmo neutralizar a infecção necro-mística que quase destruiu você, mas além disso não posso oferecer ajuda. Hela é muito poderosa pra eu enfrentar diretamente, especialmente devido ao fato de que Dippel usou uma parte do meu próprio poder pra ressuscitar Marshall e Bekah. — O homem abaixou o olhar até o chão cinzento. — Minha capacidade de agir no mundo físico está limitada, e tinha esperanças de... usar você e seu irmão pra me ajudar a parar Dippel. Se eu pudesse ter pensado em qualquer outra forma...

Sam não compreendeu tudo o que o Ceifeiro disse, mas conseguiu entender o essencial.

— Não se preocupe com isso. Você estava fazendo o seu trabalho, assim como nós estávamos fazendo o nosso. Então, algum conselho pra quando eu voltar?

— Só tenho permissão pra devolver você à vida dessa vez por causa do poder particularmente antinatural que trouxe você até o limite da morte. Então, meu conselho é, não morra de novo.

Sam sorriu de forma sombria.

— Vou fazer o melhor que puder.

Sam abriu os olhos. Sentia-se melhor do que tinha se sentido em dias, bem acordado, cheio de energia, como se tivesse simplesmente acordado depois da melhor noite de sono que já tivera. Ainda estava segurando a Beretta, e a apertou com força enquanto levantava a cabeça levemente para examinar a cena. Dippel se foi, não havia nada além de um conjunto vazio de roupas para indicar que havia existido. Uma adolescente que presumiu ser Bekah Luss — ou pelo menos seu corpo — estava parada no deque, apertando a mão direita contra o peito com uma expressão venenosa de raiva no rosto. Espalhados perto de seus pés havia fragmentos de uma pedra azul escura. Os restos do Lapis Occultus, ele presumiu, seja lá o que aquilo fosse. Catherine Luss estava perto da criatura que agora usava a forma de sua filha,

parecendo perdida e confusa. Dean estava se levantando, a menos de seis metros de distância de Sam, encarando Marshall Luss. Ele estava com a Colt preparada e apontada para o homem, mas Marshall parecia não se importar. Ele rosou como um animal, mas embora seus olhos ardessem de fúria, ele não se moveu para atacar Dean. As mãos e os braços do homem não estavam mais envoltos com energia cor de ébano — ou melhor, Sam já não podia mais vê-la. O Ceifador tinha sido fiel à sua palavra. A infecção desapareceu, mas também a sua visão de morte. Ele havia presumido que Marshall ainda era capaz de drenar força vital, o que significava que tinham que mantê-lo à distância, fora do alcance do braço dele.

Sam captou todos os detalhes em um instante, juntamente com uma mais uma coisa: ninguém havia notado sua restauração para a terra dos vivos.

Me desculpe por isso, Bekah, pensou. Sentou-se e em um movimento rápido levantou a Beretta e atirou.

A cabeça da menina foi jogada para trás quando a bala penetrou em seu crânio. Catherine Luss gritou “Não!” e correu para o lado da filha. Mas Bekah não caiu. Ela levantou a cabeça e apontou o olhar para Sam, com um fio de sangue preto escorrendo do novo buraco em sua testa.

— Parece que você se recuperou de forma notável, menino. Me pergunto se teve ajuda.

Ela estendeu a mão e a bala saiu do buraco e pousou em sua palma. Pensou por um momento antes de virar a palma da mão para baixo e deixá-la tilintar sobre o deque.

— Este corpo foi criado pra ser forte, e agora que está imbuído do meu poder, não pode ser danificado de formas tão simples. Você não pode me parar, caçador. Meu novo servo vai sugar a essência de vida de vocês dois, depois vou animar suas cascas e fazer de vocês os primeiros recrutas no meu exército dos mortos.

Dean não tirou os olhos de Marshall enquanto disse:

— Bom tiro. É bom ter você de volta.

— Bom estar de volta. Então nós temos outro deus canalha em nossas mãos, hein?

— Você consegue acreditar nisso? As malditas coisas estão se arrastando para fora da madeira que nem baratas.

— E parece que ela planeja conquistar o mundo — Sam acrescentou.

— É. Grande surpresa. Você já se perguntou se esses palhaços realmente pensam no que eles fariam com o mundo quando conseguissem conquistar ele? É um lugar bem grande.

— Vai ser realmente uma merda pra manter ele limpo. — Sam disse.

As feições de Bekah franziram com a raiva de Hela.

— Não permitirei tamanha zombaria. Marshall, mate os dois.

— Homens maus! — Marshall grunhiu, e então começou a ir em direção a Dean, com as mãos levantadas. Embora Sam já não pudesse mais vê-los, sabia que a energia negra de morte irradiava deles.

Dean parou com a brincadeira. Disparou a Colt duas vezes, colocando uma bala em cada uma das pernas de Marshall. O homem não parecia incomodado pelas feridas, mas suas pernas desmoronaram por baixo dele, fazendo-o esparramar-se no chão. Dean guardou a Colt na calça e se apoderou do lança-chamas.

— Essa parada pode estar diluída, mas aposto que ainda tem uma faísca ou duas sobrando nele. — Puxou o botão de liberação e bombeou várias correntes de líquido em Marshall. O homem apertou os olhos e gaguejou enquanto o querosene diluído jorrava em seu rosto. Ele lutou para se levantar, sangue derramando das feridas frescas nas pernas. Dean liberou o bico do lança-chamas e removeu um sinalizador do bolso da jaqueta. Puxou a tampa de ataque, acendeu-o e jogou o sinalizador flamejante em Marshall.

As chamas irromperam ao longo de todo o corpo do homem, e embora ele não tivesse parecido afetado pelos ferimentos das balas, essa foi uma dor que ele não conseguiu suportar. Soltou um uivo lancinante de pura agonia.

— Oh, meu Deus! — Catherine berrou. — Marshall!

Ao ouvir a voz da esposa, Marshall cambaleou e balançou na direção do deque. Qualquer diferença que o Lapis Occultus tivesse feito na ressurreição do homem, não o fez ser menos inflamável que as outras criações de Dippel. Em poucos segundos, Marshall havia se transformado em uma fogueira móvel, chamas rugindo e estalando, fumaça gordurosa subindo ao céu, enchendo o ar com um cheiro de carne queimando que embrulhava o estômago. Gritou em agonia mais uma vez antes de perder a voz, destruída pelo fogo.

Catherine tentou ir até ele, mas Hela agarrou seu braço e a deteve.

Ela lutou para se soltar da criatura que habitava o corpo da filha.

— Me solta! Sou uma médica!

— Temo que seu marido esteja além de qualquer ajuda, médica ou mística. — Hela virou a mão para Marshall e garras de energia cor de ébano se estenderam de seus dedos. Atingiram Marshall como cinco chicotes negros, e depois retraíram de volta para a carne de Hela. Marshall ficou imóvel por um momento, chamas queimando furiosamente, então caiu de joelhos e desabou de lado. Ficou quieto enquanto o fogo continuava a devorar o que restava de sua carne.

Hela soltou Catherine e ela girou para encarar a deusa das trevas.

— O que você fez?

— Ele não tinha mais necessidade da força vital que restava para ele, então eu peguei ela. Nós, deuses, não gostamos mais dos grandes rituais de que gostávamos outrora, nem recebemos ofertas e sacrifícios que são nossos por direito divino. Por isso, aprendemos através dos anos, anos longos e magros, a não desperdiçar recursos. Ou, como seu povo diria, “quem guarda sempre tem”. — Ela sorriu. — Claro, tudo isso mudará uma vez que minha escuridão tiver encoberto seu mundo em uma noite eterna. Há muito mais de vocês agora do que durante meu tempo, e cada um de vocês deverá cair aos meus pés e me adorar. E se você recusar... — Seu sorriso tornou-se frio como gelo. — você simplesmente irá cair aos meus pés.

Enquanto Hela falava com Catherine, Dean se aproximou de Sam.

— Suponho que você não trouxe de volta com você qualquer conhecimento sobre como derrotar essa cachorra do Outro Lado?

— Creio que não.

— Você acha que se colocarmos balas o bastante nela, ela irá cair por tempo suficiente para nós colocarmos fogo nela?

— Eu não sei. Pode funcionar. Se eu me lembro bem, os nórdicos viam o domínio de Hela como um reino de gelo e frio eternos onde aqueles que morriam de doença ou velhice eram condenados. — Quando Dean lhe lançou um olhar questionador, ele acrescentou: — Os Vikings preferiam morrer com uma morte gloriosa na batalha pra que eles pudessem entrar em Valhalla, o salão dos heróis.

— Esse é o lugar onde você luta o dia inteiro e participa de banquetes a noite toda, não é? Não soa mal. Então você está pensando que fogo é o oposto de gelo, e se nós enchermos ela de fogo, isso pode eliminar ela. Tudo bem, vamos recarregar e colocar nossa teoria em prática.

— Não se preocupe.

Eles olharam para cima e viram Hela caminhando em direção a eles. Catherine permaneceu parada no deque, assistindo, olhos cheios de desespero, tristeza gravada em seu rosto.

— Eu não sou surda, vocês sabem — ela disse com um sorriso presunçoso. — Apesar de Nifheim ser realmente uma paisagem congelada e difícil, eu sou a Morte, e o que é o fogo além do devorador supremo, do assassino supremo? Chamas não podem me causar danos.

— Eu disse pra você, eu conheci a Morte... — Dean começou.

— Tudo bem — Hela respondeu. — Então eu sou *uma* morte, não *a* Morte. Você pode pensar em mim como a irmã caçula dela, se isso ajudar. O que quer que seja que eu for, estou além um desafio pra uma

dupla de mortais como vocês.

Ela parou quando chegou até eles.

— Alguma última palavra antes de transformar vocês em escravos mortos-vivos?

— Posso pensar em algumas — disse Dean —, mas não acho que elas seriam apropriadas pra dizer a alguém menor de idade.

Sam não tinha certeza, mas pensou ter escutado uma voz sussurrar perto de sua orelha. Disse, *Catherine*.

Sam não sabia o que devia fazer, nem se a voz era real ou apenas uma alucinação, então simplesmente começou a falar e esperou que alguma coisa acontecesse com ele.

— Catherine, eu sei que você só queria trazer sua família de volta. A dor de perder alguém que você ama... é indescritível. E não importa quanto tempo passe, a dor nunca vai embora, não completamente. Você acha que se pelo menos pudesse ter um pouquinho mais de tempo com eles, você iria falar todas as coisas que nunca chegou a dizer, fazer todas as coisas que você adiou quando estavam vivos. Você reza por um milagre, e algumas vezes, um acontece. No seu caso, Conrad encontrou você, e com a ajuda dele, você aprendeu como restaurar a vida dos mortos. Mas quando as pessoas voltam, elas não são as mesmas. Suas personalidades, suas almas se foram, e o que retorna é... outra coisa. Meu irmão e eu, nós já vimos isso acontecer antes. Conhecíamos uma garota chamada Trish... — Ele parou. — O que quero dizer é que assistimos alguém que amávamos ser trazida de volta como uma coisa horrível e assassina, e tivemos que... acertar as coisas de novo.

O rosto de Catherine não indicou se as palavras de Sam produziram algum impacto sobre ela, ou mesmo se ela havia registrado alguma coisa.

Hela zombou de Sam.

— Tão sentimental.

Ela ergueu as mãos e as garras de escuridão começaram a emergir de seus dedos.

Sam podia sentir Dean tenso, e sabia que seu irmão pretendia disparar. Poderia não parar Hela, mas era melhor do que ficar ali e deixá-la matá-los sem lutar. Nenhum deles havia tido a chance de recarregar, e ele não sabia quantas balas restavam no pente, mas não ligava. O que quer que tivesse lhe restado, iria se certificar de que valesse a pena.

Antes que os irmãos pudessem começar a disparar, Catherine disse:

— Espere!

Ela saiu do deque e veio caminhando em direção a eles. Olhou os restos do marido. As chamas haviam desaparecido em sua maior parte, deixando apenas uma casca enegrecida ardendo sem chamas. Sam achou que havia visto os lábios dele se comprimirem, mas, fora isso, a expressão de Catherine permaneceu neutra ao se juntar a eles.

Sam trocou um olhar com o irmão. Não podiam atirar agora, não sem acertar Catherine também.

— Antes que isso vá mais longe, eu quero dizer uma coisa pra você, Hela. Eu entendo que está controlando o corpo de Bekah, e que o seu espírito é dominante, mas ela está em algum lugar aí dentro? E se está, ela está consciente do que vem acontecendo?

As garras de ébano deslizaram de volta para os dedos de Hela, e ela se virou para Catherine.

— Se eu disser que sim, você me seguirá lealmente e sem questionar? Mesmo que não precise mais de um agente no mundo físico, tenho que admitir que Conrad teve suas utilidades. Você seria uma substituta adequada.

— Se minha filha estiver dentro de você, então sim, irei servi-la.

Hela sorriu.

— É claro que ela está aqui. Você não consegue perceber?

Catherine aproximou-se e espreitou os olhos de Hela. Olhou por muito tempo, profundamente, antes de finalmente assentir.

— Eu consigo vê-la. Ela *está* lá dentro. — Ela recuou. — Sou sua, Hela. — Sorriu. — Até que a morte nos separe.

Hela soltou uma risada e depois virou-se para Sam e Dean. Mais uma vez, a deusa ergueu as mãos, e Sam sabia que não podiam esperar mais. Iriam ter que começar a atirar e esperar que Catherine não fosse atingida por uma bala perdida.

Catherine colocou a mão no bolso do jaleco e retirou dele algo afiado e prateado. Sam teve tempo suficiente para perceber que era um bisturi antes de ela mergulhá-lo na base do crânio de Hela. Os olhos de Hela se arregalaram, mais de surpresa do que de dor. Catherine ficou mexendo a lâmina do bisturi para trás e para a frente com um único movimento preciso. Os olhos de Hela giraram para trás, ficando brancos. Ela desabou no chão, o cabo do bisturi ainda saindo de seu crânio.

Catherine, Sam e Dean ficaram olhando para o corpo de Bekah Luss por vários segundos. Então Catherine disse com uma voz inexpressiva:

— Se vocês quiserem conhecer a morte, estudem a vida. É por isso que os médicos se tornam os melhores assassinos.

— Você partiu a conexão entre o cérebro e a medula espinhal dela — concluiu Sam.

Catherine assentiu.

— Eu não sei quanto tempo Hela levará pra curar a ferida e restaurar a vida no corpo de Bekah. Deixei o bisturi no lugar com a esperança de que diminua sua velocidade, pelo menos um pouco. Mas, poderosa como é, ela vai se curar. É só uma questão de tempo.

— Devemos queimar ela — Dean sugeriu. — Se Hela não conseguir usar suas artimanhas, fogo deve cuidar dela tão facilmente quanto... — Ele deu uma olhada para os restos carbonizados de Marshall. — ... qualquer outra coisa. — Estendeu a mão até o bocal do lança-chamas.

— Ainda não. — pediu Catherine. — Tem uma coisa que devemos fazer primeiro... como garantia, pelo menos.

— O que é essa coisa? — Sam perguntou.

Ela ergueu os olhos e observou os Winchester com seriedade.

— Desmembramento.

Sam olhou para Dean. Em harmonia, guardaram as pistolas e pegaram as facas KA-BAR.

QUINZE



— Estou ficando cansado de cavar túmulos — disse Dean.

— Eu também.

O merdamóvel cruzou a noite na I-70, em direção ao oeste. Dean atrás do volante, Sam no banco do carona.

Depois de terem “desmontado” o corpo de Bekah, queimaram as partes e as enterraram separadamente no quintal dos Luss. Quando terminaram aquela tarefa, também enterraram os restos do Marshall. Naquela hora o sol já havia sumido por trás do horizonte, e Catherine os convidou para tomar uma bebida. Eles aceitaram, sentindo-se mais que um pouco inconvenientes. Enquanto estavam na cozinha bebendo água da torneira, ela olhou agradecida pela ajuda.

O que vou fazer agora? Catherine havia perguntado. *Fiz coisas terríveis. Nunca perguntei onde Conrad encontrou os membros e órgãos que eu precisava, mas eu sabia de onde eles vinham — especialmente os mais frescos. E o experimento que passou dos limites, o cachorro... ele matou pessoas. Aquelas mortes também estão em minhas mãos. Posso não ter tirado nenhuma vida diretamente, mas sou tão responsável quanto se tivesse. Não tenho nem a desculpa do Dippel de ter sido manipulada por uma deusa das trevas. Eu era apenas uma mulher triste e solitária que sentia falta da família. Iria até a polícia e me entregaria, mas que bem isso faria? Ninguém acreditaria na minha história.*

A única evidência física que restou foi seu laboratório caseiro no porão. Ela poderia conduzir os policiais aos restos de Marshall e Bekah, mas havia uma chance de que, assim como Franken-vira-lata e o Duas-Cabeças, eles iriam deteriorar-se até desaparecer em breve. Além disso, não queria ninguém perturbando os vários túmulos de Bekah, apenas caso isso libertasse Hela de alguma forma. Eles não faziam ideia se o espírito da deusa tinha retornado para o reino de onde havia vindo — Sniffleham ou algo do tipo; Dean não conseguia lembrar — mas nenhum deles queria arriscar.

Comece a trabalhar de novo, Sam havia sugerido. *Volte a ajudar pessoas. Não é por isso que você se tornou uma médica, pra começo de história? Aliás, existe jeito melhor de lutar contra a morte do que preservando a vida?*

Catherine havia pensado por um momento. *Eu acho... Eu acho que talvez o Marshall e a Bekah fossem gostar disso. Mas eu deveria? A redenção é mesmo possível?*

Dean havia compreendido aquilo. *Doutora, se não acreditássemos que é, não conseguiríamos levantar da cama de manhã.*

— Que pena que o Lapis Occultus foi destruído — disse Sam. — Acho que talvez tenha existido outro nome pra Pedra Filosofal, nesse caso poderia ter servido como uma arma poderosa contra Dick Roman.

Dean encolheu os ombros.

— Não adianta chorar sobre os artefatos místicos despedaçados. Mas estou contente de ver que você está se sentindo melhor. Você finalmente conseguiu combater aquela infecção?

Sam sorriu.

— Parece que sim. — Ele cruzou a perna e puxou a barra de sua calça. — Viu? Mais nenhuma veia preta e esquisita.

— Isso é um alívio. Vamos economizar uma tonelada de dinheiro em café. — Dean fez uma pausa antes de fazer a próxima pergunta. — Você... anda vendo coisas?

Sam puxou a barra da calça de volta para baixo.

— Você quer dizer tipo um homem de sombra esquisito? Não se preocupe. Não acho que vou ver ele de novo.

Algo no tom de voz de Sam fez Dean pensar que estava deixando escapar alguma coisa, mas decidiu deixar pra lá.

— Você acha que a doutora vai ficar bem?

— Não sei. Fomos criados nessa vida, e as coisas pelas quais passamos ainda mexem com a nossa cabeça. Não consigo imaginar o quanto é pior pra uma pessoa normal. Mas se ela começar a atender pacientes de novo, se cercar de vida ao invés de insistir em pensar na morte, acho que ela tem uma chance.

— No nosso negócio, às vezes tudo o que você precisa é de uma chance.

Eles dirigiram em silêncio por um tempo. Dean quase ligou o rádio, mas decidiu que era melhor não fazer isso. Não estava com vontade de escutar música naquele momento.

Depois de um tempo, Sam quebrou o silêncio:

— Estive pensando.

— Que surpresa — disse Dean.

— Você se lembra daqueles sonhos que tive com a Trish?

— Lembro.

— Me ocorreu que nunca fizemos nada a respeito do Homem do Rifle.

Dean fez um rápido cálculo mental.

— Leva apenas trinta e cinco ou quarenta horas para chegar ao estado de Washington daqui, supondo que a gente vá direto.

— Estou bem acordado — Sam sorriu.

Dean puxou o ar e sentiu um fedor vindo do porta-malas.

— Talvez devêssemos parar na lavanderia e lavar nossas roupas estilosas primeiro.

— Vamos encontrar um depósito de lixo pra jogar elas fora e comprar mais quando chegarmos a Washington.

— Parece uma boa.

Os irmãos continuaram viajando pela escuridão.

SOBRE O AUTOR



Os romances de Tim Waggoner incluem a série de fantasias urbanas *Nekropolis* e a série *Ghost Trackers*** escrita em colaboração com Jason Hawes e Grant Wilson do programa de televisão *Os Caçadores de Fantasma*s. No total, publicou cerca de trinta romances e duas coleções de contos, e seus artigos escritos apareceram no *Writer's Digest* e *Writers' Journal*, entre outros. Ele ensina escrita criativa na Sinclair Community College e na Seton Hill University's Master of Fine Arts, no programa Writing Popular Fiction. Visite-o na web em www.timwaggoner.com.

** N. T.: não há tradução para o português.

Copyright © Warner Bros. Entertainment Inc.
SUPERNATURAL and all related characters and elements are trademarks of and
© Warner Bros. Entertainment Inc.

Título original

Supernatural: carved in flesh

Design de capa

Carmen Torras – www.gabinetedeartes.com.br

Foto de capa

Cortesia da Warner Bros.

Editoração Eletrônica

Rejane Megale

Revisão

Gilson B. Soares

Produção do arquivo ePub

Rejane Megale

Adequado ao novo acordo ortográfico da língua portuguesa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W132s

Waggoner, Tim

Supernatural : feito de carne / Tim Waggoner ; tradução Miguel Damian. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Gryphus, 2017.
204 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Supernatural : carved in flesh
ISBN 978-85-8311-105-4

1. Romance americano. I. Damian, Miguel. II. Título.

17-45349

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

GRYPHUS EDITORA

Rua Major Rubens Vaz, 456 — Gávea — 22470-070
Rio de Janeiro — RJ — Tel.: +55 21 2533-2508 / 2533-3940
www.gryphus.com.br — e-mail: gryphus@gryphus.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



VERSÃO ORIGINAL AUTORIZADA DA SUPER SÉRIE DA TV

SUPERNATURAL

O diário de
John
Winchester



Alex Irvine

Tradução de Eduardo Friedman

Supernatural - O Diário de John Winchester

Irvine, Alex

9788583110651

218 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na noite de dois de novembro de 1983, gritos e um choro alto fizeram John Winchester pular da cama assustado. A seguir, deparou-se com uma cena inexplicável: sua mulher pendia do teto, seu sangue pingava sobre o berço do filho mais novo, Sam, de apenas seis meses, e, de repente, o mais assustador aconteceu – ela ardeu em chamas, numa espécie de combustão espontânea enquanto olhava fixamente para ele, como se tentasse avisá-lo sobre algum perigo que ameaçava toda a sua família. Desde a tragédia, John mantém um diário tentando entender o que aconteceu, registrando tudo que acontece e aprendendo que o sobrenatural é mais natural do que ele imaginava. Supernatural – O diário de John Winchester 2ª Edição, publicado agora com o selo Gryphus Geek é baseado na série de TV Supernatural, que vai ao ar no Brasil nos canais Warner Channel e SBT, sem contar o fenômeno na internet (entre blogs, redes sociais e fóruns). O seriado conta a história dos irmãos Dean e Sam Winchester, que atravessam os Estados Unidos combatendo todo o tipo de ameaças sobrenaturais, de demônios e fantasmas, a espíritos, bruxas e vampiros. O diário de John Winchester já é conhecido pelos fãs da série por ser peça-chave na revelação de muitos segredos da saga da família de caçadores. Agora, o leitor vai ter acesso a todas as informações contidas nesse precioso livro, que existe realmente na série, mas somente Sam e Dean conheciam. John registra tudo o que aprendeu sobre as criaturas paranormais e malignas que vivem nos cantos mais sombrios e estradas mais longínquas dos Estados Unidos... E mais: ensina como eliminá-las. Estão lá, feitiços, orações e símbolos que podem ser usados para exorcizar e destruir todo o tipo de ameaça. O leitor terá acesso, lendas, rituais, folclores e superstições sobre vários tipos de inimigos do outro mundo. Além disso, o diário também é um relato muito pessoal de um pai que se vê de repente sozinho, sem casa e com dois filhos para criar.

[Compre agora e leia](#)

David Reed

SUPERNATURAL

O GUIA DE CAÇA
DE BOBBY SINGER



Supernatural - O Guia da Caça de Bobby Singer

Reed, David
9788583110682
300 páginas

[Compre agora e leia](#)

Supernatural – O Guia de Caça de Bobby Singer, é o mais novo lançamento da Gryphus Editora sobre a série de TV Supernatural, que vai ao ar no Brasil nos canais Warner Channel e SBT, sem contar o fenômeno na internet (entre blogs, redes sociais e fóruns). O seriado conta a história dos irmãos Dean e Sean Winchester, que atravessam os Estados Unidos combatendo todo o tipo de ameaças sobrenaturais, de demônios e fantasmas, a espíritos, bruxas e vampiros. O guia de caça de Bobby Singer é livro de instruções que Bobby Singer, amigo de John Winchester, pai de Dean e Sam, que os conhece desde criancinhas, deixou para os dois e para todos os caçadores de monstros. Agora, o leitor vai ter acesso às informações contidas neste precioso livro, que ajuda Sam e Dean a combaterem incríveis criaturas sobrenaturais...Escreve Bobby: Meu nome é Bobby Singer. Em vinte e quatro horas vou perder a minha memória. Então, aqui está tudo o que vocês precisam saber.

[Compre agora e leia](#)

SUPERNATURAL

FOGO GELADO

John Passarella



Tradução de Vinícius Farah Correia



Supernatural - Fogo Gelado

Passarella, John

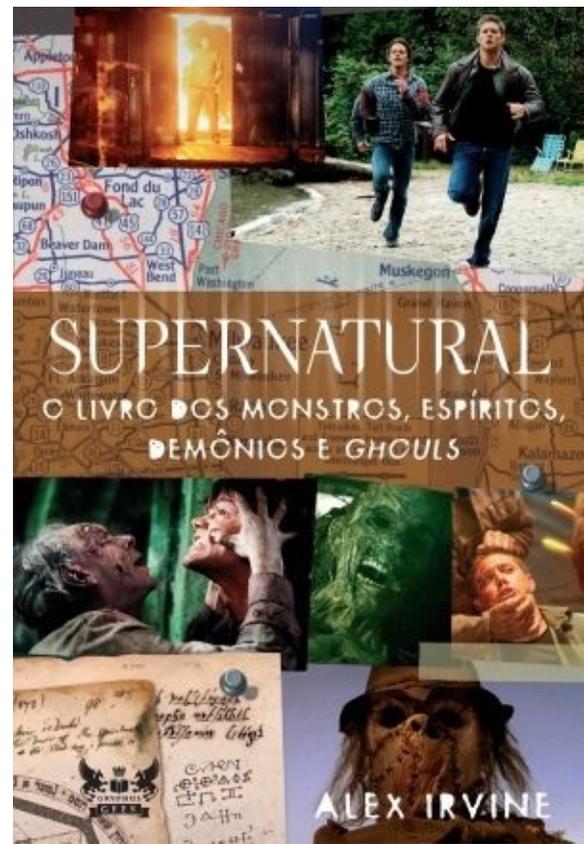
9788583110859

266 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lançada nos Estados Unidos em 2005, a série americana Supernatural, ou Sobrenatural (título em português), é um dos programas de maior sucesso da Warner Bros. Television há quase dez anos, visto por milhões de pessoas no mundo inteiro. A Gryphus Editora embarca mais uma vez na história dos irmãos Sam Winchester e Dean Winchester, que atravessam os Estados Unidos caçando demônios, fantasmas, monstros e outras criaturas sobrenaturais, e lança o 7º título da Coleção Supernatural – Fogo Gelado, pelo seu selo Gryphus Geek. Sam e Dean Winchester sempre estão na estrada, lutando contra todo tipo de ameaça sobrenatural. Ao longo dos anos, depois de várias aventuras sangrentas, já encararam tudo desde o demônio de olhos amarelos que matou a mãe deles até vampiros, fantasmas, metamorfos, anjos e deuses caídos. Com a ajuda de aliados — tanto humanos quanto sobrenaturais — descobriram que cada ameaça detida abre uma nova porta para o mal. Quando um assassinato grotesco ocorre em Braden Heights, Indiana, as autoridades da região suspeitam que o cadáver eviscerado e sem olhos foi vítima de um animal. Mas quando outro corpo é descoberto, com os olhos arrancados, Sam, Dean e Castiel começam a buscar pontos em comum entre as vítimas — e descobrem que os dois homens estavam prestes a se tornarem pais. Enquanto os rapazes caçam quem cometeu os assassinatos, descobrem o passado sombrio da cidade e segredos que alguns gostariam que ficassem enterrados para sempre. Um romance totalmente inédito de Supernatural, que se passa durante a 10ª temporada e revela uma aventura nunca antes vista dos irmãos Winchester, da série de sucesso da Warner Channel.

[Compre agora e leia](#)



Supernatural - O Livro dos Monstros, Espíritos, Demônios e Ghouls

Irvine, Alex
9788583110668
232 páginas

[Compre agora e leia](#)

Para os irmãos Winchester, o sobrenatural é muito natural. Sua rotina é diferente da de qualquer outra pessoa: dormem em hotéis baratos de beira de estrada enquanto aguardam a oportunidade de exorcizar um demônio ainda no café da manhã. Lá pela tardinha, se disfarçam de padres, repórteres ou agentes do FBI para investigar desaparecimentos misteriosos em alguma região longínqua dos Estados Unidos. À noite, invadem uma casa abandonada onde uma família inteira foi assassinada. Com sorte, podem encontrar a criatura que cometeu o crime. E, com mais sorte ainda, podem faturar uns beijos das belas moças que quase viraram vítimas de algum fantasma ou bruxa. Para chegar a tanta eficiência, Sam e Dean estudaram cuidadosamente todo o tipo de criatura e seus hábitos. O resultado está neste guia, em que a dupla ensina como diferenciar e classificar cada um dos monstros que combatem. Supernatural – Livro dos monstros, espíritos, demônios e ghouls, um lançamento da Gryphus Editora, é baseado na série de TV Supernatural (Sobrenatural), que vai ao ar no Brasil nos canais Warner Channel e SBT, sem contar o fenômeno que faz na internet (entre blogs, redes sociais e fóruns). O seriado conta a história dos irmãos Dean e Sam Winchester, que atravessam os Estados Unidos combatendo todo o tipo de ameaças sobrenaturais, de demônios e fantasmas, a mutantes, bruxas e vampiros. Mas como diferenciar cada um deles? É o que mostra este guia que vai fazer a alegria dos inúmeros fãs da série. Estão lá desde os monstros mais conhecidos como lobisomens e vampiros – que, ao contrário do que se imagina, não são afetados por cruzes e nem pela luz do sol – até espíritos como a A Mulher de Branco, espíritos aquáticos, terrestres, aparições da morte, passando por monstros como o Wendigo e mortos-vivos como ghouls e shtrigas. Supernatural – Livro dos monstros, espíritos, demônios e ghouls é o companheiro ideal para a série criada por Eric Kripke.

[Compre agora e leia](#)

BATMAN

O CAVALHEIRO DE ARKHAM



O LANCE DO CHARADA

ALEX IRVINE



TRADUZIDO POR MIGUEL DAMIAN RIBEIRO PESSOA

Batman - o cavaleiro de Arkham

Irvine, Alex
9788583110934
272 páginas

[Compre agora e leia](#)

A morte do Coringa deixou um vazio no submundo de Gotham — um vazio que o Charada pretende ocupar da forma mais mortífera possível. Criando um labirinto de mortes e destruição, essa mente brilhante do crime obtém a ajuda de muitos dos mais impiedosos inimigos do Batman. Correndo contra o tempo para evitar um colossal desastre, Batman e Robin se veem enfrentando um oponente incontrolável, em circunstâncias que parecem impossíveis de vencer. O livro se inicia quatro meses após a morte do Coringa, quando Batman está se recuperando física e mentalmente das dificuldades pelas quais passou. Mas as coisas não ficam quietas por muito tempo, pois um pacote, aparentemente enviado pelo Coringa do além-túmulo, é entregue ao Comissário Gordon na GCPD. Assim, é feita a primeira jogada no grande esquema do Charada, uma obra-prima de "quebra-cabeças dentro de enigmas dentro de enigmas dentro de enigmas", dispostos e cronometrados perfeitamente para que todos esqueçam a insanidade do Coringa e contemplem um tipo de crime muito mais sofisticado. Sim, boa sorte com isso, amigo! Batman: o Cavaleiro de Arkham - o lance do Charada é a adaptação literária oficial do videogame que conquistou muitos fãs e críticos em 2015. O livro tem adrenalina de sobra, e mesmo quem não é íntimo dos videogames vai se sentir explorando os becos escuros de Gotham City.

[Compre agora e leia](#)